

HANNAH HOWELL

A Sensitiva

*Um cético, uma mística, opostos
em quase tudo... Mas a química
parecia irresistível...*





A Sensitiva





A Sensitiva

HANNAH HOWELL

Tradução
Silvia Rezende



© Hannah Howell/Kensington Books

Todos os direitos reservados.

Tradução para a língua portuguesa: *Copyright* © 2011, Texto Editores Ltda.

Titulo original: *If he's sinful*

Diretor editorial: Pascoal Soto

Editor: Pedro Almeida

Editora assistente: Marília Chaves

Revisão: Beatriz F. Moreira

Diagramação: S4 Editorial

Capa: Osmane Garcia Filho

Tradução: Silvia Rezende/Abaeterno

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP-BRASIL)

Ficha catalográfica elaborada por Oficina Miríade, RJ, Brasil.

Howell, Hannah

A sensitiva / Hannah Howell ; tradução: Sílvia Rezende. – São Paulo :

Lua de Papel, 2011.

Título Original: *If he's sinful*.

ISBN 978-85-63066-51-0

1.Ficção norte-americana. I.Título. II. Série

11-02693

ÍNDICE PARA CATÁLOGO SISTEMÁTICO

1.Ficção : Literatura norte-americana 813

2011

TEXTO EDITORES LTDA.

[Uma editora do grupo Leya]

Av. Angélica, 2163 - Conj. 175/178

01227-200 - Santa Cecília - São Paulo - SP

www.leva.com



UM GOSTINHO DO PECADO

— ISTO É LOUCURA — ASHTON MURMUROU AO SE DAR CONTA DE QUE ESTAVA começando a desabotoar o vestido dela.

— Mas é uma loucura deliciosa — ela o beijou no pescoço, saboreando o gosto da pele, e ouviu o gemido suave que ele deixou escapar.

— Penélope, estou prestes a tomá-la aqui mesmo, no sofá da sua sala.

— Sim, é verdade, talvez não seja o melhor lugar.

Ele se apoiou sobre os cotovelos para fitá-la. Os lábios rubros estavam inchados de tanto beijar, os olhos azuis emanavam um calor que ele agora sabia ter sido despertado pelo desejo. Ela o queria. Ele a queria.

— Você é inocente — ele sussurrou.

— Inocente sim, mas não ingênua. Moro a poucos passos de um bairro de Londres onde todos os pecados conhecidos por um homem podem ser comprados. Posso ser pura no corpo, mas sei muito mais do que gostaria. Sei aonde isto vai nos levar e sei que quero seguir este caminho...



CAPÍTULO I

Londres, outono de 1788.

TER UMA FACA APONTADA PARA O PESCOÇO PODE FAZER UMA PESSOA ENXERGAR com mais clareza a opinião que tem sobre a própria vida, Penélope concluiu. Ela permaneceu imóvel enquanto o homem corpulento, um tanto fétido, que a segurava de modo desajeitado ajeitava sua posição. De repente, toda a raiva e todo o ressentimento por ter sido tratada por suas meias-irmãs como se ela não passasse de uma mera criada pareceu insignificante, um problema sem importância.

É claro, isto podia ser alguma forma de castigo cósmico por todas as vezes que desejou mal para suas meias-irmãs, ela pensou quando o homem a ergueu o suficiente para que seus pés saíssem do chão. Um dos dois comparsas do homem amarrou seus tornozelos de um modo semelhante ao que prendeu seus pulsos. Seu raptor carregou-a para um beco escuro que cheirava tão mal quanto ele. Poucas horas antes, apenas ela havia visto Clarissa saindo para um passeio de carruagem com seu futuro noivo, Lorde Radmoor. Espiando da janela quebrada do seu quartinho no sótão ela tinha, incontestavelmente, nutrido o desejo perverso de que Clarissa tropeçasse e caísse sobre o monte de estrume próximo às rodas da carruagem. Penélope achou, no entanto, que ser levada por um bandido armado à faca e seus dois comparsas grandalhões fosse uma punição um tanto severa para um desejo infantil nascido da inveja. Ela, afinal, nunca desejara que Clarissa morresse o que Penélope temia ser seu destino.

Penélope suspirou e admitiu com tristeza que era parcialmente culpada pela sua atual situação de apuro. Tinha passado muito tempo com seus meninos. Até mesmo Paulinho a apressara para que ela não voltasse para casa no escuro. Era embaraçoso pensar que um garotinho de cinco anos tinha mais bom-senso do que ela.

Ela deixou escapar um suave gemido de dor, emudecido por uma mordada imunda, quando seu raptor tropeçou e a fria lâmina arranhou sua pele. Por uma fração de segundo, o medo que ela lutava para controlar inflou dentro de seu corpo com tanta força que ela achou que fosse desmaiar. O calor de seu sangue penetrando pelo decote do vestido só intensificou ainda mais o temor. Levou alguns minutos para que conseguisse agarrar algum fiapo de calma ou coragem. A noção de que seu sangue estava fluindo muito lentamente para que seu pescoço tivesse sido de fato cortado ajudou a controlar o pânico crescente.

— Tem certeza de que não podemos tirar ao menos uma lasquinha, Jud?
— Perguntou o maior e o mais peludo dos comparsas do seu raptor.

— Ordens são ordens — respondeu Jud enquanto ajeitava a faca sobre o pescoço dela. — Uma lasquinha vai custar mais do que o que ela vale.

— Nenhum de nós vai abrir a boca, e a belezinha não vai poder dizer nada.

— Não vou permitir que você arrisque. Ela pode reagir e isso deixa hematomas. As marcas dirão tudo e aquela vadia da Sra. Cratchitt vai perceber. E depois não vai querer nos pagar por este servicinho noturno.

— Sim, aquela cafetina velha certamente vai querer tirar alguma vantagem disso. Mesmo assim, é uma pena que eu não possa experimentar um pouquinho antes que ela seja vendida para qualquer um por uma ou duas moedas.

— Pegue a sua moeda primeiro e depois compre uma pequena se quer tanto.

— Mas não será tão limpa e nova, será?

— Quando você tiver dinheiro para tirar a sua lasquinha, esta aqui também já não será mais limpa se aquela bruxa velha a usar do mesmo jeito que faz com

as outras.

Penélope se deu conta de que estava sendo levada para um bordel. Mais uma vez teve de juntar todas as forças para não ficar cega de medo. Ainda estava viva, repetiu a si mesma várias vezes, e pelo visto ainda continuaria por uns tempos. Lutou para fugir deste pensamento. Não ia adiantar nada ficar pensando muito nos horrores aos quais poderia ser forçada a encarar antes que pudesse fugir ou ser encontrada. Ela precisava se concentrar em uma coisa apenas — escapar.

Não era fácil, mas Penélope se esforçou para prestar atenção no caminho que eles estavam fazendo. Porém, com a escuridão, com as voltas e com as curvas, era quase impossível guardar um ponto de referência ou um sinal qualquer que pudesse marcar o caminho de volta do local perigoso para onde ela estava sendo levada. Ela precisava se prender com força à esperança de que realmente iria conseguir fugir, e à necessidade de voltar para os seus meninos que não tinham mais ninguém para cuidar deles.

Ela foi levada para a cozinha de uma casa. Havia duas mulheres e um homem lá, os quais apenas deram uma olhada apenas em sua direção antes de retomarem o trabalho que estavam fazendo. Não foi nada encorajador o fato de eles parecerem tão acostumados com uma cena como esta, tão indiferentes e desinteressados.

Enquanto seus raptos a carregavam por uma escadaria escura e estreita, Penélope ouviu vozes e música vindos do andar de baixo, da parte da frente da casa, que parecia ser tão grande quanto às ruelas que levavam até lá. Quando chegaram a um corredor pelo qual seguiram, ela ouviu alguns murmúrios vindos de trás das portas fechadas. Outros sons escapavam dos quartos, mas ela fez um esforço tremendo para nem tentar imaginar o que os motivava.

— É aqui, quarto vinte e dois — murmurou Jud. — Abra a porta, Tom.

O homem grande e peludo abriu a porta, e Jud carregou Penélope para dentro do quarto. Ela teve tempo apenas de ver quão pequeno era o lugar pouco

antes de Jud jogá-la sobre a cama, que ficava no meio do cômodo. Uma cama surpreendentemente limpa e confortável. Penélope desconfiou que, apesar da péssima localização, ela tinha sido trazida para um dos melhores bordéis, um que prestava serviço aos cavalheiros distintos e ricos. Ela sabia, entretanto, que isso não significava que poderia contar com alguma ajuda.

— Traga aquela cafetina velha aqui, Tom — disse Jud. — Quero acabar logo com isso. — Assim que Tom saiu, Jud baixou os olhos zangados para Penélope. — Acho que você nem desconfia por que aquela senhora todopoderosa quis tirar você do caminho, não é mesmo?

Penélope negou, balançando a cabeça lentamente enquanto sentia um frio no estômago só de imaginar o motivo.

— Não faz sentido para mim. Não pode ser por ciúme ou algo assim. Ou será que ela achou que você pudesse roubar o homem dela. Você nem é tão sofisticada e se veste tão bem quanto ela, nem tem aquelas belas curvas. Uma ratinha parda magrela como você não merecia ser tratada como se fosse uma meretriz qualquer. Então, por que ela deseja tanto mal a você, hein?

Ratinha parda magrela? Penélope pensou profundamente ofendida enquanto encolhia os ombros em resposta.

— Por que está assustando a menina assim, Jud? — perguntou o homem alto e extremamente musculoso que estava ao lado. Jud deu de ombros.

— Só estou curioso, Mac. Só curioso. Isso não faz sentido para mim.

— Nem precisa. O dinheiro é bom. Isso é o que importa.

— Sim, talvez. Como eu disse, só fiquei curioso. Não gosto de mistérios.

— Eu não sabia disso.

— Bem, mas é verdade. Não quero fazer parte de algo que não entendo. Isso pode significar encrenca.

Penélope desconfiava que, se não estivesse amordaçada, poderia solucionar o mistério para seu raptor. Ele tinha raptado a filha de um marquês, levado-a amarrada e amordaçada para um bordel e iria abandoná-la aos cuidados

de uma madame, uma mulher em quem ele abertamente não confiava e de quem não gostava. O que exatamente o idiota considerava *encrenca*? Se fosse apanhado, ele seria julgado e enforcado num piscar de olhos. E isso seria pouco se comparado ao que os parentes dela iriam fazer se encontrassem o idiota. Será que ele poderia estar mais *encrencado*? Ela deixou escapar um gemido rouco quando a mordaça foi removida.

— Água — sussurrou desesperada para se livrar do gosto horrível do trapo sujo. O que o homem lhe deu foi uma caneca de cerveja fraca, mas Penélope achou que talvez fosse melhor tomar aquilo mesmo. Se houvesse água naquele lugar, sem dúvida seria perigoso beber. Ela tentou não respirar muito profundamente enquanto era amparada para que pudesse beber. Penélope tomou a cerveja o mais rápido que pôde, pois queria que o homem ficasse o mais distante possível. Qualquer pessoa que cheirasse tão mal quanto ele certamente teria uma vasta tropa de criaturas compartilhando a sua podridão, cuja visita ela não ansiava por receber.

Quando a caneca ficou vazia, ele deixou que ela caísse de costas sobre a cama e disse:

— Agora, nem pense em fazer barulho, gritar por socorro ou coisa do tipo. Pois ninguém aqui vai lhe dar ouvidos.

Penélope abriu a boca para dar uma resposta atravessada e então franziu a testa. A cama podia estar limpa e ser confortável, mas não era nova. Um calafrio familiar perpassou seu corpo. Mesmo enquanto ela pensava que aquele era um péssimo momento para o seu *dom* se apresentar, sua mente se encheu de lembranças violentas que não eram suas.

— Alguém morreu nesta cama — ela disse com a voz um pouco trêmula por causa das recordações arrepiantes do passado.

— O que diabos você está falando? — interrompeu Jud.

— Alguém morreu nesta cama e ela não partiu em paz. — Penélope sentiu certa satisfação ao perceber o quanto suas palavras perturbavam seus raptos.

— Você está falando bobagens, mulher.

— Não. Tenho um dom, sabe?

— Você consegue ver espíritos? — Perguntou Mac, olhando nervoso ao redor.

— Às vezes. Quando eles querem que eu os veja. Desta vez foram apenas as lembranças do que aconteceu aqui — ela mentiu.

Os dois homens se entreolharam com uma mistura de medo, curiosidade e desconfiança. Pensaram que ela estava tentando enganá-los de algum modo para que acabassem libertando-a. Penélope desconfiou que eles provavelmente, estavam imaginando que ela fosse capaz de invocar alguns espíritos para ajudá-la. Ainda que conseguisse, ela duvidava de que isso pudesse ser *útil* ou até mesmo que esses homens fossem capazes de ver. Certamente não tinham nem notado o espírito horrível parado ao lado da cama. Pois se tivessem já teriam saído correndo do quarto. Apesar de tudo que ela tinha visto e experienciado ao longo dos últimos anos, a visão da adorável jovem, com o vestido branco ensopado de sangue, causou um friozinho na espinha. Penélope se perguntou por que as aparições mais horríveis eram as mais nítidas.

A porta se abriu e, antes que Penélope se virasse para olhar, ela viu uma expressão no rosto do fantasma que quase a fez sair correndo do quarto. Fúria e repugnância pura contorceram o belo rosto do espírito até ele parecer demoníaco. Penélope olhou para as pessoas que entravam no quarto. Tom retornava acompanhado de uma mulher de meia-idade e duas mocinhas seminuas. Penélope olhou para o fantasma à direita e notou que toda aquela raiva e todo aquele ódio estavam voltados diretamente para a senhora.

— *Tome cuidado.*

Penélope quase deixou escapar um palavrão quando as palavras ecoaram na sua mente. Por que os espíritos sempre sussurravam palavras tão agourentas sem adicionar nenhuma informação pertinente, como com que ela deveria *tomar cuidado*, ou com quem? Além do mais, o momento era extremamente

inoportuno para este tipo de distração. Ela era prisioneira em uma casa de má reputação e estava encarando a morte ou qualquer outro eufemismo que pudesse ser usado para um destino pior do que esse. Não havia nem um pouco de tempo para lidar com espectros lúgubres ensopados de sangue sussurrando avisos misteriosos. Além disso, precisava contar com toda a sua consciência e todas as suas forças para não se deixar levar pela histeria que se inscrevia dentro do seu peito apertado.

— Isto vai causar uma grande encrenca — Penélope falou para a mulher mais velha, e não se surpreendeu quando todos a ignoraram.

— Aí está ela — disse Jud. — Agora, dê o nosso dinheiro.

— A dama está com o dinheiro de vocês — respondeu a mulher.

— Não é nada esperto tentar me enganar, Cratchitt. A dama disse que você estava com o nosso dinheiro. Agora, se ela não quis pagar para você isso não é problema meu. Fiz o que me mandaram e fiz rápido e certo. Peguei a vadia, trouxe para cá e agora quero o meu dinheiro. Missão cumprida. Agora, o pagamento.

Cratchitt o entregou descontente. Penélope observou Jud contar cuidadosamente o dinheiro. O homem sabia contar o suficiente para ter certeza de que não estava sendo enganado. Após olhar desconfiado para ela, ele guardou o dinheiro no bolso e então franziu a testa para a mulher a quem ele chamava de Cratchitt.

— Agora ela é toda sua — Jud disse —, apesar de eu não saber o que você vai fazer com ela. A moça nem é tudo isso.

Penélope estava cansando de ser menosprezada por este bandido piolhento.

— Falou o bonitão do pedaço — Penélope murmurou e o encarou com um leve sorriso.

— Ela é limpa e nova — disse Cratchitt, ignorando a cena e fixando seus olhos frios em Penélope. — Tenho vários cavalheiros querendo pagar uma boa quantia para ser o primeiro. Há um homem esperando especialmente por esta,

mas ele só chegará amanhã. Para esta noite, tenho outros planos para ela. Acabaram de chegar uns cavalheiros muito ricos e estão à procura de algo especial. Diferente, como eles disseram. Eles têm um amigo que está prestes a se casar e desejam dar a ele uma festa de despedida de solteiro. Ela vai servir direitinho para isso.

— Mas e o outro sujeito não a quer intocada?

— Até onde ele saberá, ela será. Agora, saiam daqui. Eu e as meninas precisamos embrulhar este presentinho.

Assim que Jud e seus homens se foram, Penélope disse:

— A senhora faz alguma idéia de quem eu sou? — Ela ficou muito orgulhosa do tom altivo que conseguiu alcançar, mas a Sra. Cratchitt não pareceu nem um pouco impressionada.

— Você é alguém que irritou profundamente uma dama rica — respondeu Cratchitt.

— Sou Lady Penélope...

Ela não conseguiu terminar, pois a Sra. Cratchitt a segurou pela mandíbula, forçando-a a abrir a boca e começou despejar garganta abaixo um líquido que saía de dentro de um delicado frasco de prata. As duas moças seguraram sua cabeça para que Penélope não conseguisse virar o rosto ou cuspir. Ela sabia que não queria aquela bebida dentro do seu corpo, mas não podia fazer nada além de engolir o que lhe era forçado.

Enquanto ainda tossia engasgada por causa do abuso, as mulheres a desamarraram. Penélope se debateu o quanto pôde, mas elas eram muito fortes e espantosamente habilidosas em despir alguém à força. Como se ela já não estivesse com problemas suficientes para lidar, o fantasma a afogava em sentimentos de medo, desespero e desamparo. Penélope sabia que estava prestes a ficar histérica, mas era incapaz de se controlar. Isso só aumentou ainda mais o seu terror.

Então, lentamente, aquele pânico sufocante começou a diminuir. Apesar das mulheres continuarem o trabalho delas, despindo-a, dando um banho rápido com água perfumada e vestindo-a com um vestido de renda transparente que a deixaria chocada dos pés a cabeça só de pensar em usar, Penélope começou a se sentir mais calma a cada respiração. O líquido que foi forçada a beber devia ser algum tipo de droga. Esta era a única explicação para ela estar deitada quase sorrindo enquanto estas três aves de rapina a preparavam para sacrificar sua virgindade.

— Pronto, está um docinho agora, não está, querida? — Murmurou Cratchitt enquanto começava soltar os cabelos de Penélope.

— Você não passa de uma vadia malvada — Penélope disse suavemente e sorriu. Uma das moças riu e Cratchitt a esbofeteou com força. — Malvada. Quando a minha família descobrir o que você fez para mim, você irá pagar muito mais do que a sua mente mesquinha e sórdida jamais seria capaz de imaginar.

— Ah! Mas foi a sua família que a vendeu para mim, garota estúpida.

— Não aquela família, sua megera. A família dos meus verdadeiros pais. Na verdade, eu não me surpreenderia se eles já não estiverem desconfiados, vendo em suas mentes os meus sofrimentos.

— Você só está falando bobagem.

Por que todos dizem isso? Penélope se perguntou. Mas ainda restava juízo e senso de autoproteção o bastante na sua mente nebulosa para fazê-la perceber que não seria uma boa idéia começar falar sobre todo o sangue que havia nas mãos da mulher. Mesmo que a mulher não acreditasse, Penélope não tinha como ter certeza dos fatos e desconfiava que a Sra. Cratchitt seria capaz de silenciá-la para sempre só por uma questão de segurança. Com a droga mantendo-a cativa como nenhuma outra corrente poderia, Penélope sabia que não estava em condições de nem mesmo tentar salvar a si mesma.

Quando a Sra. Cratchitt e suas subordinadas terminaram, ela se sentou e avaliou Penélope cuidadosamente.

— Hum, hum. Acho que estou começando a entender.

— Entender o que, noiva do Belzebu? — Perguntou Penélope, que percebeu pelo modo como a mulher abria e fechava as mãos que a Sra. Cratchitt estava louquinha para lhe dar uma surra.

— Por que a dama refinada queria que você fosse embora. E você vai pagar caro por ter me insultado, minha menina. Muito em breve. — A Sra. Cratchitt tirou quatro lenços de seda da enorme bolsa de lona que trazia consigo e entregou-os para as mocinhas. — Amarrem-na à cama — ela ordenou.

— Você é pura, não é? — A Sra. Cratchitt balançou a cabeça e riu. — Meus clientes vão adorar isso. Venham, meninas. Vocês têm trabalho a fazer e é melhor trazermos logo aquele homem para se divertir com o seu presente antes que a poção comece perder o efeito.

Penélope fitou a porta durante alguns segundos depois que todos se foram. Todos menos o fantasma, ela refletiu, e finalmente voltou sua atenção para o espectro que agora tremulava aos pés da cama. A jovem parecia tão triste, tão derrotada, que Penélope concluiu que o pobre fantasma provavelmente havia se dado conta de todas as limitações de sua condição. Apesar das lembranças presas à cama terem contado a Penélope como a mulher tinha morrido, elas não contaram quando. Entretanto, ela estava começando a desconfiar que não fazia muito tempo.

— Eu gostaria de ajudá-la — Penélope disse —, mas neste momento não posso. Você deve ter percebido. Se eu conseguir me livrar, juro que vou me esforçar para lhe dar um pouco de paz. Quem é você? — perguntou, embora soubesse que muitas vezes era impossível obter respostas sensíveis e coerentes de um espírito. — Sei como você morreu. A cama ainda guarda as lembranças sombrias e eu vi.

— *Meu nome é Faith e a minha vida foi roubada.*

A voz era clara e suave, mas pesada de sofrimento, e Penélope não tinha certeza se ouviu dentro da sua cabeça ou se o fantasma de fato falou com ela.

— Qual é o seu nome completo, Faith?

— *Meu nome é Faith e fui apanhada, assim como você. Minha vida foi roubada. Meu amor perdido. Fui arrancada do céu e atirada no inferno. Agora me encontro abaixo.*

— Abaixo? Abaixo do quê? Onde?

— *Abaixo, Estou coberta de pecados. Mas não estou sozinha.*

Penélope soltou um palavrão quando Faith desapareceu. Ela não poderia ajudar o espírito naquele momento, mas lidar com ele tinha se mostrado uma distração necessária. Isso a ajudou a se concentrar e lutar contra o poder da droga. Agora estava sozinha com seus pensamentos e eles se tornavam muito estranhos. Pior, toda a sua proteção estava lentamente se desfazendo. Se não encontrasse algo em que se concentrar logo, estaria aberta para cada um dos pensamentos, cada um dos sentimentos e cada espírito que estivesse vagando pela casa. Considerando o que se passava nesta casa, isso poderia facilmente se tornar uma tortura insuportável.

Ela não sabia se ria ou se chorava. Estava amarrada a uma cama, esperando por um estranho que iria usar seu corpo indefeso para satisfazer suas necessidades masculinas. A poção que a Sra. Cratchitt forçara-a garganta abaixo estava exaurindo suas forças e toda a sua habilidade para se fechar a tudo de desagradável no mundo, dos vivos e dos mortos, com uma velocidade incrível. Neste momento, ela podia sentir o peso crescente das emoções indesejadas, os sussurros que tão poucos eram capazes de ouvir. Os espíritos da casa estavam agitados, sentindo a presença daquela que podia ajudá-los a tocar o mundo dos vivos. Mas não valia a pena se preocupar com isso, ela concluiu. Penélope não sabia se alguma coisa poderia ser pior do que o que ela já estava sofrendo e o que ainda estava por vir.

De repente, a porta se abriu e uma das acompanhantes da Sra. Cratchitt conduziu um homem para dentro do quarto. Ele estava com os olhos vendados e fantasiado de romano. Penélope fitou-o assustada enquanto ele era trazido até a lateral da cama, e então ela soltou um gemido abafado. Foi fácil reconhecer o homem apesar da venda e da fantasia. Penélope não ficou nada satisfeita em descobrir que as coisas definitivamente poderiam piorar — e muito.



CAPÍTULO II

— ISTO É RIDÍCULO — RESMUNGOU ASHTON RADMOOR ENQUANTO ERA DESPIDO por duas mulheres seminuas. — Uma fantasia, Cornell? — Fez uma careta para o mais novo dos seus quatro amigos, tentando imitar a carranca que seu falecido pai, o Visconde de Radmoor, costumava estampar. A julgar pelo sorriso largo, Cornell não parecia nada impressionado. Pelo jeito, Ashton ainda tinha muito que praticar.

— Mas faz parte do jogo — Cornell respondeu. — Faz parte do presente que estamos lhe dando.

— Não estou certo se devo aceitar este presente. Vou falar com o irmão de Clarissa amanhã. — Ele não tinha intenção de seguir os caminhos da infidelidade que seu pai seguira caminhos estes que acabaram colocando a sua família na difícil situação em que se encontrava.

— Exatamente por isso que você deve aceitar — disse Brant Mallam, Lorde Fieldgate. — Pois todos nós sabemos que, depois que o fizer você será um homem comprometido. E conhecendo-o, tenho certeza de que irá se tornar um homem muito pior, em vários sentidos. Considere isto como a sua última farra.

Ashton sorriu enquanto uma das mulheres o vestia com uma túnica e a outra calçava sandálias nos seus pés.

— Que tipo de jogo é este que preciso me fantasiar de romano?

— É o jogo do Sacrifício Pagão.

— Que heresia! — Ashton balançou a cabeça. — Como puderam pensar

que eu fosse gostar de algo assim?

— É uma brincadeira inofensiva e decidimos que você precisava ter uma recordação de algo raro e exótico, até mesmo um pouco chocante, antes de ser tornar um homem casado, velho e acomodado. Se não gostar, tenho certeza de que a mulher poderá fazer qualquer outra coisa que você desejar. A Sra. Cratchitt treina muito bem suas meninas. Sinta-se livre e solto por uma noite, Ashton. Pagamos por uma noite inteira de prazer para você. Realize seus sonhos. Até mesmo você deve ter algum. Depois desta noite, só restarão Clarissa e os herdeiros para criar.

Não havia como negar a verdade nua e crua. Sua união iminente com Clarissa Hutton-Moore não era por amor, não que particularmente acreditasse em amor, de qualquer maneira. Era uma união baseada na necessidade de um herdeiro e na quase desesperada necessidade de dinheiro. Clarissa vinha de uma linhagem adequada, era bela e possuía um dote muito atraente. Ela sabia transitar com muito mais desenvoltura do que ele pelas altas rodas da sociedade. Era a escolha perfeita para uma esposa.

Então por que estava sentindo como se o peso do mundo estivesse sobre seus ombros? Quanto mais perto de se casar com a adorável Clarissa, mais e mais a pergunta invadia sua mente. Era verdade que não existia uma afeição verdadeira entre eles, e bem pouca paixão, mas tais coisas eram luxos que poucos homens na sua posição podiam bancar. Mesmo assim, um pouquinho de calor por parte da esposa seria bom, ele refletiu, pois ainda não tinha detectado uma faísca sequer em Clarissa.

E isso, ele suspeitava, era o que o levava a continuar agindo de modo indiferente. A idéia de uma cama de casal onde só existiria frieza era profundamente arrepiante. Seu maior temor era que, com o tempo, ele acabasse agindo contra seus princípios e começasse a sair em busca de um pouco de calor em outro lugar qualquer. Ashton sabia que os amigos o consideravam um idealista ou, pior, um romântico incurável, mas ele sempre sonhou com um bom

casamento. Não queria para si os arranjos que se viam na sociedade, nos quais a esposa não passava de uma anfitriã que paria os filhos do casal enquanto o marido se deliciava com uma longa lista de amantes. Esse tipo de casamento tinha destruído sua família, dilacerado o coração de sua pobre mãe. Pelo decorrer dos acontecimentos, aparentemente este também seria seu destino. Ele foi abruptamente arrancando de seus pensamentos sombrios quando uma das mulheres começou vendá-lo.

— Isto é mesmo necessário?

— Completa o clima de mistério — respondeu Cornell.

— Estou me sentindo um tolo.

— Em breve você vai se sentir muito melhor. Vamos ver o que me diz amanhã de manhã.

Enquanto era guiado pelos amigos, Ashton não tinha certeza se queria passar a noite participando de jogos bobos. Não que fosse ingênuo, mas não costumava cair na farra como seus amigos, apesar dos boatos e das fofocas que corriam a seu respeito. Este era um tipo de prazer que ele nunca pôde se dar ao luxo de sustentar, uma vez que seu pai tratara de gastar toda a fortuna com isso e nas mesas de jogos, deixando os Radmoor quase na miséria. Foi com pesar que acabou admitindo para si mesmo que os atos de seu pai eram parte do motivo pelo qual ele lutava para se controlar em todos os sentidos. Isto e a doença que finalmente tinha posto fim à vida do homem. Ashton era um sujeito contido até mesmo na hora de fazer amor. A necessidade estava lá, mas não a inclinação para a inventividade ou a ousadia. E ele se orgulhava de ter controle sobre todos os aspectos da sua vida.

O problema era que, apesar de já ter sentido desejo por uma mulher antes, foram raras às vezes em que realmente chegou ao clímax depois dela. Nas poucas ocasiões que isso sucedera, ele até chegou a sentir um fogo ardendo por dentro, mas este se apagou assim que ele sentiu que estava perdendo o controle dos seus instintos por falta de afeto ou algo do tipo. O fato é que nunca tinha

experimentado aquela loucura de sentir os membros trêmulos, as pernas bambas e o sangue fervendo nas veias de tanto desejo como os outros costumavam descrever. A tal loucura era fugaz, de acordo com aqueles que afirmavam terem experimentado, mesmo assim Ashton temia que houvesse algo de errado com ele, uma vez que nunca tinha experimentado nada parecido. Pelo menos uma vez, ele gostaria de ser tomado pela tal loucura, mas como estava prestes há completar trinta anos e logo iria se comprometer com a fria e elegante Clarissa, ele duvidava que um dia fosse experimentar tal prazer.

— Chegamos milorde — disse a mulher, que o conduzia, assim que abriu uma porta. — Vou deixá-lo ao lado da cama e depois vou tirar a venda para que possa ver o belo presente que seus amigos lhe deram.

Quando a mulher removeu a venda, Ashton olhou para o *presente* e experimentou uma sensação que comparou a uma ocasião em que caíra de uma árvore e o impacto da queda chegou a tirar seu fôlego de tão forte. A mulher amarrada pelos membros à cama era pequena e delicada. Ashton se preocupou vendo os braços e pernas da moça esticados. De canto de olhos, ele viu vagamente uma mulher pousar uma bandeja com vinho e bolinhos sobre a mesa ao lado da cama enquanto outra depositava as roupas dele sobre uma cadeira. Todas as suas atenções estavam voltadas para o seu *presente*.

O vestido branco diáfano que ela usava pouco escondia do seu olhar atento. Enquanto ele admirava o corpo esguio, seus batimentos cardíacos aceleraram e se transformaram em palpitação. Os seios não eram particularmente grandes, mas o formato era perfeito, redondos e firmes com mamilos rosados. A cintura era delicada e acentuava a curva feminina dos quadris. À medida que seus olhos admiravam de cima abaixo a extensão do belo corpo, das pernas delgadas, suas mãos umedeciam de suor, as quais ele secou lentamente nas laterais da túnica. O corpo delicado estava deitado sobre um manto de cabelos ondulados castanho-claros, avivados com mechas douradas e ruivas, que quase chegavam à altura dos joelhos. Ele sentiu vontade de envolver

o manto ao redor do seu corpo. Seus olhos pararam então na elevação em formato de V, coberta de cachos, entre as coxas alvas. Ele estremeceu e seu coração começou palpitar.

Assim que ouviu as mulheres saírem do quarto, ele rapidamente se sentou à beira da cama. Estava se sentindo estranho e inseguro. Quando tocou no rosto em formato de coração, ele teve de lutar contra a vontade de se atirar sobre a estranha. O nariz pequeno era pontuado por algumas sardas, mesmo assim ele queria beijar cada uma delas. Havia mais algumas espalhadas sobre os seios, as quais ele queria contar também. Com a língua, de preferência. Belas maçãs do rosto e um queixo levemente arrebitado formavam uma face que era bonita, mas não elegante. Os olhos, porém, eram maravilhosos. Numa estranha mistura de azul com verde, eles pareciam selvagens, emoldurados por cílios longos e pretos e sob sobrancelhas castanho-escuras, levemente arqueadas. A boca era capaz de tentar um santo, ele concluiu. Era um pouco grande para a moda, não tinha o formato de um botão de rosa ou de arco de cupido, mas os lábios levemente fartos eram perfeitos. E ele queria mordiscá-los.

— Esta posição não é desconfortável? — Ele perguntou e concluiu que mereceu a careta que ela deu como resposta. — Que pergunta boba.

—Eu não teria a indelicadeza de dizer isso.

Ashton contraiu as sobrancelhas e achou que ela falava muito bem para uma prostituta. Ele odiou imaginá-la como uma daquelas mocinhas bem-nascidas, que a seus olhos não passavam de tolas. Ela estava trabalhando em um bordel e se encontrava amarrada a uma cama, pronta para fazer o papel de uma virgem oferecida ao sacrifício em algum tipo de jogo sexual idiota com um estranho. Foi um pouco embaraçoso para ele reconhecer que agora estava pronto para entrar no jogo que, na verdade, estava louco para participar dele. Ele decidiu que desamarraria os tornozelos dela e se aproximaria para tocar naquelas coxas.

O gemido suave que ela soltou e a visão da sua mão tocando aquela coxa deixaram Ashton agitado. Isto era desejo, concluiu aquele tipo de desejo cego que ele tinha acabado de pensar que nunca experimentaria. De repente, o que parecia uma tolice agora se mostrava um tanto exótico. Ashton descobriu que tinha sim imaginação e que esta estava enchendo sua mente com uma porção de planos devassos. Ele descalçou as sandálias e se levantou para tirar a túnica. O modo como ela arregalou os olhos excitou-o e o fez jogar a túnica para o lado. Foi preciso se conter para não se exhibir diante dela como um tolo vaidoso.

Agarre-me! Penélope pensou enquanto olhava para um homem nu. O mais surpreendente, estava olhando para Lorde Radmoor nu. Ela ficara cega de paixão pelo homem no primeiro momento em que colocara os olhos nele, mas nem em seus bobos sonhos românticos chegou a imaginá-lo nu. E se tivesse — concluiu sem conseguir tirar os olhos do membro enrijecido, — nunca pensaria que aquele apêndice em particular pudesse ser tão inspirador. O pouco conhecimento que tinha sobre anatomia masculina fora adquirido na época em que cuidara de meninos menores. Sempre desconfiara que o apêndice de um homem adulto fosse bem maior do que o de um garoto, mas nunca pensou que pudesse ser tanto assim. Penélope não conseguia definir qual das emoções que sentia no momento era a mais forte, se a surpresa ou o terror de saber que ele pensava que poderia introduzir aquilo em seu corpo.

Penélope sabia que não era apenas a poção da Sra. Cratchitt que a impedia de gritar e pedir que a soltassem. Sua paixão pelo homem também a prendia. Até então, o espiava somente de longe ou às escondidas, atrás da casa dele como se fosse uma ladra. Tudo nele a atraía, desde sua aura de força e discrição à sua aparência bela e elegante. Ela ficara embasbacada com a beleza dele desde o começo. Vestido, ele já a fazia suspirar como uma sonhadora. Despido, deixou-a incapaz de até mesmo encontrar o ar para respirar.

Finalmente ela conseguiu erguer os olhos até o rosto na vã esperança de aplacar o forte calor que aquecia seu sangue. A visão do corpo nu tinha atiçado

uma febre estranha por dentro do seu corpo, e ela precisava se livrar daquela sensação. Os fartos cabelos loiros estavam soltos, descendo sobre os ombros. Uma mecha mais curta pendia sobre a testa larga. O nariz era fino e longo, os ossos da face elegantes, o queixo anguloso e a boca, com seus lábios levemente fartos que se igualavam à perfeição dos olhos, implorava para ser beijada. Era um rosto que ela sabia que nunca se cansaria de olhar. Mas eram os olhos, no entanto, que mais fascinavam. Eles lembravam a névoa que encobria os pântanos, num tom de cinza azulado que podia clarear até se tornar prateado ou escurecer a ponto de se tornar quase preto como nuvens tempestuosas. Cílios grossos, quase femininos, castanho-escuros misturados com um quê de dourado circundavam aqueles olhos mágicos. Sobrancelhas lisas e levemente arqueadas, no mesmo tom dos cílios, adicionavam algo de exótico, realçando o formato levemente puxado dos olhos.

Mas os devaneios sobre a beleza máscula se dispersaram abruptamente assim que ele se juntou a ela na cama, encaixando-se entre suas pernas distanciadas. Em seguida, ele acariciou as coxas roliças com seus dedos longos e elegantes, e uma onda de pura e irrestrita luxúria varreu todo o corpo de Penélope. Ela sabia que era culpa da poção, mas desconfiava que os efeitos tivessem sido potencializados por todas as emoções que o homem há muito tempo despertava no seu coração e no seu corpo. A poção maligna que a madame lhe dera tinha estraçalhado também todos os escudos protetores, aberto portas internas que ela mantinha fechadas para se proteger do distúrbio de emoções alheias e para não ser oprimida pelos espíritos que sempre a rodeavam. Tia Olímpia costumava dizer que os descendentes dos Wherlocke eram ardentes. Penélope não ficou nada satisfeita em constatar que a mulher tinha razão, não agora, não enquanto se sentia tão vulnerável e incapaz de controlar as próprias emoções. A menos que algum milagre acontecesse, ela, que nunca havia sido beijada, estava prestes a descobrir o verdadeiro sabor da paixão. O fato que mais

intrigava do que assustava era outro sinal de que ela realmente tinha perdido todo e qualquer controle da situação.

— As suas pernas são lindas — Ashton murmurou enquanto as acariciava, deleitando-se com a maciez da pele.

— Elas são muito finas — ela disse, e uma pequena parte ainda sensível da sua mente dopada a alertou de que tinha acabado de dizer uma bobagem. O sorriso com que Ashton respondeu, no entanto, foi lindo e não tinha um sinal sequer de zombaria.

— São delgadas e fortes. E macias. Deliciosamente macias. — Ele beliscou de leve as partes internas das coxas e depois acariciou os pontos com beijos e suaves movimentos com a língua. — Você é muito meiga para este tipo de vida — sussurrou ao fitá-la. A ponta dos seios enrijeceu, e ela enrubesceu levemente. — E reage bem aos meus estímulos. Desconfio que seja nova no ramo.

— Oh, sim, bem nova.

Se não fosse tão triste, Ashton teria rido do leve sotaque interiorano da moça. Muitas garotas do interior vinham para a cidade em busca de trabalho honesto, mas acabavam vendendo o corpo para sobreviver. Ele queria perguntar quantos anos ela tinha, mas acabou se distraindo com o belo corpo e com o próprio desejo. E até cheirava bem, ele pensou ao pressionar o corpo contra o dela.

Penélope estava prestes a explicar toda a situação, mas hesitou ao ser tomada por uma estranha mistura de surpresa com prazer quando ele acomodou as longas pernas sobre as suas. Depois, ele apoiou o dorso sobre os cotovelos, mas isto pouco contribuiu para atenuar o toque envolvente do calor e do peso de seu corpo sobre o dela. Mais surpreendente ainda foi o modo como o corpo da moça reagiu quando ele encostou o membro rijo bem no centro pulsante entre suas pernas.

—Vou livrá-la disso — ele ofereceu, surpreendendo a si mesmo.

— Seria muita gentileza sua — ela disse com uma voz que não passou de um sussurro enquanto o observava desamarrar as fitas de seda que prendiam a parte da frente do vestido revelador. Ela deveria estar chocada, mas na verdade se preocupava mais se ele pensaria que ela não estava nem um pouquinho envergonhada.

— Eu poderia arrumar um lugar para você, uma casinha só sua. — Ele não sabia ao certo como pagaria por isso, mas estava determinado a encontrar um meio. Ashton silenciou sem escrúpulos a voz que sussurrava em sua mente que ele estava agindo do mesmo modo que seu pai.

— Ah! — Penélope exclamou desapontada, mas não surpresa. — Para que assim eu possa servir a um homem apenas em vez de muitos, e este homem seria o senhor?

— Seria melhor do que isto, não?

— É possível, mas o senhor não considera a possibilidade de que eu não queira servir a ninguém? — Especialmente um homem que nem sabia quem ela era de fato e cortejava Clarissa, ela pensou frustrada por não encontrar forças para detê-lo ou de pelo menos agir com frieza e permanecer imune a suas carícias.

— Então por que está aqui, afinal?

— Esta me parece uma pergunta um tanto ingênua. Ou o senhor realmente imagina que uma mulher acorde um dia e pense: “Ah, acho que vou me tornar uma prostituta!?”

Diante da pergunta de Lorde Radmoor, Penélope chegou à conclusão de que ele provavelmente duvidaria da história sobre o rapto, a poção e o aprisionamento. Obviamente pensava, assim como muitos outros, que uma mulher seria capaz de escolher de livre e espontânea vontade uma profissão tão degradante. Algumas sim, ela refletiu, pois estas acreditavam que deste modo poderiam ter uma chance de encontrar um amante rico, mas a maioria das mulheres era arrastada para esse inferno por meio de embustes, à força ou por

pura pobreza. Justamente quando ela começava a recuperar a razão para dimensionar o tamanho da confusão em que estava metida, ele moveu a mão sobre seus seios e seu juízo foi sobrepujado novamente.

Ashton fechou os olhos e se deleitou com o modo como o seio macio se encaixou perfeitamente na palma de sua mão.

— Acho que foi uma pergunta tola. Talvez você não tenha tido muitas oportunidades na vida. — Ele beijou a pele quente entre os seios. — Mas estou lhe oferecendo uma oportunidade agora. — Fitou-a novamente. — Como você se chama?

— Penélope — ela respondeu, fascinada com o calor que emanava dos olhos dele.

— Penélope? — Ele soltou um leve sorriso, incerto se devia acreditar. — É um nome estranho para uma menina da Sra. Cratchitt.

— Não sou uma das meninas dela. — De repente, Penélope imaginou se a madame era realmente casada, e caso fosse, onde estava seu marido? Rapidamente ela enterrou o pensamento quando sussurros surgiram dentro da sua cabeça tentando lhe dar a resposta.

— Não? O que você é então?

Pelo tom de voz, deu para perceber que ele estava zombando. Apesar disso, e da mente ainda um pouco confusa por causa da poção, ela resolveu contar sua história.

Duvidava que ele fosse acreditar ou que parasse com o joguinho de sedução por um momento sequer, mas ela precisava ao menos tentar explicar sua situação. No mínimo, atenuaria a vergonha que com certeza iria sentir depois que ele se fosse e o efeito da poção da Sra. Cratchitt passasse de uma vez por todas. Apesar de ter uma leve sensação contrária, ela se imaginava envergonhada caso entregasse sua pureza ao Lorde Radmoor.

— E se eu lhe contasse que sou filha de um marquês, que fui cruelmente raptada e vendida para a Sra. Cratchitt? E se dissesse que fui obrigada a tomar

uma poção, vestir este traje escandaloso, e que depois fui amarrada a esta cama contra a minha vontade?

— Você realmente espera que eu acredite nisso? — Ashton não podia acreditar na falta de sorte que o atacava justamente quando ele estava prestes a experimentar a sua primeira explosão de prazer por uma mulher.

— Na verdade, não. — Ela suspirou. — Se o senhor está me oferecendo opções, posso escolher ser desamarrada, agora?

— Daqui a pouco vou desamarrar seus tornozelos. — Ele começou deslizar ao longo do macio pescoço com beijinhos suaves e mordidinhas carinhosas. — Pensei que isto não passasse de um jogo bobo, mas mesmo assim acabei permitindo que meus amigos me colocassem nesta situação.

— Isto é um jogo? Como se chama?

— É o jogo do Sacrifício Pagão. Ninguém lhe contou?

— Ninguém me falou nada. Eu nem sabia que as pessoas costumavam se aventurar em jogos extravagantes num bordel.

— Ocorrem vários jogos nos bordéis. Nunca fui disso. Nunca tive muita imaginação. Mas então eu a vi. Naquele momento me dei conta de que eu tinha sim uma imaginação muito boa. Minha mente se encheu de idéias de como eu poderia me divertir com você. E percebi que poderia fazer qualquer coisa que eu quisesse. E a minha intenção é fazer com que você sinta o mesmo.

Penélope teve certeza de que estava fora de si quando imagens obscenas despertadas em sua mente pelas palavras dele se tornaram mais excitantes do que chocantes. Ela tentou se lembrar se, em algum dos muitos sonhos que tivera com esse homem, alguma vez seus pensamentos a tinham conduzido a algo além de beijos e doces palavras de amor. Não conseguiu se lembrar de nada particularmente sensual, mas de agora em diante teria conhecimento suficiente para mudar tudo. Ou isso talvez explicasse por que ela acordara várias vezes suando e arfando por um desejo que não sabia de quê. Tais sonhos estavam agindo sobre ela agora, quase tanto quanto a poção da Sra. Cratchitt.

Ela sentiu um tremor de prazer intenso quase dolorido quando ele cobriu seu seio com uma mão quente e lentamente lambeu o espaço entre os seios.

— O senhor não deveria me beijar primeiro?

Quando ele ergueu os olhos, Penélope ofegou tão rapidamente que quase engasgou. Foi como se tivesse olhado dentro do coração de uma nuvem tempestuosa. O azul acinzentado dos olhos dele tinha escurecido a ponto de se tornar quase preto, e havia tanto calor no olhar que sua pele aqueceu. Havia também um brilho de alegria e curiosidade. Pelo jeito, ela acabara de dizer outra coisa que não combinava com o papel que era forçada a desempenhar.

Tais incoerências fizeram com que ele desistisse de fazer perguntas, ela concluiu, e por conta disso uma raiva intensa começou crescer dentro de seu corpo. Ela conhecia Lorde Radmoor o suficiente para saber que ele não era um janota tapado, por isso ficou intrigada e não podia acreditar que ele tivesse acreditado cegamente na história que uma dona de bordel tinha lhe contado. Afinal, uma mulher que ganhava a vida vendendo outras mulheres certamente não era uma pessoa de total confiança. Mas como muitas pessoas faziam, ele simplesmente aceitou o que viu e usou isso para aplacar quaisquer dúvidas que as palavras da tal senhora pudessem ter despertado. Foi com tristeza que Penélope imaginou com que frequência aquilo acontecia nos bordéis, quantas meninas e mulheres inocentes eram forçadas a levar uma vida infernal simplesmente porque ninguém fazia perguntas ou dava ouvido a elas.

Ashton viu a tristeza nos belos olhos de Penélope e gentilmente tomou o rostinho delicado entre a palma das mãos. Ele nunca tinha beijado cortesãs ou prostitutas, economizara seus beijos até mesmo quando tivera casos passageiros com uma viúva ou com algumas mulheres casadas que cederam aos seus encantos, no passado. Esta era uma particularidade que outros homens compartilhavam com ele, por isso nunca foi algo que o preocupou muito. Apesar da tentação da boca sensual e macia, ele achou melhor se manter firme a sua regra, mas a tristeza que viu nos olhos dela quebrou sua determinação.

Ele roçou os lábios sobre a boca tentadora, e o calor que fluiu se espelhou pelo seu corpo.

— Você tem um gosto tão bom. — Ashton esperou que ela não tivesse percebido a surpresa na sua voz, então se perguntou por que estava tão preocupado em não ofendê-la. — Você é um banquete que eu poderia saborear por horas.

— Minhas profundas desculpas, senhor, mas acho que vai ter de se afastar deste banquete antes de se saciar. Será melhor para sua saúde.



CAPÍTULO III

ASHTON FICOU TENSO. NÃO TINHA CERTEZA SOBRE O QUE LHE CAUSAVA mais arrepio, se a ameaça sutil lançada por meio daquele frio e grave tom de voz ou o cano gelado de metal da pistola pressionada contra a lateral de sua cabeça. Foi surpreendente que mesmo com todo o desejo rapidamente fugindo do corpo, ele não tivesse amolecido, mas a verdade era que ainda estava ereto e firme. O que poderia se mostrar um tanto embaraçoso. Não havia nenhum sinal de medo no delicado rostinho de Penélope. Havia sim uma encantadora mistura de contentamento com preocupação.

— Artemis — Penélope disse num carinhoso, mas firme tom de voz, — não há necessidade de apontar uma pistola para o cavalheiro. Todos podem ver que ele está desarmado.

— Para mim ele parece bem armado e prestes a atirar.

Penélope ergueu a cabeça o suficiente para franzir a testa para os quatro meninos que estavam parados ao pé da cama e acabavam de rir da brincadeira cruel de Artemis. Estava feliz por ser salva e comovida pelo risco que os meninos tinham corrido por ela. Artemis tinha dezesseis anos apenas, Estefan só quatorze, Darius nem havia completado dez, Hector tinha acabado de fazer nove e Delmar só tinha sete aninhos. Todos eram ainda muito jovens para andar pelas perigosas ruas de Londres durante a noite, mas ela não tinha coragem de estragar a gratidão ou ferir o orgulho masculino dos garotos com uma bronca. Não poderia se esquecer, no entanto, de ter uma conversinha com Artemis sobre o fato de Hector e Delmar terem entendido sua brincadeirinha grosseira. Os dois

ainda eram muito pequenos para estar a par de tais assuntos. Assim como para a verem amarrada a uma cama com um homem nu sobre seu corpo, mas quanto a isso não havia nada que pudesse fazer a respeito. Ela contraiu as sobrancelhas ao perceber que Lorde Radmoor não estava mais "armado" e perigoso.

Sentiu também uma pontinha de decepção. Não foi apenas a tal poção que a fez lamentar pela interrupção inoportuna antes mesmo que ela tivesse tempo de receber um beijo de verdade. Penélope tinha certeza de que nunca mais teria outra chance de realizar ao menos um de seus desejos ou de seus sonhos com Lorde Ashton Radmoor. Mas ela foi arrancada das suas divagações ao sentir as mãozinhas desamarrando seus tornozelos, o que a fez erguer a cabeça e lançar um sorriso de gratidão para Delmar.

— Saia de cima dela — Artemis ordenou ao Lorde Radmoor.

— Isso pode nos colocar em uma situação desconfortável — Penélope disse ruborizada enquanto Ashton começava a erguer lentamente o corpo.

— Não acho que vamos ficar tão chocados assim em ver um homem nu.

— Não foi o que imaginei, o problema é que eu também estou nua, ou quase isso. — Quando Artemis olhou-a por cima e arregalou os olhos, ela corou outra vez.

— Rapazes, virem o rosto até que eu possa cobrir Pen descentemente — Artemis ordenou para os meninos.

— Mas e quanto ao homem? — Perguntou Delmar enquanto ele e os outros obedeciam à ordem.

— Estou com uma arma apontada para ele — respondeu Artemis, voltando o olhar para Ashton. — Agora, milorde, saia de cima da minha irmã. Bem devagar. Não pense que, por ser jovem, hesitarei em atirar contra o senhor.

Ashton fez exatamente como o menino mandou. Quando finalmente ficou em pé ao lado da cama, ele olhou para o menino que segurava a pistola apontada diretamente para seu coração. Seu primeiro pensamento claro foi se perguntar como um rapaz tão jovem, alto e franzino podia ter uma voz tão

grave. Em seguida, olhou para os frios olhos azuis, olhos que permaneciam fixos nele enquanto o rapaz se movia para desamarrar os pulsos da irmã. Ashton não teve dúvida de que dentro do jovem havia um homem forte e furioso capaz de cumprir sua ameaça. E, apesar da fisionomia fria e enrijecida, ele teve a impressão de que conhecia aquele rosto de algum lugar.

Uma rápida olhada para Penélope mostrou que ela não conseguia livrar o outro pulso, e Ashton olhou de volta para o rapaz.

— Se me der permissão, posso ajudar sua irmã.

— Nada de truques — disse Artemis.

— Dou minha palavra de honra.

O jovem assentiu e Ashton rapidamente desamarrou o outro pulso de Penélope. Em seguida, retornou para a posição anterior, ao lado da cama. Ao ver que ela estava com dificuldades para se sentar, ele franziu a testa para os movimentos desajeitados da moça. Ela agia como se estivesse um pouco bêbada, por outro lado ele não tinha sentido gosto ou odor de bebida no hálito dela. Ashton avaliou-a com atenção enquanto ela se atrapalhava com o vestido numa tentativa vã de cobrir as partes íntimas do seu corpo.

— Você ficou amarrada por muito tempo? — ele perguntou, sentindo-se culpado por não ter questionado antes e por ter hesitado em desamarrá-la.

— Não. Quer dizer, acho que não — Penélope respondeu, começando sentir o corpo e a cabeça um tanto atordoados. — Onde estão as minhas roupas? Acho que preciso me vestir logo. Aquela poção horrível que a Sra. Cratchitt despejou goela abaixo não está me fazendo muito bem. Acho que logo vou perder a consciência ou ficar enjoada.

Ashton rogou uma praga e ouviu o jovem fazendo coro.

— Vou pegar as roupas dela — o lorde murmurou ao mesmo tempo em que olhava ao redor do quarto. Avistou-as empilhadas, no chão, próximo à porta e foi até lá apanhá-las. — Abaix a arma — disse a Artemis enquanto colocava a roupa de Penélope sobre a cama. — Vocês vão precisar de ajuda para vesti-la. —

Ele suspirou quando o menino hesitou. — É um pouco tarde para se preocuparem com o pudor dela na minha presença. Assim como também não quero tomar uma mulher que teve de ser dopada.

— Quão tarde? — Interpelou Artemis.

Ashton conhecia poucos homens capazes de colocar tanta frieza em duas palavras apenas.

— Não tanto quanto está pensando — ele respondeu e ficou aliviado quando o menino abaixou a arma e se moveu para ajudá-lo a vestir Penélope.

— Mas ficarei nua — Penélope protestou enquanto seu irmão e Ashton começaram a remover o vestido transparente que a Sra. Cratchitt a obrigara a vestir.

— Você já está praticamente nua — resmungou Artemis, franzindo a testa. — Deram algo para você beber?

— A Sra. Cratchitt me obrigou. A princípio, a bebida me deixou muito calma, conformada até com o meu destino. Mas agora estou me sentindo muito atordoada e um pouco nauseada. Como vocês conseguiram me encontrar?

— Paulinho escapuliu e a seguiu. Ele viu quando aqueles homens a apanharam, então correu para casa e me contou sobre o que tinha acontecido. Eu já tinha sentido que algo errado estava acontecendo e me preparava para sair a sua procura.

— Fiquei muito assustada.

— Eu sei — ele disse num tom gentil e fez um afago nos cabelos da irmã. — Depois disso e de perguntar a alguns garotos aqui e acolá, conseguimos descobrir seu rastro. Depois, bem, foi como se um lampião fosse acesso para me guiar diretamente para este lugar e este quarto. Nem tive de vagar por muito tempo do lado de fora para saber exatamente onde você estava. Acho que foi a poção que lhe deram. Tinha algo nela que a fez se sentir incomodada?

— Bastante. Este lugar é muito triste, repleto de sentimentos ruins e espíritos enfurecidos. Alguém morreu nesta cama — ela afirmou, e a dor pesou

em cada uma das suas palavras. — Pobre Faith.

— O que vocês estão dizendo? — perguntou Ashton, fitando os irmãos atentamente enquanto terminava de enfiar o vestido no corpo cada vez mais enfraquecido de Penélope. Não estava entendendo muito bem o que eles estavam dizendo, mas o pouco que compreendeu causou certo estranhamento.

— Oh, você ainda está nu — murmurou Penélope, sem conseguir tirar os olhos do belo corpo. Ele era tão lindo, ela pensou e suspirou.

— Posso terminar isto sozinho — disse Artemis, fazendo uma careta para Ashton. — Pode se vestir, agora. Meninos fiquem de olho nele.

Ashton caminhou até o local onde suas roupas tinham sido deixadas. Deu uma olhada para os meninos que deveriam ficar de olho nele, percebeu então a direção dos olhares curiosos dos mais novos e se apressou em colocar as roupas. Até entendeu o fascínio de um menino por aquela parte do seu corpo de homem adulto, mas não estava com paciência para se prestar ao papel de objeto de estudo de garotos. Já estava envergonhado o suficiente por outros motivos, bem mais sérios.

Pelo pouco que pôde ouvir da conversa entre Penélope e o irmão, os dois pareciam acreditar que sentiam e viam coisas que os outros não conseguiam e podiam captar as emoções do ar e falar com os mortos. Ela falou sobre o fantasma de uma moça, chamada Faith, como se a visão não tivesse nada a ver com a poção que a Sra. Cratchitt tinha lhe dado, o que certamente tinha. Ele imaginou se eles não faziam parte de um grupo de charlatões que ludibriavam pessoas tolas em troca de dinheiro, afirmando serem capazes de entrar em contato com os mortos ou de prever o futuro.

Isso poderia explicar a fala correta, a postura elegante, ele refletiu. Tirando os que consultavam as ciganas de feira, a maioria dos charlatões deste tipo costumava atender damas da sociedade e para tal eles costumavam se vestir tão bem quanto seus clientes. Ele franziu a testa enquanto dava um nó em sua gravata sob os olhares atentos dos garotos, perguntando-se desconfortável se o

jogo ainda não tinha acabado. Será que em algum momento eles iam tentar prendê-lo em uma armadilha? Dizer, talvez, que ele deveria se casar com a moça por uma questão de honra?

Uma voz sussurrou no fundo da sua mente que não seria tão ruim se eles o fizessem, mas ela foi silenciada bruscamente. Era o seu desejo falando, nada mais. Ele não poderia se casar com qualquer uma especialmente uma moça encantadora de linhagem e pureza questionáveis. Ele tinha uma obrigação para com o seu título e sua descendência, assim como para com a sua família. Precisava se casar com uma mulher que pertencesse a uma família de tradição e fosse bem aceita pela sociedade, assim como deveria ter um bom dote para ajudá-lo a reconstruir a fortuna da sua família. Não era muito agradável ser obrigado a admitir isso, nem que fosse para si mesmo que delícia seria deixar tudo aquilo para trás se essa moça de olhos arregalados fosse rica. De certo modo, já tinha feito isso ao considerar a união com Clarissa, uma vez que o título de barão conquistado pelo irmão era muito recente. Antes disso a família da moça pertencia à baixa nobreza.

Por um momento, ele chegou a temer que fosse como seu pai, um escravo de sua posição. Ele calçou as botas e meneou a cabeça, lutando para se livrar do medo que o assombrava. Um momento de loucura com uma mulher não o tornava um devasso como fora seu pai. Ashton sabia que nunca seria capaz de tratar uma mulher como seu pai fazia com sua mãe. Assim como também sabia que nunca seria capaz de deixar a esposa e filhos quase sem recursos só para satisfazer suas aventuras extraconjugais. Ele precisava parar de temer que um dia se tornasse igual ao pai. Tal medo ainda poderia acabar com a sua vida.

E se eu lhe dissesse que sou filha de um marquês?

Ele ficou tenso ao imaginá-la dizer aquelas palavras. Isto poderia tornar a linhagem dela mais do que aceitável. Ashton soltou para si um xingamento. Estava tentando se agarrar a qualquer coisa, a qualquer motivo que pudesse encontrar para não se amarrar a um casamento com a bela, mas fria Clarissa.

Mesmo que Penélope fosse quem alegava ser, ela não era a herdeira de que ele precisava. E o vestido que ela usava agora provava isso. Até era bonito, mas o tecido não era dos mais finos. Assim como as roupas que os meninos vestiam. O detalhe aguçou sua curiosidade. Quem eram estas pessoas?

— Pen, podemos ir embora agora? — perguntou Delmar. — O ar aqui está carregado.

Ashton encarou o menino. Ele parecia um pouco pálido e os olhos azuis brilhavam de medo. E não era a um odor forte que o garoto estava se referindo. Ashton contraiu as sobrancelhas ao olhar para Penélope, que agora estava ao lado da cama, amparada pelos irmãos. Será que a família inteira acreditava ter poderes estranhos?

— Quem você é exatamente? — Ele perguntou para Penélope. — Todos vocês?

— Isto não é da sua conta — respondeu Artemis, apertando o braço de Penélope antes que ela pudesse dizer algo.

— Podem contar com a minha descrição. — Ashton sorriu e passou os dedos entre os cabelos. — Certamente, não quero meu nome ligado a um desastre.

— De-sas-tre — Penélope murmurou. — É uma bela palavra. — Depois sorriu e fechou os olhos.

Artemis vacilou quando Penélope largou o corpo por completo e começou cair. Ashton avançou para ampará-la antes que ela chegasse ao chão. Quatro vozes jovens gritaram assustadas, e Ashton assumiu que também havia sido apanhado de surpresa pelo súbito colapso. O alívio que percorreu seu corpo quando ela abriu os olhos e o fitou foi muito maior do que deveria.

— Minhas pernas falharam — ela disse e franziu a testa, surpresa com a voz que soou arrastada.

— A poção foi muito forte para você — disse Ashton.

— Vou levá-la, daqui. — Artemis se aproximou da irmã.

— Para onde? — Ashton olhou na direção da janela aberta. — Vai sair pela janela? Carregando-a? — Ele tinha certeza de que era exatamente isso que o menino ia dizer, mas ao mesmo tempo o rapazinho parecia ter bom-senso o bastante para saber que aquilo seria impossível, até mesmo perigoso. — Preciso encontrar meus amigos para nos ajudar.

— Neste lugar? Está pensando em sair batendo de porta em porta?

— Estou pensando que você sairá pela janela, irá até a porta da rua e diga que precisa falar com Sir Cornell Fincham. Diga ao homem que o atender que o Duque de Burfoot o enviou com uma mensagem urgente para o filho dele. Eles irão buscá-lo ou levá-lo até ele. Diga a Cornell então que preciso que ele e os outros venham o mais rápido possível que puderem ao meu quarto. E o mais discretamente possível.

— Qual é o número deste quarto?

— Vinte e dois — Penélope respondeu e esfregou o rosto contra o veludo macio do paletó de Radmoor.

— Poderei contar com a descrição dos seus amigos também? — Artemis contraiu as sobrancelhas. — Por que eu deveria?

— Porque eles são amigos de confiança, confio neles e sei que eles irão proteger o meu nome com o mesmo afinho com que protegeriam o deles.

— Eles vão querer uma explicação.

— Diga que eles terão a resposta assim que vierem ao meu quarto. — Diante da hesitação de Artemis, Ashton acrescentou num tom de voz de comando e recomendação — Vamos precisar da ajuda deles para tirá-la daqui, em segurança e sem ser vista.

Artemis assentiu e, depois de dizer aos garotos para ficarem de olho em Ashton e Penélope, saiu pela janela. O rapaz quase não fez barulho algum enquanto descia o que fez com que Ashton admirasse a habilidade do jovem. Ele se sentou sobre a cama para esperar pelos amigos e acomodou o corpo largado de Penélope sobre seu colo.

Ela se encaixou direitinho em seus braços. Do fundo do coração, Ashton desejou que Clarissa também se encaixasse tão bem quanto esta garota desconhecida. Não que já tivesse abraçado Clarissa. Pior, ele se apanhou pensando se a chama da paixão que ela acendera nele fora despertada pelas suas carícias ou simplesmente pela poção que a madame a obrigara a tomar. Isto não era algo que deveria preocupá-lo, mas ele desconfiava que ainda pensaria a respeito disso durante um bom tempo. Assim como também sabia que passaria a questionar a veracidade da paixão que suas antigas amantes, apesar de poucas e ocasionais, haviam demonstrado em seus braços. Depois que um homem começava a pensar em tais coisas, ele acabava entrando em um ciclo vicioso de dúvidas.

— Ela vai morrer?

Ashton olhou para o pequeno Delmar.

— Não. Ela só está um pouco fraca por causa da poção que teve de tomar. Logo o efeito vai passar e ela vai se sentir melhor. — Ainda restou uma pontinha de dúvida nos olhos do garoto e Ashton tentou imprimir na sua voz o máximo de confiança que pôde — É verdade, sua irmã ficará boa com toda certeza.

— Ela não é minha irmã. Ela é minha prima. Estefan e Artemis são irmãos dela. Eu e os outros somos apenas primos.

— Ah, pensei que todos vocês morassem com ela.

— Nós moramos. Ela cuida de nós.

— De todos vocês?

— Chega de falar, Delmar — disse um menino que parecia ter quase a mesma idade de Artemis. — O homem não precisa saber da nossa vida.

— Mas, Estefan, só estou conversando. Estava sendo educado.

— Não é preciso. O homem não é uma visita na nossa casa. Lembre-se de como o encontramos e o que ele estava tentando fazer com a Pen.

Delmar deu uma olhada para Ashton e depois cerrou os lábios. Ashton lançou um sorrisinho para o garoto antes de fitar Estefan, o irmão de Penélope.

— Ela precisará descansar. A poção vai sair do organismo, mas levará algumas horas para isso, e acredito que ela não vai se sentir muito bem mais tarde. Tem alguém que possa cuidar dela?

— Nós cuidaremos.

Ashton estava prestes a questionar a capacidade do grupo de garotos em tomar conta de uma jovem doente quando Artemis e os outros entraram no quarto. Brant foi o primeiro a se aproximar e Ashton esperou pacientemente enquanto seu amigo analisava Penélope e depois olhava para o rosto de cada um dos meninos. Quando Brant finalmente olhou de volta para ele e arqueou uma sobrancelha, Ashton suspirou e tratou de explicar o mais rápido possível à situação.

— Então a Sra. Cratchitt não é tão distinta quanto diz — Brant disse e em seguida olhou para os meninos novamente. — Vocês sabem como e por que ela foi raptada?

— Não — disse Artemis e se moveu para trançar os cabelos de Penélope. — Já era tarde quando ela voltou para casa. — Os homens que a apanharam devem ter achado que era uma presa fácil.

Ashton trocou olhares com seus amigos. Ele sabia que o menino não estava dizendo a verdade. As expressões dos seus amigos denunciavam que eles também estavam desconfiados. Penélope tinha segredos, e os meninos estavam ajudando-a a escondê-los. Foi difícil para Ashton imaginar que pudessem ser segredos sombrios ou perigosos, mas depois de experimentar uma paixão maluca, não estava certo se poderia confiar nos seus próprios instintos com relação à Penélope.

— O problema agora é como vamos conseguir tirá-la daqui sem que ninguém a veja — disse Ashton. — Ela não está conseguindo andar e ainda ficará assim por horas. Assim como também não conseguiremos salvar sua

reputação. Tenho a forte sensação de que ela não foi trazida para cá só porque a Sra. Cratchitt estava à caça de meninas novas.

— Alguém vem se encontrar comigo amanhã — Penélope disse, nem um pouco surpresa ao perceber como sua voz soava fraca e débil. Ela estava se agarrando ao último fio de consciência que ainda lhe restava. — Ela não disse quem.

— Mesmo assim vendeu-a para mim, nesta noite?

— Ela disse que tinha certeza de que o homem nem notaria. Alguém pagou para me trazer para cá. — Ela quase falou o nome da pessoa de que desconfiava ter feito aquilo, mas achou melhor se calar. Afinal, não tinha provas.

Bastou um olhar nos olhinhos turvos da moça e Ashton percebeu que não fazia sentido continuar fazendo perguntas para Penélope. Ela quase não estava consciente. Ele olhou para os amigos, rezando para que um deles pensasse um plano. Isso não era algo que ele realmente quisesse ou em que estivesse precisando se meter naquele momento, mas ele não poderia abandonar a moça, muito menos deixá-la com a Sra. Cratchitt.

— Os meninos podem sair pela janela — Brant disse. — Assim que estiverem no chão, jogamos uma corda. Vamos amarrar uma das pontas da corda a sua cintura, Ashton, e enquanto você segura à moça, vamos abaixando-o pela janela. Cornell, você vai até a carruagem e espera por eles. Whitney, Victor e eu esperamos aqui enquanto vocês levam os meninos e a garota para casa deles. Tem algumas coisas que eu gostaria de fazer antes de ir embora deste lugar — ele murmurou e contraiu a testa ao olhar para Penélope.

— Não precisamos de ajuda para levá-la para casa — disse Artemis.

— Não seja tão orgulhoso em recusar ajuda quando é realmente necessária — Brant disse ao rapazinho. — Ela não vai agüentar andar muito, e você não conseguirá carregá-la pelas ruas sem chamar a atenção de pessoas indesejadas. Agora, saia pela janela. Não queremos ser apanhados neste quarto, queremos?

Os lábios de Artemis se moveram e Ashton desconfiou que o rapazinho tivesse dito um palavrão, mas mesmo assim fez o que tinham lhe dito para fazer. Minutos depois todos os garotos já estavam lá embaixo e Brant ajeitava a corda. Enquanto Ashton se preparava para descer, ele percebeu que se tratava de uma corda parecida com as que os marinheiros usavam para amarrar um navio a outro, e que as pontas afiadas do gancho estavam profundamente enterradas na parede. Ele se perguntou como não ouviu o barulho que aquilo deveria ter feito quando furou e penetrou na parede. Pelo jeito o desejo o tinha deixado surdo, pensou enquanto entregava Penélope para Victor com uma relutância inquietante. Depois, permaneceu parado para que Brant pudesse amarrar a corda ao redor da sua cintura. Quando Brant avisou que a corda estava segura, Ashton teve que se conter para não apanhar Penélope de volta como se ele fosse uma criança gulosa.

Colocando de lado o desconforto causado pelas emoções torturantes, Ashton sentou sobre o parapeito da janela. Com todo cuidado, girou as pernas para o lado de fora e então prendeu o fôlego enquanto era abaixado lentamente até o chão. O modo como Penélope se agarrou ao seu pescoço, como o rostinho pressionava seu ombro, indicou que ela ainda estava consciente o bastante para perceber o que acontecia ao seu redor.

Quando seus pés tocaram o chão, ele colocou Penélope em pé. Artemis e Estefan correram para ampará-la enquanto Ashton desamarrava a corda de sua cintura, mas ficou claro que os dois não conseguiam segurá-la. Uma vez livre Ashton acenou para seus amigos que ainda estavam na janela e então apanhou Penélope outra vez antes de se dirigir para a carruagem.

— Isto não está me cheirando à boa coisa — murmurou Cornell enquanto os garotos entravam na carruagem.

Tudo que Ashton pôde fazer foi concordar com um aceno de cabeça. Ele sentou Penélope entre os irmãos, entrou na carruagem e ocupou o assento de frente para ela. Cornell entrou logo atrás. O veículo ficou cheio e, enquanto ele

batia no teto da carruagem para ordenar ao cocheiro que andasse, Delmar subiu no seu colo. Ele preferia que fosse Penélope, pensou, mas pousou o braço ao redor do corpo do menino quando a carruagem começou se mover.

— Vocês moram muito longe daqui? — Perguntou para Artemis.

— Não — o rapazinho respondeu. — Ensinei o caminho para o seu cocheiro enquanto esperávamos pelo senhor e pela Pen.

Quando eles pararam em frente à casa que Artemis dissera ser a deles, a pontinha de esperança que Ashton nem havia percebido que ainda nutria morreu de imediato. A vizinhança era lar de amantes, da baixa nobreza empobrecida e de comerciantes que tinham enriquecido e moravam na parte superior de seus estabelecimentos. Mesmo que Penélope tivesse uma boa ascendência e sido educada para ser esposa de um visconde, ela provavelmente possuía um dote pequeno ou talvez nem isso. Ele detestava ser tão mercenário na busca por uma esposa, mas o pequeno bando de dependentes pelo qual era responsável precisava de muito. Penélope podia até ser filha de um marquês, mas o homem provavelmente fora tão perdulário com a sua fortuna quanto o pai de Ashton. Ou então ela não era uma filha legítima.

Ignorando o protesto de Artemis, Ashton carregou Penélope para fora da carruagem e subiu os degraus da frente da casa. Acabava de atingir o topo de escadinha quando a porta se abriu e mais garotos apareceram, cercando-o. Penélope foi tirada de suas mãos antes que ele pudesse protestar. Os meninos agradeceram pela ajuda e levaram para dentro a cambaleante Penélope, batendo a porta em sua cara.

Ashton pensou em bater à porta, mas deixou de lado o desejo. Precisava esquecer aquela mulher. No dia seguinte, iria encarar Lorde Hutton-Moore, dar o primeiro passo oficial para se casar com a bela e fria Clarissa. Foi quando notou ao lado da porta uma placa em que se lia TOCA WHERLOCKE e contraiu o rosto. Um nome estranho para uma casa, até mesmo para uma comprada para uma amante, refletiu ao dar as costas.

Quando já estava na carruagem, no caminho de volta para o bordel da Sra. Cratchitt para apanhar os amigos, Ashton decidiu que queria mesmo ir para a sua casa. Precisava de um pouco de sossego, de tempo para pensar e fortalecer a sua decisão e fazer o que precisava ser feito pela sua família. Precisava de um tempo sozinho para enterrar todos os pensamentos e as lembranças daquela mulher que aquecera seu sangue como nenhuma outra fizera.



CAPÍTULO IV

— PÉROLAS ATIRADAS AOS PORCOS, ISSO SIM. Ashton respondeu com um sorriso tristonho para Brant que entrava na sala de jantar de sua casa e se fartava do café da manhã servido no aparador que havia ao lado da mesa.

— Do que você está falando?

— Da grande sabedoria que compartilhei com você duas noites atrás.

Será mesmo possível que tenham se passado apenas duas noites? Ashton refletiu. Parecia que haviam passado meses. Desde então, ele não dormia muito bem, assombrado por sonhos com uma mulher cujos olhos eram de um tom distinto e tomado por um desejo incandescente. Pior, ele estava começando a ver Penélope em toda parte. Tinha certeza de que enxergara o rosto pálido na janela do sótão quando saía da casa de Clarissa, no dia anterior, o que era impossível. Clarissa não teria motivos para esconder a filha de um marquês no Sótão de sua casa.

— Que sabedoria há por detrás disso? — perguntou para Brant.

— Quero dizer que é melhor esperar um pouco antes de pedir a mão da bela Clarissa antes de oficializar o compromisso.

— Mas segui seu conselho. Mesmo assim tive que comparecer ao encontro que havia marcado com o irmão dela, mas mantive o tom muito vago, dando a entender que se tratava de um pedido formal para fazer a corte à irmã dele. Foi o primeiro passo oficial mais básico que eu poderia ter dado. O que foi uma tolice, uma vez que já está mais do que na hora de me casar e os cofres da família

definitivamente estão precisando de uma contribuição.

— Ou você não foi vago o suficiente ou alguém oportunamente entendeu errado o que você disse.

Receoso, Ashton aceitou o jornal que Brant lhe entregava, perguntando-se por que nem notara que seu amigo carregava aquilo. Ele realmente estava precisando de uma boa noite de sono, concluiu. Estava ficando cego e distraído como seu avô no fim da vida. Ashton era muito jovem quando o senhor faleceu, depois de vagar uma noite pelos pântanos onde acabou se afogando em um brejo. Ashton sentia como se estivesse se afogando em um brejo de emoções, que o fazia questionar todas as suas decisões.

O jornal estava aberto na seção de noivados, casamentos, nascimentos e mortes. Bastou uma rápida passada de olhos sobre os vários anúncios para encontrar o motivo que levava Brant a lhe fazer uma visita tão cedo. Impresso em destaque e preenchido sem a menor cerimônia com os nomes de seus pais estava o anúncio de seu noivado com Lady Clarissa Hutton-Moore. Ashton sentiu o café da manhã se transformar em uma bola de ácido dentro do estômago. Ele tinha caído em uma armadilha.

— Nunca a pedi em casamento — murmurou. — Não houve nada de "querida, você me daria à honra?". Nem mesmo um anel.

Brant encheu uma xícara de café e franziu a testa.

— Isso é péssimo. Mas o que você pode fazer a respeito?

— Acho que nada. — Ashton continuou olhando para a nota enquanto pensava que o nome de Clarissa estaria mais bem colocado nos obituários. — Minha corte a Clarissa, meu interesse financeiro por ela sempre esteve muito claro para todos, o anúncio só foi adiantado. Este sempre foi o meu plano. Apenas hesitei em fazer o que já deveria ter feito.

Hesitar não era a palavra correta para descrever o tormento que o acometera desde aquela noite no bordel da Sra. Cratchitt, Ashton concluiu com um longo suspiro. Dizer que ele havia quebrado a cara seria um jeito mais

adequado de descrever aquilo. Naquela noite, ele saíra com seus amigos, conformado com o futuro ao lado de Clarissa, mas voltara temendo isso, no fundo da sua alma. Ainda não houvera tempo de recuperar o equilíbrio e bom-senso. Ashton contraiu as sobrancelhas e de repente se perguntou se o irmão de Clarissa, talvez até mesmo a própria Clarissa, tinham sentido a mudança nele e agido rapidamente para impedi-lo de voltar atrás. Apesar da sua momentânea hesitação, isto não teria acontecido.

— Eles pressentiram as mudanças no seu coração — Brant disse, ecoando os pensamentos de Ashton.

— É possível, mas foi apenas uma pequena mudança. Eu a teria enterrado se fosse necessário. Não tinha mudado de idéia quanto ao noivado. Para ser honesto, meu coração nunca esteve envolvido nisso.

— Nunca imaginei mesmo. Clarissa é bela, uma pedra preciosa perfeita, mas nunca vi nada lá capaz de despertar algo mais em você.

— Ah, mas há o dote e o fato de que eu não precisaria fazer um esforço imenso para gerar um herdeiro nela.

Brant sorriu.

— Mas você terá de acender uma fogueira na cama antes de mergulhar embaixo das cobertas ou então congelará até os ossos.

— Então você também acha que falta paixão nela? — Ashton perguntou.

— Do tipo que aquece um homem que procura sentir algo além de um pouco de cócegas? Certamente.

— E você acha que estou em busca de algo mais do que isso? Brant sorriu, mas havia uma ponta de tristeza em sua fisionomia.

— No fim das contas, isso é o que todos nós queremos. O problema é que raramente encontramos. Acabamos nos casando por dinheiro e por uma boa linhagem, e depois passamos o resto da vida tentando encontrar afeto em outros lugares. Uma vez pensei que tivesse encontrado — adicionou num tom de voz baixinho.

— Não era sincero? — Ashton tinha certeza a que decepção Brant se referia, pois há pouco mais de um ano o rapaz vinha mostrando um distinto endurecimento.

— Não tenho certeza. Ela era filha de um reverendo.

— Suponho que sua mãe tenha ficado aflita — Ashton murmurou.

— Aflita é uma palavra amena para descrever a reação da minha mãe quando soube da minha escolha. Ela ficou furiosa, especialmente quando perdi o casamento que ela tinha arranjado para mim e quando sua pretendente escolhida foi tomada por outro. A que eu preferi tinha um dote modesto e não passava da filha do filho mais novo de um barão. Eu estava determinado a me casar com ela, com a minha bela Faith. Mas ela desapareceu. O pai disse que ela fugiu com um soldado.

— Você acreditou nisso?

— Nos primeiros dias não, mas acabei acreditando. O pai dela era um homem responsável, um pároco conhecido por sua devoção. Achei difícil acreditar que ele fosse capaz de mentir para mim ou não procurar o bastante pela filha se ela simplesmente tivesse desaparecido. Assim, me convenci de que, se não podia confiar na filha de um pároco devoto chamada Faith, não me restavam esperanças. Em algum momento, acabarei encontrando uma moça que agrade a minha mãe e que suporte seus resmungos até que ela me dê uma porção de herdeiros. Enquanto isso vou mantendo uma amante para satisfazer as minhas necessidades menos dignas.

Ashton sentiu um calafrio percorrer a espinha e não foi por causa do triste retrato do futuro de Brant. Na sua cabeça, ele podia ouvir Penélope dizer: "Alguém morreu neste quarto. Pobre Faith". Ele repetiu a si mesmo com convicção para não agir como um tolo supersticioso. O que ajudou pouco, pois logo se lembrou de que Faith não era um nome tão raro, e mesmo que Penélope realmente pudesse sentir algo isso não significava que ela tivera uma visão da Faith de Brant.

Ele forçou a mente divagadora a voltar ao tema em questão: seu recém-anunciado noivado com Clarissa.

— Este é um futuro sombrio e triste — disse, referindo-se não apenas à última declaração de Brant.

— Como nobres, que carregam o fardo da história de suas famílias, o dever e muitos dependentes, este é o futuro que nos espera. — Brant espalhou mel sobre a torrada. — Você nem vai reclamar da audácia dos Hutton-Moore?

— Um pouco. Farei alguns comentários quando der um anel para Clarissa. Talvez até compre um, para deixar claro, mas sem fazer comentários, de que não enfeitei a delicada mãozinha alva com a famosa esmeralda Radmoor. Apesar de isso não passar de uma última manobra desafiadora de um homem preso a uma armadilha.

— Ótima ideia. Vai ser interessante ver como ela vai explicar para todos os curiosos que avançarem para ver o anel de noivado. Eu mesmo não confiaria mais nela além de onde meu cuspe alcança.

— Depois disso, também não sei se ainda confio nela. E ainda menos no irmão. Não sei dizer por que exatamente, acho que não passa de intuição.

— Deus do céu, Ashton, se é assim por que vai se casar com a garota?

— Porque ela foi a única com um dote razoável capaz de olhar para um pobre visconde que sustenta muitas pessoas com seus fundos parques que estão prestes a acabar. Ela carrega a mancha do pai devasso, para quem a palavra "escândalo" não significava muito.

— Então é isso. E quanto à bela Penélope? Ashton quase caiu da cadeira.

— Eu gostaria de poder dizer que simplesmente vou esquecê-la. O tempo todo procuro me lembrar de que sou um homem racional. E a razão me diz para deixar de alimentar ilusões e seguir o caminho que devo aquele que evitará que a minha família vá para a prisão por dívidas. A razão me lembra, constantemente, de que preciso de dinheiro, que as minhas propriedades precisam de dinheiro, e que a minha família precisa de dinheiro. A razão me diz que todo o estrago que

meu pai causou com sua vida boêmia, a jogatina e os caminhos tortuosos acabaram o matando precocemente. A razão me diz que não vou ganhar nada se for atrás de uma garota chamada Penélope que mora numa parte distante da cidade com o que parece ser um imenso bando de irmãos e primos mais novos, que acabou não se sabe como em um bordel e que pensa ver espíritos e coisas do tipo.

— É mesmo? Espíritos? — Brant sorriu. — Fascinante. Você sabe o que eu acho disso?

— Tenho medo de perguntar. — Ele ficou aliviado, porém, que Brant não tenha insistido no tema fantasmas.

— Mas vou dizer mesmo assim, apesar do tom de desprezo que senti na sua voz. Digo, esqueça a razão, esqueça Clarissa e o irmão e vá atrás da pequena Penélope. Tire-a da cabeça, ou das partes baixas do seu corpo, ou de onde quer que ela tenha se instalado ou se prendido, pois você não terá muito tempo de fazer isso antes de se casar.

Ashton contraiu o semblante.

— Casamentos levam meses para serem preparados.

— E noivados geralmente são precedidos por um pedido e um anel. No seu lugar, eu não ficaria sozinho com a bela Clarissa se pretende aproveitar um pouco mais a vida antes de se ver no altar, diante de um pároco.

— Maldição. Eu ainda não tinha pensado nisso. Se os Hutton-Moore já estavam com receio de que eu não fizesse o pedido, devem estar ainda mais preocupados com o casamento propriamente dito. A pergunta é: por quê? Com sua beleza e seu dote, Clarissa poderia encontrar facilmente outro marido. *Eles* não precisam de *mim*. *Eu* preciso *deles*, ou melhor, do dote.

— De fato é uma pergunta muito boa. Uma que definitivamente precisa de uma resposta. Tem certeza de que Clarissa possui mesmo o tal dote?

— Mandeí meu advogado verificar a vida dos Hutton-Moore.

— E não há nenhuma chance de ele ter mentido ou de ter sido ludibriado? Ashton fez menção de dizer que isso era algo impossível, mas as palavras não saíram. Será que Hudson fora enganado? A sociedade em geral não tinha nada contra os Hutton-Moore, com exceção de alguns poucos que desdenham do título deles.

— Não havia boatos correndo pelos salões de bailes e rodinhas que pudessem levantar dúvidas sobre a situação financeira deles, e eles não viviam como uma família à beira da falência. Uma família na situação em que eles se encontravam não precisava se empenhar tanto para casar um dos seus membros com um visconde sem dinheiro. A procura deveria, sim, ser por um homem rico, ele disse a Brant, que concordou.

— Esta seria a lógica. Mesmo assim por que estão agindo desta maneira? Por que estão empurrando você para o altar? Será que Clarissa realmente gosta de você?

— Não — Ashton respondeu completamente confiante do seu julgamento. — Ela aprecia o título de visconde, a história da família e tudo mais. Coisas que a família dela ainda não tem. De certo modo, estou sendo comprado. Acredito que ela esteja de olho nos outros títulos mais importantes da minha família.

— Claro. — Brant apanhou uma maçã. — Clarissa tem esperança de se tornar uma duquesa. Bem, continue agindo do mesmo jeito, mas daqui em diante eu ficarei de olho nos Hutton-Moore. Esta história de noivado forçado está me intrigando, especialmente por não ter um motivo aparente.

— Quanto mais penso nisso, mais intrigado fico. — Ashton se levantou, levou o jornal até a lareira e atirou-o no fogo. Não sentiu a satisfação que imaginou quando viu o papel ser consumido pelas chamas. — Ao mesmo tempo não posso romper o noivado sem um bom motivo. Além do mais, não vou submeter o nome da minha família ao escândalo que tal rompimento causaria. Eles já foram vítimas de muitos escândalos nos últimos anos. — Depois que o jornal virou cinzas, Ashton retornou ao assento.

— Se eles mentiram, prometendo algo que não existe você poderia romper o noivado sem problemas. Todo e qualquer escândalo que resultar deste rompimento irá atingir os Hutton-Moore, não você.

— E então eu teria de começar tudo outra vez. Isso é algo que não estou disposto a fazer.

— Melhor começar tudo outra vez do que descobrir que foi enganado depois que o casamento for consumado.

E isso não o levaria a lugar nenhum Ashton pensou. Não haveria dinheiro para ajudar a sua família e ele ainda acabaria com uma esposa em quem não confiava, de que não gostava nem desejava. Ele aliviara suas culpas, fazendo a corte a uma mulher pelo seu dote e prometendo a si mesmo que seria um bom marido para ela. Mesmo assim, a idéia de se casar com Clarissa só por causa do dote era mais do que assustadora. A história do noivado forçado conseguira acabar de vez com o pouco que ele sentia por ela. Ele até tentou dizer para si mesmo que tudo não passara de uma armação do irmão dela, e que ela não fazia a menor idéia do plano, mas era difícil acreditar nisso. Clarissa precisava estar a par da trama para que pudesse ao menos reagir quando as pessoas viessem lhe dar os parabéns, o que em breve começaria a acontecer.

— Acho melhor enviar uma carta para a minha família, informando-os sobre o acontecido — Ashton torceu o nariz. — Serei honesto para que não fiquem magoados, imaginando que nem me preocupei em incluí-los num momento tão importante da minha vida. Eles sabiam que eu estava fazendo a corte a Clarissa, mas creio que esperavam que eu ao menos avisasse sobre o noivado antes do anúncio sair no jornal. Eles moram próximos da cidade e logo ficarão sabendo da novidade.

— E você precisa comprar um anel. Posso ajudá-lo nisso.

— Por acaso você carrega anéis de noivado no bolso? — Ashton provocou. Brant ignorou a chacota.

— É somente um aviso que pretendo dar à minha atual amante antes que eu a apanhe na cama com o mordomo dela. — Ele deu um leve sorriso e Ashton riu. — Acho que ainda fui muito generoso por permitir que ela continuasse morando por dois meses às minhas custas na casa. Este é o último presente que darei a ela. É apenas um anelzinho com um diamante e uma safira.

— De fato é muita gentileza sua, mas...

— Ashton, não perca o pouco tempo que lhe resta com a mulherzinha ardilosa. Engula o seu orgulho. Eu tenho um anel. Pegue. Pode me devolver outro dia.

— Você não acha que vou me casar com ela.

— Não quero que você se case, especialmente depois desta armação. Mas se insistir nisso, sei que acabará dando a esmeralda Radmoor para ela. Se não se casar, pelo menos poderá recuperar este anel que estou lhe dando. Se isso também não acontecer, ainda assim não será um grande prejuízo. Considere como um presente, uma vez que o último que tentei lhe dar não funcionou e recebi todo meu dinheiro de volta.

Aquilo surpreendeu Ashton.

— Todo? — A Sra. Cratchitt não parecia ser do tipo de mulher que costuma se curvar com facilidade.

— Até o último centavo. Acho que você ainda estava muito bravo para me perguntar o que fiz enquanto você levava a moça para casa.

— Ainda acho que a Sra. Cratchitt deveria fechar as portas.

— Ela irá. Pelo bem da pequena Penélope, o que realmente aconteceu não pode ser contado, mas pouco a pouco, os boatos sombrios vão acabar chegando aos ouvidos dos clientes, de quem aquela vadia tanto precisa para sobreviver.

Ashton se surpreendeu com o teor da ira que estava embutida no tom de voz de Brant. Ele compartilhava aquele sentimento, mas misturado ao fato de ter sido Penélope a moça apanhada e quase forçada àquela vida. Tudo começara a transbordar por causa do seu desejo pecaminoso de que o resgate não tivesse

chegado antes de ele satisfazer o forte desejo despertado por ela. A raiva se tornava ainda mais forte ao longo dos últimos dois dias à medida que ele se lembrava de todas as coisas ditas por ela e de todas as pistas que indicavam a sua inocência e que ele tinha deixado escapar ou ignorado. Apesar disso, será que tudo que ela disse era mesmo verdade?

— Você acha que Penélope era completamente inocente? — ele perguntou a Brant. — Você quer dizer que pensou estar prestes a desvirginar uma moça para aquela galinha velha? — Brant assentiu com um aceno de cabeça. — Há uma parte de mim, uma parte muito grande, que acredita, apesar do pouco tempo que passei com ela. Somente meu lado cínico duvida, e não muito. — Ele sorriu discretamente diante da fisionomia desanimada de Ashton. — Não me olhe tão assustado. É triste, mas acontece o tempo todo. Nem toda mulher em um bordel entrou lá sabendo de tudo. Assim como nem todas entraram para aquela vida de livre e espontânea vontade.

— Foi o que ela disse. Mais precisamente: "O senhor realmente imagina que uma mulher acorde um dia e pense: "Ah, acho que vou me tornar uma prostituta"?!.

Brant riu, mas logo em seguida ficou sério.

— Eu pensava que as casas como a da Sra. Cratchitt fossem diferentes, que a maioria das moças que servem a nobreza não se submete àquele tipo de, digamos, recrutamento. Mas acho que me enganei. Talvez até tenha sido ingênuo.

— Maldição, agora estou começando achar que tudo que Penélope disse era verdade. Não consigo tirar da cabeça tudo que ela me falou. No fim das contas, acho que ela era mesmo inocente, apesar de eu ter imaginado que ela apenas fosse nova na função. Sabemos que ela foi raptada e dopada. Mesmo assim, como ela poderia ser filha de um marquês? — A pergunta final não passou de um murmúrio.

Brant engasgou com o café que tomava e precisou de um momento para acalmar a tosse antes de perguntar com a voz rouca:

— Ela disse isso?

— Se me recordo bem, num determinado momento ela disse que não era uma das meninas da Sra. Cratchitt, e com ares de superioridade perguntei o que ela era então. Ao que ela respondeu: "E se eu lhe contar que sou filha de um marquês, que fui cruelmente raptada e depois vendida para a Sra. Cratchitt? E se disser que fui obrigada a tomar uma poção, vestir este traje escandaloso e que depois fui amarrada a esta cama contra a minha vontade?".

— E você não acreditou nela?

— Você teria acreditado?

— Não. Então, a única pergunta que resta agora é: será que ela é mesmo filha de um marquês?

— Por que a família de um marquês moraria em uma casa naquela área?

— Talvez o homem fosse parecido com o seu pai e isso é tudo que eles podem pagar. Ou talvez eles sejam filhos de uma amante do homem. Você não descobriu qual era o sobrenome dela?

— Acho que era Wherlocke. Havia uma placa ao lado da porta. Era uma placa estranha, onde estava escrito TOCA WHERLOCKE.

— Isso é mesmo estranho. Talvez seja uma brincadeira de família. O nome é de família nobre, mas não tenho certeza. Vou mandar investigar, mas precisamos fazer isso com muito cuidado, e o mais discretamente possível. Tudo que ela disse pode ser verdade. Nós não conhecemos profundamente a história de cada uma das famílias da sociedade para descartar esta possibilidade. — Brant analisou, com surpresa, a expressão estampada no rosto de Ashton. — O que quer dizer esta cara estranha?

— Acabei de me dar conta de que estive nu em pelo diante da filha virgem de um marquês. — Ele sorriu e depois riu junto de Brant. —Vamos torcer para que o homem ou esteja morto, ou não seja do tipo que se ofende por qualquer

coisa.

Brant ficou sério.

— Bem pensado. — Ele se endireitou quando o mordomo de Ashton entrou na sala. — Acho que podemos começar a nossa investigação agora mesmo.

— Com o meu mordomo?

— Os mordomos podem ser uma rica fonte de informações na sociedade. Marston — Brant chamou, quando o mordomo alto e elegante retirava alguns pratos vazios da mesa, — você sabe alguma coisa sobre a família Wherlocke?

— Na verdade sim, milorde — Marston respondeu no seu tom de voz profundo e bem modulado. — Trata-se de uma família um tanto excêntrica e reclusa, mas muito tradicional. Eles e o outro ramo da família, os Vaughn, conquistaram uma série de títulos importantes por meio de casamentos bem arranjados e serviços prestados à Coroa. — Marston franziu discretamente a testa para a cara de espanto dos jovens lordes. — Está com algum problema, milorde? — Ele perguntou para Ashton. — Pensei que o senhor conhecesse a família, pois o pai de Lady Clarissa se casou com um membro. Se me lembro bem, a mulher era uma jovem viúva rica que tinha apenas uma filha. Estou surpreso que o senhor não tenha conhecido a criança, pois ela deve morar com os Hutton-Moore.

— Não conheci ninguém. — Foi tudo que Ashton conseguiu dizer quando um nó começou se formar na sua garganta.

— Estranho milorde. O mordomo que trabalhou na residência da cidade dos Hutton-Moore era meu primo, apesar dos nossos sobrenomes serem diferentes. Ele morreu logo depois da marquesa. Tenho certeza de que ele me contou que a senhora tinha uma filha. Não sou íntimo o bastante do atual mordomo dos Hutton-Moore para confirmar isso, se é o que o senhor deseja saber.

— Mas você tem certeza de que a filha da marquesa era uma menina?

— Toda, milorde. Meu primo não tinha nenhum motivo para mentir sobre isso. Na verdade, ele sempre falou muito bem da criança.

— O que você quis dizer quando disse que os Wherlocke são excêntricos?
— Perguntou Brant.

Enquanto passava os restos de cada um dos pratos para uma tigela, Marston respondeu:

— Acho que "dotados" seria uma palavra melhor. E o que dizem sobre eles, apesar de eu não ter certeza da veracidade desse boato. Meu primo, no entanto, tinha quase certeza disso. Dizem que os Wherlocke e seus parentes, os Vaughn, possuem habilidades incomuns, que podem prever o futuro, se comunicar com espíritos e outro talentos do tipo. É por isso que são um tanto reclusos. Desnecessário dizer, mas os dons causaram uma série de problemas para eles no passado. O senhor acabará encontrando algumas pessoas que já ouviram falar da família, mas poucos que os conheçam pessoalmente e menos ainda que os conheçam muito bem. E claro, meu primo me contou tudo isso em segredo. — Ele olhou para cada um dos dois jovens, que assentiram, mostrando que tinham entendido o recado. — Posso perguntar por que o interesse nessa família, milorde?

— Acho que conheci um deles, apesar de não saber a qual ramo da família a pessoa pertence — respondeu Ashton.

— Se quiser milorde, posso anotar tudo que sei de cada membro que conheço da linhagem e entregar para o senhor depois do almoço.

— Sim, se puder fazer a gentileza, Marston, eu agradeceria muito.

— Gostaria de lhe dar as felicitações em nome de todos os criados da casa pelo seu noivado com Lady Hutton-Moore, milorde.

— Obrigado e agradeça a todos por mim — Ashton respondeu e ficou observando com olhar perdido enquanto Marston saía, levando os pratos sujos e uma tigela cheia de restos que iam alimentar seus queridos gatinhos. — Acho que estou metido em uma enrascada — ele disse a Brant assim que Marston

fechou a porta atrás de si.

— Não pense nisso agora. Você precisa levar o anel para a sua noiva e deixar claro para Clarissa seu desprezo.

— Será que essa mulher está escondendo a sua parenta empobrecida, ou meia-irmã, como se fosse um segredo sujo? Se isso for verdade, não quero nem pensar no que ela pode querer fazer contra as minhas tias pobres.

— Ela não poderá fazer nada contra as suas tias sem a sua aprovação ou conhecimento.

— Mas ela pode fazer com que elas se sintam como se fossem a poeira sob seus belos sapatinhos.

— Talvez, meu amigo. Cabe a você ganhar tempo para conhecer melhor o tipo de mulher que é a sua noiva. As mulheres são tão bem treinadas nos mais variados estratagemas da sociedade que às vezes é impossível ter certeza de como elas realmente são. O dote de Clarissa pode até salvar a sua família da falência, mas a que custo?

Essa era uma pergunta que Ashton sabia que teria de responder antes de subir ao altar com Lady Clarissa. Talvez estivesse na hora de sair em busca de outras herdeiras.

Quando Ashton retornou para casa ao final da tarde, sua cabeça doía. Ele não ficou muito feliz ao ver os quatro amigos esperando no seu escritório, porém o conhaque que Victor tinha trazido para eles compartilharem foi muito bem acolhido. Somente após alguns goles da bebida suave e agradável que seus nervos se acalmaram o suficiente para entabular a conversa que obviamente os amigos desejavam ter com ele. Antes mesmo de dizerem qualquer coisa, Ashton já havia decidido que responderia o mais sucintamente possível a todas as perguntas que eles fizessem sobre Clarissa.

— Minha noiva não ficou feliz com o anel — ele disse. — Obviamente, ela estava esperando pela esmeralda Radmoor. Tanto ela quanto o irmão mostraram surpresa quando eu disse que tinha me aborrecido com o anúncio, e

disseram que tinham imaginado que tudo tivesse sido acertado. Tiveram até a decência de oferecerem uma retratação quanto ao anúncio.

— Uma oferta que você educadamente recusou, é claro — disse Brant.

— Claro. Não passo de um maldito mercenário, e preciso daquele dinheiro. Mal consigo me sustentar do jeito que as coisas vão. — Ele sorriu. — A menos que aconteça algum milagre, dentro em breve me casarei com Clarissa. Não tenho outra opção. Tenho menos chances ainda do que eu imaginava, uma vez que Lorde Charles adquiriu várias promissórias do meu pai.

— Ele o ameaçou?

— Não exatamente, mas tais coisas raramente são feitas às claras. A informação foi introduzida com muito tato na discussão quando começamos tratar sobre o contrato de casamento. A implicação, no entanto, ficou clara. Ou eu me caso com Clarissa, ou então me preparo para enfrentar uma ordem de pagamento imediata, algo que nunca poderei honrar, não sem vender todos os bens da família. Parte do dote de Clarissa já está destinado ao pagamento das tais notas, restando somente uma parte ainda menor do que eu esperava. — Ele balançou a cabeça assim que os quatro começaram a falar.

— Não. Nada de empréstimos. Não tenho condições de quitar nem mesmo as dívidas que meu pai deixou para mim. Não pretendo adquirir ainda mais.

— Não seria uma questão de adquirir mais, e sim de fazer uma troca — disse Brant.

— Mas não vamos discutir isso agora. Enquanto esperávamos por você, Marston trouxe as informações sobre os Wherlocke que ele havia prometido. Ashton analisou com muito cuidado o rosto de cada um dos seus amigos. — Vocês vão me dar uma má notícia.

— Isso pode esperar — Brant iniciou.

— Não. Falem logo.

— Bem, apesar de Marston ter dito que ainda não terminou, a relação que

ele nos entregou é muito impressionante. Os Wherlocke e os Vaughn são ligados a algumas das famílias mais importantes da Inglaterra. No momento, o que pode interessar a você e a nós é o Marquês de Salterwood, um Wherlocke, que se casou com Minerva Wherlocke, uma prima distante. Ele teve uma filha com a esposa e morreu quase dez anos depois do dia que se casaram. A viúva se casou três anos depois com o Barão de Haverstile e morreu, quatro anos depois, com o marido, num acidente de barco. Logo depois que se casou, o barão adotou a filha dela, que passou a se chamar Penélope Wherlocke Hutton-Moore.

— Maldição.



CAPÍTULO V

— VOCÊ DEVERIA TER OUVIDO O MODO COMO ELA FALOU ARTEMIS —
PENÉLOPE disse ao sovar o pão enquanto o irmão debulhava as ervilhas. — Ela ficou furiosa com o que Radmoor lhe deu — como foi mesmo que ela falou? — um anelzinho patético e de mau gosto com algumas safiras e um diamante em vez da esmeralda Radmoor. — Penélope olhou para o irmão que estava do outro lado da mesa da cozinha. — Ela realmente não gosta nem um pouco do homem.

— Você sempre desconfiou disso — disse Artemis, então abriu uma vagem e rolou as ervilhas diretamente para dentro de sua boca.

— É verdade, mas achei que o meu ciúme estivesse me fazendo imaginar coisas. Afinal, Radmoor é muito bonito e, para completar, um visconde com boas chances de conquistar mais títulos. Apesar do pai ter acumulado um escândalo atrás do outro, cama atrás de cama e aparentemente não ter deixado nada além de dívidas. Lorde Ashton ainda é bem aceito na sociedade. Com exceção do falecido visconde, os Radmoor têm uma linhagem longa e ilustre. Entrar para essa família seria uma vantagem para a filha de um barão que conquistou esse título só porque se casou com uma mulher por interesse.

— É mesmo? É possível conseguir um título assim?

— Sim. Não se esqueça de que alguns títulos de nobreza foram concedidos a algumas pessoas simplesmente porque algum rei ou príncipe procriou na cama errada. Como algum tipo de compensação para o marido traído, suponho. — Ela colocou a massa de pão dentro de uma tigela e cobriu com um pano antes de

ir até a pia lavar as mãos. — Havia muita raiva — ela murmurou enquanto o fazia.

— Na casa dos Hutton-Moore? — Penélope concordou e Artemis sorriu. — Então foi por isso que você chegou aqui mais cedo do que de costume.

— Exatamente. Clarissa e Charles estavam tão consumidos pela raiva que nem notaram quando eu saí. — Ela franziu a testa enquanto secava as mãos. — Acho que eles devem ter feito alguma ameaça a Radmoor.

— Que tipo?

— Ouvi algo sobre as dívidas do pai dele. Acho que Charles deve ter adquirido algumas das promissórias, várias, e agora tem a dívida em suas mãos como uma Espada de Dâmocles. Creio que, em vez de dever pequenas quantias para vários homens, com alguns ansiosos por receber e outros esperando calmamente pelo pagamento, agora Radmoor está diante de um único homem que pode colocá-lo de joelhos, e para tal basta exigir que ele pague imediatamente as muitas dívidas.

— Muito astuto — murmurou Artemis e encolheu os ombros quando a irmã fez uma careta. — Não disse que era correto, apenas astuto. Muito cruel, eu diria. Ela balançou a cabeça para a tentativa do irmão de escapar da bronca pelo que acabara de dizer.

— Acho também que eles publicaram o anúncio do noivado no jornal antes de um pedido oficial ter sido feito. Clarissa disse algo sobre o anel ter sido um insulto em reação ao fato de eles apressarem o homem. — Ela pegou na dispensa uma cestinha de maçãs que resistiram muito bem ao inverno, pousou-a sobre a mesa e começou descascá-las. — Não consigo entender o motivo para tantas tramas.

— Eles querem os títulos na família. Títulos que carregam certo poder e respeito.

— Talvez. Charles poderia se beneficiar através de Clarissa. Acho que Radmoor está preso em uma armadilha. E está precisando desesperadamente de

dinheiro. Certamente não deve ter o bastante para pagar as dívidas caso Charles resolva protestar as notas. É triste quando os pais acabam com a fortuna, deixando suas famílias para sofrer pelas consequências dos seus atos. Foi o modo como o pai de Radmoor se comportou, desconfio que o casamento de seus pais não tenha sido uma união feliz e que o homem deixou de herança para o filho o mesmo destino.

Artemis contraiu as sobrancelhas enquanto apanhava um pedaço de maçã.

— Parece que alguns aristocratas não querem abrir mão de nada. Nem de suas roupas caras, das suas carruagens de luxo e dos cavalos de raça, nem dos bailes e das óperas. Penélope assentiu.

— Disso e de um pouco mais. Eles preferem se lançar a um casamento infeliz para sempre só para continuar comprando seus paletós bordados dos alfaiates da moda. E digo mais, se Radmoor está pensando que Clarissa abrirá mão de um pequeno luxo sequer enquanto ele reconstrói a sua fortuna e suas propriedades, então ele não sabe com quem está se casando. É triste, mas Clarissa é o tipo de mulher que irá lembrá-lo constantemente de que foi *ela* quem o livrou das dívidas. Não, retiro o que eu disse. O mais triste mesmo é que acho que ele seria capaz de fazer de tudo para ser um marido bom e fiel, mas Clarissa não está interessada nisso. Ela vai transformar o que poderia ser um casamento bom em uma união miserável e infeliz como tantas outras que existem na sociedade. O mesmo tipo de casamento que os pais dele tiveram. — Penélope suspirou e baixou os olhos para a tigela cheia de fatias de maçã a sua frente. — Acho que isso é o que mais me incomoda. Ela não vai fazê-lo feliz.

— Você gosta tanto assim dele? — Artemis perguntou baixinho.

— Creio que sim. Fiquei encantada por ele desde a primeira vez que o vi. Mas não tenho o que ele precisa. Seja lá o que há de herança para mim está nas mãos de Charles e duvido que ainda terá restado algo quando eu atingir a idade para assumir o controle disso. O pouco que me dão atualmente, e que me é dado

com relutância, é gasto aqui. De qualquer maneira, esta quantia não seria suficiente para ajudar Radmoor.

— Mas você poderia fazê-lo feliz.

— Poderia? Ele tem três irmãs, uma mãe, duas tias e dois irmãos para sustentar. Mesmo que ele vendesse uma das suas propriedades, isso iria custar o dote de uma das suas irmãs ou o sustento de um dos irmãos. Se ele se casar com uma mulher como eu, sem fortuna, logo teria que vender uma propriedade após a outra, e suas irmãs continuariam sem as temporadas de bailes e com isso perderiam oportunidades de encontrarem um bom e próspero casamento. Duas das irmãs já passaram da idade de serem oficialmente apresentadas à sociedade devido às dificuldades financeiras da família. Acho que todas estas perdas logo acabarão causando amargura no seio daquela família.

— Então não é somente uma questão de roupas e carruagens.

— Não no caso de Radmoor. É o futuro dos seus parentes e o conforto de sua mãe e sua tia.

— Pen! Aquele tolo que ficou noivo da vadia está aqui! E está acompanhado de quatro amigos.

Penélope encarou Artemis boquiaberta quando o surpreendente anúncio bradado pela voz aguda de Paulinho ecoou pela casa. Ela reconheceu a fala como sendo sua, mas como será que Paulinho a ouvira? Então se deu conta de que Lorde Ashton sem dúvida também tinha ouvido tudo e deixou escapar um gemido. Depois de olhar feio para Artemis, que ria, ela escondeu o rosto entre as mãos.

— Pe-né-lo-pe!

— Já vou! — ela gritou de volta. — Acompanhe-os até a sala! — Em seguida olhou horrorizada para Artemis, que não parava de rir. — Acabei de gritar como se fosse uma feirante.

— Endireite as costas, minha irmã. Limpe a farinha do vestido, prepare uma bandeja com chá. E vá receber os visitantes.

— Mas...

— Se sentir algum constrangimento, lembre-se de onde estava da última vez que viu aquele malandro.

— Ah! — Ela pensou sobre a situação por um momento e depois balançou a cabeça. — Acho que não é uma boa idéia.

— Por que não?

— Porque ele estava nu.

Depois de encarar o irmão, que ria a ponto de quase cair da cadeira, Penélope correu para se limpar e preparar a bandeja. Cinco cavalheiros estavam esperando na sua sala de estar. A situação, ela refletiu, provavelmente seria muito embaraçosa.

Ashton encarou o menininho com rosto angelical que abriu a porta. Ele podia jurar que o grito da criança ainda ecoava pela casa. As risadinhas mal abafadas de seus amigos indicaram que ele não estava enganado quanto ao que acabava de ouvir.

Quando a criança gritou o nome de Penélope e a mulher berrou de volta, Ashton ainda estava muito chocado para se surpreender.

— Pode entrar — disse o menino. — Meu nome é Paulinho, sou filho ilegítimo do primo Orion. A sala fica por aqui.

Ashton analisou cuidadosamente o local enquanto acompanhava o menino. Era uma casa espaçosa e muito limpa. Os móveis da sala para onde o garoto os levou eram de boa qualidade, mas um pouco desgastados. Ashton reconheceu dois dos meninos que salvaram Penélope jogando xadrez em uma mesa num dos cantos da sala imensa. Os olhares que lançaram em sua direção não foram nada amigáveis, apesar das educadas saudações murmuradas. Acima da sua cabeça parecia haver um pequeno exército se movimentando de um lado para outro.

— O senhor já conhece os dois — o menino disse, apontando para Estefan e Darius, — mas eu não o conheço.

Ashton apresentou seus amigos ao menino enquanto todos se sentavam pela sala nos sofás e nas cadeiras, que por sinal eram bem mais confortáveis do que aparentavam. Eram do tipo de móveis que as pessoas mandam para o sótão quando resolvem trocar por aquelas cadeiras modernas e luxuosas em que um homem precisa se sentar com todo cuidado. Ele ergueu os olhos que examinavam o caro tapete sob seus pés, surrado pelo tempo e pelo uso, para se deparar com o pequeno querubim, chamado Paulinho, sentado sobre a mesinha de centro, encarando-o sem reservas.

— Eles realmente viram o senhor nu naquele bordel? — Paulinho perguntou com a voz suave e os olhinhos azuis arregalados cheios de inocência.

O calor de um rubor que não era comum aqueceu as bochechas de Ashton. Ele nem se deu ao trabalho de lançar um olhar de repreensão para os outros dois garotos, pois sabia que não iria conseguir conter as risadas. Em vez disso, encarou seus amigos, que não conseguiam esconder o divertimento. Voltando o olhar para o menininho, Ashton se perguntou se ele era de fato tão doce quanto aparentava. Havia um brilho nos olhos encantadores que fez Ashton pensar que Paulinho poderia até não compreender todas as implicações do que dizia, mas sabia muito bem se tratar de algo muito ousado.

— Eu não estava esperando visitas, naquele momento — foi sua resposta.

— O seu negócio é mesmo tão grande quanto o de um cavalo?

— Paulinho!

Penélope avançou pisando firme na direção da mesa ao mesmo tempo em que todos os homens se levantaram. Mais que depressa, Paulinho ficou em pé e ela colocou a bandeja cheia de pãezinhos, tortinhas de frutas e bolinhos sobre a mesa. No íntimo, agradeceu ao destino por tê-la inspirado a aprender a cozinhar, pois a inesperada visita certamente seria muito mais constrangedora do que prometia caso não houvesse nada para oferecer aos visitantes. Em seguida, ela franziu a testa para Paulinho, que agora parecia mais angelical ainda, indicando que ele havia se metido em confusão. Considerando o que acabara de ouvir,

porém, ela achou melhor deixar para repreendê-lo mais tarde. Esta não era uma conversa que ela desejava ter na frente de cinco cavalheiros.

— Meninos, se vocês pudessem fazer a gentileza de se retirarem, eu ficaria grata — ela disse. — Avisem aos outros para nem se darem ao trabalho de tentar ouvir a conversa, pois pretendo fechar a porta. — A cara dos meninos indicava que eles sabiam muito bem que quaisquer chances de escutarem às escondidas eram nulas. As portas da sala de estar eram muito grossas.

— Você trouxe todos os bolos para eles? — Paulinho perguntou.

— Não. Agora, por favor, saia daqui.

Uma rápida olhada na direção da porta, e Penélope percebeu que os outros garotos já tinham descido e estavam espiando do lado de fora da sala, obviamente escapuliram da guarda do tutor Septimus. Ela estava prestes a dizer para eles saírem quando Artemis afugentou a todos, trazendo consigo os bules de chá e café. Ao entrar na sala, ele se inclinou em cortesia para os homens, e depois saiu, levando consigo os três retardatários. Assim que as portas se fecharam, Penélope fez sinal para os cavalheiros se sentarem e se ocupou em servir chá e café de acordo com a escolha de cada um, na esperança de que a atividade ajudasse a acalmá-la antes que houvesse qualquer tentativa de iniciar uma conversa.

Os homens se apresentaram, inclinaram a cabeça numa mesura e beijaram a mão de Penélope antes de retomarem os assentos e aceitarem o chá. Penélope foi ficando mais e mais ansiosa à medida que se apresentavam e ela tentava memorizar um detalhe de cada para depois se lembrar. Cornell Fincham era alto, tinha cabelos fartos e era muito bonito, e ela já sabia de antemão que ele era o terceiro filho de um duque. Brant Mallam, o Conde de Fieldgate, era quase bonito com seus cabelos castanho-escuros, no mesmo tom dos olhos. Whitney Parnell, o Barão de Ryecroft, aparentava ser um jovem namorador e alegre até que se olhasse bem no fundo dos seus olhos azuis. Victor Chesney, o Barão de Fisherton, parecia muito meigo com seus cabelos castanhos e olhos cor de mel,

isso até sorrir. E por último, é claro. Radmoor, o visconde que fazia seu coração disparar de desejo. Cinco solteiros lindos sentados na sala da sua casa. As mães casamenteiras de Londres dariam tudo para estarem ali.

Quando finalmente ocupou o único assento vago, próximo à mesinha, Penélope sentiu um nó em seu estômago. O fato do assento ser ao lado de Radmoor só piorou as coisas. Afinal, ele a vira quase nua e ela o vira gloriosamente nu. Nenhuma das regras de etiqueta social que havia aprendido dizia o que fazer em uma situação como esta. Nem davam nenhuma instrução de como conduzir uma conversa educada com cinco homens que sabiam que ela esteve amarrada a uma cama de bordel.

Ashton terminava de comer o delicioso bolo de limão quando notou algumas manchas de farinha nos cabelos de Penélope e em uma das mangas do vestido. Por algum motivo que fugia à sua compreensão, ele achou que o desalinho só serviu para torná-la ainda mais adorável.

— Foi você mesma quem fez tudo isso? — ele perguntou, acenando na direção de todos os bolinhos e pãezinhos numa tentativa de quebrar o peso do silêncio que pairava sobre todos.

— Sim. Fui eu mesma que fiz — ela respondeu. — Gosto de cozinhar. Ajuda-me a pensar. Mas as tortinhas de framboesa foram feitas por uma cozinheira. Ela sempre nos manda algo, mas as pessoas para quem ela trabalha não sabem disso. Eles nem vão perceber que ela mandou — tratou de explicar rapidamente.

— Seu segredo está seguro conosco — disse Lorde Mallam ao mesmo tempo em que apanhava outra tortinha de framboesa.

— Por que nunca a vi na casa dos Hutton-Moore? — Ashton perguntou, pois não agüentava mais os joguinhos sociais, e de repente estava desesperado para ouvir algumas respostas para todas as perguntas que giravam na sua mente.

Silenciosamente, Penélope repetiu cada palavrão que conhecia ciente de que mais tarde se sentiria envergonhada com o tamanho da lista. Pelo jeito,

Radmoor sabia exatamente quem ela era, mas ela se agarrou à pequena chance de que mesmo assim conseguiria persuadi-lo de que ele estava enganado.

— Por que eu deveria estar lá?

— Seu sobrenome é Wherlocke.

— Como sabe disso?

— Está escrito na frente desta casa. Há uma placa ao lado da porta onde está escrito TOCA WHERLOCKE.

— Ah! Eu tinha me esquecido daquilo. Foi o meu primo Orion que colocou. — E ela pretendia lhe dar umas boas palmadas por isso da próxima vez que o visse. — Foi uma brincadeira. Era isso ou BANGALÔ DOS ILEGÍTIMOS.

Ashton não sabia se ficava chocada ou se ria e notou que seus amigos sofriam da mesma dúvida.

— Os membros da sua família costumam trazer para cá seus... — Ashton hesitou, em busca da palavra certa, e então notou que ela tinha o mesmo brilho travesso que ele vira nos olhos do pequeno Paulinho.

— Bastardos? — ela disse e sorriu quando os amigos de Ashton riram. Até mesmo Ashton acabou sorrindo. — Sim, é, mas não foi planejado. Meu pai não era muito fiel a minha mãe, por isso vieram Artemis e Estefan. Quando mamãe se casou novamente, seu novo marido se recusou a acolher os meninos, o que só foi explicitado depois do casamento, é claro. Minha mãe não teve forças, ou talvez, não sentiu vontade de lutar contra o homem por causa disso e assim tia Olímpia arrumou esta casa para nós. Ela estava desocupada, pois a área onde está localizada deixou de ser considerada uma zona de respeito. Eu trouxe meus irmãos para cá. Depois, os outros começaram a chegar, um a um, começando por Darius, filho de uma amante do tio Argus, que resolveu se casar e não podia levar a criança com ele. Argus comprou a casa da tia Olímpia e colocou no nome dos meus irmãos e no meu, e no nome dele como responsável até que eu atinja a maior idade. São ao todo dez garotos que moram aqui, e seus pais fazem

o que podem para ajudar com o dinheiro necessário para criá-los.

— Eles não deveriam estar na escola?

— Eles vão quando temos dinheiro para mandá-los, mas normalmente um tutor é tudo que podemos pagar.

— E você mora aqui? É por isso que nunca a vi na casa dos Hutton-Moore?

— Não, eu moro lá. Até onde sei. Charles e Clarissa não sabem sobre a existência desta casa. Venho aqui quando posso. Felizmente, quase sempre. Até completar vinte e cinco anos, devo continuar morando na casa dos Hutton-Moore.

Penélope concluiu que os homens não precisavam saber que ela continuava morando lá apenas por acreditar que este era o único meio de conseguir reclamar o direito de posse da casa depois da propriedade passar legalmente para seu nome. Assim como eles não precisavam saber que constava também no testamento que isso deveria acontecer quando ela completasse vinte e cinco anos ou quando se *casasse*. Até onde ela sabia, a casa que seus meios-irmãos tomaram era tudo que restara da fortuna que sua mãe havia levado consigo para o segundo casamento. Ainda havia uma boa possibilidade de ela perder a casa e ficar com nada além de uma parca pensão anual, mas ela tinha a teimosa esperança de que Charles não teria coragem de roubar a casa também, assim como desconfiava que ele roubara todo o restante.

— Você ainda não respondeu por que eu nunca a vi lá — Ashton demandou.

— É verdade, nenhum de nós consegue se lembrar de tê-la visto em qualquer outro lugar — adicionou Lorde Mallam. — Em nenhum evento social. — Nunca ouvi os Hutton-Moore mencionarem algo sobre você — disse o Barão de Fisherton. — Apesar da senhorita também ser uma Hutton-Moore.

— Somente no nome — Penélope disse, percebendo que os homens estavam bem informados sobre sua vida. — O falecido barão só me adotou

porque achou que assim seria mais fácil colocar as mãos em tudo que meu pai havia deixado para mim. O que fazia de mim um deles morreu com o barão e minha mãe. Fui mandada para o sótão e lá estou quase esquecida. É por isso que posso vir para cá com tanta freqüência sem que ninguém perceba. Ou se importe. Contanto que eu me mantenha distante, eles não se incomodam comigo. Acho que até prefiro que as coisas fiquem como estão.

Ela deu um sorrisinho ao perceber a fisionomia de espanto dos rapazes.

— Os criados me contam sobre o que acontece na casa e, coro em admitir, costumo escutar às escondidas. A casa possui vários caminhos e passagens secretas que os Hutton-Moore desconhecem. Por motivos que nunca me foram explicados, minha mãe nunca contou ao marido sobre os esconderijos e me deu ordens estritas para guardar segredo.

— E foi assim que a senhorita soube que eu estava noivo de Clarissa ou foi pelo jornal? — perguntou Ashton.

— Eu soube por Charles e Clarissa, mas não tive que escutar às escondidas para saber disso. O clima ficou um tanto, digamos agitado depois que o senhor deixou a casa, nesta manhã, Lorde Radmoor. — E a ira de seus meios-irmãos ecoava pelos ares de modo espantoso, mas isso não era algo que ela poderia contar a estes rapazes.

Ashton sorriu e então a fitou surpreso.

— Então naquela noite você já sabia quem eu era.

— Sabia. — Ela fez um esforço tremendo para tentar conter o súbito rubor, mas o leve calor em suas faces indicou que não tinha adiantado muito.

— Não pode ser! Por que não me disse nada?

— Aquela poção me deixou confusa, milorde, e tentei me explicar como pude — ela franziu a testa. — Mas o senhor veio aqui porque está com medo que eu conte para Clarissa sobre o que aconteceu naquela noite? — Penélope tinha quase certeza de que Clarissa sabia de tudo que acontecera, exceto o fato de que Radmoor era o homem que se deitara com ela. Ela só tinha dúvida

quanto à participação de Charles na trama.

— Não, eu... — Ashton passou a mão sobre os cabelos cuidadosamente penteados. — Não sei ao certo o que vim fazer aqui. Vim pedir desculpas, eu acho. — Suspirou quando ela balançou a cabeça e murmurou que não era necessário. — Não? Sei que reagi com certa superioridade quando você tentou me contar o que tinha lhe acontecido. Na verdade, acho que foi o choque de ter descoberto quem você é e a esperança de provar que o meu mordomo estava errado foi o que me trouxe até aqui. Foi ele quem nos deu todas as informações sobre os Wherlocke — ele explicou quando ela se mostrou confusa. — Você sabe como, ou melhor, por que foi parar naquele lugar?

— Para começar, eu tinha saído daqui mais tarde do que de costume e estava voltando sozinha para casa. Depois de anos fazendo isso, acho que acabei ficando muito confiante. Quanto ao por que... Quem sabe? Eu não consigo adivinhar. — Penélope tinha algumas suspeitas, mas não provas, por isso achou melhor guardar as suas desconfianças por enquanto, especialmente porque o homem que estava lhe fazendo perguntas era noivo de um dos suspeitos.

— E quanto aos homens que a raptaram? — perguntou Lorde Mallam. — Sabe algo sobre eles?

Depois de olhar para cada um dos rostos muito sérios, Penélope encolheu os ombros e descreveu os três raptadores. Não estava certa como estes homens poderiam ajudá-la, ou por que se davam ao trabalho. Talvez fosse por cavalheirismo, ou por uma questão de honra, ela supôs. Sua única certeza era de que eles não iriam acreditar nas suas suspeitas sobre Clarissa e Charles. Os Hutton-Moore podiam até não serem aceitos por toda a sociedade, ainda assim faziam parte da aristocracia. Era preciso tomar muito cuidado em acusar tais pessoas de algum crime, mesmo a um membro da aristocracia. Além do mais, ela não tinha a prova nem a posição social de que precisava para se fazer ouvida.

Mas vou conseguir esta prova, ela decidiu, e voltou suas atenções para os rapazes. Só de olhar dava para perceber o quanto estavam ultrajados com tudo

que tinha acontecido com ela e intrigados pelo mistério que envolvia a situação. Se o interesse provasse ser mais do que um passatempo, então a ajuda até que seria conveniente, mas ela não podia esperar muito. Na verdade, esperava que o interesse deles diminuísse com o passar dos dias. Pois, se persistissem, ela acabaria passando mais tempo ao lado de Radmoor, e, quando ele se casasse com Clarissa, Penélope sabia que iria sofrer ainda mais depois de tê-lo conhecido melhor.

Seus instintos diziam que conhecer melhor Radmoor não iria ajudar em nada a curar o amor platônico que ela nutria por ele. À noite no bordel já tinha transformado aquele sonho distante em algo muito mais sólido. Pior, em vez dos seus sonhos inocentes de palavras de amor e beijos carinhosos, ela agora tinha sonhos que deixavam todo seu corpo trêmulo e ansioso por algo muito mais intenso do que o desejo suave despertado por um sonho. O desejo ardente havia dado as mãos para a paixão. O único modo de proteger seu coração era procurar se manter o mais distante possível de Radmoor, mas quando os convidou alegremente para voltarem quando desejassem, enquanto os acompanhava até a porta, Penélope soube que não teria forças para evitá-lo.

— O que eles queriam?

Penélope soltou um gritinho e teve um sobressalto, assustada com a chegada silenciosa de Artemis.

— Eles sabem exatamente quem eu sou — ela respondeu enquanto retornava à sala para recolher os pratos.

— Como eles descobriram? — Artemis acompanhou-a para ajudar na arrumação. — Tomamos cuidado.

— Vocês tomaram, mas Radmoor viu a placa ao lado da porta. Depois o mordomo dele terminou de fazer o serviço e deu a ele um monte de informações sobre a nossa família. Agora, pelo jeito, Radmoor e seus amigos querem saber por que eu fui raptada.

— Você sabe por quê.

— Não sei exatamente o motivo, mas desconfio de quem tenha sido o mandante. Posso estar errada. Duvido disso, mas talvez o ressentimento que tenho por Clarissa e Charles me faça pensar que eles fossem capazes de um crime tão odioso.

— Quem mais poderia ser? Penélope encolheu os ombros.

— Não faço ideia. Não conheço mais ninguém, não é mesmo? Mas estou disposta a ir fundo na minha busca por respostas. — Ela sorriu. — Assim como os cinco cavalheiros que acabaram de sair daqui.

— E seus irmãos também.

Artemis falou num tom de voz tão frio e firme que Penélope quase estremeceu. Seu irmão estava deixando de ser um garoto e se transformando em um homem. A descoberta causou um aperto no seu coração pela perda do garoto bonzinho que ela tinha cuidado por tantos anos. Foi a lembrança daquele menininho, no entanto, que a fez sentir vontade de trancar Artemis na adega para que ele não se expusesse ao perigo novamente. Pois a busca pelas respostas do que tinha motivado seu rapto certamente seria uma aventura muito perigosa.

— Artemis — ela iniciou.

— *Vou* descobrir quem fez aquilo com você, Pen. Não tente me impedir. A intenção dele era exatamente essa, mas ela sabia que isso seria impossível.

— Apenas prometa que vai tomar cuidado.

— Sempre tomo.

Era mentira e ambos sabiam. Raramente os Wherlocke tomavam cuidado. Enquanto seguiam rumo à cozinha, Penélope se conformou com a ideia de que teria de se preocupar com os seus garotos ainda mais do que de costume. Uma voz sussurrou em sua mente que ela deveria se preocupar também com Radmoor, mas ela calou-a. Radmoor era um homem adulto, noivo de Clarissa. Ele que se preocupasse consigo mesmo.

— Você falou sério sobre a sua intenção de descobrir por que a Srta. Wherlocke foi raptada? — perguntou Cornell enquanto ele e os outros seguiam

Ashton até o seu escritório. — Muito sério — Ashton respondeu ao se servir de uma dose de conhaque e depois acenar para os outros se servirem. — Ela é nada mais, nada menos que filha de um marques e, apesar do bando de irmãos e primos — ele ignorou as risadas dos amigos —, ela não tem quem a proteja. Acredito que aqueles meninos são capazes de fazer qualquer coisa por ela, mas eles não passam de garotos. — Ele se sentou à sua escrivaninha e descansou os pés sobre ela.

— E você resolveu assumir o papel?

Olhando para seus amigos que se espalhavam confortavelmente em seus assentos e ouviam atentos, ele assentiu.

— Talvez seja porque tenho irmãs, e estremeço só de pensar que aquilo poderia ter acontecido com uma delas. Apesar de não ter dado ouvidos ao que ela disse naquela noite, eu me considero um homem razoável e justo. Depois de ter tempo para clarear as ideias, percebi que não foi apenas o que ela disse que indicou a sua inocência e caráter. Houve muitos outros sinais que eu simplesmente ignorei. Alguém encomendou aquele rapto e quero saber quem foi.

— E eu quero saber por quê. Ela não possui nada além de dez meninos bastardos, filhos de parentes seus, e uma casa em uma vizinhança decadente — disse Brant e então franziu a testa. — Teria sido um desejo depravado?

— De quem? — *Tirando o meu*, Ashton pensou com um suspiro. — Pelo jeito, ela tem sido mantida no sótão como se fosse uma tia maluca. E, por Deus, por que os Hutton-Moore a tratam assim? Afinal não foi a mãe dela quem os ajudou a sair da situação precária em que se encontravam para a posição que ocupam atualmente?

Subitamente, Cornell se endireitou.

— Isso mesmo. Foi o dinheiro *dela*, a casa *dela* e o bom nome *dela*. — Ele meneou a cabeça os outros homens ficaram tensos e contraíram o semblante. — Por que a Srta. Wherlocke não é considerada uma herdeira?

— Talvez a mãe dela não tenha tomado o cuidado de protegê-la da ganância do falecido barão — Ashton disse, apesar de não ter acreditado muito nas próprias palavras. — O pai dela pode ter morrido de repente sem deixar nenhum testamento... — Ele parou e balançou a cabeça. — É claro que havia um testamento. No momento em que o homem recebeu o título, os familiares devem ter exigido que ele fizesse um. Acho que precisamos investigar um pouco melhor a vida dos Hutton-Moore.

— Talvez o falecido Marquês de Salterwood fosse tão descuidado com o seu dinheiro quanto era com a sua semente.

— Nenhum de vocês precisa me ajudar se não quiser. Fui eu quem quase a desonrou. Nenhum de vocês fez nada de errado com ela.

— A mulher cuida de dez bastardos simplesmente porque eles têm o sangue dela — Brant resmungou. — Como posso continuar me considerando um cavalheiro se der as costas para uma mulher assim quando ela mais precisa de ajuda?

Eles ergueram um brinde a Penélope por cuidar dos ignorados e rejeitados e em seguida começaram discutir quais informações que precisavam buscar. Ashton não conseguia tirar da cabeça a ideia de que sua noiva e seu cunhado estavam envolvidos. O pensamento não parava de sussurrar ao seu ouvido como se fosse uma obsessão. Já passava da hora de ele verificar pessoalmente a vida dos Hutton-Moore em vez de deixar a missão nas mãos de outros.



CAPÍTULO VI

UM SOM AGUDO PENETROU NA MENTE DE ASHTON, DESPERTANDO-O À FORÇA. Ele soltou um gemido e colocou o travesseiro sobre a cabeça. Não adiantou nada para atenuar o som do que parecia ser um exército de mulheres agitadas e batidas das bagagens sendo trazidas para dentro do seu lar. Droga. Sua família tinha chegado.

— Milorde? E o seu valete também.

Com todo cuidado, Ashton ergueu um pouquinho a ponta do travesseiro para dar uma espiada até se deparar com seu valete, Cotton, olhando para ele e segurando uma caneca. O homem trazia a cura para a sua noite de bebedeira com os amigos. Apesar de sentir o estômago revirando apenas de pensar naquilo, Ashton se sentou e esticou o braço para apanhar a caneca. Tomou a mistura o mais rápido que pôde, esparramou-se de volta na cama e fechou os olhos até que o estômago se acalmasse novamente e a sua cabeça parasse de latejar.

— Milorde, sua família acabou de chegar — anunciou Cotton.

— Eu ouvi. — Ashton se ajeitou na cama, arrependendo-se amargamente da noite de bebedeira.

Deveria ter imaginado que a família viria correndo assim que recebessem sua carta. Sua mãe ficaria ultrajada com o embuste dos Hutton-Moore, apesar de também estar contando com os benefícios do dote que Lady Clarissa iria trazer com o casamento. Seria difícil responder a todas as perguntas sem deixá-la

ainda mais preocupada. Ashton rezou para que sua mente clareasse o suficiente para acalmar as preocupações da senhora e evitasse que as respostas só despertassem ainda mais dúvidas.

— Estou pronto, Cotton. Vamos tentar me deixar um pouco mais apresentável para — Ashton deu uma olhada na direção do elegante relógio sobre a cornija da lareira — almoçar com a minha família.

Estava na hora de se sentarem à mesa para a refeição quando Ashton finalmente se juntou a sua família, incerto se estava preparado para a provação que o esperava. Todos estavam presentes, exceto seu irmão Alexander, mas ele desconfiou que Alex não tardaria muito a aparecer. Ashton conduziu a mãe até a cadeira ao lado da sua. Seu irmão mais novo, Lucas, acompanhou a tia deles, Sarah, até a cadeira à esquerda de Ashton. O restante da família se acomodou por conta própria. Ashton começou achar que seria melhor verificar se não havia nenhum buraco no seu paletó depois da refeição, pois enquanto o lacaio servia os pratos todos os olhares estavam fixos sobre ele.

— Eu trouxe as esmeraldas Radmoor, Ashton — sua mãe disse assim que Ashton fez sinal para o criado se retirar.

— Não era preciso ter pressa, mamãe — ele falou.

O suspiro de desgosto que ela deixou escapar atingiu-o como um soco. A tradição dizia que ele deveria ter dado o anel a Clarissa logo depois que ela aceitasse o pedido de noivado, seguido pelo bracelete no dia que a data do casamento fosse marcada. Os brincos e o colar só seriam dados no dia do casamento. Ashton não gostava nem de pensar em dar a Lady Clarissa qualquer uma dessas jóias e não apenas porque ela forçara o noivado, uma vez que já planejava se casar com ela. Mas agora ele não confiava mais naquela mulher. No momento em que descobrira como Lady Clarissa tratava a meia-irmã, a incerteza que tinha se queria de fato se casar com a mulher acabou se transformado em uma determinação ferrenha para escapar de qualquer jeito da armadilha que os Hutton-Moore haviam montado. A única coisa que o impedia

de dar as costas para a mulher naquele momento eram as promissórias que estavam em poder de Charles.

— Não quero me casar com Lady Clarissa — ele disse. — Para simplificar, depois do artifício que ela e o irmão usaram para apressar o noivado, não confio mais nela. Nem nele. Descobri também que ela trata muito mal a sua meia-irmã, Lady Penélope Wherlocke.

— Ela faz a irmã limpar o chão como se fosse a Gata Borralheira? — perguntou Constance.

Ashton sorriu para a irmãzinha de apenas oito anos de idade.

— Não, eles têm criados para fazer isso. Mas eles a forçam a permanecer no sótão. — Ao mesmo tempo em que falava com Constance, ele prestava atenção na reação dos outros. — Eles nunca compram vestidos bonitos para ela ou a levam a um baile sequer. Acho que Clarissa não dá à irmã nem os vestidos que não quer mais. A casa onde Lady Clarissa e o irmão moram pertencia à mãe de Lady Penélope, portanto eles deveriam no mínimo oferecer a ela um quarto decente, não acham? — Constance arregalou os olhinhos azuis e balançou a cabeça concordando, fazendo seus cachos loiros pularem com o movimento. — Eles a mantêm escondida de todos e não permitem que ela saia para visitar ninguém nem que converse com as visitas que aparecem na casa. — Tia Aurora parecia estar prestes a chorar. — Preciso pensar no que vou fazer com relação ao modo cruel com que Lady Clarissa trata sua meia-irmã.

— Com certeza — disse Belinda que, com vinte e três anos, era a que mais tinha a perder se ele não se casasse com Lady Clarissa. Ela não tinha ido a nenhum baile ainda e era considerada por muitos encalhada. — Qual era a idade de Lady Penélope quando ela foi deixada aos cuidados deles?

— Não tenho certeza — respondeu Ashton. — Acho que tinha a mesma idade de Lucas. Quinze anos, ou talvez menos.

— E já estava cuidando dos irmãos e acolhendo ainda mais crianças. Ashton percebeu que, apesar de ela mesma não passar de uma criança, Penélope

Wherlocke tinha abraçado a dura missão de cuidar dos bastardos abandonados do seu pai infiel e dos seus parentes. Ela havia, sem hesitar, arrumado um lar para seus meios-irmãos quando a própria mãe tinha dado as costas para os garotos. E uma vez que dava conta do recado muito bem, seus parentes mais que depressa decidiram que ela poderia cuidar dos seus filhos indesejados também. De repente, Ashton teve que lutar para aplacar a ira pelo modo como os familiares de Penélope a tratavam.

— Acho que não gosto da sua Lady Clarissa — disse sua irmã Helen, uma bela jovem de vinte anos que sem dúvida iria receber muitos pedidos de casamento assim que ele tivesse condições de oferecer uma temporada de bailes para ela e um dote decente. — Teremos que morar com você depois que se casar com aquela mulher?

A relutância em fazê-lo estava clara no tom de voz de Helen, mas antes que Ashton pudesse responder, os criados retornaram com as sobremesas. Ashton ordenou que retirassem os restos da refeição, deixassem a sobremesa e depois se retirassem. Todos eram capazes de se servir e ele não queria que o importante assunto de família fosse ouvido e depois discutido entre os criados.

Ele se voltou para a sua mãe assim que os criados deixaram a sala. Lady Mary Radmoor, uma mulher com quase cinquenta anos, ainda era muito bonita. Não havia um fio de cabelo branco entre as madeixas ruivas, e poucas rugas riscavam o meigo rosto oval. Considerando o modo como ela fora tratada pelo marido, Ashton sempre se surpreendeu que ela não tivesse se tornado uma mulher infeliz ou amarga. Havia, no entanto, algo de inquietação em seus olhos azuis. Olhos que sempre levaram as pessoas a imaginar que Lady Radmoor era muito meiga, mas não muito inteligente. Um grande engano da parte de todos. Ashton sabia disso, enquanto a observava, sua mãe pesava cuidadosamente a importância de cada uma das palavras que ele acabava de dizer.

— Ouvi falar sobre os Wherlocke — anunciou Lady Sarah no momento em que os criados se retiraram novamente.

Inclinando-se para servir uma porção de purê de maçã para sua mãe, Ashton olhou de canto de olhos para a tia e assentiu, dizendo:

— Sei que é uma família muito grande, especialmente se incluir o ramo dos Vaughn.

— Eles de fato formam um clã bem grande. Assim como também são excêntricos, um pouco selvagens e muito reclusos.

— Foi o que ouvi também. Bem, exceto pela parte do selvagem. — Ah, mas eles são selvagens. Acredito que seja por causa de seus dons. Ashton sabia que a tia não estava se referindo ao dom da música ou da arte.

— A senhora também ouviu falar sobre isso?

Tia Sarah assentiu com a cabeça ao mesmo tempo em que colocava uma colherada de chantili sobre seu pudim de pão.

— Depois de viver por três décadas e mais alguns anos, como eu, você acaba ouvindo uma porção de coisas. Ouve até histórias suficientes sobre um determinado clã recluso para falar com certa propriedade sobre eles. — Ela começou a comer o pudim.

Ele queria esperar educadamente até que ela terminasse de comer, mas após alguns segundos, perguntou: — E?

— É como eu disse, eles são dotados. Quase todos da família são. Dom ou maldição depende do ponto de vista de cada um. Dizem que são capazes de ver espíritos de pessoas que já partiram e até de falar com eles. E que também têm visões, sonhos premonitórios. Ouvi dizer até que, de vez em quando, nasce um capaz de ler a mente das pessoas. Isto tende levar a pobre alma à loucura, mas quem iria se surpreender com isso? Dizem que o atual patriarca do clã foi amaldiçoado com este dom.

— A senhora realmente acredita que alguém possa ler a mente de outras pessoas? Isso é impossível.

— Eu também acho — tia Sarah respondeu com toda seriedade. — Não afirmei que acredito em tudo que acabei de dizer sobre os Wherlocke e os

Vaughn, sobre os dons ou maldições que eles possuem. Mas ao mesmo tempo isto poderia explicar outras coisas que ouvi a respeito deles. Muitos maridos e esposas abandonam seus casamentos e filhos, o que justifica as situações estranhas que acontecem nas famílias com relação a maldições ou feitiçaria. Muitos dos ancestrais deles acabaram sofrendo as severas, e muitas vezes fatais, punições concedidas à prática de bruxaria. Por isso eles são muito reservados, até mesmo reclusos, apesar do título tradicional e honrado e de serem bonitos. Muitos dos meninos acabam sendo educados em casa, e tanto em Harrow quanto em Eton, correm boatos sobre estranhos acontecimentos sempre que um Wherlocke ou um Vaughn caminha por aqueles corredores. Deve haver um fundo de verdade para que tais histórias e boatos persistam por tanto tempo.

— Talvez seja por inveja — sugeriu Belinda, apesar de seus olhos estarem brilhando de interesse. — Se são mesmo tão lindos, encantadores e ricos, certamente deve haver várias pessoas que sentem incitadas a manchar tanta perfeição.

— É verdade, pode ser — disse Lady Mary, mas havia um tom de dúvida na sua voz. — E certamente poderíamos continuar falando sobre eles por horas, mas Constance precisa descansar.

— Não estou cansada — protestou a menina.

— Não? Então por que de repente sua cabeça ficou tão pesada para o seu pescoço que você quase caiu de cara no pudim?

Ashton riu junto com o restante da família enquanto sua mãe guiava para fora da sala à pequena com olhinhos pesados. Os outros acabaram se dispersando pouco depois, dizendo que precisavam se recolher em seus quartos. Ashton desconfiou que todos estivessem mesmo precisando descansar. Sua carta mal cruzara a soleira da porta e a sua mãe já estava dando ordens para que todos fizessem as malas e corressem para perto dele.

Ele se recolheu em seu escritório, onde, duas horas depois, sua mãe o encontrou. Ela estava tão séria que Ashton achou melhor servir-lhe uma dose de

vinho, antes de qualquer coisa. Não que tivesse certeza se estava prestes a ser interrogado ou se levaria uma bronca, mesmo assim ocupou a cadeira atrás da escrivaninha e tentou se preparar para qualquer uma das eventualidades. O modo como sua mãe demorou a se acomodar na cadeira e a tomar um gole do vinho só serviu para aumentar ainda mais a ansiedade.

— Como você conheceu Lady Penélope Wherlocke? — ela perguntou subitamente.

Pelo jeito, sua mãe passara o tempo todo pensando em vez de descansar, Ashton concluiu. Não sabia ao certo como responder a pergunta. Depois de pensar um pouco, decidiu contar a verdade. Era duro admitir, mas depois do comportamento de seu pai, sua mãe provavelmente não se espantaria ao ouvir falar de madames ou bordéis. Não era sua intenção, no entanto, deixar que ela soubesse quão próximo ele chegara de deflorar a filha de um marquês. Ele respirou fundo e contou toda a história, tomando o cuidado de omitir alguns detalhes importantes e abrandar os mais chocantes. Na sua versão dos fatos, ele nem ficara nu e acreditara de imediato em Penélope. A chance de que a sua mãe discutisse sobre o acontecido com os garotos que salvaram Penélope era mínima, mas mesmo assim ele rezou para que isso nunca viesse a acontecer.

— Pobre garota — disse sua mãe, e só então Ashton respirou aliviado. Ela havia acreditado nele. O segredo sobre o seu momento de loucura devassa ainda estava seguro, pelo menos da sua família.

— Você compreende que, por uma questão de honra, deveria se casar com ela e não com Lady Clarissa?

— Não fui eu quem raptou a moça — Ashton disse, acalmando o súbito interesse que brotou dentro do seu coração diante da sugestão da sua mãe. — Apenas ajudei no resgate. — Mas ele suspirou quando a mãe continuou encarando-o apenas, sem nada dizer. — Mãe, ela não tem dinheiro. Tudo que possui é uma casa em uma vizinhança não muito respeitável e dez garotos para cuidar.

— Dez! Ela tem dez irmãos?

— Não. Ela tem dois. Meios-irmãos. Os outros são primos. Todos bastardos, mãe. Após muito pensar sobre a estranha situação cheguei à conclusão de que, depois de instalar os irmãos e de cuidar tão bem deles, todos os homens da família começaram a vê-la como a pessoa perfeita para cuidar dos seus filhos ilegítimos. É muito bonito da parte dela tomar conta dos rejeitados, mas com isso creio que será praticamente impossível que ela seja aceita pela sociedade, apesar de ser uma filha legítima de um marquês.

— É com pesar que digo isso — Ashton continuou — é com pesar que permitirei que isso guie meus passos agora, mas precisamos de dinheiro. Assim como precisamos continuar fazendo parte da sociedade. Não apenas por Belinda, Helen e Constance, mas para encontrar um modo de mantermos nossos bolsos cheios. O dote de Clarissa é tentador, mas vai acabar depois que as nossas dívidas forem pagas, que separarmos o dote de cada uma das meninas e depois que forem feitos os reparos necessários em Radmoor e nas nossas outras propriedades. Se eu não me casar com uma mulher que tenha um bom dote, então teremos que começar a vender algumas das nossas propriedades que não estão vinculadas ao título. A cada uma que vendermos menos recursos meus irmãos terão para sobreviver e menores ainda serão as chances de juntarmos um dote decente para minhas irmãs. Assim como diminuirão as chances de conseguirmos recuperar a fortuna que perdemos.

Lady Mary suspirou.

— Mas eu gostaria que além de se casarem bem, meus filhos também se casassem por amor. E não ria, pois isso acontece. E é isso que faz um casamento ser bom, que mantém as pessoas unidas não importa o que venha atingi-las ao longo da vida. Mas as besteiras que seu pai fez roubaram esta chance de você.

— Serei feliz — ele disse, apesar de saber que era mentira.

— Não com aquela mulher. Ela forçou este noivado, roubou-lhe a opção de mudar de ideia ou até mesmo de olhar para outra mulher. Ela esconde a própria

irmã como se a garota fosse algum tipo de segredo sujo. Diga, esta tal de Lady Penélope é uma moça bonita?

— Sim, mas não possui uma beleza convencional.

— Ah, mas são as que mais encantam um homem. Estou certa de que este é um dos motivos pelo qual a escondem no sótão, bem longe dos olhos dos cavalheiros que vêm fazer a corte à Lady Clarissa.

— Talvez este possa ser um dos motivos. Lady Penélope acredita que a casa é sua, mas a escritura só passará para o seu nome definitivamente depois que ela completar vinte e cinco anos.

— E mesmo assim eles a tratam como se ela fosse um parente pobre distante? Lady Mary balançou a cabeça. — A situação é muito pior do que eu pensava. Tudo que você disse a respeito de Lady Clarissa só faz com que eu tema ainda mais esta união. Será que não existem outras herdeiras?

— A senhora acha que não procurei? — Ashton sorriu ao perceber a pontinha de raiva que deixou escapar no seu tom de voz e depois suspirou. — Não encontrei mãe. Apesar do meu título e do sangue puro, não sou a primeira escolha para os pais protetores e guardiões. Todos sabem que estou precisando de dinheiro, apesar de eu não imaginar como isto escapou, uma vez que fizemos de tudo para esconder. Os Hutton-Moore estão em busca de uma união com uma família tradicional para que assim consigam obter um título melhor. Uma tradição que lhes dê algum poder. — Ao perceber a teimosia estampada no rosto da mãe, capaz de colocar obstáculos no seu casamento com Clarissa, ele resolveu contar toda a verdade e não apenas como ele estava preso a esta armadilha. — Mãe, Lorde Charles comprou as notas promissórias do papai.

— Que punhalada a do porco imundo! Ele o ameaçou de protestar as dívidas, é isso? Um tanto chocado ainda por ouvir sua mãe soltando uma blasfêmia, Ashton apenas aquiesceu com um aceno de cabeça.

— Sei que não é certo falar mal dos mortos, mas seu pai era um homem egoísta. Profundamente egoísta. Nunca pensou em nada além dos próprios

prazeres e por isso nos deixou na miséria. Arruinou nossa vida com as suas aventuras. Agora, você vai ser obrigado a se casar com aquela bruxa. Eu tenho uma filha que está com vinte e três anos e outra com vinte e nenhuma das duas sabe o que é uma temporada de bailes e festas, Lucas teve que abandonar os estudos e estamos todos entre os devedores. Dei para aquele homem a minha juventude, a minha lealdade e seis filhos, e tudo que ele me deu em troca foi uma traição após a outra. — Ela respirou fundo e lutou visivelmente para acalmar sua raiva.

— Sinto muito, mãe.

— Você não tem motivos para pedir perdão, Ashton. Eu deveria ter feito algo, qualquer coisa, para assegurar que ele não roubasse o futuro dos meus filhos. Mas eu falhei com todos vocês. A única atitude corajosa que tive foi quando bati a porta do meu quarto depois que descobri que estava esperando Constance. E, no fim das contas, foi o que salvou a minha vida. No entanto, fiz pouco para salvar a vida de todos vocês.

Quando viu o brilho das lágrimas nos olhos da mãe, Ashton correu para encher a taça dela com mais vinho. Sua mãe nunca fora de falar muito sobre todas as tristezas que sofrerá ao lado do marido, mas ficou claro que ela sentia muita raiva e dor em seu coração. Ele odiou ouvi-la se culpar por todos os problemas que a família estava enfrentando. Alguns goles de vinho foram suficientes para que ela começasse se acalmar e as lágrimas que pesavam em seus olhos cessassem. Só então Ashton retomou o assento.

— A senhora também não tem por que se sentir culpada de nada, mãe — se apressou em dizer. — A senhora não tinha poder para detê-lo. A lei garante isso, não é mesmo?

Antes mesmo que a sua mãe tivesse tempo de articular uma resposta, alguém bateu à porta. Ashton contraiu as sobrancelhas quando Marston entrou após receber permissão, caminhou até sua escrivaninha e lhe entregou uma carta. O forte perfume de rosas indicou quem era o remetente. Sua noiva dissimulada

queria algo. Ashton duvidou que a carta que segurava em suas mãos contivesse um pedido de desculpas ou arrependimento. Em vez disso, encontrou uma ordem mal disfarçada para que acompanhasse Clarissa a um jantar, na casa dos Burnage, naquela noite.

A exigência, o tom da pequena missiva, e o fato de Clarissa ter enviado o aviso pouco menos de duas horas antes do evento indicou a Ashton que ela sabia que Charles o tinha em suas mãos. Era como se Clarissa pensasse que havia comprado um marido. A mulher obviamente queria um marido em quem mandar e mostrou que não tinha nenhum pudor para usar os problemas financeiros dele como chicote.

Ashton considerava a hipótese de recusar o convite forçado com uma missiva ainda mais rude, quando se lembrou de quem eram os Burnage. Edward Burnage era um barão, seu título só tinha uma geração a mais do que os dos Hutton-Moore, mas fora conquistado de uma maneira um pouco mais honrada do que arrumar uma mulher para aquecer a cama do rei. Burnage era comerciante, sabia muito sobre o mundo dos negócios e era um gênio nessa arte. O ganha-pão manchava um pouco seu nome, mas mantinha seus bolsos sempre cheios. Poderia haver alguns benefícios em passar a noite ao lado de um homem como aquele e seus amigos. Melhor ainda — Ashton pensou e quase sorriu — Clarissa ficaria extremamente aborrecida se ele conversasse apenas sobre negócios a noite toda.

— O mensageiro ainda está esperando? — ele perguntou para Marston enquanto escrevia uma resposta curta no rodapé da carta.

— Sim, ele está Radmoor — disse uma voz muito mais jovem do que a de Marston. Ashton olhou para o garoto que estava parado próximo à porta, olhando feio para Marston.

— Hector?

— O senhor conhece este garoto, milorde? — perguntou Marston. — Ah, claro. Deve tê-lo visto na casa de Lady Hutton-Moore. Peço desculpas pela

intromissão dele. Eu disse para que esperasse no vestíbulo. Creio que ele deva ter sido mal ensinado.

— Sem dúvida. Venha até aqui, Hector. — Ashton segurou um sorriso ao ver a careta que Hector fez para Marston antes de se aproximar da escrivaninha pisando duro. — Quando você começou trabalhar na casa de Lady Clarissa?

— Ontem. Está na moda contratar pajens. E algumas moedas não vão fazer mal algum. — Ele soltou um sorriso meigo.

— Não é por isso que você está trabalhando lá. — Havia nos olhos cor de âmbar do jovem um brilho de esperteza que dizia para Ashton que ele não conseguiria arrancar a verdade de Hector não importava quantas vezes tentasse. Não agora.

— Não? Por que outro motivo eu estaria aqui, milorde? — Ele apanhou a carta da mão de Ashton. — É melhor eu voltar logo, senão a va... a bela Lady Clarissa pode se aborrecer. Ela não gosta de esperar e é rápida com as unhas. E com os punhos também — ele murmurou e então corou. — Não conte isso para Pen.

O garoto se foi, Marston saiu no seu encalço, antes que Ashton tivesse tempo de dizer algo. Clarissa certamente maltratava os criados. E o fato de ele não ter ficado nada surpreso com isso era mais um motivo para escapar das garras daquela mulher. Ele já havia passado por cima de muitas coisas e agora estava pagando o preço por isso.

— Se o garoto começou a trabalhar ontem para Lady Clarissa, como você o conhece então? — perguntou a sua mãe.

— Ele é um dos meninos de quem Lady Penélope cuida — respondeu Ashton. *E se ela descobrir que Clarissa está maltratando o menino, com certeza irá fazer com que a outra pague por isso.* Disso, Ashton tinha certeza. Só não tinha certeza se seria bom para ela fazer tal coisa.

— Sei! — Lady Mary exclamou, sorrindo.

— O que a senhora quis dizer com este "sei"?

— Que ele é um espião, Ashton. Desconfio que sua amiga, Lady Penélope, ao perceber que nem sempre é possível ficar com o ouvido colado à porta, resolveu arrumar um espião para fazer isso. Aquele menino poderá ir a lugares onde ela não pode, tanto por não possuir os trajes adequados quanto por temer que os Hutton-Moore descubram.

— Eu me pergunto se ela sabe o que os meninos estão aprontando. Conheci alguns dos garotos rapidamente, mas não me surpreenderia se descobrisse que eles estão armando algum plano por conta própria. Lady Penélope conhece seus meios-irmãos muito melhor do que eu e sinceramente duvido que ela quisesse qualquer um dos seus garotos perto daqueles dois.

— Provavelmente, não. — Lady Mary deu uma olhada na direção da porta. — Então aquele era um Wherlocke. É um menino belo e com uma cor de olhos rara, mas muito bonita. Talvez os boatos de que os Wherlocke e os Vaughn são abençoados com a beleza não seja apenas uma fala invejosa. — Ela olhou de volta para Ashton. — Ele definitivamente não está trabalhando para a sua noiva por causa de algumas moedas, apesar de que com aquela beleza e lábia ele certamente ficará com os bolsos cheios.

— Em breve terei a oportunidade de arrancar a verdade dele, uma vez que desconfio que Clarissa deva estar levando-o junto para todos os lugares. Ela provavelmente pensa que isso eleva a sua posição de futura viscondessa.

— Aquela carta foi um pequeno aviso para mostrar quem manda, não foi?

— Exatamente. Só que, desta vez, vou responder à altura. Ela quer que eu a acompanhe à casa dos Burnage.

— Sim, o comerciante. E um muito bem-sucedido, também. Todos os filhos, e até algumas filhas, frutos da primeira geração do barão, parecem ter o toque de Midas. Sem dúvida já deviam ter antes do título, mas a sociedade é que não dava atenção.

— Vamos rezar para que um pouco da sorte encoste em mim. Estou noivo a menos de um dia e não vejo a hora de fugir do altar. — Ele se levantou. — Se

a senhora me der licença, preciso me arrumar. Ela espera que eu passe para apanhá-la dentro de duas horas.

A noite estava apenas na metade e Ashton já sentia como se não coubesse mais nenhum conselho dentro da sua cabeça. Burnage e muitos dos seus companheiros sabiam sobre a sua situação financeira e por que ele estava atolado em dívidas. Mas seu embaraço por este fato logo se desfez e foi deixado de lado quando começou ficar cada vez mais claro que eles sabiam exatamente de quem era a culpa pelas dificuldades financeiras que ele e sua família estavam enfrentando. Ashton percebeu que eles o admiravam por tentar encontrar um meio de sair daquela confusão e por não ter hesitado diante da possibilidade de entrar para o mundo dos negócios, algo que para muitos da sua classe social era considerado uma queda de padrão e status.

Lorde Edward Burnage possuía a franqueza rude e a boa natureza de um fazendeiro, mas tinha uma mente brilhante para lucrar. Ashton não sabia se era porque o homem acreditava que nenhum filho deveria sofrer pelos pecados do pai, ou se o homem não gostava mesmo dos Hutton-Moore, mas Burnage prontamente acolheu Ashton sob a sua asa. Assim como concedeu a Ashton a honra de acreditar que ele entendia o que o jovem estava dizendo, e que respeitava a sua inteligência.

Pela primeira vez, há muito tempo, o coração de Ashton voltou a pulsar com esperança. A princípio, sua falta de dinheiro para investir em quaisquer esquemas de que Burnage falou a respeito só serviu para agravar ainda mais os seus ânimos. Então Burnage lhe deu uma sugestão que foi como um raio de sol surgindo por detrás de nuvens negras. Uma sociedade com um ou dois amigos. Ashton até já sabia quem poderia convidar. Sabia que não teria condições de levantar fundos para fazer um investimento decente sozinho, mas certamente conseguiria levantar uma parte do que precisava.

— Acho que a sua noiva está a sua procura — Burnage disse. — Você sabe onde ela compra aquelas roupas para o pajem dela? Pois quero me

certificar de nunca comprar lá — ele adicionou num tom baixinho quando Clarissa se aproximou, arrastando Hector junto.

Ashton sabia que deveria se ofender. Afinal de contas, tinha sido um ataque direto ao bom-gosto da sua futura esposa. Mas em vez disso, acabou sorrindo. Hector escava usando um paletó violeta com rendas cor-de-rosa que saíam dos punhos e do pescoço, um colete bordado com o que pareciam ser todos os pássaros da Inglaterra brigando por um lugar e sapatos decorados com fivelas prateadas. Os lisos cabelos pretos haviam sido levemente empoados, ganhando um tom de cinza, e a trança estava adornada com um generoso laço rosa.

Ele olhou nos olhos de cor âmbar do garoto e percebeu um desejo ousado de rir. Mas havia também algo de dor na fisionomia do rapazinho e Ashton baixou os olhos para o braço fino que Clarissa segurava. Ela apertava tanto o braço de Hector que deve ter cortado toda a circulação do sangue para os dedos do garoto e as suas longas unhas deviam estar enterradas na carne, apesar das camadas de tecido. Ashton avançou, tirou a mão dela do braço de Hector e colocou sobre o seu.

— Por acaso veio me dizer que já está pronta para ir embora? — ele perguntou.

— Mais do que pronta. — Ela olhou ao redor para se certificar de que não havia ninguém por perto para ouvir, Burnage havia se afastado, e soltou — Eu não sabia que você gostava tanto do mundo dos negócios.

Clarissa era uma mulher bonita, com belos olhos castanhos, cachos fartos e um belo corpo, mas Ashton agora percebia que a beleza era superficial. Que não havia bondade ou um coração sob aquela estampa. Brant enxergara aquilo muito mais rápido do que ele, mas agora os olhos de Ashton estavam abertos. Abertos o bastante para saber que ele não deveria passar o resto da vida ao lado dessa mulher, e Burnage, com seu abençoado coração de comerciante, acabara

de lhe ensinar os caminhos que ele poderia seguir para escapar deste triste destino.

— Então vamos embora — ele disse enquanto a conduzia até a anfitriã, a irmã viúva de Burnage. Ele também estava com vontade de ir para casa. Precisava tomar nota de tudo que aprendera naquela noite, pois isto poderia lhe dar a liberdade após anos de servidão aos excessos do seu pai.



CAPÍTULO VII

—TOME CUIDADO, PAULINHO.

Penélope agarrou o menininho antes que ele saísse andando sem pensar pela rua movimentada. Para alguém que já dava sinais de possuir um forte dom de prever as coisas, às vezes ele agia às cegas como qualquer criança da sua idade. Ela não costumava levar o ativo menino ao mercado, mas neste dia, os mais novos estavam muito ocupados com o tutor e Paulinho estava tão inquieto que não deixava ninguém prestar atenção ao que o homem dizia. Os mais velhos simplesmente tinham desaparecido misteriosamente. Até mesmo Hector saíra quando deveria estar fazendo suas lições. Mais tarde, ela teria que reunir todos os garotos para passar um belo sermão. Eles ainda eram muito jovens para vagar sozinhos pelas perigosas ruas da cidade.

— O que você vai comprar? — Paulinho perguntou ao mesmo tempo em que seguia pulando de um pé para o outro ao lado de Penélope.

— Acho que vou comprar algo para colocar no cozido. A filha da Sra. Stark ainda não está se sentindo muito bem, por isso ela só teve tempo de nos trazer um pouco de pão, presunto e ovos. Isto deve dar para o almoço de hoje e para o café da manhã de amanhã, mas preciso preparar algo para vocês comerem no jantar.

— Não quero carne de carneiro.

— Não vou fazer carne de carneiro. De qualquer maneira, não sei preparar aquela carne muito bem. — Ela não tinha certeza se a Sra. Stark também sabia, pois a última vez que Penélope provara definitivamente só servira para

contribuir ainda mais com a aversão que Paulinho já tinha pela iguaria.

Ela suspirou quando Paulinho correu até a vitrine de uma loja onde havia vários soldadinhos de chumbo expostos. Os bonequinhos eram bem feitinhos e pintados em cores vibrantes. A tentação perfeita para um garotinho. Penélope desejou ter dinheiro naquele exato momento para poder comprar alguns. Afinal, não tinha certeza se ele ainda iria querer brincar de soldadinho quando ela completasse a maior idade e finalmente recebesse a sua herança. Apesar de ainda não ter provas, ela tinha certeza de que Charles e Clarissa estavam roubando a herança que seus pais haviam lhe deixado, sustentando, com seu dinheiro, uma vida de luxo e esbanjamento. A possibilidade de que não restaria quase nada ou nenhum dinheiro quando ela finalmente conquistasse o controle da sua vida era muito grande. Talvez não restasse nem mesmo o suficiente para comprar alguns soldadinhos, ideia que ela considerou muito triste para ser posta em palavras.

— Paulinho, precisamos ir — disse enquanto o puxava pela mãozinha. — Você sabe que não posso andar muito por aí à luz do dia. E se Clarissa ou Charles me verem? Eles podem começar a me vigiar mais de perto. E com isso pode demorar muito para que eu consiga sair de casa sem que ninguém perceba.

— Eu havia me esquecido. Vamos comprar comida, então. — Ele ergueu os olhinhos para ela enquanto eles esperavam que uma carroça carregada de barulhentos porcos passasse. — Não fique triste, Penélope. Um dia ainda vou ganhar aqueles soldadinhos.

Ela desejou que ele estivesse certo e que ganhasse os soldadinhos antes de estar velho demais para brincar.

— Agora, vamos ao açougue.

— Por ali, não!

— Vai ser rápido, Paulinho. Venha logo — ela disse enquanto puxava o corpinho resistente do menino para mais perto da rua.

Penélope saiu apressada para cruzar a rua quando finalmente viu uma oportunidade no fluxo constante de carruagens e carroças. Paulinho soltou um grito e começou puxá-la de volta. Ela virou a fim de olhar para ele, incerta se o menino estava sentindo alguma premonição ou se simplesmente tudo não passava de teimosia, e então viu a carruagem correndo em sua direção. E na direção de Paulinho. Mas, em vez de diminuir a velocidade ao ver que havia pessoas atravessando a rua, o veículo acelerou ainda mais à medida que se aproximava. Não era assim que ela desejava morrer.

Ashton saiu da loja de luvas, resmungando sobre os altos preços das mercadorias. Seus amigos riram e Brant deu-lhe um tapinha no ombro. O humor de Ashton estava péssimo e ele sabia disso, assim como também sabia que não era certo descontar nos amigos. Estava, na verdade, precisando se livrar da névoa de raiva que pairava em sua mente. Eles estavam seguindo para o clube, onde ele esperava conversar sobre seus planos de investimento com os homens que queria como sócios. E para tal iria precisar de uma mente livre de ressentimentos ou autopiedade.

— O preço realmente estava nas alturas — comentou Brant —, mas as luvas são da melhor qualidade e vão durar muito tempo.

— Espero que esteja certo, com um preço tão alto este será o último par de luvas que vou comprar por um bom tempo — disse Ashton.

— Aquela não é a sua Lady Penélope? — perguntou Victor. — Cruzando a rua com aquele menininho que de doce só tem a cara? Paulinho esse é o nome.

Ashton olhou na direção que Victor apontou, do outro lado da rua e alguns metros à direita. Seu coração bateu em falsete quando ele a avistou. Ela estava trajando um vestido azul simples os cabelos estavam presos em um estilo igualmente simples e o sol realçava os tons dourados e ruivos das madeixas. Ela parecia uma camponesa a caminho do mercado, não era o tipo de mulher que normalmente chamaria a sua atenção, mesmo assim ele achou a beleza dela um bálsamo para sua alma. Percebeu então que estava caminhando cegamente em

direção a ela quando se deteve por um instante. Estava perigosamente encantado, mas não sabia ao certo como se curar desse mal. Pior, seus amigos vinham logo atrás, rindo do seu estado de encantamento.

Um barulho chamou sua atenção quando ela começou a atravessar a rua. Nem foi preciso ouvir o grito de Paulinho para ver o perigo se aproximando de Penélope. Olhou de volta para a moça e viu que ela começava a vir em sua direção, mas ele sabia que ela não continuaria que não arrastaria um menino assustado. A carruagem ainda ganhava velocidade. Então ela o viu. Ashton começou a correr em direção a ela, mas de repente ela parou, ergueu Paulinho e jogou-o para ele, que não teve outra opção senão pular para apanhar o menino. Paulinho era pequeno e leve, mas a força do impacto de seu corpinho fez com que Ashton cambaleasse alguns passos para trás.

— Pe-né-lo-pe!

Ashton queria ecoar o pranto do menino, pois tinha certeza de que estava prestes a ver Penélope sendo pisoteada pelos cavalos que vinham em sua direção. Seus amigos avançaram, mas ele duvidou que eles pudessem fazer qualquer coisa. Mesmo que Victor e Cornell conseguissem alcançar a carruagem, nunca seriam capazes de controlar o veículo antes que ele atingisse Penélope. Ela começara a correr novamente, mas era tarde demais. Ashton pressionou o rostinho do menino contra seu ombro, ciente de que fizera o que ela queria ao receber o menino no colo, apesar de contrariado por ser impedido de salvá-la.

— Pule! — ele gritou, mas duvidou que pudesse ser ouvido entre todos os outros berros e gritos.

Ela era rápida, ele pensou um tanto histérico, apesar de não achar que tivesse sido rápida o suficiente. Então, quando se preparava para ver a tragédia se descortinar diante de seus olhos, ela saiu do caminho dos cavalos. Ashton tinha acabado de voltar a respirar quando a viu ser atingida pela saliência que saía do centro da roda da carruagem. O baque foi forte o bastante para derrubá-

la. E ela teria caído se Brant não tivesse pulado para ampará-la bem a tempo. A força do impacto e o peso do corpo jogaram Brant para trás. Ashton correu até eles, ainda segurando Paulinho em seus braços.

— Ela está ferida? — ele perguntou para Brant, lutando contra o desejo estranho e violento de arrancar Penélope dos braços do seu amigo, enquanto este se sentava. — Você está ferido?

— Só um pouco dolorido, mas estou bem — Brant respondeu —, já Lady Penélope pode ter se machucado de verdade. Quando caí, ouvi a cabeça dela bater com força no chão. — Ele olhou para o corpo largado em seus braços. — Creio que isto não seja apenas um desmaio.

Ashton colocou Paulinho no chão e se agachou ao lado de Brant. Passou a mão na nuca de Penélope e soltou uma leve palavra grosseira ao encontrar um talho. Enquanto retirava os dedos ensanguentados para pegar seu lenço e colocar sobre o ferimento, Victor e Cornell se aproximaram.

— A carruagem? — Ashton perguntou.

— Estava muito rápida — respondeu Victor.

— Quase alcancei quando ele virou logo depois de tentar atingir Lady Penélope — Cornell disse —, mas fui impedido por um grupo de pessoas enfurecidas que se juntaram à perseguição. Victor teve que agarrar uma criança que quase foi atropelada pelos idiotas.

— Vocês reconheceram o cocheiro, a carruagem, ou viram alguém dentro? — Perguntou Ashton enquanto pegava com todo cuidado o corpo largado de Penélope dos braços de Brant e se levantava.

— Era uma carruagem de aluguel, com toda certeza. O cocheiro estava com o rosto oculto por um cachecol, mas ele não se lembrou de esconder a cicatriz de um ferimento que quase arrancou seu olho esquerdo. Havia alguém dentro, pois, quando a carruagem virou, ouvi o barulho de um corpo sendo jogado para o lado, mas as janelas estavam fechadas. — Cornell olhou na direção da multidão que ainda estava por perto para assistir ao drama. — Victor

e eu podemos fazer algumas perguntas. Tentar descobrir se alguém sabe ou viu algo que possa ser útil.

— Acho que é uma boa idéia. Isso não foi um acidente. Foi intencional. Cornell assentiu.

— Foi mesmo. A carruagem saiu correndo. Acho que todos que viram tiveram a mesma impressão. Como ela está?

— Parece que não quebrou nada, mas ela bateu a cabeça com força. Vou levá-la para casa dela e chamar um médico. Encontre conosco lá. — Ele deu uma olhada para Brant, que havia se levantado, mas examinava as próprias pernas. — Acho que Brant também vai precisar de um médico.

— Leve a carruagem. Victor e eu podemos alugar uma.

Ashton concordou e conferiu se Brant estava segurando a mão de Paulinho firme o suficiente para controlar a criança, para só então seguir em direção onde a carruagem de Cornell estava estacionada. Com todo cuidado, ele colocou Penélope sobre o assento, subiu na carruagem e se sentou próximo à cabeça dela. Em seguida, acomodou parte do corpo da moça sobre seu colo, amparando a cabeça e o pescoço com o braço. Paulinho e Brant sentaram de frente para eles. No momento que Brant fechou a porta, a carruagem entrou em movimento e Ashton se perguntou quando tinham dito para o cocheiro para onde ele deveria seguir. Estava alarmado com o modo como o estado de Penélope fizera com que ele se esquecesse de todo o resto. Com todos os problemas que já tinha, não estava precisando desta atração pela meia-irmã da sua noiva.

— O senhor acha que ela vai morrer? — Paulinho perguntou, com a voz trêmula e os olhinhos reluzentes com as lágrimas contidas.

Foi difícil não gritar com o menino. Só de ouvir a pergunta foi o suficiente para fazer com que o coração de Ashton disparasse de medo. Ele fez o que pôde para se acalmar e, assim, pudesse aplacar os medos da criança.

— Não. Ela só sofreu um arranhão na cabeça. — Ashton esperava que o menino fosse muito pequeno ainda para saber o quanto uma pancada na cabeça poderia ser perigosa. — Ela está respirando bem e o sangramento já está estancando — ele adicionou, mais para acalmar a si mesmo do que para tirar aquele olhar assombrado dos olhos do garoto. — Ela é jovem e forte. — A fisionomia de Paulinho indicou a Ashton que, apesar de pequeno, o menino já conhecia o toque indiscriminado da morte.

— Se eu tivesse conseguido segurá-la melhor... — iniciou Brant.

— O senhor se saiu bem, milorde — disse Paulinho. — Foi uma bela pegada.

— Foi mesmo — concordou Ashton. — Não é fácil segurar um corpo arremessado no ar. Para mim, foi quase um milagre ter conseguido segurar Paulinho. Ao ampará-la, você atenuou o impacto da queda. Ela poderia ter se ferido ainda mais se você não tivesse sido tão rápido.

— A culpa foi minha — disse Paulinho.

— Por que acha isso? — perguntou Ashton.

— Eu não disse a ela por que nós precisávamos sair da rua. Eu não tinha visto o motivo com muita clareza e tudo aconteceu muito rápido. Eu só sabia que não deveríamos atravessar a rua na direção do açougue. Ela achou que eu estava com medo que ela fosse comprar carne de carneiro.

De fato, tudo acontecera com uma rapidez estarrecedora, Ashton recordou. A ação se descortinara diante de seus olhos como se fosse uma lenta e estranha dança macabra, mas, na verdade, tudo sucedera em um ou dois minutos. Todos se moveram o mais rápido possível. Agora que repassava mentalmente a seqüência dos fatos, ele se dava conta de que Paulinho e Penélope sobreviveram por um milagre.

Ashton ficou imaginando quanto tempo levaria para que Clarissa soubesse do que tinha acontecido até que o detalhe mais importante de tudo que Paulinho lhe dissera chamou sua atenção.

— O que você quis dizer com *sabia*? Sabia do quê? Paulinho corou.

— Sei das coisas, milorde. Só isso. Alertas e coisas do tipo, mais ainda não consigo entender muito bem. Pen diz que tenho um dom muito poderoso para aparecer enquanto ainda sou criança, mas que ainda vai demorar um pouco para que eu aprenda a usá-lo do modo correto.

Ele estava abrindo a boca para fazer mais perguntas ao menino, e talvez tentar refrear suas pretensões, quando a carruagem parou diante da casa em que Penélope cuidava dos garotos. Paulinho pulou da carruagem e correu para dentro de casa antes que pudesse ser detido. Brant ainda estava se firmando depois de descer da carruagem, quando meia dúzia de meninos surgiu correndo de dentro da casa. Atrás deles veio um jovem alto e elegante que trazia os traços dos Wherlocke estampados no rosto. O jovem abriu caminho entre os meninos, murmurando algo que rapidamente os acalmou. Quando se aproximou de Ashton, ele pousou uma mão elegante com dedos longos sobre a testa de Penélope e então meneou a cabeça.

— Meu nome é Septimus Vaughn, sou primo e tutor deste bando de pequenos bárbaros — ele disse num tom de voz que atingiu Ashton profundamente e acalmou o medo contra o qual ele vinha lutando desde que a carruagem atropelara Penélope. — Ela vai ficar bem, mas acho que o senhor prefere ouvir isso de um médico.

Depois de rapidamente apresentar Brant e a si mesmo, Ashton disse:

— Eu ficaria grato se um dos meninos pudesse ir buscar um tanto Lady Penélope quanto Lorde Mallam precisam ser examinados.

— Olwen. — O tutor voltou-se na direção de um menino com cabelos cacheados e pretos como as penas de um corvo e que parecia ter quase a mesma idade de Hector. — Vá chamar o Doutor Pryne. — No momento que garoto saiu correndo, Septimus olhou para Ashton novamente. — Acompanhe-me. Vamos acomodá-la para esperar pelo médico. Lorde Mallan, talvez o senhor pudesse esperar na sala de estar. Jerome, Ezra, por favor, cuidem do cavalheiro.

Os dois meninos, que não pareciam ser muito mais velhos do que Paulinho, conduziram Brant enquanto Ashton seguiu o tutor. Paulinho, Delmar e outro menino correram na frente para abrir a porta do quarto de Penélope. Um berço colocado num canto do espaçoso e simples cômodo indicou a Ashton que o último dos meninos que haviam sido colocados aos cuidados de Lady Penélope ainda era um bebê. Ele a deitou com todo cuidado sobre a cama surpreendentemente grande e se perguntou como a família dela tivera a coragem de lhe delegar um fardo tão pesado.

Ele se aproximou então da cabeceira da cama enquanto Septimus ajeitava um travesseiro sob a cabeça de Penélope. Ashton permaneceu parado, observando o rapaz que a examinava em busca de outros ferimentos. Teve que cerrar os punhos nas costas ao ver as mãos de outro homem movendo-se sobre o corpo dela, apesar de saber que era necessário. Mesmo assim, o ciúme ardeu por dentro das suas entranhas. Quando o homem ergueu os olhos e fitou-o com a cor calma do sol refletindo sobre o mar, profundo e insondável, Ashton teve a forte sensação de que Septimus Vaughn pôde ver até a sua alma. Foi embaraçoso não ter forças para lutar contra o sentimento de posse que experimentou por Penélope. Certamente, não queria que ninguém notasse a sua batalha interna, que ele obviamente estava perdendo.

— Já que está espiando, Delmar — Septimus disse —, pegue uma toalha e um pouco de água para mim. Quero limpar este sangue para que eu possa ver melhor o ferimento.

— Não seria melhor esperarmos pelo médico? — perguntou Ashton enquanto Delmar corria para atender ao pedido.

— Conheço bem o Doutor Pryne. — Septimus começou a remover cuidadosamente os cabelos de Penélope de cima do ferimento. — Ele vai gostar de ver tudo pronto para que ele examine. Como isto aconteceu? — Septimus perguntou, depois de Delmar colocar uma bacia com água e uma tolha sobre uma mesinha ao lado da cama, e começou a limpar meticulosamente o sangue

do ferimento e dos cabelos da prima.

Ashton contou ao homem tudo que conseguia se lembrar. Paulinho adicionou alguns detalhes, de acordo com seu ponto de vista e opinião, com uma clareza surpreendente para alguém tão pequeno. A cada fato que Ashton se recordava, mais convencido ficava de que o acidente fora intencional, uma tentativa de assassinato.

Septimus não disse nada enquanto descartava a água suja de sangue e a toalha e enchia a bacia com água limpa de um jarro ornamentado para lavar as mãos.

— No que Penélope se meteu desta vez? — finalmente disse ao caminhar de volta até cama.

— Então, você também acredita que não foi um acidente — disse Ashton.

— Certamente não foi um acidente. Mesmo assim, por que alguém iria querer matar Penélope?

— Acho que a Sra. Cratchitt está por trás disso — disse uma voz grave que já era familiar a Ashton.

Ashton se virou para ver Artemis, Estefan e Darius parados na entrada do quarto. Ele franziu a testa, observando os rapazes se aproximarem da cama para darem uma olhada em Penélope. Os três pareciam mendigos, estavam com roupas rasgadas e o rosto sujo. Tinham também a fisionomia carregada como a de um homem raivoso, o que dava certo ar de maturidade aos seus rostos jovens.

— Por que aquela mulher iria querer ferir Lady Penélope? — Ashton perguntou.

— Pelo que ela viu — respondeu Darius. — Coisas ruins aconteceram naquele lugar. Muito ruins.

— Todos sabemos que nenhuma mulher está lá por que quis se juntar ao estábulo daquela velha rabugenta. Meus amigos e eu pretendemos investigar de perto. Por sinal já começamos a fazer isso, e mesmo assim ela não armou nada contra nós.

— Os senhores são lordes, pessoas bem-nascidas e importantes — disse Artemis. — Se fossem um qualquer, ela até poderia tentar silenciá-los, mas até mesmo ela sabe que não pode fazer nada contra *cinco* nobres. Foi por causa de Penélope que o senhor, Ashton, acabou descobrindo o jogo sujo daquela mulher, por isso é Penélope que ela deseja ver morta. Para ela, Penélope foi a culpada de todo o prejuízo. Mas acho que há algo mais oculto.

— O quê? Lady Penélope viu ou ouviu algo mais que a Sra. Cratchitt quer manter em segredo?

— Ela viu fantasmas — disse Delmar.

— Fantasmas? — Ashton perguntou descrente. — Você quer que eu acredite que Lady Penélope viu fantasmas? Que Cratchitt quer vê-la morta porque ela viu alguns espíritos flutuando naquele buraco?

Todos os homens presentes no quarto voltaram-se desapontados para ele. Atitude que Ashton considerou injusta, apesar de ainda se lembrar de algumas coisas que Penélope lhe dissera a respeito. Ela falara que a casa da Sra. Cratchitt era um "lugar muito triste, repleto de sentimentos ruins e espíritos enfurecidos". Dissera também que alguém havia morrido naquela cama. E ele ainda podia ouvi-la dizer "pobre Faith", naquele seu tom de voz suave e pesado de tristeza. Não fazia sentido pensar que ela podia falar com os mortos, ele disse a si mesmo, mas aquela voz severa no fundo da sua cabeça pouco fez para banir a crença que reavivava em sua mente e em seu coração. Ele não entendia por que aquilo estava passando pela sua cabeça, pois nunca acreditara em superstições.

— Sinto muito que não acredite em nós, milorde — disse Artemis —, mas essa é a verdade. Este é o dom de Pen. Ela disse algo para os homens que a raptaram e eles devem ter contado a Sra. Cratchitt. Acreditando ou não no dom de Pen, a mulher deve estar com medo de que ela saiba de algo. Estamos tentando descobrir que segredos aquele bordel esconde, mas ainda não tivemos sorte.

— Lady Penélope sabe que vocês estão espionando a Sra. Cratchitt?

— Não, muito menos como estamos fazendo, e não queremos dizer nada a ela até descobrirmos algo que valha a pena contar.

— E Hector? Ele também está seguindo a mesma regra?

— Ah, o senhor o viu, não foi?

— Claro que sim. Clarissa arrasta-o consigo dia e noite. Ela parece pensar que um menino ridiculamente vestido no seu encalço oferece prestígio a sua pessoa.

— Ridiculamente vestido?

Ashton ignorou a pergunta surpresa de Artemis.

— O que você acha que ele irá descobrir?

— Que os meios-irmãos de Penélope estão a roubando às escondidas e que estão por trás do rapto.

Ele esperou até que o choque da acusação direta o acertasse, que um protesto começasse a se formar em seus lábios, mas nada aconteceu. Ashton se deu conta de que acreditava que os Hutton-Moore eram de fato capazes de cometer tais crimes. No momento que soube como Penélope era tratada, ele começou a enxergá-los com mais clareza e nada do que viu foi bom. O modo como forçaram o noivado e o fato de terem ameaçado-o com as dívidas do seu pai só serviram para dar ainda mais força àquela opinião. Foi por tudo isso que não ficou surpreso, pois já havia começado a desconfiar sozinho de tudo aquilo. Infelizmente, as suspeitas de um grupo de garotos não eram suficientes para ajudá-lo a pôr fim ao noivado. Mesmo que encontrasse outro meio de arrumar o dinheiro que precisava e pagar as dívidas do seu pai, ele não poderia terminar o noivado baseado em suspeitas, sem envolver o nome da sua família em um escândalo. Seu pai já havia causado muito sofrimento. Ashton se recusava a motivar ainda mais.

— Mas por quê?

— Ganância e desejo, milorde — respondeu Artemis. — Vocês acham que Charles sente desejo por Lady Penélope? Artemis aquiesceu com um aceno de cabeça.

— Ela não percebe, mas está lá. Ela não disse que foi levada para a Sra. Cratchitt para atender a outro homem que chegaria no dia seguinte? Eu seria capaz de apostar o pouco que temos que o homem era Charles.

Não houve tempo para Ashton fazer mais uma pergunta sequer. Um homem que parecia estar na casa dos quarenta anos, forte e robusto, com cabelos grisalhos em desalinho, entrou no quarto. Pela maleta que carregava, Ashton chegou à conclusão de que ele só podia ser o Doutor Pryne. Em poucas palavras, o médico expulsou todos do quarto, menos Septimus e Ashton.

— Examinei Lorde Mallam — disse o médico enquanto lavava as mãos, olhando diretamente para Ashton. — Ele sofreu apenas alguns hematomas, arranhões e uma torção no joelho. Falei para os meninos fazerem compressas com água fria no local. Vou enfaixar antes de ir embora. — Ele analisou o talho na cabeça de Penélope e apertou de leve ao redor da área do ferimento. — Não sofreu traumatismo craniano. Bom sinal. Só vai precisar de alguns pontos. — Voltou o olhar para Ashton e Septimus. — Ela precisa descansar pelo resto da semana. Agora, vou precisar de mais luz para que eu possa dar os pontos — ordenou e Ashton saiu andando rapidamente enquanto Septimus fazia o mesmo.

Penélope gemeu de dor no primeiro ponto. Ashton avançava, pensando em segurar a cabeça dela para que o médico continuasse, mas Septimus o impediu. O jovem pousou uma mão sobre a testa de Penélope e a outra sobre o coração. O rosto de Penélope, contorcido pela dor, começou a relaxar sonolento. Ela não se moveu nem fez nenhum som enquanto o médico terminava de dar os pontos. Ashton queria negar que Septimus tivesse acalmado-a apenas com o seu toque, mas não pôde. Tinha visto com seus próprios olhos. O médico não pareceu surpreso ou incomodado.

Doutor Pryne olhou para Septimus depois que terminou de enfaixar a cabeça de Penélope.

— Tem certeza de que não vai querer se juntar a mim na tentativa de salvar algumas vidas?

Septimus balançou a cabeça enquanto se afastava da cama.

— Não, posso. De vez em quando, talvez. Mas todos os dias, um paciente atrás do outro? Dor e mais dor? Isso acabaria comigo.

— Justo. Mas é uma pena. Uma grande pena. — Pryne se moveu para lavar as mãos. — Ela vai ficar bem. Como eu disse, ela precisa ficar de cama, por pelo menos alguns dias, e não deixem que ela faça muito esforço até que eu volte para tirar os pontos. Ela pode sentir um pouco de tontura, no começo. Mandem me chamar caso ela mostre qualquer sinal de que tenha sofrido algum dano no cérebro. Você sabe do que estou falando, meu rapaz.

— Sim, eu sei. — Septimus acompanhou o médico para fora do quarto. — Quanto devo ao senhor?

— Nada. O lorde, lá embaixo, pagou por tudo. Agora é melhor eu ir enfaixar o joelho dele para que o pobre possa vestir a calça outra vez.

Ashton os observou saírem e então olhou para Penélope. Todos acreditavam que ela era capaz de ver espíritos. Paulinho acreditava que podia prever o perigo. O médico acreditava que Septimus tinha o dom de atenuar a dor dos doentes e feridos. Os boatos passavam de geração a geração, ele refletiu e então balançou a cabeça. Ele era um homem racional e controlado. Não pensava mais que Penélope e os garotos fizessem parte de uma família de charlatões, mas se recusava a acreditar nos dons mágicos ou místicos. Precisava de provas para acreditar em tais impossibilidades, e ninguém havia lhe mostrado nenhuma. Penélope soltou um gemido suave. Ashton tomou-lhe a mão entre as suas e se sentou na beirada da cama. Não conseguia compreender por que estava se sentindo tão atraído por ela, mas sabia que seu sentimento era retribuído. Suas emoções e desejos estavam impregnados e firmes em seu corpo. Nem mesmo a

estranha crença dela de que era capaz de ver e falar com os mortos conseguia atenuar o forte sentimento.

Lentamente, ela abriu os olhos e Ashton foi atingido por uma força poderosa de desejo e encantamento. Sabia que deveria lutar contra aquilo, acabar de uma vez por todas, pois ele era, em uma palavra, um caçador de fortunas. Assim como também estava noivo da meia-irmã de Penélope, tivesse ou não pedido oficialmente à mão da moça, ele não deveria precisar se lembrar deste fato importante. Mas precisava. Todas as vezes que olhava para Penélope, ou até mesmo pensava nela. Para tocar em Penélope do modo como ansiava, ele teria de ser o pior dos cafajestes. O que mais o assustava era a grande parte do seu ser que tanto desejava assumir aquele manto vergonhoso. Seu receio era ter muito mais do seu pai em si do que imaginava.

— Paulinho? — Ela sussurrou sua voz não passou de um murmúrio rouco.

— Ele está bem. Não sofreu nenhum arranhão. Você gostaria de beber algo?

— Por favor.

Ashton se levantou e olhou ao redor do quarto. Próximo à lareira havia uma mesinha e duas cadeiras. Sobre a mesa, havia uma jarra e dois cálices de prata. Ele se aproximou da mesa, cheirou o líquido dentro da jarra e, depois de descobrir que era cidra, rapidamente serviu uma dose. Penélope parecia sonolenta quando ele se aproximou da cama, mas no momento em que ele se sentou na beirada, fitando-a, ela abriu os olhos novamente.

Em seguida, ela estendeu o braço para alcançar o cálice, sua garganta seca implorava por alívio, e só então percebeu o quanto sua mão estava trêmula.

— Acho que vou precisar de ajuda.

Ashton quase sorriu do fundo de petulância que ecoou na voz dela. Lady Penélope não era uma boa paciente, ele concluiu enquanto pousava o cálice sobre o criado-mudo e se ajeitava na cama ao lado dela. Quando ele pousou o braço ao redor do corpo delicado, fazendo o possível para ajeitar-se de modo

que pudesse apoiar o pescoço e os ombros ao mesmo tempo, ela olhou desconfiada.

— O que o senhor está fazendo?

Penélope não podia acreditar quão bom era tê-lo ao seu lado. Sua cabeça latejava e não havia uma parte sequer do seu corpo que não doesse. Mesmo assim, o calor que ele emanava aquecia seu sangue. Ela queria se aninhar naqueles braços. Desta vez não podia culpar a poção da Sra. Cratchitt pelo desejo ardente.

— Eu estava tentado garantir que a cidra fosse direto para a sua garganta e não que se espalhasse sobre o seu corpo e pela cama. — Ele apanhou o cálice e ergueu até os lábios dela. — Beba devagar. Já bati a cabeça antes, e é estranho, mas isso costuma causar enjôo — ele disse enquanto ela bebia lentamente.

— Acho que terei de ficar de cama por alguns dias.

— Vai. Algum problema? Será que os Hutton-Moore vão notar a sua longa ausência?

Penélope bebeu o último gole da cidra e, depois que ele colocou o cálice de lado, soltou todo o peso do seu corpo sobre o braço que a apoiava antes que ele pudesse se afastar. Tudo que queria era aproveitar a proximidade um pouco mais.

— Vou pedir para Sra. Potts me ajudar. Ela é ótima em inventar desculpas para mim, e eles estão acostumados a perguntar para a cozinheira o que estou fazendo, apesar de raramente o fazerem. Costumo passar a maior parte do tempo na cozinha. — O suave calor dos lábios dele moveu-se sobre a sua testa dolorida e a fez estremecer. — Obrigada por ter segurado Paulinho — ela disse baixinho ao se virar para fitá-lo.

— Não foi nada. — Ele cedeu à tentação e roçou a boca sobre a dela, saboreando a maciez dos lábios sob os seus.

— Não acho que seja uma boa idéia.

— Concordo, mas vou roubar um beijo antes de ir embora.

Penélope sabia que deveria negar, mas não teve forças para fazê-lo. A princípio ele se aproximou suavemente, experimentando apenas, até que sua boca se moveu lenta e carinhosamente sobre a dela. Quando a língua cutucou entre os lábios, ela os abriu com cautela. A língua invadiu a boca, explorando, estimulando, reivindicando-a com a intimidade do beijo. Apesar da dor, ela ergueu o corpo para se aproximar. Não conseguiu, contudo, conter um gemido suave. Ele sussurrou um palavrão e se levantou. Deixando-a com os doloridos braços vazios e os lábios que ainda suplicavam pelo beijo.

— Preciso ir embora. — Ashton se perguntou como conseguira dizer aquelas palavras quando todo seu corpo ansiava por mergulhar naquela cama. — Nos vemos amanhã. Descanse — ele ordenou enquanto saía apressado do quarto antes que perdesse todo o controle.

Ele quase saiu correndo do quarto, e Penélope suspirou. Não era certo beijá-lo, desejá-lo, como ela queria. Ashton estava noivo de Clarissa e precisava de dinheiro para salvar a sua família. Penélope não tinha certeza se tinha algum. Assim como também tinha dez crianças para cuidar e poucos homens gostariam de assumir um fardo como esse. Como se isto não bastasse para espantar qualquer homem, ela ainda tinha os seus *dons*. Poucas pessoas fora da sua família conseguiam lidar bem com tais dons, assim como mostravam os vários casamentos desfeitos que pontuavam a árvore genealógica da família. Se permitisse que seu coração e seu corpo se rendessem a ele, ela poderia acabar com o coração partido e verdadeiramente desonrada.

Era uma ladainha conhecida e, como sempre, tinha pouco efeito sobre o seu bom-senso. Penélope fechou os olhos e sabia que deveria se preocupar mais com o triste destino que a rondava. Amanhã, talvez, ela se preocuparia.



CAPÍTULO VIII

— VOCÊ ESTÁ ME OUVINDO, ASHTON?

Ashton piscou e olhou para Brant. Ele franziu a testa, mas pouco adiantou para conter o riso do amigo. Havia levado dois dias para que ele finalmente conseguisse reunir os amigos no clube favorito deles para terem a conversa que era para ter acontecido no dia em que Penélope fora atropelada. Ele deveria estar discutindo a possibilidade de um investimento, naquele momento. Mas, em vez disso, não conseguia parar de pensar no sabor doce de Penélope, no modo como seu perfume invadira todos os seus sentidos, como ela se encaixava bem em seus braços e quão desesperadamente ele a queria em sua cama. Na cama dela. Em qualquer cama. Por mais deliciosos que fossem os pensamentos, eles não enchiam seus bolsos, e esta era uma necessidade em que ele precisava concentrar todas as suas atenções.

— Eu estava tentando encontrar a melhor maneira de abordar o tema pelo qual reuni todos vocês aqui — ele disse, olhando ao redor para se certificar de que não havia ninguém por perto que pudesse escutar. — O que foi mesmo que você disse Brant?

— Perguntei como Lady Penélope está passando.

— Ela está se recuperando. Paulinho grudou nela como se fosse uma sanguessuga, mas acho que vai passar logo. Os outros meninos ficam rodeando como se ela fosse a rainha, mas isso, sem dúvida, também vai cessar. Ela diz

que dentro de um ou dois dias irá retornar à casa dos Hutton-Moore ao menos para dar algum alívio a Sra. Potts, que continua mentindo por ela.

E provavelmente para escapar dele, ele pensou com pesar. Não conseguia parar de visitá-la e roubar um beijo sempre que tinha uma chance. Ashton sabia que ela compartilhava a mesma paixão, podia sentir o doce sabor da tentação nos seus beijos, no modo como ela estremecia quando ele a tocava, mas ambos sabiam que aquilo era errado. Que ele não conseguiria se livrar de Clarissa e, mesmo que conseguisse, ainda teria que se casar com a herdeira de alguma fortuna.

Ele espantou esses pensamentos da mente. Enquanto não conseguisse algum dinheiro não havia outra solução para seus problemas. Portanto, não havia tempo a perder.

— Podemos falar sobre aquela família estranha, mas fascinante, mais tarde — ele disse. — Tenho algo mais para conversar com vocês.

Victor contraiu as sobrancelhas.

— Você soou muito sério. Por acaso está com mais algum problema?

— Graças a Deus, não. É uma possível solução para os que já tenho que me atormenta agora. A resposta para a maioria dos meus problemas é dinheiro. Estou precisando de algum. Desesperadamente. — Ele ergueu uma mão para silenciar os amigos quando todos começaram falar ao mesmo tempo. — E não vou adquirir isso aumentando ainda mais as dívidas que já pesam sobre os meus ombros ou empurrando isso para frente. Desejo discutir sobre investimentos.

A expressão de interesse no rosto de seus amigos aumentou as esperanças de Ashton. Ele temia que os colegas pudessem hesitar em se aventurar no mundo dos negócios, mas já deveria ter imaginado que eles não se deixariam levar por tais preconceitos. De qualquer maneira, nenhum deles era pobre, e certamente nenhum iria se incomodar se pudesse encher um pouco mais os bolsos. Ele explicou da melhor maneira que pôde tudo que Lorde Burnage lhe disse e viu o interesse crescer nos olhos deles a cada palavra que falava.

Logo em seguida, vieram as perguntas. Ashton tentou respondê-las o mais precisamente possível. A única interrupção que ocorreu foi quando o surpreendentemente sério Cornell pediu outra garrafa de vinho.

— Acho conveniente que nos encontremos com Lorde Burnage — disse Cornell, seus olhos castanhos tinham uma seriedade que poucas vezes Ashton tinha visto no amigo sempre muito jovial. — Isto irá nos ajudar a decidir por qual investimento optar, e eu acho que podemos confiar que ele vá nos encaminhar às pessoas certas para que não sejamos explorados.

— Então você deseja ser meu sócio nesta empreitada? — perguntou Ashton, o ardor do entusiasmo corria em suas veias.

— Sem pestanejar! Claro que vou querer participar disso. Eu teria tentado sozinho, se não corresse o risco de perder os lucros de um ano, e além do mais nunca tive certeza em quem poderia confiar. Sou o terceiro filho. Meu pai cuidou para que eu não vivesse na pobreza, mas nunca terei mais terras ou ganharei mais dinheiro do que tenho atualmente. Pretendo algum dia me casar e para tal vou precisar de uma casa para acomodar minha esposa. Assim como preciso garantir o sustento dos filhos que eu vier a ter.

— E eu poderia usar alguns fundos para fazer melhorias nas minhas propriedades — disse Whitney, com as grossas e retas sobrancelhas contraídas. — Fiquei sabendo que existem novas técnicas de cultivo, e eu gostaria muito de tentar implementá-las em Ryecroft, mas isto requer uma quantia em dinheiro da qual não posso abrir mão.

Victor assentiu.

— O mesmo acontece comigo. — Ele fez uma careta quando uma mecha dos seus cabelos castanhos pendeu sobre a sua sobrancelha. — Gerar mais dinheiro custa dinheiro, especialmente quando se precisa adquirir algumas máquinas modernas ou animais para reprodução. Não tenho nenhum problema em me aventurar no mundo dos negócios se isso me der o dinheiro de que preciso.

— Nem eu — disse Brant. — Victor tem razão. Quase tudo que é preciso fazer para melhorar as terras ou engordar os bolsos requer dinheiro. Tenho o suficiente para manter o que possuo atualmente, mas não o bastante para fazer melhorias. — Ele sorriu e então virou-se para Ashton. — E nos últimos tempos, desenvolvi tamanha aversão à ideia de tomar empréstimos que acho que isto deixou de ser uma opção para mim. E a sua cara está me dizendo onde seus pensamentos estão te levando. Estamos fazendo isso não apenas pelo seu benefício, mas pelo nosso também. Além do mais, todos nós já havíamos separado uma quantia em dinheiro para ajudá-lo quando seu orgulho permitisse.

— Agradeço por isso e por se juntarem a mim, apesar do toque de interesse pessoal de cada um — Ashton disse. — Uma sociedade neste empreendimento significa menos lucros para cada um de nós...

— E menos perda se tudo der errado. Além do mais não posso investir sozinho a quantia necessária para um empreendimento vantajoso. Com vocês quatro, podemos colocar uma boa quantia sobre a mesa.

— Era isso que eu esperava. — Ashton fez sinal para um dos garçons que estava atendendo e pediu papel e tinta para escrever. — Vou enviar um bilhete para Lorde Burnage, marcando uma reunião.

— Mas você por acaso poderá comparecer no horário que ele escolher? Pelo que disse, Lady Clarissa tratou de encher a sua agenda para as duas próximas semanas.

— Os negócios com Lorde Burnage são muito mais importantes do que fazer companhia a Clarissa pela cidade. Só preciso tomar cuidado para que ela ou o irmão não acabem descobrindo os meus planos.

Victor esfregou a mão sobre a covinha no queixo.

— Está com medo de que o velho Charles aperte a corda que ele colocou ao redor do seu pescoço?

— Exatamente — respondeu Ashton. — Preciso de tempo. Com isso e um pouco de sorte, posso conseguir escapar das garras daqueles dois de uma vez

por todas.

— E assim você poderá cortejar abertamente a bela Lady Penélope?

Havia tanto riso e conhecimento de causa nos olhos verdes-claros de Victor que Ashton sentiu as bochechas aquecerem de rubor.

— Talvez, apesar de achar que seja melhor esquecê-la.

— Por causa da família enorme da moça?

— Bem, somente um tolo não levaria em consideração o fato de aqueles garotos virem com ela, mas não, não é por isso. Ela acredita que pode ver e falar com os mortos. — Ele suspirou quando seus amigos o encararam emudecidos. — E todos os meninos também acreditam que ela é mesmo capaz de tal coisa. Assim como acreditam que o caçula da turma, Paulinho, é capaz de pressagiar o perigo.

— Ah, então é isso. — Brant soltou um leve sorriso. — Já ouvi falar disso, mas achei que não passasse de imaginação. Você já tinha comentado sobre a capacidade de Lady Penélope de se comunicar com os mortos, mas também não dei muita atenção a isso. Acho que passa de outra história, fruto da imaginação.

— O problema é que todos compartilham da mesma imaginação. Aquele tutor, Septimus, acredita piamente que é capaz de cessar a dor de uma pessoa ou até mesmo curar. Aquele médico grosseiro também acredita nisso.

— Mesmo assim você não acredita.

— Não existem provas. — Ele franziu a testa e falou com toda franqueza. — Admito que Septimus aparentemente acalmou Penélope enquanto o médico dava pontos no ferimento que ela sofreu na cabeça, e fez isso apenas pousando as mãos nela. Pude ver a fisionomia de dor desaparecer do rosto dela no momento em que ele a tocou.

— E isto não foi uma prova? Talvez tudo que é dito sobre aquele clã não seja apenas boato — disse Cornell. — Pense há quanto tempo os tais boatos têm persistido. Por gerações, Ashton. Há gerações correm os mesmos rumores sobre

aquelas pessoas. Quem sabe não exista mesmo um fundo de verdade em tudo que dizem.

— Você não pode acreditar que alguém possa falar com fantasmas — disse Ashton.

— Por que não? Não vou dizer que acredito, mas por que não pode ser verdade? E como alguém poderia provar tais coisas? Ela afirma que pode ver e falar com espíritos que você não vê, só por isso está errada na sua crença? Parece injusto para mim. Pelo que dizem sobre a natureza secreta e reclusa daquela família, fico surpreso que ela tenha mencionado tudo isso.

— Foi na casa da Sra. Cratchitt. — Ashton suspirou quando todos os olhares se voltaram para ele interessados novamente e com relutância contou a eles tudo que ouvira, guardando segredo apenas sobre o nome do espírito. — Os garotos mais velhos estão tentando descobrir o que o espírito quis dizer. Aparentemente eles planejam andar pelas redondezas do bordel, vestidos como mendigos para espionar todos que entram e saem.

— Os tolos só vão conseguir ter as gargantas cortadas.

— É isto o que mais temo — concordou Ashton. — Pensei em dar uma passadinha pela casa da Sra. Cratchitt, nesta noite, só para ver se eles estão ousando muito, se estão se arriscando demais, mas prometi ir ao sarau de Lady Stenton.

— Lady Stenton tem um talento nato para organizar os entretenimentos mais cansativos — disse Victor. — Você não pode dar uma desculpa para se safar de tal sofrimento?

— Não. — Ashton tamborilou distraidamente os dedos sobre a mesa. — Artemis acha que Charles está por trás do rapto de Penélope e que ele pretendia se divertir com ela por uns tempos para depois se livrar dela. Por ganância e desejo, foi o que Artemis disse. Achei melhor continuar agindo como o noivo fiel por enquanto. Talvez assim eu consiga descobrir algo que me faça acreditar na desconfiança do garoto ou que o faça seguir em outra direção na busca pelo

verdadeiro vilão que está por trás do rapto. No entanto, vou levar minha mãe comigo ao evento, e não apenas porque isso me permite enviar Clarissa na frente com o irmão, mas porque pretendo usar a minha mãe como desculpa para sair mais cedo e assim poder dar uma espiada no que aqueles garotos tolos estão fazendo.

— Acha que devemos dar uma olhada neles enquanto você dá atenção para sua noiva?

Ashton hesitou um momento apenas antes de aceitar a oferta.

— Acredito que eles sejam prudentes e, se possuem mesmo algumas daquelas estranhas habilidades, podem muito bem saber o que estão procurando sem se expor muito ao perigo. Mas sou um homem que acredita na razão, e tudo que vejo são garotos correndo o risco de terem as gargantas cortadas.

— Não tema. Vamos proteger aqueles belos pescocinhos jovens enquanto você não chegar.

Foram três longas horas de comida ruim, música ruim e companhia ruim, e Ashton acreditava que já tinha sofrido o suficiente para se considerar um mártir. Clarissa estava de tirar o fôlego num vestido de veludo verde, elegantemente erguido nas costas e com a quantidade certa de laços e debruns. Os cabelos estavam presos ao alto com cachos e mechas descendo com leveza pelas costas, as pérolas e as penas que decoravam os cachos serviam para destacar ainda mais a perfeição de cada um. Mas ele no entanto, já não se impressionava mais com aquela beleza, pois agora podia ver a dureza naqueles olhos e ouvir o rancor e a crueldade por detrás de cada palavra que ela dizia. Três horas na companhia de Clarissa era muito, e Ashton começou a olhar ao redor em busca de sua mãe, que gentilmente concordara em alegar uma dor de cabeça no momento em que ele precisasse de uma desculpa para ir embora.

— Cansou? — perguntou uma jovem voz ao ver Ashton parado à porta da sala de cartado das mulheres, buscando pela mãe em meio à multidão de senhoras.

Uma olhada de canto de olhos revelou que Hector estava ao seu lado, e Ashton sorriu.

— Mais do que cansado. E você ainda não se cansou de bancar o espião?

— Estou quase. — Hector esticou o pescoço para que pudesse se coçar sem desfazer o laço da gravata cor de creme. — O senhor nunca vai contar que sabe que ela está escondendo uma meia-irmã?

— Certamente que vou. Mas nesta noite, na companhia da minha mãe, não é o momento certo. Não desejo que nada me distraia quando eu a confrontar, pois não quero perder nenhum detalhe da reação dela.

— Ela olha para a esquerda quando está mentindo. Ashton olhou surpreso para o garoto.

— Muito esperto, meu rapaz. Hector encolheu os ombros.

— Reconheço uma mentira quando ouço uma, milorde. Posso sentir. Nem preciso adivinhar os trejeitos para saber quando alguém está mentindo para mim, mesmo assim gosto de descobrir. Ela mente muito. Mente, grita, xinga e difama. Mas imaginei que, uma vez que vai se casar com ela, talvez fosse bom que soubesse disso tudo.

— Sim, é muito bom. Ashton estabeleceu contato visual com a mãe e ajeitou o punho da camisa. Era o sinal combinado para partir. Ela respondeu com um sorriso e ele esperou que aquilo fosse um sim. Em seguida, voltou-se para Hector.

— Pelo que estou vendo, Clarissa não está na sala de jogos. Você não deveria estar ao lado dela?

— Eu disse que não estava me sentindo bem e que precisava ir ao toalete. — Ele sorriu. — Ela sempre me manda para longe quando digo tais coisas. — Deu uma ajeitada no colete vermelho, listrado de dourado, — Logo vou pôr um fim a esta situação. Não suporto tudo isto, estas roupas de mau gosto. E ela não me deixa em paz noite e dia. Pelo jeito, pensa que nem preciso dormir.

— Conseguiu descobrir algo que justifique toda esta tortura?

— Sim. Que o senhor se meteu em uma bela enrascada e que o irmão dela é capaz de vender a própria mãe. Eu gostaria que Pen nunca mais voltasse para aquela casa.

— Por que ela precisa voltar? — Ashton perguntou-se por que estava tendo uma conversa tão séria com um garoto de apenas nove anos de idade e concluiu que talvez fosse porque todos os meninos de Penélope fossem muito maduros e muito espertos para a idade que tinham.

— Porque a casa é dela. Ela diz que precisa ficar para reclamar o que é seu de direito e que aquela casa pode ser tudo que restou da sua herança.

A chegada de Lady Mary refreou as perguntas de Ashton, apesar de ainda ter mais de uma dúzia na ponta da língua. Ele poderia descobrir mais tarde o que mais o menino havia descoberto. Pousando a mão da mãe na dobra de seu braço, ele apresentou-a formalmente a Hector. Ashton ficou surpreso e até achou um tanto engraçado o modo como o garoto encantou sua mãe. Ele então se aproveitou da presença de Hector para evitar uma cena interpretada por sua furiosa noiva. Ashton enviou um recado para Clarissa através do garoto, avisando que tinha ido embora para levar a mãe para casa, mas que logo entraria em contato com Clarissa.

— É uma criança encantadora, apesar do traje absurdo — disse Lady Mary depois que eles já estavam acomodados na carruagem e seguindo para casa. — Como uma mãe pôde ser capaz de abandonar um menino tão inteligente e encantador?

— Não sei ao certo porque cada um dos garotos foi abandonado — Ashton disse e então franziu a testa. — Quer dizer, esta não é bem a verdade. Os irmãos de Lady Penélope foram colocados para fora de casa pela mãe dela para agradar o novo marido. Não sei qual foi o destino da mãe verdadeira deles, mas o mais estranho é que eles foram abandonados assim como os outros.

— Agora estou me lembrando dessa história. De certo modo, compreendo os motivos. O marido era infiel. Deve ter sido muito difícil para ela ser obrigada

a encarar a prova desta infidelidade.

— É possível. — Ashton imaginou se seu pai também não tinha outros filhos fora do casamento, mas isto não era algo que pudesse discutir com a sua mãe. — Acho que ela me contou que o mesmo foi feito com os outros meninos. Mas este é um assunto que evito, pois desconfio que seja um tema delicado.

— Acho que eu gostaria de conhecer a sua Lady Penélope.

— Ela não é minha, mãe. — Ele ignorou a ferroadada de arrependimento que sentiu ao admitir aquilo.

— Sei que ela é apenas sua amiga. Talvez você pudesse trazê-la para um chá, um dia desses.

Ashton murmurou algo concordando, mas duvidou que fosse possível. Não seria correto oferecer á Penélope uma promessa velada que ele não poderia cumprir. Um homem só apresentava uma dama a sua mãe caso eles se encontrassem em algum evento social ou se ele tivesse sérias intenções de fazer a corte a ela. Ele já estava ultrapassando os limites do decoro e do bom-senso ao visitar Penélope com tanta freqüência e ao se deixar guiar pelo desejo de beijá-la, de tê-la em seus braços.

No momento em que viu que a sua mãe estava segura em casa, Ashton seguiu para a casa da Sra. Cratchitt. Enquanto descia da carruagem, ele tentava imaginar que tipo de recepção o esperava quando avistou os meninos. Eles tinham se aproximado com a desculpa de que queriam cuidar dos cavalos e discutiam com o cocheiro sobre quem tinha o direito de cuidar da tropa enquanto o dono dos cavalos ia ao bordel quando Ashton se aproximou de Artemis e limpou a garganta para chamar atenção.

— Oh! — Artemis exclamou e hesitou ao dar um passo em direção à carruagem. Estefan e Darius rapidamente emparelharam com ele. — A carruagem é do senhor? Seus amigos falaram conosco antes de entrar. Não precisamos que ninguém cuide de nós.

— Admito que este disfarce de vocês é muito convincente. — Ashton

tentou usar de toda diplomacia, pois pôde perceber que tinha cutucado o orgulho dos jovens protetores de Penélope. Eles eram muito inteligentes para não perceberem porque ele estava ali. — Mas por que vocês acham que lugares como este estão sempre precisando de meninos para cuidar dos cavalos ou ensinar o caminho para os perdidos? Cortar gargantas não passa de um esporte nesta parte da cidade. Assim como apanhar garotos com rostinhos bonitos. Vocês não iriam gostar nada do lugar para onde seriam levados caso isso acontecesse, nem do que seriam forçados a fazer. — Os três meninos empalideceram, mostrando que tinham noção dos riscos que corriam, e ele se perguntou onde eles descobriam tais coisas. — Por quanto tempo ainda pretendem continuar com este joguinho perigoso?

— Vai acabar logo. Já ouvimos o suficiente para termos certeza de que foi Cratchitt quem tentou atropelar Penélope. Não foi muito difícil descobrir isso, é claro, mas é sempre bom saber quem são seus inimigos.

— E verdade. — Ashton ponderou se contava ou não aos meninos sobre a descrição do cocheiro que seus amigos fizeram, mas decidiu que eles já tinham se arriscado muito. — E quanto àquele outro caso?

— Está sendo bem mais difícil descobrir algo a respeito disso.

— Artemis está perto de conseguir uma resposta, milorde — disse Darius. — Uma das damas daqui gosta dele.

Ashton sorriu quando Artemis corou.

— Então pretende arrancar a verdade de uma das meninas da Sra. Cratchitt, é isso mesmo?

— O que foi que você disse? — Brant se aproximou deles e, sorrindo, olhou para Artemis da cabeça aos pés. — Já está pronto para bater as asinhas?

— Não, só estou em busca da verdade. — Artemis cruzou os braços sobre o peito. — Pen disse que alguém morreu naquela cama, e nós pretendemos descobrir quem foi como e por quê. Faith, esse era o nome do espírito que contou a Pen que ele fora assassinado.

Sem se dar conta do modo como Brant enrijecera ao ouvir o nome "Faith", Ashton perguntou:

— E vocês estão dispostos a arriscar a vida nessa pocilga porque Penélope afirma que um fantasma falou com ela?

— Estamos acostumados às pessoas não acreditarem em nós, mas sabemos a verdade. E se Pen realmente for capaz de falar com os mortos? Com os espíritos atormentados? E se esse lugar fez muito mais do que estragar a vida de inocentes? Não é nossa responsabilidade descobrir? Essa casa pode até ser fechada, mas o senhor sabe tanto quanto eu que aquela bruxa vai acabar abrindo outro bordel. Se ela tiver as mãos sujas de sangue, então, precisa ser detida, não simplesmente mudar de endereço. Ashton esfregou a testa, sem saber ao certo como lidar com esta crença de pessoas que podiam se comunicar com os mortos.

— Vamos supor que eu acredite que Penélope seja capaz de ver e falar com espíritos. Pelo que ouvi vocês dizerem, naquela noite o espírito não havia dito muita coisa que ajudasse.

— Acho que o mais importante que Faith disse foi que ela está soterrada sob os pecados — disse Estefan.

— Isso mesmo — concordou Artemis. — E este lugar está cheio de pecados, não está? Por isso estamos tentando descobrir se tem algum quarto ou adega subterrânea sob a casa e um modo de entrar no local.

Fazia sentido, Ashton pensou isso se alguém acreditasse que Penélope realmente podia falar com fantasmas. Ele estava prestes a fazer mais algumas perguntas quando Victor, Cornell e Whitney saíram do bordel, apressados. A Sra. Cratchitt e dois fortões vinham logo no encalço dos rapazes. Rapidamente os meninos se esconderam atrás dos cavalos.

— O que vocês estão fazendo com estes meninos? — interpelou a Sra. Cratchitt. — Já é difícil o bastante manter os meninos trabalhando sem que vocês tentem enganá-los.

— Só estávamos discutindo quanto vou pagar para que eles cuidem dos cavalos — disse Ashton.

— Mentiroso! Você está tentando me arruinar! Sei quem foi que espalhou aquela mentira sobre mim e o meu estabelecimento. Agora, vá embora! Nenhum de vocês é bem-vindo aqui! Vão perturbar outra pessoa, seus malditos! Se voltarem aqui, irão se arrepender!

Depois que seus amigos já tinham subido na carruagem, Ashton esboçou uma reverência para a Sra. Cratchitt e se juntou a eles. Odiou deixar os garotos, mas sabia que se ficasse iria apenas colocá-los ainda mais em perigo caso a mulher desconfiasse que ele os conhecia. Confrontar a Sra. Cratchitt neste momento não adiantaria nada, ele poderia até perder a chance de fazer com que ela pagasse pelos seus crimes. Ele só não tinha certeza se tais crimes incluíam assassinato.

— Você nunca disse que o nome do fantasma era Faith — Brant falou assim que a carruagem entrou em movimento.

— Faith é um nome comum — Ashton respondeu. — Eu não quis cutucar uma velha ferida, especialmente baseado nas palavras de alguém que afirma ser capaz de se comunicar com fantasmas.

— Os meninos acreditam nisso.

— Assim como também acreditam que Paulinho pode prever o que *irá* acontecer e que Hector pode *sentir* uma mentira.

— Então você não pretende ajudar os garotos a descobrir se há mesmo algo enterrado embaixo daquele inferninho? Nem mesmo para provar que eles estão errados e fazê-los parar com este jogo perigoso?

— Do que vocês estão falando? — perguntou Victor.

— Lembra quando contei a vocês tudo que escutei Artemis e Penélope falarem, naquela noite, no bordel? — Quando Victor assentiu, Ashton contou a ele tudo o que os meninos tinham dito. — Agora eles estão rondando aquele lugar para tentar descobrir se há algo sob o bordel e como entrar se houver.

— Maldição. Acha que eles podem estar certos?

— Que aquela mulher que arrasta moças contra vontade para o seu bordel e força as pobres a se prostituírem pode ter cometido um assassinato? — Ele suspirou quando seus amigos riram das suas palavras severas. — Sinto muito. Mas parece que, a cada esquina que dobro, tropeço em mais um problema, e isto está me deixando nervoso. Não estou precisando de mais problemas. Posso não acreditar que um fantasma tenha dito algo para Penélope, mas não acho difícil acreditar que a Sra. Cratchitt seja capaz de matar alguém e esconder o corpo.

— Mas se ela matou alguém, ou se alguém foi assassinado no bordel, ela não poderia simplesmente ter atirado o corpo no rio como tantos outros fazem — disse Cornell. — Pois o risco de ser vista carregando um corpo pelas ruas a caminho do rio é grande. As pessoas que andam por aqui costumam falar pouco, mas desconfio que aquela mulher não seja uma das moradoras mais queridas e admiradas. E ela deve saber disso também, e por isso arrumaria outro jeito de ocultar o cadáver.

— Por isso enterrou o corpo na adega do porão — murmurou Whitney. — O melhor lugar. Ela serve vinho. Deve haver um local para guardá-los. Geralmente os vinhos costumam ser guardados em algum quartinho subterrâneo para que sejam mantidos na temperatura adequada.

Ashton revirou os olhos. Seus amigos pelo visto estavam dispostos a descobrir se realmente havia um corpo na adega da Sra. Cratchitt, isso se ela tivesse mesmo uma adega. Ele já deveria ter imaginado que eles iriam querer se meter nisso. Eram freqüentadores dos bordéis, mas esperavam serem atendidos por mulheres que conheciam as regras do jogo, não por jovens arrastadas contra a vontade por uma madame gananciosa. A idéia de uma jovem inocente, não importava a classe social, ser arrancada do seio da sua família e jogada em uma vida triste ultrajava a todos. Seria impossível impedi-los de fazer seja lá o que estivessem planejando, assim como fora impossível deter os garotos. A estadia

de Ashton em Londres para encontrar uma esposa rica se tornava mais complicada a cada dia.

As complicações haviam começado exatamente na noite em que vira Penélope amarrada àquela cama, ele concluiu enquanto seus amigos discutiam e descartavam planos mirabolantes de como entrar no bordel da Sra. Cratchitt e descobrir onde ficava a tal adega. Até mesmo a sua crescente insatisfação com seu casamento antecipado se consolidara como uma verdade nua e crua. Daquele momento em diante, ele perdera todo o controle da sua vida. Havia sido preso em uma armadilha e forçado a um noivado indesejado, e agora questionava se Clarissa era mesmo a sua salvação financeira. Penélope o enlouquecera com um desejo que ele nunca havia sentido antes, e um bando de garotos desviava sua atenção dos seus próprios problemas, fazendo com que ele se preocupasse com a segurança deles. Todos agiam como se ver fantasmas, prever o futuro e sentir mentiras fosse normal, e a convicção deles em seus supostos dons começava a enfraquecer a sua firme determinação em ser um homem racional. Para completar, alguém queria matar Penélope, toda a sua família odiava sua noiva e ele havia descoberto que estava completamente perdido nas brumas do puro caos. Estava na hora de assumir o controle da sua vida. Seu primeiro passo para alcançar *este* objetivo era algo muito bom. Investimentos. Ashton sabia que precisava agir o mais rapidamente possível. Assim como sabia que não poderia mais esperar que provas da desonestidade dos Hutton-Moore caíssem em suas mãos. Era vergonhoso que os meninos fizessem muito mais do que ele para descobrir toda a verdade. Estava na hora de começar a investigar seriamente a sua noiva e seu cunhado sarcástico. Assim como também escava na hora de livrar Londres da Sra. Cratchitt. Mesmo que não fosse uma assassina, ela era uma mulher muito perigosa.

— Descubram quem é o fornecedor de vinho — ele sugeriu, interrompendo a discussão dos amigos.

— Isso mesmo, siga a rota do vinho — disse Brant. — Excelente. E

depois? Não vamos conseguir entrar naquele lugar sem que aqueles brutamontes percebam.

— Nós não, mas os garotos sim. Alguém precisa carregar o vinho para dentro. Se os garotos conseguirem descobrir qual é o dia da entrega, eles podem ficar por perto e se oferecer para ajudar em troca de uma ou duas moedas. Podemos até fazer com que o fornecedor passe para o nosso lado e permita que um de nós participe da entrega. Disfarçado, é claro. Com certeza os garotos também podem nos ajudar a descobrir quem é o fornecedor.

— De acordo — Cornell disse.

Uma questão já estava resolvida, Ashton pensou satisfeito.

— Preciso conseguir também o máximo de informações possível sobre os Hutton-Moore. Meu mordomo obviamente deixou escapar algo, e nossos métodos até então não foram sérios o suficiente, eu creio. Vou tentar descobrir quem era o advogado do pai e da mãe de Penélope. Se ele for corrupto, então todos os direitos dos Hutton-Moore são questionáveis.

— Se isso for mesmo verdade, então a riqueza que eles declaram possuir pode não ser deles. Como eles pensaram que poderiam continuar esta farsa?

—Ter um visconde endividado nas mãos certamente pode ajudar — murmurou Vincent.

— Exatamente. — Ashton começou a ver quão fácil seria para eles o usarem para assegurar a fortuna que não lhes pertencia de direito. — Assim garantirei que a fortuna de Penélope fique nas mãos dela. Se eles me tornarem cúmplice desta fraude, será ainda mais fácil. Eles pensarão que, se eu descobrir toda a verdade, ficarei ansioso para salvar a minha própria pele da desgraça e, assim, ao mesmo tempo acabaria protegendo-os.

— Se houver mesmo uma herança, eles certamente virão atrás de Penélope quando ela atingir a maioridade.

— Isso se ela atingir a maioridade.

— Minha nossa! A cada hora esta situação fica mais enrolada.

— Então vamos colocar a cabeça para funcionar e desvendar isso.



CAPÍTULO IX

PENÉLOPE ENGOLIU UM PALAVRÃO INCISIVO ENQUANTO DOUTOR PRYNE removia os pontos da sua cabeça. Para sua tristeza, era preciso cortar um pouco dos cabelos ao redor do ferimento. Não que fosse muito vaidosa, mas ela estava com vontade de matar a Sra. Cratchitt por isso.

Só de pensar naquela mulher, já estragava seu humor. Nada dava certo na sua vida desde aquela noite. Ela tinha sido assombrada pelo fantasma de uma moça chamada Faith, mas ainda não havia feito nada para ajudar o pobre espírito a encontrar a paz. Os garotos andavam às soltas, e na maioria das vezes, ela nem sabia por onde, apesar de ter suas suspeitas. Charles e Clarissa de repente passaram a querer saber onde ela estava e o que fazia. O pior de tudo era que ela tinha quase certeza de que a sua paixão por Radmoor se transformara em algo muito mais profundo. Foi com relutância que Penélope encarou o fato de que se apaixonara pelo homem que em breve se casaria com sua meia-irmã, paixão que não passava de uma sombra perto do que sentia agora. Ela não sabia se chorava ou se batia com a cabeça na parede até que o seu bom senso retornasse.

Há duas semanas. Lorde Ashton Pendellan Radmoor invadia sua casa com a mesma freqüência com que invadia seus sonhos. A cada visita, seus abraços se tornavam mais calorosos, os beijos mais envolventes. Penélope sabia que ele a desejava. Para sua vergonha, ela também o desejava. A fraqueza que tinha pelo homem a incomodava tanto que ela começara a passar mais tempo em sua outra casa, imprudentemente colocando-se sob os olhos atentos de seus meios-irmãos.

Mas esta era uma loucura da qual não queria se curar. O modo como Ashton a tocava e a beijava era puro pecado, e ela não via a hora de se entregar.

Ele alegou que tudo estava sob controle, mas várias vezes ela sentiu que ele estava confuso, até mesmo desconfortável, com a paixão que havia brotado entre eles. Mas ela não podia continuar vendo-o desta maneira. O modo como ele a beijava, o jeito que ele a fazia se sentir, e a maneira como fazia com que ela quebrasse todas as regras que estabelecera para si mesma transformava-o em uma tentação pecaminosa para seus olhos. E ela não estava resistindo a esta tentação.

— Acabou, moça — disse o Dr. Pryne. — Está novinha em folha. — Ele deu um tapinha de leve na mão dela quando tentou tocar na cicatriz. — Não fique mexendo. Isto vai coçar um pouco e — fez um afago nas costas da paciente — logo seu cabelo vai crescer.

Penélope agradeceu ao médico e se ofereceu para acompanhá-lo até a porta, mas ele dispensou jovialmente, dizendo, ao deixar o quarto, para ela se manter longe de confusão. No momento em que a porta se fechou, ela correu para o espelho. Depois de ajeitar os cabelos das mais diferentes maneiras, finalmente conseguiu garantir que ninguém pudesse ver onde tinha sido o corte. De repente, Penélope começou a rir. Estava se deixando tomar pela vaidade, e por causa dos seus cabelos. Não passavam de cabelos, simples cabelos castanhos, ela se lembrou com convicção enquanto deixava o quarto e descia a escadaria.

A porta da frente escancarou, e o coração de Penélope pareceu pular até a garganta. O menino ridiculamente vestido que estava parado lá não foi reconhecido de imediato.

— Hector? — Que roupa ridícula era aquela que Clarissa imaginava que um pajem deveria usar? Hector suspirou e entrou na casa, batendo a porta às suas costas. O menino passou por Penélope pisando duro, rumo à sala de estar. Um milhão de perguntas martelava dentro da cabeça de Penélope. Rapidamente, ela o seguiu e observou ele se jogando sobre um dos sofás. E estava prestes a

sentar ao lado quando viu os hematomas no rosto do menino. Ela correu até ele, ignorando todas as tentativas do garoto de afastá-la.

— Foi Clarissa que fez isto em você, não foi? — Penélope se levantou para pegar um pouco de água fresca e algumas toalhas. — Espere aqui.

Penélope se encheu de raiva enquanto apanhava tudo de que precisava para cuidar do pobre rosto machucado de Hector. Quando soube que Hector estava trabalhando como pajem de Clarissa, ela sentiu vontade de arrastá-lo de volta para a segurança do lar que ela criara para eles. Mas então imaginou que a sua atitude poderia ferir o orgulho juvenil do garoto, uma vez que tudo que ele estava fazendo era para tentar ajudá-la. Em vez disso, ela pediu à zelosa Sra. Potts para ficar de olho no menino. Agora tudo que mais desejava era ter cedido ao seu primeiro impulso. Ela correu de volta para a sala, amaldiçoando a meia-irmã a cada passo do caminho.

— Por que você acha que foi Lady Clarissa que fez isto? — perguntou Hector, enquanto segurava uma toalha molhada sobre uma das suas bochechas ao mesmo tempo em que Penélope limpava com todo cuidado os arranhões na outra face.

— Sei muito bem o que você anda aprontando, que tem se passado por pajem dela para espionar por mim. Você já mora aqui há tempo suficiente para saber que os segredos têm vida curta nesta casa. — Ela aplicou uma pomada sobre o arranhão. — Mais algum ferimento, além destes que tem no rosto? Ele suspirou.

— Ela também me chutou. Na altura das costelas. Mas tomei cuidado. Protegi meu estômago e outras partes do meu corpo do jeitinho que Artemis me ensinou. Penélope não sabia se ria ou se chorava. O menino estava se referindo às suas genitálias, certamente. Mas sua raiva voltou no mesmo instante mais fervente do que nunca, quando ela tirou a camisa do menino e viu os hematomas ao longo das costelas.

— Pelo visto, ela o chutou mais de uma vez. O que aconteceu? —

perguntou enquanto verificava cada uma das marcas, aliviada por descobrir que aquilo era tudo.

— Derrubei chá no vestido dela. — Enquanto contava, Hector observou com atenção a reação de Penélope. — Ela soltou um grito ensurdecedor e depois me bateu. Eu caí e foi então que ela arranhou o outro lado do meu rosto. Em seguida, ela se levantou e me chutou, rogando pragas como se fosse um marujo. Assim que ela saiu da sala pisando duro para trocar o vestido, eu vim embora. — Ele franziu a testa. — Ela já havia me batido antes. E me beliscado e feito coisas do tipo. Mas nunca assim. Acho que algo deu errado para ela e desconfio o que foi Radmoor.

Apesar de estar tão furiosa que mal conseguia respirar, Penélope perguntou:

— O que Radmoor fez para que ela ficasse tão irada assim?

— Nada e este é o problema. Ele não se curvou a ela, não louvou a cor de seus olhos nem lhe comprou presentes.

— E porque um homem não escreveu poemas de amor sobre os dedos dos pés dela, ela desconta a raiva em um menino?

Hector arregalou os olhos diante da fúria embutida na voz de Penélope.

— Ela tem um temperamento difícil e quer tudo do jeito dela na hora que ela quer. — Você *não* vai voltar para lá.

— Não. Eu já havia tomado essa decisão no momento em que me levantei do chão.

A imagem chocante acabou por desatar o laço que continha a sua raiva. Penélope deu ordens para Hector não colocar os pés para fora de casa e em seguida saiu para confrontar Clarissa. No caminho, na carruagem de aluguel, fez o que pôde para conter a ira selvagem que insurgia dentro do seu corpo, mas foi difícil. A raiva pelo que Clarissa fizera a Hector alimentou e fortaleceu todas as suas mágoas antigas contra a mulher, que certamente não era um terço da raiva que Clarissa devia sentir de Ashton.

Desde o dia em que a sua mãe e o barão morreram. Clarissa e Charles passaram a tratá-la como se ela fosse algum segredo vergonhoso, como se ela estivesse vivendo da caridade deles e devesse a eles a bondade de não envergonhá-los ao aparecer em público. Eles a isolaram no sótão da sua própria casa, nunca compartilharam uma refeição com ela, nem a apresentaram a ninguém, nem a levaram para lugar algum. Clarissa se apossara até mesmo das jóias da sua mãe, sendo que nenhuma fora comprada pelo barão.

Por que tenho de aturar isto? Ela se perguntou enquanto pagava o cocheiro e caminhava até a porta da casa. Pela casa? Para descobrir o que Charles e Clarissa estão fazendo com a sua herança? Naquele momento, nenhum destes motivos para permanecer na casa fazia sentido. Ela tinha certeza de que conseguiria encontrar um meio de proteger o que era seu de direito, expor a venalidade criminosos dos seus meios-irmãos de uma figa.

Ela encontrou Clarissa na sala de estar, admirando a própria beleza em um pequeno espelho oval.

— Clarissa.

Clarissa se virou para fitar Penélope, e escava visivelmente transtornada com a aparição da meia-irmã. Penélope sabia que estava trajando um simples vestido azul, digno de uma criada e que seus cabelos estavam em desalinho, mas nada disso justificava tamanho espanto. O que justificasse talvez seria Penélope ter ousado entrar na sala que Clarissa escolhera para receber seus muitos admiradores, na sala de onde Penélope tinha sido banida. Mas Penélope percebeu exatamente quando Clarissa viu a ira em seus olhos. E o modo como Clarissa a encarou cautelosamente indicou que a mulher estava se perguntando se Penélope decidira que era chegado o momento de se rebelar. Se fosse isso, então Clarissa certamente deveria estar imaginando que era hora de pressionar Charles a parar de enrolar e dar um fim definitivo à meia-irmã indesejada.

Ashton desceu da carruagem bem a tempo de ver Penélope entrar na casa dos Hutton-Moore. Pela porta da frente. Ela nunca entrava na casa pela porta da

frente. O sinal de perigo acelerou seus passos. Ele passou pelo assustado mordomo e correu em direção da sala luxuosamente decorada onde Clarissa gostava de receber os convidados.

— O que *você* está fazendo aqui? Eu estou esperando por Radmoor, e ele não vai gostar de ver uma mulher tão desarrumada. Saia daqui.

O comando estridente de Clarissa chegou aos ouvidos de Ashton antes mesmo de ele alcançar a porta. Ele olhou para trás, viu que o mordomo se aproximava e com um aceno de mão dispensou o homem. O mordomo hesitou por um momento, mas obedeceu à ordem silenciosa. Ashton se moveu então até a porta, o mais silenciosamente que pôde, e viu Penélope. Ela estava simplesmente maravilhosa em todo seu desalinho. E Clarissa parecia furiosa.

— Acabei de cuidar dos ferimentos que você causou em um dos meus meninos.

— Aquele pirralho foi correndo chorar para você então? Provavelmente a encontrou na cozinha, não foi? Moleque ingrato.

— Você por acaso parou por um momento sequer para ver se ele ainda *conseguia* correr depois dos chutes que desferiu enquanto ele estava caído no chão?

— Ele estragou o meu vestido! O ditado não diz "criança mimada, criança estragada"?

Penélope encarou a meia-irmã. A visita para confrontar Clarissa estava sendo uma perda de tempo. Ela estava morrendo de vontade de dar umas bofetadas na mulher, machucá-la do mesmo modo que ela tinha feito com Hector, mas percebeu que isso não mudaria nada. Clarissa nunca iria perceber que o que tinha feito ao pobre Hector era errado. Aos olhos de Clarissa, os únicos que faziam coisas erradas eram aqueles que resolviam contrariá-la ou cruzar o seu caminho.

— Você, *minha querida irmãzinha*, não passa de uma vadia de coração frio, fútil e mimada.

Clarissa soltou um palavrão e ergueu a mão para a meia-irmã. Penélope, acostumada às reações violentas da irmã, estava preparada para isso e segurou o pulso de Clarissa no ar. Em seguida, decidiu que um ataque como este merecia uma desforra. E quem melhor do que alguém que viveu cercada de meninos nos últimos anos? Ela acertou um soco direto na boca de Clarissa, que cambaleou e caiu sentada no sofá, com a mão sobre os lábios sangrando.

Fora uma atitude grosseira, até mesmo infantil, mas Penélope não estava arrependida. A mulher merecia algo muito pior por ter chutado e batido em uma criança. Penélope admitiu para si mesma que o soco também havia sido uma desforra pelos milhares de insultos e ofensas que ela sofreu nas mãos de Clarissa por tanto tempo.

— Você vai pagar por isso, Penélope, e muito caro.

— Como? Perdendo a caminha fria no sótão que você graciosamente me permite usar? Vai me negar o direito de ir e vir livremente pela sociedade onde eu nasci? Ah, espere, você já faz isso! Ou vai tornar a minha vida insuportável? Isso você também já fez no dia em que a minha mãe se casou com o seu pai, até mesmo antes. Mas agora chega! Não vou suportar mais isso por um minuto sequer. Só permaneci aqui até hoje porque esta casa é *minha*.

— Não seja tola. Esta casa pertence ao Charles.

Ashton notou que Clarissa olhou para os lados ao dizer aquilo, pouco antes de voltar os olhos para Penélope.

— Não, Clarissa. Esta casa é minha e você sabe bem disso. Não posso fazer nada a respeito agora, mas um dia ainda vou expulsar você e o seu irmão daqui. Até lá, aproveite a estadia.

— E para onde você pensa que vai? Você não tem dinheiro e esta sob a tutela de Charles.

— Tenho muitos parentes. Posso ir morar com um deles.

— Charles não vai permitir. Ele vai trazê-la de volta.

— Ele que tente. — Penélope começou a se mover rumo à porta. — E

tome cuidado, irmãzinha. Os espíritos desta casa não gostam muito de você. — O fato de saber o quanto qualquer conversa sobre espíritos causava medo em Clarissa era o mesmo que atirar um dardo na despedida, mas mesmo assim valia a pena.

Ashton desceu os degraus correndo rumo à sua carruagem. Ele viera tomar chá com Clarissa, atendendo ao convite forçado da anfitriã, mas decidiu que Penélope precisava dele. Além do mais, não tinha certeza se conseguiria se conter, caso tivesse que encarar a noiva naquele momento. A fúria que escapara da voz de Penélope já fora o suficiente para indicar que o jovem Hector não tinha levado uma bofetada apenas, os detalhes o deixaram ainda mais enojado. Ele conhecia muitas pessoas que acreditavam que educar uma criança direito só era possível por meio de uma dura disciplina, mas a sua mãe nunca tolerou este tipo de atitude. Até onde sabia, disciplina nunca fora algo que faltara a ele e seus irmãos.

Ele esperava à porta da carruagem quando Penélope saiu da casa. Ela havia demorado tanto para aparecer que ele já estava pensando em voltar para verificar se tinha acontecido algo. A bolsa que ela carregava indicou o motivo da demora. Ela falava sério quando disse que iria embora. Apesar de ele saber que Penélope tinha um lugar confortável para ficar, os Hutton-Moore ainda não sabiam, mesmo assim Clarissa não fez nada para tentar impedir que a meia-irmã fosse embora. Quando Penélope o avistou, ele inclinou a cabeça e acenou na direção da porta aberta da carruagem.

Penélope hesitou um segundo apenas antes de se aproximar de Ashton e permitir que ele a ajudasse a subir no veículo. Ela repousou a cabeça no encosto do assento e fechou os olhos enquanto ele entrava logo atrás. Só depois da carruagem começar a se mover ela abriu um dos olhos e observou Ashton deslizar sobre o assento para se aproximar.

— Por que estava esperando por mim? Como soube que eu estava aqui? — ela perguntou.

— Eu a vi entrar — ele respondeu pousando o braço ao redor do ombro dela.

— Escutou a conversa que tive com Clarissa?

— Sim, e tive de ser rápido para conseguir ouvir tudo.

Penélope só pôde sorrir diante da tolice. Sua fúria havia diminuído enquanto ela apanhava seus poucos pertences. E diminuía ainda mais quando ela deu uma paradinha no quarto de Clarissa e recolheu as jóias que pertenceram a sua mãe. Uma parte sua estava insegura, incerta se havia desistido cedo demais, mas a maior parte estava aliviada por ter se livrado daqueles dois. O apelido que os meninos haviam dado a Charles e Clarissa combinava direitinho com eles, mesmo quando precedido de alguma palavra pouco lisonjeira que os meninos tanto gostavam de usar, ela concluiu. Eles não eram sangue do seu sangue e juntos nunca formaram uma família. Eram simplesmente meios-irmãos e ela desejava nunca mais ter de vê-los ou filiar com eles novamente. Pelo menos, não até que chegasse o momento de expulsá-los da sua casa.

— Você ouviu quando Clarissa disse que estou sob a guarda de Charles? — ela perguntou a Ashton, ciente de que deveria se afastar do abraço aconchegante.

— Ouvi e isso pode ser usado como uma prova — Ashton respondeu. — Talvez fosse melhor você pedir que um dos seus parentes fale com ele. — As palavras eram duras de dizer, pois ele não queria que ela se afastasse dele. — Procure pelo que possui o título mais importante, o que tem mais poder para agir. Assim, quando Charles finalmente conseguir uma ordem judicial para trazê-la de volta, você já deverá ter completado a maior idade e estará livre dele. Ele pode até perder a sua guarda para um dos seus parentes consangüíneos.

— O que possuí o título mais alto é Modred. — Ela o ignorou quando ele, surpreso, murmurou o nome, pois quase todos tinham a mesma reação. — Modred Vaughn, o Duque de Elderwood. Não tenho outra opção senão pedir a ajuda dele, mas estou certa de que ele irá me ajudar. Só acho que a presença dos

garotos poderá incomodá-lo um pouco. Não me entenda mal. Ele é o mais gentil dos homens, mas tem dificuldade de ficar perto de algumas pessoas e nunca esteve com os meninos.

— Dizem que ele é capaz de ler a mente das pessoas.

— Percebo que acredita nisso tanto quanto que posso ver espíritos — ela provocou e riu quando ele corou. — Sim, ele pode, mas não do modo como você imagina. Nem todas as mentes são um livro aberto. Ele pode pegar algumas palavras e até mesmo sentenças inteiras aqui e ali, o bastante para saber o que alguém está pensando. Especialmente se tais pensamentos são provenientes de fortes emoções, e fortes emoções nem sempre são boas, não é mesmo? Se colocarem o pobre Modred em uma sala cheia de gente, ele será atingido pelas emoções, à mente será atacada por fragmentos de pensamentos até que ele não consiga ouvir mais nada além de um som desagradável na sua cabeça. É por isso que ele costuma ficar mais na sede da família em companhia da tia Dob, que trabalha duro para ensiná-lo como, digamos, se proteger de ataques tão violentos. Sei que você não acredita em nada disso que estou dizendo. Ele a beijou no rosto.

— Já não sei em que acredito. Vi Septimus atenuar sua dor, e o Doutor Pryne obviamente acredita na habilidade daquele jovem de fazer tal coisa. Sei que Hector tem o talento de detectar uma mentira e que é muito inteligente para um menino de apenas nove anos. Assim como também sei que todos naquela casa acreditam em tais coisas. — Ele franziu a testa enquanto lutava em busca das palavras certas, as que poderiam explicar sem ofender. — Os boatos sobre os dons da sua família correm há muito tempo para serem ignorados, mas eu me orgulho de ser um homem que acredita na razão. Preciso de provas.

— Algo que para muitos dos nossos dons é difícil demonstrar. Não pense que me ofendi.

O sorriso brando que ela lhe deu foi mais tentador do que Ashton podia resistir. Ele a envolveu em seus braços e beijou-a. O modo como o corpo

pequeno se encaixou com tanta perfeição aqueceu seu sangue com um desejo avassalador. Era loucura continuar insultando seu desejo e errado continuar tentando-a a ceder, mas ele que não tinha forças com relação à Penélope, não ao senti-la tão macia e bem-vinda em seus braços.

A carruagem parou, trazendo de volta seu bom-senso. Ele findou o beijo e lutou contra tentação de deitá-la no banco da carruagem e fazer amor ali mesmo. O desejo clareou os olhos azuis de Penélope, e o rubor do calor da paixão nas faces da moça não facilitou em nada.

Penélope se sacudiu por dentro numa tentativa de recuperar os sentidos enquanto Ashton a ajudava a descer da carruagem. Ela mantinha uma casa para os filhos ilegítimos dos seus parentes, portanto sabia muito bem pelo que tanto ansiava. Assim como também sabia que Ashton não havia fechado o casaco por estar com frio. A prova firme do seu desejo por ela se evidenciara durante o abraço envolvente. Ele estava fazendo o possível para agir como um cavalheiro. Mas, de repente, Penélope decidiu que não desejava que ele obtivesse sucesso na empreitada.

Todos, menos seus irmãos e Darius, estavam esperando na sala quando ela e Ashton entraram. Por uma fração de segundo, ela temeu que algo terrível tivesse acontecido, mas uma rápida passada de olhos no rosto dos meninos não identificou nenhum sinal de preocupação ou medo. Mesmo assim, ela sorriu cautelosamente enquanto avançava para verificar os ferimentos de Hector e ficou satisfeita ao ver que os hematomas e o inchaço não tinham piorado.

— Eu gostaria de levar os meninos para passar à tarde na minha casa — disse Septimus. — Tem certeza de que sua prima vai gostar de ter tanta companhia? — ela perguntou.

— Sim. O sobrinho dela veio passar uma semana e está entediado. O menino está acostumado a ter outras crianças da mesma idade para brincar. Alguém que o entenda — ele adicionou baixinho.

— Ah! — Penélope assentiu. — Neste caso, eles podem ir. Só espero que a sua prima tenha noção do tamanho da encrenca que terá em casa — ela completou rindo, ignorando as reclamações brincalhonas dos meninos.

Não demorou muito para a casa ficar vazia. E demorou um segundo mais apenas para que Penélope se desse conta de que, pela primeira vez, desde aquela noite no bordel, ela estava realmente sozinha com Ashton. Subitamente nervosa, ela o convidou para sentar e correu até a cozinha para preparar algo para comer e beber. Quando voltou, carregando uma bandeja, ele estava confortavelmente sentado, sorrindo distraído enquanto olhava alguns desenhos que o jovem Olwen deixara esparramados sobre a mesa de centro. Mas, assim que a viu, ele se levantou para ajudá-la com a bandeja.

— São muito bons — ele disse, sentando-se novamente e puxando-a para seu lado. — Quem é o artista?

— Olwen — ela respondeu. — O filho do tio Argus. Ele está tentando aprimorar seus dons artísticos para que assim consiga desenhar algumas de suas visões ou alguns de seus sonhos.

— Olwen pode prever o que vai acontecer como Paulinho? — Ele serviu vinho para os dois.

— Não exatamente. É um pouco complicado de explicar, e por eles serem todos muitos jovens é difícil ter certeza de como exatamente as suas, digamos, habilidades irão se desenvolver. Tem certeza de que quer mesmo ouvir sobre isso? — ela perguntou e então tomou um gole do vinho.

— Como posso chegar a uma conclusão baseado na razão que tanto prezo se não obtiver todas as informações necessárias?

— Nenhum de nós possui todas as informações. Apenas é o que é — ela disse e começou explicar da melhor maneira que podia os vários dons, ou maldições, que a sua grande família possuía.

Ashton ouviu todas as histórias, fazendo algumas perguntas, vez ou outra. Mesmo assim ainda não conseguia acreditar em todas as coisas que a família

dela afirmava poder fazer, mas, agora, pelo menos, podia entender melhor. A caça às bruxas podia até ter chegado ao fim, mas os Vaughn e os Wherlocke ainda sofriam os resquícios de tal perseguição. Tinham visto suas esposas e seus maridos os abandonarem, mães e pais rejeitarem os próprios filhos, por conseqüência tiveram que se manter reclusos, pois eram poucos os que acreditavam nos seus variados dons. E Ashton quase se sentiu culpado pela dúvida.

Ele a abraçou enquanto eles bebiam e conversavam. O silêncio da casa os envolveu, mas Ashton precisou de um tempo para compreender o significado daquela quietude. Todos os meninos haviam saído. Penélope não tinha criados morando na casa, exceto pelo tutor, que também saía. Ele estava a sós com Penélope. O último resquício de impedimento que detinha seu desejo por ela havia desaparecido. E no momento em que ela terminou de contar uma história sobre seu tio Argus, Ashton envolveu-a em seus braços e beijou-a com toda avidez que atizava suas entranhas há tanto tempo.

Penélope se assustou um pouco a princípio com a força do abraço de Ashton. Então sua boca foi invadida e a mágica teve início. Num canto remoto da sua mente, ela ouviu a taça de vinho cair da sua mão, mas não deu importância. Entrelaçou os braços ao redor do pescoço dele e se deixou levar pela força do prazer do beijo.

Logo, Ashton a deitou, mas Penélope não protestou. A pressão do corpo grande e firme sobre o seu fez com que seu sangue fluísse quente e selvagem nas veias. Ela inclinou a cabeça para trás quando ele beijou-lhe a base do pescoço. O calor da boca invadiu seu corpo enquanto ele beijava e mordiscava a pele sensível daquela região. As mãos fortes se moveram então ao longo do corpo acariciando-a, e ela estremeceu com a força do desejo que ele despertava.

— Isto é loucura — Ashton murmurou ao se dar conta de que começava a desabotoar o vestido dela.

— Mas é uma loucura deliciosa. — Ela o beijou no pescoço, saboreando o gosto da pele, e ouviu o gemido suave que ele deixou escapar.

— Penélope, estou prestes a tomá-la aqui mesmo, no sofá da sua sala.

— Sim, é verdade, talvez não seja o melhor lugar.

Ele se apoiou sobre os cotovelos para fitá-la. Os lábios rubros estavam inchados de tanto beijar, os olhos azuis emanavam um calor que ele agora sabia ter sido despertado pelo desejo. Ela o queria. Ele a queria. O homem voraz que havia dentro dele dizia que tinha chegado o momento. Foi vergonhoso pensar que ele estava ficando igual ao seu pai. Apesar do seu pai nunca ter sequer parado para perguntar se uma mulher gostaria de ceder aos seus desejos, e este pensamento serviu de consolo.

— Você é inocente — ele iniciou, imaginando que ela não entendia realmente quão perto estava de ser deflorada na sala.

Penélope não queria discutir a questão, especialmente porque tal conversa só servia para esfriar o calor que ele mesmo havia atizado.

— Inocente sim, mas não ingênua. Ashton... — Ela enfiou a mão dentro da camisa dele e fez coro ao gemido que ele deixou escapar quando ela acariciou a pele quente e firme do peitoral. — Cuido de uma casa onde moram os filhos bastardos dos meus parentes. Artemis e Estefan são as provas de que meu pai era tão infiel quanto o seu. Moro a poucos passos de um bairro de Londres onde todos os pecados conhecidos por um homem podem ser comprados. Posso ser pura no corpo, mas sei muito mais do que gostaria. Sei aonde isto vai nos levar e sei que quero seguir este caminho.

— Não sou um homem livre... — Ela pousou os dedos sobre os lábios dele, calando-o.

— Sei disso também, assim como sei que nunca será. — Ela ergueu os dedos e lentamente traçou o contorno dos lábios dele com a língua. —Voe livremente comigo, Ashton. Permita que eu voe com você por enquanto, ou pelo menos até que você não troque com outra votos que nenhum de nós vai querer

quebrar.

Ele a encarou, seu corpo ansiava por tomá-la enquanto a mente o lembrava de como um cavalheiro deveria se comportar. A verdade nas palavras dela estava refletida nos olhos. Ela o queria tanto quanto ele a queria. A loucura que ela havia despertado nele era compartilhada. Ashton levantou-se e estendeu a mão.

— Se está prestes a cair em pecado, Penélope Wherlocke, vamos pelo menos ter o mínimo de dignidade de fazer isso em uma cama — ele disse.

Ela segurou a mão estendida, agilmente se levantou do assento e o conduziu até o seu quarto. Ele sabia o caminho, mas se deixou conduzir. Ashton esperava que a caminhada até o quarto pudesse esfriar seu sangue o suficiente para que recuperasse o bom-senso, mas suas veias ainda pulsavam de desejo a cada passo do trajeto. Ele fechou a porta no momento em que entraram no quarto e então olhou para ela. O vestido semiaberto estava caído sobre os ombros, e os seios fartos, quase totalmente expostos, então ele decidiu que mandaria o bom-senso para os infernos. Pela primeira vez, fazia o que realmente queria e resolveu deixar para lidar com as conseqüências mais tarde.

Penélope percebeu a hesitação de Ashton e temeu que ele tivesse recuperado o controle do desejo. Mas ela quase riu de alegria quando ele a ergueu nos braços e caminhou até a cama. Ela ainda estava com os braços ao redor do corpo forte quando os dois caíram sobre a cama. Embriagada pelos beijos, a paixão corria quente o bastante para cegá-la a tudo ao seu redor, ela só percebeu quão rápido ele tinha conseguido livrá-los das roupas quando sentiu o calor da pele quente tocar a sua.

— Você é tão linda — ele sussurrou, agachando-se sobre ela para que assim pudesse analisá-la da cabeça aos pés e se deliciar com o modo como seu corpo ardia de desejo a cada novo pedacinho do corpo dela que seus olhos vislumbravam. — E tão macia. — Suas mãos deslizaram pela lateral do corpo esguio, descendo dos ombros até as coxas e então ele inclinou a cabeça para

frente e lentamente lambeu a ponta enrijecida de um dos seios arredondados. — Seu gosto é tão doce quanto o mais fino néctar. Tenho sentido desejo por você desde aquela noite na casa da Sra. Cratchitt.

— Assim como eu por você — ela disse e tocou delicadamente no peitoral largo, liso e musculoso. — E acho que já falamos muito.

— Sim. — Ele resmungou entre dentes cerrados e então caiu sobre ela, ouvindo ao longe o último fio de seu controle se desfazer.

No momento em que a boca dele se fechou sobre a ponta do seio arfante, Penélope perdeu a capacidade de raciocinar com clareza para mergulhar profundamente no desejo que corria por suas veias. Um desejo que aumentava a cada beijo, cada carícia da língua sobre a sua pele, cada toque de mão. Ela estava tão excitada quando ele deslizou a mão entre as suas pernas que mal hesitou diante do toque tão íntimo. Ele a beijou enquanto estimulava a área, seus dedos entravam e saíam sem pedir licença. Mas a vontade que ele despertou ali não podia mais ser satisfeita apenas pelas carícias pedia por mais. Ela precisava de mais, mas não sabia como pedir.

Ashton sabia que não conseguiria esperar por muito mais tempo para possuí-la. Tinha sonhado em fazer amor com ela devagar, de modo a lhe proporcionar prazer várias vezes, mas este era um sonho que teria que ficar para outro dia. Se não a penetrasse logo, acabaria se esvaziando ali mesmo sobre os lençóis. Ele começou a penetrá-la e soltou um gemido ao sentir a umidade quente o envolver. Quando encontrou o escudo que protegia a virgindade, ele a beijou e entrou com afinco, rompendo a barreira como se fosse um saqueador dos velhos tempos e capturando com a boca o gemido de dor que ela soltou.

— Só dói uma vez. Eu juro — ele disse ao mesmo tempo em que beijava os seios arfantes e macios.

— Eu sei. — Ela o abraçou, prendendo-o o mais próximo possível que conseguia enquanto a dor diminuía e o prazer retornava. — O que vem agora?

— A dor passou?

— Sim, sinto-me apenas deliciosamente preenchida.

Ashton gemeu e começou a se mover. Sua intenção era ir lentamente, com delicadeza, mas o modo como ela rapidamente acompanhou o seu ritmo, ao mesmo tempo em que soltava gemidos suaves de prazer, destruiu a nobre intenção, e o anseio tomou conta de tudo. Quando ela atingiu o clímax, todo o seu corpo estremeceu e ele penetrou ainda mais profundamente e se deixou levar para além do racional.

Penélope começava a despertar do torpor de prazer que ele lhe concedera quando Ashton se levantou da cama. Mas ela ficou tão aliviada ao perceber que ele não estava se vestindo que chegou a corar levemente quando ele apanhou uma toalhinha úmida e limpou a ambos. Ela o abraçou o mais próximo que pôde assim que ele se deitou de volta e a envolveu em seus braços.

— Penélope, quero me livrar de Clarissa e... — Ele suspirou antes mesmo de ela pousar a mão sobre a sua boca.

— Nada de promessas. Nada de dar esperanças. O que será, será. Vamos aproveitar o que temos — ela disse.

— Estou trabalhando para me livrar daquela armadilha.

— Eu sei e rezo para que consiga. Pelo seu próprio bem, nada mais. Mas agora existem muitas complicações para falarmos sobre o futuro.

Ele sorriu.

— Eu sei, quais são e por que nunca deveria ter nem mesmo beijado-a.

— Por que não? Gosto dos seus beijos.

Ashton sabia que ela não estava tão despreocupada quanto tentava transparecer, mesmo assim sorriu e a beijou. Ela tinha razão. Havia tantos nós a serem desatados antes que eles pudessem falar sobre o futuro. Quando eles começaram a fazer amor novamente, ele prometeu para si mesmo que conseguiria se livrar das dívidas e de Clarissa. E então Penélope não poderia mais silenciá-lo quando ele tentasse falar do futuro. Pois agora ele sabia que o único futuro que lhe interessava era ao lado de Penélope Wherlocke.



CAPÍTULO X

— QUANDO VOCÊ E RADMOOR IRÃO SE CASAR?

Penélope fez o que pôde para manter a calma enquanto consertava uma camisa, mas por dentro xingou Artemis pela pergunta direta. O término da carreira de pontos perfeitamente alinhados deu-lhe tempo para pensar qual seria a melhor maneira de responder a pergunta. Só então ela finalmente ergueu os olhos para ele com o que esperou ter sido uma expressão confusa e ingênua.

Ashton fizera o possível para sair sem ser visto pouco antes de o sol raiar, mas ela sabia que o esforço tinha sido em vão. Não havia segredos em uma casa cheia de Wherlockes e Vaughns, mesmo em uma onde a maioria dos ocupantes ainda era muito pequena para ter total noção ou controle dos próprios dons. Por pouco não dissera isso a ele, na esperança de que ele voltasse para a cama, mas acabou optando pelo silêncio enquanto ele a beijava antes de ir embora.

Todos os meninos que tinham mais de sete anos estavam ao seu redor e nenhum deles parecia ter acreditado na sua cara de inocência. Ela poderia tentar mudar de assunto, mas não enganá-los. Isso também seria inútil e apenas acabaria ferindo os sentimentos deles.

— E por que Lorde Radmoor deveria se casar comigo?— Ela perguntou.
— Até onde sei, ele já está comprometido.

— Mas até onde eu sei deitar-se com a filha virgem de um marquês deve pôr em risco qualquer compromisso que ele tenha — crispou Artemis.

— Artemis, posso ser inocente, mas sou uma mulher adulta uma solteirona aos olhos de muitos.

— Isto não torna aceitável o fato de ele tê-la seduzido.

— Nem mesmo se eu tivesse me deixado seduzir? — Ela argumentou e suspirou quando Artemis e os outros meninos pareceram ainda mais bravos. Ela os estava desapontando e isso doeu.

— Mas e a sua reputação? — Estefan iniciou.

— Não tenho nenhuma. Ninguém, exceto a minha família, sabe que eu existo. — Isso machucou, mas ela ignorou a dor antiga. — E mesmo que um dia a sociedade saiba sobre a minha existência, depois que descobrirem este lugar, não terei nenhum bom nome para proteger de qualquer maneira.

— Por causa de nós. Porque somos todos bastardos.

— Isso é injusto — murmurou Olwen, e a careta que o menino estampava no rosto fez com que ele ficasse ainda mais parecido com seu pai, tio Argus.

— É injusto, mas muitas coisas que acontecem neste mundo são injustas — ela disse. — Se tudo fosse justo como deveria, eu teria conhecido Radmoor em algum baile ou sarau, nós teríamos flertado um pouco, dançado e talvez ele tivesse me cortejado, apaixonado-se por mim e me pedido em casamento. Mas aqui estamos nós. Eu não tenho nada, e ele precisa de dinheiro para evitar que a sua família vá para a prisão por causa das dívidas que possuem. Ele pode até escapar das garras de Clarissa, mesmo assim ainda terá de se casar com a herdeira de uma fortuna.

— Eu o amo — ela continuou. Sei que ele gosta de mim. E que não se trata apenas de uma forte atração. Mas será que deveríamos ignorar um ao outro só por causa de uma guinada cruel do destino que torna impossível ficarmos juntos como marido e mulher? Realmente acredito que se não fosse pela necessidade que tem de salvar a família, ele se casaria comigo. Foi o que ele disse. — *Ou tentou*, ela completou em pensamento, mas não pôde contar aos meninos que ela mesma o silenciara todas as vezes que ele tentara. — E cheguei à conclusão de que isto era bom o bastante para mim.

— Você acha que o destino será bonzinho e irá encher os bolsos dele para que um dia vocês possam se casar? — perguntou Artemis.

— Não, por isso mesmo não há por que ser tão irônico. — Ela soltou um leve sorriso, ciente de que fora um sorriso triste, quando percebeu um leve rubor na face de Artemis por causa da reprimenda, mesmo assim o menino ainda parecia aborrecido. — Ele me faz feliz, e apenas por um tempo quero ser egoísta e me prender a isso. Após um silêncio pesado e várias trocas de olhares carregados de mensagens veladas, ela não entendeu muito bem o significado do longo suspiro de Estefan.

— Então você ficaria infeliz se Artemis o desafiasse para um duelo em nome da sua honra?

— Muito infeliz. — Ela ficou com raiva da própria ingenuidade por não ter previsto tal consequência.

— Não estou gostando desta situação — disse Artemis. — Não é certo ele se aproveitar do sentimento que você nutre por ele.

— Mas ele não sabe o que sinto — Penélope argumentou, o tom carregado da sua voz indicou que ela não queria que ele soubesse. — Ele chama o que está acontecendo entre nós de loucura, e encantamento, e está com medo de que esteja agindo como o pai, um salafrário infiel que deixou a família praticamente na miséria. Sei o que se passa no meu coração e isto é o bastante. Assim como também sei que a esta altura seria crueldade tentar fazer com que ele se apaixonasse por mim. Quem sabe? Talvez o destino não seja gentil e dê a ele recursos o suficiente para que assim possa ficar livre para escolher o que desejar. Então, certamente farei o possível para mostrar a ele que o que temos é verdadeiro, que é muito mais do que uma loucura passageira.

— E o que você vai fazer se ele se casar com outra?

— Vou suportar a minha dor e me curar desta loucura. Não vou continuar sendo amante dele. Ele também não me pediria tal coisa, pois é um homem honrado. Atualmente, ele não se sente atado a um compromisso, simplesmente

porque não pediu oficialmente a mão de Clarissa ela e Charles que o prenderam a este noivado forçado. Tenho certeza, no entanto, de que no dia em que ele trocar votos com uma mulher irá mantê-los.

Ela podia perceber que os meninos ainda estavam infelizes com a sua situação, mas a sua palavra de que não se tornaria amante de um homem casado, não importava o quanto o amasse, parecia ter atenuado um pouco a ira dos jovens. Penélope compreendia as preocupações e a ira deles. Todos eram fruto de uma infidelidade e tinham sido enxotados por muitas pessoas como se fossem os culpados. Eles não queriam que ela se envolvesse no mesmo tipo de situação que marcava a vida de cada um deles. Ela amava a todos e apreciava a preocupação e o ultraje que eles sentiam por ela, mas não poderia permitir que eles ditassem como ela deveria viver.

Um movimento de sombras no canto da sala chamou a atenção de Penélope. Ela contraiu os olhos e logo em seguida se formou o espectro de uma senhora rechonchuda de meia-idade. Quando percebeu que Conrad também olhava atento na mesma direção, ela suspirou. Conrad tinha o mesmo dom que ela. Isso foi o suficiente para confirmar a sua visão.

— Nossa vizinha, a Sra. Pettibone, morreu — ela disse enquanto colocava de lado a cesta de costura e se movia na direção do fantasma.

Estou só. Muito só.

— Não será por muito tempo, Sra. Pettibone — Penélope disse. — Se a senhora se desprender do seu corpo físico, conseguirá ir para um lugar melhor e se juntar aos seus ente queridos que já partiram.

Estou só. Muito só.

Penélope franziu a testa. Não era comum para alguém que acabara de morrer estar tão terrivelmente confuso, mas ela tinha a impressão de que a mulher ainda não descobrira que o seu espírito havia se separado do corpo.

— Artemis, acho que a Sra. Pettibone morreu só. Pensei que ela tivesse três filhas.

— As filhas dela estão no interior — ele disse. — Elas não voltarão antes de uma semana, ou mais. Não tenho certeza.

— Bem, sei que você é um garoto inteligente. Pense em algo para convencer o guarda da rua a dar uma olhada na casa da Sra. Pettibone para ver se está tudo bem. A última coisa que as pobres meninas precisam é voltar para casa e encontrar a mãe morta na cama há mais de uma semana. Se você conseguisse descobrir exatamente para onde as moças foram, poderíamos enviar uma mensagem para elas voltarem para casa.

Levou horas até que o problema da Sra. Pettibone fosse resolvido. O fantasma, no entanto, não foi embora. Penélope concluiu que havia alguma pendência que a mulher precisava resolver algo com as filhas, e se conformou em ter o espírito da Sra. Pettibone rondando a casa por uns tempos. A Toca dos Wherlocke era como a sua família gostava de dizer, uma casa limpa, isenta de espíritos infelizes e do que a sua tia Olímpia costumava chamar de energias negativas. Vez ou outra, no entanto, eles recebiam a visita de um espectro, e ela aceitava isso. E certamente poderia agüentar mais esta, também.

Seus irmãos, Darius e Septimus desapareceram durante a confusão entre o interrogatório do guarda da rua e a retirada do corpo da pobre Sra. Pettibone, deixando-a sozinha com os sete meninos menores. O excesso de energia do pequeno grupinho de peraltas logo se tornou motivo de preocupação, e depois de concluir que o dia estava muito belo para ser desperdiçado, ela reuniu a todos para uma passeio pelo parque. O parque escolhido ficava perto da casa de Ashton, mas ela disse para si mesma que tudo não passava de uma coincidência. O que ela sabia que era mentira, mesmo assim manteve a convicção. Pensou que se ela repetisse aquilo várias vezes, acabaria acreditando e assim conseguiria mostrar surpresa caso Ashton aparecesse.

Assim que Ashton pisou na sala dos Hutton-Moore, só de olhar para Clarissa ele adivinhou que estava prestes a presenciar mais uma das suas ceninhas. Mas depois de ter passado horas se deleitando com o calor de

Penélope, ele não se importava. Clarissa tinha forçado o noivado, e o irmão o chantageara para prendê-lo ao compromisso. Nenhum dos dois merecia seu respeito. Assim como ele estava determinado a escapar das garras da dupla o mais rápido possível. E pela primeira vez, até contemplava a idéia de vender uma das suas propriedades se fosse preciso.

— Acho que o senhor disse que me faria uma visita ontem, Ashton — Clarissa falou ao se sentar e acenar com a delicada mãozinha para que ele ocupasse o assento ao seu lado.

Depois de deixar a porta da sala escancarada, Ashton se sentou no sofá de frente para ela. Não havia nenhum acompanhante na sala, nem mesmo uma criada. Aquilo cheirava à armadilha. Uma vez que estavam noivos, ele não entendia por que ela ainda queria prendê-lo em mais uma cilada. Se ela tinha a intenção de seduzi-lo, certamente não era porque estivesse tomada por uma paixão incontrollável. O único motivo que ele conseguia imaginar era que ela quisesse colocar mais um elo à corrente ao redor do seu pescoço para garantir assim que em breve os dois estivessem juntos diante de um altar. Se o destino fosse gentil, ele iria conseguir partir a corrente e deixar a bela Clarissa plantada sozinha no altar.

— Aconteceu algo que não pude evitar — ele respondeu e temeu pelo momento em que fosse levar um banho de chá quente.

— O que aconteceu de tão importante que você nem pôde me enviar um bilhete, avisando que não viria?

— Depois que percebi que já havia passado a hora marcada do nosso encontro, assumi que você saberia que eu não viria mais. Para dizer a verdade, não me lembro de ter prometido que viria tomar chá com você. Uma vez que eu não concordei ou prometi estar aqui, nunca me ocorreu enviar um recado informando que eu não viria.

Ashton tomou um gole do chá e observou a luta de Clarissa para conter o temperamento. Ela almejava o título dele, a tradição familiar e a chance de se

tornar uma duquesa. Não era um homem ou um marido de verdade que ela queria. Ela queria um cãozinho de estimação. Ela e o irmão poderiam até conseguir forçar o casamento, mas ele nunca se curvaria aos caprichos dela. Por causa da fraqueza do seu pai, ele teria que se vender, mas isso não queria dizer que iria se tornar um escravo.

— Posso saber o que foi que aconteceu? — Clarissa perguntou sua tentativa de fazê-lo com um tom de voz suave e doce se perdeu por detrás do eco de raiva embutido em cada palavra.

— Foi a visão de uma mulher saindo da sua casa, carregando uma mala. E era uma malinha, por sinal. Naturalmente, como cavalheiro que sou, ofereci ajuda. Mas imagine a minha surpresa quando descobri que a moça era sua irmã.

— Meia-irmã — Clarissa resmungou, sua face perdeu um pouco do brilho rosado. Ashton continuou como se não tivesse percebido nada.

— Uma irmã que morava aqui o tempo todo. Como é possível eu nunca ter conhecido ou visto a moça?

— Ela é uma garota muito tímida e um pouco estranha — Clarissa apressou-se em responder, olhando de relance para o lado enquanto falava. — Ela nunca gostou de sair e nunca quis participar nem mesmo de um jantarzinho. Agora que estou prestes a me casar e me tornar uma viscondessa, ela ficou com medo das festas e das recepções que teremos de freqüentar e oferecer a todos os seus conhecidos.

— Neste caso, acho melhor você trazê-la de volta e acalmá-la. — Ashton sorriu para a noiva e se perguntou se havia soado como um tio bondoso.

— O que quer dizer com isso? Como eu poderia fazê-lo?

— Dizendo a ela que vamos passar a maior parte do tempo no campo. Temo que as minhas terras estejam muito largadas há bastante tempo, e vai demorar até que consigamos colocar tudo em ordem novamente. Vou querer a minha esposa ao meu lado enquanto estiver ocupado com isso. Com todas as casas, terras e agricultores para atender, vai sobrar pouco tempo para

frivolidades e certamente não teremos tempo de ficar zanzando por Londres. — Ashton sabia que alguns o chamariam de grosseiro e mentiroso pelo que estava fazendo, mas ele foi obrigado a admitir que estava se divertindo muito.

— Mas, certamente, teremos que vir para Londres durante a temporada. A suas irmãs precisam arrumar marido — Clarissa disse em um tom que implicava que ela tinha acabado de triunfar sobre ele.

— Minha mãe cuidará disso. Você não precisa se preocupar. Já vai ter muito com que se ocupar, especialmente quando nossos filhos começarem a chegar.

— É claro que compreendo o meu dever de lhe dar um herdeiro, mas...

— É um reserva. Não se esqueça do reserva. Venho de uma família grande, e é isso que desejo para mim.

Clarissa contraiu os olhos e pousou a xícara de chá sobre o pires com um estalo.

— Sei muito bem qual é o seu joguinho. Quase acreditei nesta bobagem toda, mas já percebi tudo agora. Você espera que eu desista que fuja assustada da ideia de me casar com você.

— Você está imaginando coisas, minha querida. Só estou falando a verdade. — De certo modo, estava mesmo, mas com certo exagero, só para assustar um pouco Clarissa.

Ela se levantou e andou pela sala por um momento antes de se virar para encará-lo.

— Não tenho a menor intenção de morar no campo e me tornar a sua égua reprodutora.

Agora o jogo se tornaria duro e cruel, ele pensou, mas continuou:

— Não estou certo de que você tenha muita escolha quanto a esta questão. — Ashton apanhou uma fatia de bolo de limão da bandeja que estava sobre a mesa e começou a comer como se não tivesse nada com que se preocupar no mundo.

— Meu dinheiro não vai ser desperdiçado com vacas e ovelhas e com casas de agricultores.

— O *seu* dinheiro? Depois que nos casarmos, minha querida, será *meu*.

Ele sorriu para ela e então limpou os lábios com a pontinha do guardanapo delicadamente bordado.

— Você não leu o contrato de noivado? A única restrição quanto ao uso do dinheiro é que só posso pôr as mãos nele depois que nos casarmos. Depois disso, será tudo meu. Você deveria ter se manifestado antes que os papéis fossem registrados e assinados. Mas acho que estava muito ansiosa para se tornar uma duquesa. — Pela cara de Clarissa, dava para perceber que ela não havia lido uma palavra sequer do contrato, que o próprio irmão dela o fez assinar para garantir todos os interesses de Clarissa.

— Podemos mudar o contrato e você terá que assinar um novo.

Ashton suspirou, agiu como se já tivesse pensado nisso e então balançou a cabeça.

— Não creio.

— Você precisa de mim e daquele dinheiro mais do que eu preciso de você, seu maldito convencido — ela silvou. — Não pode se dar ao luxo de romper o nosso noivado, pois a sua preciosa família está a apenas um passo de ir para a prisão por dívidas. E sou eu quem vai lhe dar o dinheiro para salvá-los. É melhor que não se esqueça disso, lorde. Pouco me importo com o destino da sua família, mas você se importa.

Ele analisou-a. Clarissa estava com os olhos contraídos e tinha um brilho duro no olhar. Os lábios estavam cerrados de raiva e as bochechas, ruborizadas. Ele achou estranho que mesmo assim ainda parecesse tão bela se não tivesse ouvido tudo que ela tinha dito ou olhado no fundo dos seus olhos cruéis. Ashton culpou a si mesmo por não ter percebido o teor do caráter dessa mulher antes, por se deixar cair na armadilha dos Hutton-Moore. Ele já imaginava que ela não tivesse nenhum pinga de afeto, mas toda aquela frieza era muito pior. Qualquer

homem que se casasse com ela iria acabar, mais cedo ou mais tarde, descobrindo que tinha se atado à pior das megeras. Ashton estava determinado a não ser a pobre alma.

Ashton se levantou e se aproximou dela.

— Minha querida, Clarissa, por que imagina que seja você quem está controlando este jogo? Quando quem está controlando tudo é seu irmão. E ele não fará nada para arriscar este casamento que tanto lutou para conseguir. Você pode bater os pezinhos quanto quiser e amaldiçoá-lo até se cansar, mas não vai conseguir mudar nada.

— Bobagem. Meu irmão...

— Quer subiu na pirâmide social e se tornar alguém poderoso e importante. Quer entrar para a política. E ele não poderá fazer nada disso se não estiver ligado a uma família de bom nome e tradição. Depois que estivermos casados, esta pessoa serei eu. Acredite no que estou dizendo, as únicas condições naquele contrato de noivado são as que dão a ele algum poder sobre mim e me impedem de simplesmente virar a costas para ele depois que nos casarmos. Você e seus caprichos nunca foram levados em consideração.

Ele deteve a mão de Clarissa quando ela a ergueu no ar. Depois de saber sobre o modo como ela tratava Penélope e o pajem, ele chegou à conclusão de que ela tinha a tendência de sair dando bofetadas quando ficava brava.

— Estou preso a uma armadilha, não resta a menor dúvida quanto a isso, mas não foi você quem me colocou nela. É triste, mas você não passou de uma isca. Fui um tolo por não ter verificado, antes de cair nesta armadilha, que a carne usada como chamariz estava rançosa. — Ele jogou a mão dela para o lado e saiu andando rumo à porta da sala. — Se eu tiver tempo, encontramo-nos mais tarde no baile dos Henderson.

Ele não ficou surpreso quando ouviu algo se quebrar contra a porta às suas costas, assim que a fechou. Tinha cumprido a missão que se propusera, pensou, enquanto dizia ao cocheiro para levá-lo para casa e subia na carruagem.

Colocara os irmãos um contra o outro. Podia até ser apenas uma pequena fissura passageira no relacionamento dos dois, mas já era um começo. Ashton só esperava que fosse o suficiente para mantê-los ocupados por uns tempos para que assim Charles não percebesse que alguém andava fazendo muitas perguntas sobre ele. Estava até assoviando uma canção quando entrou em casa. Enquanto entregava a Marston o casaco, o chapéu e as luvas, ele perguntou sobre sua família e descobriu que todos haviam saído. Seus amigos, entretanto, esperavam por ele no escritório. E sem dúvida estavam bebendo seu conhaque, ele pensou com um leve sorriso enquanto caminhava para se juntar a eles.

— Você parece surpreendentemente feliz — disse Brant assim que Ashton entrou na sala e foi se servir do conhaque.

— Espero que estejam aqui para me deixar ainda mais feliz. — Ashton sentou na confortável poltrona ao lado de Cornell. — Creio que tenham vindo me trazer novidades e não dar uma olhada na minha beleza apenas. — Ele sorriu quando todos os amigos riram e o bombardearam com insultos.

— Bem, algumas das nossas novidades certamente o deixarão feliz, mas não tenho certeza de que todas irão causar o mesmo efeito — disse Cornell. — O advogado de Lady Penélope, o Sr. Horace Earnshaw, definitivamente se deixou corromper.

— Ou foi chantageado — disse Vincent. — Não temos certeza de quais das duas opções.

— Ou as duas talvez — murmurou Whitney. — Corrompa o tolo e depois faça chantagem.

— Mas como? Por quê? — perguntou Ashton.

— Não temos certeza do que aconteceu primeiro — disse Cornell. — O tolo tem sido seguido há dois dias e duas noites. Ele não é capaz nem mesmo de tentar esconder os próprios vícios, a menos que esteja entregue a tais vícios há tanto tempo que nem se importe mais. É viciado em jogo e, pelo jeito, não é muito bom nisso. Costuma perder muito. Mas não creio que este seja o seu

maior problema. Ele dá uma passadinha todas às noites no Dobbin.

Ashton quase engasgou com o conhaque. O Dobbin era um famoso bordel. Corriam boatos de que ocorria a venda de crianças no local, especialmente meninos bonitos, mas ele nunca tinha passado nem perto. Nas poucas vezes que o estabelecimento foi invadido pelas autoridades ou por algum grupo com a moral ultrajada, não foram encontradas provas de que ali não funcionasse nada além de uma estalagem, onde algumas criadas costumavam ganhar um dinheirinho extra em segredo. Nada que valesse a pena perder tempo e trabalho com a abertura de um processo. Isso não impediu as pessoas de acreditarem no pior. Se os boatos de que Earnshaw freqüentava tal local se espalhassem, em pouco tempo ele iria acabar sem clientes e falido. Podia até ser mandado para a forca, pois Ashton desconfiava que sodomia ainda fosse punida assim.

— Pelo pouco que descobrimos sobre o pai de Penélope, ele era um libertino, mas não desajuizado. Parece estranho que ele tivesse um advogado com tais vícios que acabaram deixando-o exposto à corrupção e à chantagem.

— Talvez tais fatos não fossem um problema quando o marquês o contratou ou então ele simplesmente não tenha prestado muita atenção à vida pessoal de Earnshaw.

— Ou talvez este Earnshaw seja filho do advogado que atendia ao falecido marquês. Se o homem já está sendo chantageado, então tenho certeza de que podemos fazer com que ele nos conte tudo que precisamos saber.

Brant franziu a testa.

— Pelo menos temos certeza de que o homem não hesitará em abusar da confiança dos seus clientes para salvar a própria pele. O único modo de sabermos se ele irá responder ou não às nossas perguntas é confrontando-o.

Ashton concordou com um aceno de cabeça.

— Por acaso um de vocês conseguiu descobrir algo que valha à pena? Por causa do meu pai, minha mãe acabou se afastando um pouco da sociedade. Mas antes disso, ela soube de algo. Pelo pouco que ela ainda se lembra, parece que o

marquês era um homem infiel, mas não costumava jogar dinheiro pela janela. A esposa tinha uma boa fortuna. O título e as terras atreladas ao título do marquês passaram para um sobrinho dele, mas deve ter mais propriedades e dinheiro.

— Foi exatamente o que ouvimos dizer — disse Whitney. — O homem adorava um rabo de saia, e os sócios mais velhos do clube têm várias histórias sobre as aventuras amorosas dele. Mas todos foram unânimes em dizer que ele costumava usar o dinheiro com cautela e que era quase um muquirana. Os bens que não estavam atrelados ao título devem ter sido herdados pela viúva e, depois disso, pela filha. Pelo que sabemos algo foi separado para os filhos dele, pois os garotos eram reconhecidos abertamente como seus.

— Pelo visto a família não costuma esconder os filhos ilegítimos — concordou Ashton. — Posso não aprovar o modo como todos jogaram a responsabilidade nas costas de Penélope, mas pelo menos de algum modo todos tentam tomar conta dos filhos. Não fazem muito. Bem, mas qual é a boa notícia?

— Em parte foi o que acabamos de contar, apesar de ainda não termos certeza de como vamos usar o que já sabemos até que consigamos reunir mais informações sobre o advogado corrupto — disse Brant. — A outra novidade é que, apesar dos nossos investimentos ainda estarem no começo, pelo visto as chances de que rendam lucros muito mais altos do que esperávamos e se paguem são grandes. Apesar do alto custo do transporte de navio cargueiro.

— Então vamos rezar para que o navio não afunde. No momento, só preciso do suficiente para pagar as promissórias de Charles, para que então eu possa me livrar de Clarissa.

— Ali, Clarissa. — Cornell se endireitou no assento. — Desconfio que a sua noiva não seja a virgem inocente que finge ser. Ela pode ser fria, mas pelo jeito não tem escrúpulos em usar o belo corpo para conseguir o que quer.

— Você a seguiu também? — Ashton estava começando a pensar que Cornell estava adorando a missão.

— Na verdade, coloquei um homem meu, Pilton, para segui-la. Não posso

ter certeza absoluta, uma vez que Pilton não viu o casal na cama, mas ela passou a maior parte da última noite na casa de Sir Gerald Taplow. Uma vez que duvido que tenha sido por uma questão de paixão ou amor, não vejo nenhum outro motivo para ela ter se deitado com ele. Devo tentar descobrir a fundo?

— Se puder. Quanto mais armas tivermos contra o inimigo, melhor. — Ashton franziu a testa. — Você tem razão em dizer que duvida que ela esteja loucamente apaixonada pelo homem. Clarissa é, na verdade, muito ambiciosa. Ela almeja alcançar tudo que a sociedade tem para lhe oferecer e é capaz de qualquer coisa para conseguir. A resposta pode estar no motivo de ela ter passado as noites com Taplow. Talvez o meio mais fácil seja descobrir o que ele tem a oferecer a ela.

— Você realmente não deseja seguir adiante com este casamento, pretende? — indagou Cornell, sorrindo. — Pois se pretendesse, deveria estar no mínimo preocupado que ela esteja arriscando a linhagem do seu futuro herdeiro.

— Não vou me casar com aquela mulher. Estou até pensando em vender uma das minhas propriedades se preciso for para sair deste buraco. Depois darei um jeito de compensar meus irmãos pela perda.

— Caso decida vender uma das suas propriedades, fale comigo primeiro — disse Cornell. — Conheço todas e adoraria comprar qualquer uma delas.

— Então você será o primeiro, a saber. Mas espero, porém, que o nosso investimento me ajude quitar as dívidas que pesam sobre os meus ombros. Quero poder dar tudo a meus irmãos e minhas irmãs. Isso era o que meu pai deveria ter feito.

— Não se preocupe conosco — disse uma voz da porta. — É melhor que encontremos nossos caminhos por conta própria do que você ser obrigado a se casar com aquela mulher.

Ashton sorriu ao ver seu irmão Alexander. Ele se levantou e avançou para abraçá-lo, pois fazia meses desde a última vez que tinham se visto. Somente três

anos mais novo do que ele, os dois sempre foram muito próximos na infância e nunca deixaram de ser. Eram até muito parecidos fisicamente.

Enquanto se acomodava em um dos assentos e ganhava uma taça de conhaque, Alexander se interessava das novidades. Ashton se surpreendeu um pouco ao perceber o ânimo com que o irmão se juntou ao serviço de espionagem de Cornell, que por sua vez se mostrava muito eficiente. E ele não pôde deixar de se perguntar se as viagens do irmão pela Europa tinham sido mesmo motivadas por uma sede de conhecer o mundo como Alex afirmara. Havia vários grupos secretos que atuavam junto ao governo que se ocupavam em coletar informações dos aliados e dos inimigos também.

— Você se envolveu em uma tremenda confusão, meu irmão — Alex disse. — E no centro disso tudo está Lady Penélope, se não estou enganado. Ela é bonita?

— Eu acho — disse Ashton e ignorou o sorriso do irmão. — Assim como também acho que ela foi passada para trás pelos Hutton-Moore — Infelizmente, são poucos os recursos que restam para uma moça tão jovem recorrer em uma situação como esta.

— Por isso, os cavalheiros da bela donzela estão aqui reunidos. Bem, podem contar comigo como um de vocês. Mesmo que não houvesse uma bela donzela em perigo, eu ajudaria, pois quero que você tenha o direito de escolher a sua noiva, Ashton. Não é justo que tenha que se vender só porque nosso pai foi um tolo irresponsável.

— A última boa notícia é que a entrega de vinho será daqui a duas semanas — disse Brant. — E o fornecedor, um sujeito rude que se chama Tucker, está mais do que disposto a nos ajudar. Parece que ele tem uma filha, e a história de como a Sra. Cratchitt arrumou algumas das suas funcionárias o deixou enojado e ultrajado. Ele chegou a se perguntar se uma ou as duas das moças que desapareceram na região onde ele mora não foram levadas para lá e, por isso, agora deseja ajudar a fechar as portas daquele bordel antes que outras

desapareçam. Parece que uma das moças desaparecidas era namorada do filho dele.

— Como não tínhamos percebido tal coisa? Como pudemos freqüentar aquele lugar sem nunca saber que algumas daquelas meninas não estavam lá por livre e espontânea vontade? — perguntou Ashton.

— Creio que depois que elas são, digamos defloradas, muitas acabam ficando por medo de voltar para casa e não serem aceitas. Além disso, se a Sra. Cratchitt matou mesmo alguém, pode ter uma ameaça de violência que as prendem àquele lugar. — Brant encolheu os ombros. — E as mantêm caladas. — Em seguida se levantou. — Tenho que ir agora, pois preciso jantar com a minha avó e depois acompanhá-la ao baile dos Henderson. Vejo você lá?

— Se a minha mãe quiser muito ir. Ela e Lady Henderson são velhas amigas.

Os outros se foram logo em seguida, deixando Ashton sozinho com Alex. Ele fez algumas perguntas sobre as viagens de Alex, mas sua mente continuava pensando em tudo que seus amigos tinham lhe contado. Quase podia sentir as correntes que os Hutton-Moore haviam colocado ao redor de seu pescoço caírem, mas ele disse a si mesmo que era melhor não ter muitas esperanças tão cedo.

— Investimentos. Forçado a ficar noivo e ameaçado para não romper o compromisso. Uma cafetina assassina. Uma bela jovem que está sendo privada do direito de herdar o que é seu. Você andou muito ocupado enquanto estive fora — Alex provocou. — E estou certo em imaginar que a bela Penélope será a noiva escolhida caso você consiga ficar livre?

— Sim, ela seria. Mas mesmo que consigamos limpar todos os obstáculos que estão no caminho, ainda resta um problema com relação ao meu casamento com ela. — Ele contou a Alex sobre os Wherlocke, sobre Penélope acreditar ser capaz de ver fantasmas e sobre, a menos que seus investimentos rendessem bons lucros, ainda precisar de dinheiro.

— Fantasmas, é? Intrigante. Quanto ao dinheiro, venda tudo que não está atrelado ao título. Você não precisa se sacrificar por nós. Ninguém deseja isso. Sim, seria bom nos livrarmos dessas dívidas sem ter que perder nada, mas podemos viver muito bem das terras que vão nos restar e encontrar um meio de reconstruir a nossa fortuna.

— As meninas precisam de dotes, Alex. Elas precisam freqüentar a sociedade para encontrar maridos. Isso custa dinheiro. Belinda está com vinte e três — Ela realmente não pode esperar mais até que consigamos ganhar o suficiente para lhe dar um dote modesto. E ainda tem Helen. Acha justo que a pobre espere ainda mais até que consigamos casar Belinda e depois mais um pouco ainda até levantarmos fundos para o dote dela? — Ele encolheu os ombros. — No momento, preciso me concentrar em conseguir me livrar das garras de Charles Hutton-Moore.

— Então acho que já passou da hora de reunirmos a família para discutirmos todas as possibilidades de sairmos desta situação sem sacrificar o seu futuro. Existe uma porção de casamentos infelizes ao nosso redor, Ashton. Se nosso pai não tivesse passado tanto tempo ausente, perseguindo qualquer tornozelo bonito que ele colocasse os olhos, nós teríamos visto um casamento infeliz bem de perto. Não venha nos pedir que fiquemos parados vendo você se sacrificar pelo nosso bem. E tem mais uma coisa que você não levou em consideração.

— O quê?

— Se a sua Lady Penélope esta sendo passada para trás, quando a tal herança voltar para as mãos dela, ela pode ser a noiva que você está procurando.

Por um momento, Ashton encarou boquiaberto o irmão.

— Caramba!



CAPÍTULO XI

A LUMINOSIDADE ESMAECEU E PENELOPE SE DEU CONTA DE QUE ESTAVA contraindo os olhos para conseguir ler seu livro. Ela ergueu os olhos e só então percebeu que os meninos já não estavam mais por perto. Mas o breve surto de pânico se desfez assim que ouviu as risadas deles à sua esquerda. Ela só esperava que eles não estivessem incomodando ninguém. Eram todos meninos bons e maduros para a idade que tinham, mas, no fim das contas, não passavam de garotos. Uma coisa que tinha aprendido ao longo dos anos que passara cuidando daqueles garotos era que, se havia uma confusão em algum lugar, eles acabavam encontrando o problema ou o problema acabava os encontrando.

Ela olhou para o céu e percebeu que uma nuvem escura tinha encoberto o sol. Não parecia ser uma nuvem de tempestade, mas deu para notar que o sol, agora, estava bem mais distante no horizonte do que imaginara. Talvez isso explicasse por que o parque de repente tinha esvaziado. Todos haviam ido embora enquanto ela lia, retornando para suas respectivas casas para jantarem ou para se prepararem para algum compromisso social. Além do mais, o parque não era um local seguro para se estar à noite. Já passava da hora de reunir os meninos e voltar para casa.

Foi então que seu deu conta de que estava relutante em deixar a paz que tinha encontrado no parque, e sorriu consigo mesma. As chances de desfrutar de algumas horinhas de sossego eram poucas e muito raras. Um dia, quem sabe não teria uma casa com um jardim enorme onde poderia se sentar. Ou uma

casa no campo. Um lugar onde os meninos poderiam correr livres o dia todo e em segurança, sob os olhares atentos dos criados que ela poderia pagar.

Era um sonho agradável. Ela suspirou. Seria ainda mais se pudesse somar um marido ao jardim para brincar com os meninos. Talvez, quem sabe, um ou dois filhos seus. Obviamente nem mesmo seu sonho queria lhe dar a falsa esperança de que Radmoor pudesse ser seu um dia. Ele até poderia conseguir se livrar de Clarissa, mas mesmo assim não conseguiria se livrar das dívidas a menos que tivesse dinheiro, que viria de uma noiva rica. E ela nunca seria rica o bastante para ele, nem mesmo se conseguisse conquistar a posse da casa que a sua mãe havia deixado de herança.

A risada dos meninos foi se tornando cada vez mais próxima, arrancando-a de seus devaneios. Penélope olhou na direção de onde vinha o barulho e percebeu que todos se aproximavam correndo. Ela franziu a testa quando viu uma criaturinha peluda correndo junto. Penélope chegou à conclusão de que a coisa podia ser um cachorro somente quando todos os meninos pararam diante do banco onde ela estava sentada. Ela baixou os olhos para a criatura ofegante que acabava de se sentar aos seus pés. Tratava-se de um animal pequeno e sujo, uma mistura de tantas raças que ela duvidava que alguém fosse capaz de descobrir seu pedigree. Ela se preparou então para a pergunta que tanto temia.

— Podemos ficar com ele? — perguntou Olwen.

— Nós o encontramos escondido entre os arbustos — disse Jerome.

— Eu sempre quis ter um cachorro — completou Paulinho.

Em seguida, ela cometeu o erro de olhar para os meninos. Olhos azuis, olhos verdes, olhos castanhos, olhos acinzentados, e olhos cor de mel. Todos arregalados, inocentes e tão cheios de esperanças que somente uma pessoa de coração de pedra seria capaz de negar isso a eles. Penélope sabia que não era essa pessoa, mesmo quando fazia de tudo para ser.

Ela olhou de volta para o animal. Nem mesmo os pelos sujos e bagunçados que pendiam sobre os olhos eram capazes de diminuir o poder de

atração que eles exerciam. Os imensos olhos castanhos derrubaram de vez o último resquício de determinação que ela tinha.

— Têm certeza de que ele é ele? Mais importante, têm certeza de que isto é mesmo um cachorro? — ela perguntou.

— Claro que ele é um cachorro — respondeu Paulinho, rindo. — Achamos que alguém o abandonou só porque ele não é perfeito.

As palavras dilaceraram seu coração como se fosse um punhal. *Por que ele não arrancou meu coração com uma colher apenas?* Ela pensou. Cada um dos garotos que estava à sua frente fora abandonado.

— Ele só precisa de carinho — Paulinho continuou.

— Acho melhor você não o acariciar muito antes de darmos um bom banho nele. Ou dois.

Ela apanhou a cesta que trazia consigo e pegou um pão. Para sua surpresa, o cachorro sentou ereto, com as orelhas erguidas, atento. Nem por um segundo sequer tirou os olhos do pão enquanto ela arrancava um pedaço, tampouco pouco avançou para pegar ou latiu. Ela jogou o pedaço de pão para o cachorro, que apanhou com presteza. Infelizmente, a cena encantou tanto os meninos que ela soube, neste momento, que tinha perdido todas as chances, se é que tivera alguma, de negar a eles o cachorro.

— Posso alimentá-lo? — Paulinho se manifestou. — Por favor? Penélope deu um naco de pão ao menino.

— Não corte os pedaços muito grandes, pois ele pode engasgar.

— E então? Podemos ficar com o cachorro? — perguntou Olwen.

— Mas vocês serão responsáveis por ele. Se ele fizer bagunça na casa, vocês terão de limpar. E ele não vai colocar uma pata dentro de casa antes de tomar um bom banho.

Os meninos comemoraram e então revezaram para jogar pedaços de pão ao cachorro. Penélope sorria enquanto observava os meninos, imaginando que ter mais uma boca para alimentar todos os dias acabaria pesando ainda mais no

seu bolso. Ela ergueu os olhos na direção do sol novamente e concluiu que poderia dar mais alguns minutos aos meninos para brincar antes de iniciarem a longa caminhada de volta para casa.

Penélope franziu a testa quando seu olhar passou por um laguinho enquanto voltava os olhos em direção aos meninos novamente e viu algo de canto de olhos. Ela olhou na direção do lago para ver o que tinha chamado a sua atenção e sussurrou uma maldição, reconhecendo o que era a figura indistinta parada às margens das águas turvas. Londres era repleta de fantasmas, mas ela desejava que eles encontrassem outra pessoa para importunar. A multidão de espíritos que circulava pela cidade era mais um motivo que reforçava a sua idéia de morar no campo, ela concluiu enquanto se aproximava do fantasma. As pessoas também morriam no campo, mas não em um número tão grande e, certamente, nem sempre em situações tão trágicas.

A silhueta indistinta foi se tornando cada vez mais nítida à medida que ela se aproximava. Mais uma jovem, ela pensou, e sentiu uma ponta de pena. Era sempre muito duro quando se tratava de um espírito de alguém que viveu tão pouco, pois era sempre triste saber que um jovem tinha morrido. Na maioria das vezes, a morte apanhava as pessoas tão de surpresa que o espírito se recusava a acreditar que tinha acontecido. O fato só dificultava ainda mais no momento de tentar convencê-los a abandonar todos os laços que os prendiam à vida terrena.

Tome cuidado.

— Tá brincando! *Porque* todos vocês dizem isso? Tome cuidado com o *quê? Com quem? Quando?* — Penélope respirou fundo e soltou o ar lentamente, ciente de que não adiantaria nada ficar brava com um fantasma. — Por que está vagando por aqui?

Por causa do meu amor. O amor me colocou aqui. Meu amor precisa se juntar a mim.

— Foi seu namorado que a matou afogada?

Meu amor vai voltar e vou segurá-lo novamente.

— Se segurá-lo, ele irá se afogar. — Penélope franziu a testa. — É por isso que você continua por aqui? Para se vingar? Não acho que vá funcionar. — Ela encarou o fantasma. — Pelo que estou vendo, você está usando roupas de pelo menos cinquenta anos atrás. Aposto que seu namorado já deve ter morrido. E se ele a matou deve estar ardendo no inferno agora. Isso já não é uma vingança boa o bastante? Deixe para trás esta sede de vingança. Procure a sua paz.

Tome cuidado.

Não foi a primeira vez que Penélope sentiu vontade de dar uma bofetada em um fantasma.

— Pe-né-lo-pe!

Penélope virou rapidamente na direção de onde vinha o grito apavorado de Paulinho. Mas não viu nada de errado com a criança. Ele estava correndo na sua direção e não havia nenhum sinal de que tivesse se machucado. Isso, no entanto, não significava que estava tudo bem. Algo poderia ter acontecido com um dos meninos. Ela avançou um passo na direção dele, dizendo para si mesma que Paulinho não passava de um menino de apenas cinco anos de idade e, apesar de ser um garotinho muito esperto, ainda era acometido pelos medos infantis. Seja lá o que tivesse assustando-o, provavelmente não deveria ser nada muito grave.

— Abaixe!

Ela franziu a testa diante da estranha ordem. Os outros meninos surgiram logo atrás de Paulinho, correndo em direção a ela tão rápido quanto o pequeno e ecoando o grito para que ela se abaixasse. Todo o medo que estava tentando conter, de repente se transformou em preocupação. Ela estava prestes a perguntar que brincadeira boba era aquela quando o cachorro desviou dos meninos e correu rumo a um arvoredo que ficava mais abaixo da margem do lago. Penélope estava justamente pensando em ajudar os meninos a irem atrás do

tolo animal quando surgiu um lampejo de luz no pequeno bosque. Algo atingiu seu ombro com tanta força que Penélope cambaleou e caiu de costas.

Um homem gritou de dor e ela se perguntou por que ele estava gritando quando ela que havia sido atingida por algo. Ela olhou incrédula para o ombro. Seu sangue encharcava rapidamente a frente do vestido. Alguém tinha atirado contra ela. *Quem atiraria contra uma mulher passeando pelo parque na companhia de uma dúzia de meninos e com uma criatura que pensava ser um cachorro?* Ela perguntou a si mesma, atordoada com que acabara de acontecer. A dor se espalhava por todo seu corpo, mas ela agarrou Paulinho quando ele se aproximou correndo e puxou-o para o chão ao seu lado.

— Abaixem! — ela gritou para os outros meninos. — Agora! Todos no chão!

Penélope viu quando todos se jogaram no chão e silenciosamente agradeceu a Deus por eles serem obedientes quando realmente era preciso. Olhou então na direção das árvores, mas não conseguiu ver nada. Apesar de estar atordoada devido à dor, ela ainda conseguiu ouvir ao longe o som de um cavalo correndo. Um segundo depois, o cachorro surgiu por entre as árvores e correu na direção deles, trazendo algo na boca. *Ele se foi.*

— Pen, você está me sujando de sangue — disse Paulinho numa voz trêmula.

Ela o rolou para o lado e se esparramou de costas, respirando fundo numa vã tentativa de atenuar a dor. Penélope sabia que precisava levar os meninos para um local seguro, mas não tinha certeza de quão rápido conseguiria se locomover. Deu uma olhada então para o fantasma, que desaparecia lentamente na neblina de fim de tarde que se formava sobre o lago.

— Será que teria sido muito difícil dizer: "Tome cuidado, tem um homem armado no bosque"? — ela perguntou.

Ainda não acabou.

— Tá brincando, agora ajudou muito! — ela murmurou enquanto os meninos se reuniam ao seu redor. — Só preciso de alguns minutinhos — disse —, e já vamos para casa. — Nenhum deles parecia acreditar nela. Nem ela acreditava em si mesmo.

Hector olhou para o sangue que jorrava em profusão do buraco de bala.

— Você precisa ser atendida imediatamente, Pen. Radmoor mora logo ali. — Ele apontou na direção da casa de Ashton. — Paulinho, venha comigo. Radmoor pode nos ajudar.

Antes que ela tivesse tempo de protestar contra o plano de Hector, ele e Paulinho já tinham saído correndo. O cachorro sentou próximo à sua cabeça e ela contraiu os olhos, tentando identificar o que era aquilo que ele tinha na boca. Parecia a parte da frente de uma calça masculina. Isto certamente explicava o grito de dor, ela concluiu quase sorrindo.

— Pen, o que podemos fazer? — Perguntou Olwen ao se ajoelhar ao lado dela e tomar sua mão.

— Um de vocês, arrume um pedaço de tecido limpo e coloque sobre o ferimento para estancar o sangramento — ela respondeu, lutando com todas as forças para se manter consciente. — Depois de estancar — continuou —, poderemos ir embora. — Ela sabia que não era verdade, mas todos pareciam tão assustados que ela se sentiu compelida a tentar elevar o moral deles.

Jerome correu até o banco onde ela desfrutara o sossego do parque, momentos antes. Em seguida, voltou com a cesta, arrancou uma tira da toalha que protegia os alimentos e pressionou sobre o ferimento. Penélope quase perdeu a batalha contra a escuridão que tentava envolvê-la quando uma onda de dor se espalhou por todo seu corpo. Ela cerrou os dentes para impedir que um grito escapasse, mas não conseguiu conter um gemido.

— Estou machucando você — gritou Jerome, que começou se afastar.

— Não. Não pare. Esta doendo de todo jeito, meu amor — ela disse —, mas o sangramento precisa parar. Minha nossa, isto dói mesmo deitada aqui, só

de tentar respirar. A culpa não é sua.

— Logo Radmoor estará aqui para nos ajudar — disse Olwen enquanto afagava a mão dela.

Penélope tentou sorrir, mas desconfiou que o sorriso parecesse mais um torcer de lábios. A umidade do solo estava encharcando as suas roupas, mas ela sabia que este não era o único motivo do seu tremor. O choque provavelmente era um deles, assim como a perda de sangue. Ela continuou respirando fundo, mas era como se a dor fosse um ser vivo dentro do seu corpo. Ciente de que estava muito fraca para levar os meninos para longe dali, ela começou a rezar para que Ashton estivesse em casa.

Um tumulto no vestíbulo interrompeu a conversa sobre investimentos que Ashton estava tendo com Alex. Ele estava justamente se levantando para ir até lá ver o que estava acontecendo quando a porta do escritório se abriu com um estrondo. Hector e Paulinho entraram correndo, seguidos pelo ofegante Marston. Os meninos se aproximaram de Ashton e o puxaram pelas mãos. Foi então que Ashton percebeu que as roupas de Paulinho estavam manchadas de sangue.

— Está tudo bem, Marston? — Ele perguntou ao mordomo e livrou as mãos dos meninos para se agachar e segurar Paulinho pelos ombros. — Onde você se machucou assim, criança?

— O sangue não é meu — disse o menino, as lágrimas que escorriam deixavam marcas pálidas sobre seu rosto sujo. — É da Pen.

Ashton sentiu o coração disparar.

— Penélope está ferida?

— No parque. Alguém atirou contra ela. Eu tentei mandá-la se abaixar para que não acontecesse nada, mas acho que não falei direito. Ela está com um buraco enorme e me sujou todo de sangue quando me puxou para cima dela enquanto o cachorro corria atrás do homem que atirou, mas ele conseguiu fugir e... — O menininho parou de repente quando Ashton pousou um dedo longo

sobre os seus lábios.

— Ela está viva? — ele perguntou, lutando para tentar manter a voz calma, apesar do desespero que ganhava forças dentro dele.

Paulinho apenas assentiu com a cabeça.

— Onde ela está agora?

— No parque. Perto do lago — respondeu Hector.

— Alex, prepare a carruagem — ele ordenou ao irmão enquanto se levantava. — E um cavalo para que você possa ir à frente com um dos meninos para chamar o Doutor Pryne. — Ele avançou rumo à porta, com os dois garotos em seu encalço.

— E para onde eu vou? — perguntou Alex enquanto corria para alcançá-los.

— O menino que for com você saberá explicar o caminho. Marston, diga à viscondessa que aconteceu uma emergência e que não sei a que horas voltarei para casa.

Lá fora, Ashton começou a correr, sem se importar com o que seus vizinhos pensariam se o visse. Só parou de correr quando se aproximou de Penélope, e isto porque precisou segurar Paulinho que cambaleou atordoado. A visão de Penélope deitada no chão, com os outros meninos ao redor, espalhou uma onda de medo e raiva por seu corpo. Quando descobrisse quem era o autor do disparo, ele iria matá-lo. Lentamente.

Gentilmente, ele afastou o menino com o rosto pálido que segurava um pedaço de pano encharcado de sangue sobre o ombro esquerdo de Penélope.

— Muito bem, meu rapaz — ele disse ao remover o pano e substituir pelo seu lenço.

— Sinto muito por incomodá-lo — Penélope disse incerta se a sua voz soava tão fraca e baixa para eles como para ela.

— Bobagem — ele murmurou.

Firmando-se para tentar atenuar a dor que sabia que iria infringir a ela, ele a ergueu o suficiente para ver se a bala havia saído do corpo ou se precisaria ser removida. O alívio que sentiu ao ver que a bala tinha atravessado foi tão forte que ele ficou feliz por já estar ajoelhado no chão. Pois seria humilhante cair de joelhos diante dos meninos. Certamente não ajudaria em nada a aplacar o medo que eles tinham estampado em seus rostinhos.

Ele rasgou uma tira do saiote de Penélope para pressionar contra o ferimento da parte de trás do ombro e prendeu os dois pedaços de tecido com sua meia. Ela deixou escapar apenas um gemido entre os dentes cerrados, apesar da dor que ele sabia estar causando. Quando finalmente terminou, ela estava tão pálida quanto seus fantasmas e ofegava devagar. Havia um leve brilho de suor sobre a sua testa.

— Ashton, pegue aquele pedaço de tecido que está na boca do cachorro — ela sussurrou.

Ele olhou para o vira-lata sujo sentado ao lado dela.

— Tem certeza de que isto é um cachorro? — Para sua surpresa, ela soltou uma risadinha. — Ele foi atrás do maldito, não foi? — Com todo cuidado, ele puxou o pedaço de tecido da boca do cão. — Isto é um pedaço da parte da frente de uma calça masculina. E os botões são de prata. — Ashton deu uma olhada mais atenta na boca do cachorro e viu que havia um pouco de sangue sobre a cara suja. Ele franziu a testa. — Este será um ferimento muito difícil de ver.

— Malvado, estou com vontade de rir. — Penélope estreitou os olhos quando um homem parou atrás de Ashton. — Acho que perdi muito sangue, Ashton, pois estou vendo dois de você.

Ashton olhou para trás e viu Alex.

— É apenas meu irmão, Alexander. Você trouxe a carruagem? — perguntou a Alex.

— Está logo ali atrás — Alex arrastou as palavras.

— Sim, lá está. Peço perdão. Acho que fiquei tão encantado com seu belo rosto que nem notei. — Ashton gostou quando ouviu os meninos rirem e viu um pouco do medo desaparecer de seus rostos. Em seguida, seu olhar pousou em Penélope outra vez. — Acho que isto vai doer um pouco.

— Tudo está doendo. O que você vai fazer? — ela perguntou.

— Vou erguê-la — ele respondeu enquanto já o fazia.

Penélope sabia que ele estava tomando o máximo de cuidado que podia, mas a dor penetrante que se espalhou fez com que ela soltasse um palavrão sussurrado. Ela recostou a cabeça sobre o ombro de Ashton e lutou para dominar a dor. Mas o que queria mesmo era se entregar à escuridão que prometia uma pausa no sofrimento, ou talvez gritar, mas ela não queria assustar os meninos mais do que eles já estavam.

— Ashton — ela sussurrou enquanto ele caminhava rumo à carruagem, — se eu morrer...

— Você *não* vai morrer.

— Prometa apenas que vai arrumar alguém para tomar conta dos meninos.

Ele abriu a boca para argumentar, mas então desistiu. Eles estavam todos assustados e angustiados, e uma discussão naquele momento não iria adiantar nada. Nem quero ouvi-la falar mais sobre morte.

— Prometo.

— Obrigada. Todos sabem quem são seus respectivos pais e isto deve ajudar.

— Quieta. Já disse que prometo. Não quero que fale mais sobre isso.

Penélope também não desejava falar sobre morte, mas ao mesmo tempo não podia deixar para trás uma pendência, caso acontecesse o pior. A promessa foi o bastante para que ela deixasse de se preocupar um pouco com os meninos. Ela sabia que Ashton era um homem de palavra. Com a mente livre de preocupações, a escuridão que estava lutando para combater se apoderou dela e arrastou-a para suas profundezas.

Ashton sentiu o corpo de Penélope largado em seus braços e baixou os olhos para ela. O sinal dos seios subindo e descendo afastou a onda de pânico que o sufocava. De certo modo, foi até bom que ela tivesse desmaiado. O trajeto na carruagem e o ato de colocá-la na cama iriam causar ainda mais dor, não importava quão cuidadoso ele fosse. Inconsciente como estava agora, as chances de ela nem perceber todo o transtorno eram altas, e ele ficou grato por isso.

— Não é grave — disse Doutor Pryne enquanto limpava as mãos. — Fique atento se ela tiver febre. Isto pode acontecer. Mas ela é jovem e saudável e esses fatores são um ponto forte a favor.

— O que devo fazer se ela ficar febril? — perguntou Ashton.

— Você? Por acaso está pensando em cuidar da moça?

— Sim. — Ashton não se importou com que o médico pensou: ele não deixaria Penélope até que tivesse certeza de que ela estava curada.

— Primeiro, mande alguém me chamar. Então direi o que deve ser feito. Ter o senhor aqui cuidando de Penélope pode acabar com a reputação dela, está ciente disso?

— Doutor, ela tem uma casa onde abriga os filhos bastardos dos seus parentes. Do ponto de vista da sociedade, isto já é grave o bastante.

— A sociedade está cheia de hipócritas.

— Quanto a isso, não vou discutir. Ela só tem os meninos para cuidar dela. Eles podem ser espertos e muito mais maduros do que outros da mesma idade, mas eles não passam de garotos. E, exceto pelos irmãos dela, todos parecem vê-la como uma mãe.

Doutor Pryne balançou a cabeça.

— Você está certo. Então, alimente-a bem e mantenha-a hidratada. Procure dar sopas e refeições leves como pão com geléia de frutas. Nada muito pesado. Ela vai precisar de forças. — Ele tocou no amontoado de roupas úmidas que Ashton tinha jogado sobre uma cadeira, depois de despi-la. — Como ela ficou tão molhada?

— Ela estava deitada sobre o chão úmido quando cheguei. Isso não vai fazer bem, não é mesmo?

— Não, mas como eu disse, ela é jovem e saudável. Já sabem quem atirou contra ela? Pois isto não foi um acidente. E não tente me enrolar. Quem está querendo matar a moça? Era exatamente isso que pretendiam, pois se o tiro fosse um pouco mais para a direita, teria acertado direto no coração.

Isso era algo que Ashton sabia muito bem e lhe causava arrepios até os ossos só de pensar.

— Não tenho certeza. — Ele suspirou quando o homem franziu a testa. — Não vou apontar o dedo contra ninguém enquanto não tiver certeza de que vou mandar o maldito para as profundezas. Eu e um grupo de amigos estamos tentando descobrir, buscando incansavelmente por uma prova. Se o nosso suspeito desconfiar, a prova pode desaparecer com ele.

— Bem, apanhe-o logo. Um ferimento na cabeça e agora um tiro, Ela tem tido sorte até agora, mas esta sorte pode acabar.

No momento em que a porta se fechou atrás do médico, Ashton sentou na beirada da cama e tomou a mão de Penélope. Beijou-lhe a palma e segurou a mão delicada contra o seu rosto. Ela não demonstrou nenhum sinal de ter sentido a carícia. A mulher deixara escapar alguns gemidos apenas enquanto seu ferimento era atendido, apesar de certamente ter sentido algo. Quando Septimus finalmente conseguiu chegar, sua ajuda nem se fez necessária, pois o pior já tinha passado. Era como se ela tivesse mergulhado tão profundamente dentro de si mesmo que estava completamente a par de tudo que acontecia ao seu redor. Ashton ficou grato por ela não ter sentido toda a dor, mas o silêncio profundo começava a incomodá-lo.

Os irmãos dela entraram no quarto e foi com relutância que Ashton cedeu o lugar à beira da cama. Achou melhor aproveitar para falar com Alex e comer algo. Apesar de nunca ter cuidado de um ferido antes, ele tinha noção de que a recuperação seria lenta e que precisaria de forças para suportar.

Alex estava sentado na sala na companhia dos outros garotos e Septimus. Ashton contou a eles tudo que o médico havia falado e logo se viu sozinho na sala com seu irmão. Após uma rápida passada de olhos pela sala, encontrou uma garrafa de vinho e serviu uma dose para ele e Alex. Justamente quando estava entregando a taça ao irmão, a Sra. Stark entrou, carregando uma bandeja com pão, carnes e queijo. Ele agradeceu muito e deu a ela dinheiro o suficiente para abastecer a dispensa com tudo que seria preciso para eles passarem os próximos dias.

— Você parece muito preocupado para alguém que acabou de ouvir que não é fatal — disse Alex assim que a Sra. Stark se retirou ao se juntar a Ashton para se servir de algo.

— Ela está dormindo profundamente, ou está muito inconsciente, para o meu desgosto. — Ashton encolheu os ombros. — Apesar de saber que o descanso fará bem. Até onde pude perceber, ela não pareceu sentir muita dor enquanto o médico limpava o ferimento e dava os pontos. Quando Septimus chegou e pousou as mãos sobre ela, ele confirmou as minhas suspeitas. — Diante do olhar curioso de Alex, ele explicou de maneira concisa sobre o suposto dom de Septimus. — Não tenho certeza de que ele realmente seja capaz de aliviar a dor, mas nem pensei em tentar impedi-lo. Ela parece ter se afastado da dor. Mas temo que tenha ido longe demais, se é que isto faz algum sentido.

— Faz e esta é uma habilidade que muitos gostariam de ter. Mas, no momento, não vejo por que se preocupar com o sono profundo. Ashton, alguém queria vê-la morta. Assim como queria quando ela foi atropelada pela carruagem.

— Eu sei. Acho que a culpada pelo incidente com a carruagem pode ser a Sra. Cratchitt, mas agora... Bem, o incidente de hoje, eu creio, foi trabalho dos Hutton-Moore. Se foi o próprio Charles que tentou matá-la ou se ele contratou alguém para fazer, não importa. Só posso imaginar que ele já saiba que alguém está investigando a sua vida. Qual a melhor maneira de pôr um ponto final às

investigações e aos possíveis problemas que isto pode acarretar senão livrando-se da pessoa que está entre ele e o que ele deseja?

— Acha que ele seria capaz de matá-la por causa daquela casa?

Ashton encolheu os ombros.

— Muitos já mataram por menos. Mas creio que a herança deixada para ela deva ser mais do que a casa e que ele roubou o restante. E agora não quer ser descoberto.

— Lady Penélope é a moça com quem você gostaria de ficar, não é? Talvez Charles tenha descoberto isso.

— É possível. Penélope acha, porém, que ele não sabe nada sobre este lugar.

— Penélope pode estar errada.

Era possível, Ashton pensou. Apenas porque o homem não a tinha apanhado ali ou tentado impedi-la de continuar visitando os meninos isso não queria dizer que ele não soubesse nada sobre a casa. Isto poderia explicar como Charles sabia onde encontrá-la quando ela foi raptada e levada para o bordel da Sra. Cratchitt. Ashton soltou uma maldição assim que se deu conta de que a sua suposição fazia todo sentido. Charles sabia de tudo o homem simplesmente não tinha se dado ao trabalho de fazer nada a respeito. Pelo menos não abertamente.

— Ele sabe — Ashton disse ao irmão. — O maldito provavelmente sabe exatamente aonde ela vai desde o começo. O perigo é que Penélope não sabe disso.

— Se Charles é culpado por tudo que você imagina, então deveria providenciar alguém para protegê-la. Ela não tem nem mesmo uma criada morando na casa.

— Ela não tem dinheiro para isso. Eu poderia mandar alguns dos nossos criados para cá, mas não tenho certeza de que ela aceitaria. Ela é orgulhosa.

— E compreensível, não é? Mas ela terá que engolir o orgulho. Não é apenas a vida dela que corre perigo aqui.

— É verdade, e este será um argumento que usarei.

Ashton se assustou quando Artemis irrompeu na sala, e bastou uma rápida passada de olhos no rosto pálido do menino para que ele se levantasse.

— O que aconteceu?

— Ela está com febre.



CAPÍTULO XII

— ENTÃO ESTA É A SUA EMERGÊNCIA.

— Mãe!

Ashton ficou boquiaberto a figura de sua mãe parada na porta, enquanto todos os meninos se amontoavam às suas costas. Logo atrás deles, estava Alex. Seu irmão encolheu os ombros. Ashton supôs que não deveria ter ser surpreendido com o fato de sua mãe ter se preocupado depois de ele e o irmão passarem três dias desaparecidos. Mas ele nunca tinha considerado a possibilidade de que ela pudesse vir atrás deles.

— Foi aqui você esteve nos últimos três dias? — ela perguntou.

— Sim. — Ashton mergulhou em uma bacia com água fria sobre o criado-mudo o pedaço de pano que segurava, torceu-o e com todo cuidado colocou de volta sobre a testa febril de Penélope. — Ela levou um tiro. A bala atravessou o corpo, mas mesmo assim ela está com muita febre. Talvez por causa da forte hemorragia, talvez ela tenha apanhado friagem por ter ficado muito tempo deitada sobre o solo úmido. Pensei em contratar alguém para tratar dela, mas resolvi que seria mais seguro eu mesmo cuidar com a ajuda dos meninos. Não sei quem atirou contra ela, entende?

Lady Mary se aproximou da lateral da cama e baixou os olhos para a jovem febril que jazia imóvel como se estivesse morta.

— Quem iria querer atirar nela?

— Já disse, não sei. Tudo que tenho são algumas suspeitas. Nenhuma prova.

— Mas estamos procurando por provas — disse Alex ao se aproximar da mãe.

— Como à senhora nos encontrou? — Ashton perguntou.

— O cocheiro me contou. — Um movimento no chão chamou a atenção de Lady Mary. Enormes olhos castanhos fitavam-na entre pelos longos e sarapintados. — O que é isto?

— Um cachorro — respondeu Ashton, rindo da expressão de dúvida que sua mãe estampava.

— Demos o nome de Matador a ele, porque ele perseguiu o homem que atirou na Pen e deu uma mordida diretamente nas partes íntimas do maldito. E meu nome é Paulinho. — O menininho sorriu para a senhora. — Sou filho ilegítimo do Orion.

— Fora. Todos vocês para fora — disse Alex e começou a expulsar os meninos que tinham invadido o quarto. — Vou ver se a Sra. Stark pode preparar um chá para nós — ele disse à sua mãe e arrebanhou os meninos para fora.

Depois que a porta se fechou atrás de Alex e dos meninos, Lady Mary olhou para o seu filho mais velho.

— Aquele menino fala e se parece com um cantor de coral de igreja. Isso até que prestemos atenção ao que ele diz. Partes íntimas? Filho ilegítimo? Palavrões?

— Estou começando a acreditar que Paulinho fala essas coisas porque gosta de chocar as pessoas — Ashton disse.

— Sei. — Lady Mary tirou as luvas, o chapéu e o casaco e se sentou em uma cadeira, próximo à lareira. — Então, esta é Lady Penélope? E ela realmente foi baleada? — Quando Ashton assentiu, ela balançou a cabeça. — Ela cuida sozinha de todos estes meninos?

— Ela tem dois irmãos, de dezesseis e quatorze anos, além de Darius, de

treze, que a ajudam. — Ele rezou silenciosamente para que a sua mãe não descobrisse que os três garotos passavam grande parte do dia espionando um bordel. — Tem também o tutor dos meninos. Septimus Vaughn. Se bem que creio que ele deva ter acabado de sair de Oxford.

— E quem é esta tal de Sra. Stark?

— Ela é a criada faz-tudo, mas só fica aqui durante o dia. A mulher poderia ajudar a tratar de Penélope, mas ela tem uma filha que está em recuperação e seis netos para cuidar sozinha. Tem dias que ela nem pode vir trabalhar, mesmo assim envia um pouco de comida para todos.

— É muita responsabilidade para esta moça. Os parentes dela deveriam se envergonhar disso. Quando você me contou sobre esta situação, não imaginei que ela estivesse cuidando sozinha deste bando.

— Concordo que a família deveria se envergonhar. Ou no mínimo contratar alguém para ajudá-la.

— Há quanto tempo ela está febril?

— Desde a noite em que levou o tiro.

— Não faz tanto tempo. Eu trouxe algumas mudas de roupas para Alex e você. E para mim.

— Para a senhora?

— Vim ajudar a cuidar dela.

— Mas...

Lady Mary se aproximou do filho e afagou seu ombro.

— Ela precisa dos cuidados de uma mulher. Imagine como ela ficará sem jeito depois que acordar e descobrir que você era a única pessoa que estava à sua cabeceira enquanto ela estava muito fraca para cuidar das próprias necessidades.

Ashton suspirou e assentiu com a cabeça, ciente de que não fazia sentido discutir com a mãe.

— Sei que *eu* me sentiria assim se a situação fosse inversa. Mas a senhora também não pode assumir tudo sozinha.

— Não se preocupe, vou permitir que você e os meninos mais velhos continuem cumprindo suas tarefas. Ah, aí está o chá — ela disse, sorrindo para Alex quando ele entrou e colocou a bandeja que carregava sobre a mesa próximo à lareira.

Uma vez convencido pela mãe, Ashton deixou a cabeceira de Penélope e se juntou a ela e Alex para compartilhar um chá e uma refeição leve. Ainda estava um pouco contrariado com a presença da mãe. Seria bom contar com a ajuda dela para cuidar das necessidades pessoais de Penélope, mas a interferência causou um pouco de ressentimento. Seu desejo era ficar ao lado de Penélope dia e noite como se ele pudesse pessoalmente defendê-la da morte. Ele chegou à conclusão de que precisava muito descansar, pois só o cansaço poderia justificar um pensamento tão ridículo.

Quando terminaram de tomar o chá, sua mãe estava a par de todos os fatos e boatos que Ashton sabia. Ele próprio se surpreendeu ao perceber que tinha contado tanto a ela. Foi até um pouco difícil esconder a verdade do que havia entre ele e Penélope. A habilidade da senhora de interrogar era espantosa. Ashton gostaria muito de colocá-la no encalço dos Hutton-Moore, mas nunca teria coragem de expor a própria mãe a tal perigo, não importava quão boa fosse a causa.

— Tem certeza de que quer mesmo fazer isso? — Ashton perguntou quando ela pediu que ele pegasse papel e tinta para fazer uma lista de tudo que precisaria para cuidar de Penélope.

— Esta febre não é contagiosa — ela disse.

— Eu sei, mas cuidar de alguém assim tão mal é uma missão muito cansativa. — Ele esperou para ver a reação enquanto ela terminava de escrever o que parecia ser uma longa lista.

— Peça para os meninos ajudarem a trazer estas coisas para mim — ela disse quando entregou a lista a Alex, que rapidamente se retirou. Em seguida, olhou para Ashton. —Tenho seis filhos, meu querido. Entre todos, vocês

tiveram todos os tipos de doenças, ossos quebrados e os ferimentos mais ensangüentados que já vi. Entretanto, acho que vou mandar chamar tia Aurora.

— Não seria melhor mandar chamar tia Sarah? Ela é mais forte e, digamos um pouco mais delicada.

— Tem razão, é por isso mesmo que ela precisa ficar em casa para manter os seus outros irmãos na linha. Aurora é muito boa para cuidar de doentes, Ashton. Ela cuidou de mim quando tive uma febre após o parto de Alexander.

— A senhora se levantou e caminhou até a cama. — Quem é o médico que está cuidando do ferimento? — perguntou ao descobrir o ferimento de Penélope e analisar com atenção.

— Doutor Pryne.

— Roger Pryne?

— Não sei qual é o primeiro nome dele. Mas sei que é um homem alto, tem cabelos castanhos um pouco grisalhos e um modo correto de falar. A senhora o conhece?

— Pela descrição, tenho quase certeza de que o conheço. Uma velha amiga de escola minha se casou com ele. — Ela suspirou. — Ela já morreu. Foi muito triste. Não tinha nem trinta e cinco anos quando se foi. Tinha o coração fraco. O que ele disse sobre o ferimento e a febre?

— Ele disse que o tiro não foi fatal, mas que a febre pode ser. Ele receitou chá de casca de salgueiro e disse que era para dar banhos de água fria. Nada mais.

Lady Mary cobriu o ferimento novamente.

— Realmente não há mais nada que possa ser feito. Não fique tão preocupado, meu querido. Não conheço esta moça, mas pelo que você me disse ela parece ser forte o bastante para lutar contra isto. Uma mulher capaz de cuidar de dez garotos e ainda sobreviver só pode ser forte. Agora, preciso que você me responda algumas perguntas.

Ashton fez o que pôde para se conter enquanto era bombardeado por uma série de perguntas. Algumas, sobre Penélope, eram tão pessoais que ele ruborizou como um garoto. Uma coisa era cuidar das necessidades pessoais de uma pessoa inconsciente, mas falar a respeito era totalmente diferente. Entretanto, quando a sua mãe o dispensou, dando ordens para que descansasse um pouco, ele o fez com a consciência em paz, apesar do estado delicado de Penélope. E só o fez porque sabia que a sua mãe lutaria pela vida de Penélope assim como ele, e com muito mais habilidade. Juntos, eles poderiam salvá-la. Ele não se permitiria pensar em nada diferente.

Penélope contorceu o semblante. Todo o seu corpo doía. Tentou se lembrar do que acontecera antes de ir para a cama. E por que estava sozinha? Por que Ashton não estava dormindo ao seu lado? Será que fora embora enquanto ela dormia?

Lembranças do parque voltaram numa torrente pela sua mente e ela respirou com dificuldade. Alguém tinha atirado contra ela. Mantendo os olhos fechados e o corpo imóvel, ela tentou se concentrar no ferimento. Doía, mas não mais do que o anterior, apesar de ter a leve impressão de que iria doer muito caso tentasse mexer o braço. As outras partes doloridas, provavelmente, eram resultados da queda depois do tiro. Ela engoliu o pânico que se espalhou ao se lembrar da bala dilacerando seu ombro.

Em seguida, percebeu que estava com sede. Muita, muita sede. Parecia que alguém havia enchido sua boca com lã, lã mofada. De repente, ficou desesperada para lavar a boca e escovar os dentes, certa de que se sentiria bem melhor depois disso.

Com todo cuidado, abriu os olhos e olhou ao redor. Apesar da visão um pouco embaçada ainda, ela pôde perceber, para seu alívio, que estava no seu quarto, na Toca Wherlocke. Quando seus olhos finalmente clarearam do nevoeiro insistente do sono, ela ficou boquiaberta e não conseguiu conter um suspiro. Havia uma mulher sentada ao lado da sua cama, consertando o que

parecia muito ser a camisa de um dos meninos. Era uma bela senhora, trajada discretamente, mas só de olhar dava para perceber que suas roupas haviam sido feitas por uma das melhores modistas. Subitamente, a mulher olhou para ela e sorriu. Penélope corou sob o olhar fixo e profundo dos imensos olhos azuis da senhora.

— Ah, que bom. Você acordou — disse a mulher. — Sou Lady Radmoor, a mãe de Ashton. Pode me chamar de Lady Mary. E não pense que estou forçando algum tipo de intimidade ao dizer isso. Depois do meu primeiro ano de casada, eu simplesmente me recusei a responder quando me chamavam de Lady Harold. Mas podemos conversar mais tarde. Desconfio que deva estar precisando beber algo e com certeza querendo muito se livrar do gosto amargo da boca. — Lady Mary serviu um pouco de suco para Penélope e ajudou-a a beber lentamente. — Cinco dias lutando contra a febre e um dormindo deve ter deixado sua boca com a sensação de que um exército passara por aí marchando com as botas enlameadas.

Penélope estava muito atordoada para dizer qualquer coisa. Ela se sentia como uma boneca de pano da mulher quando Lady Mary lhe deu o que era preciso para limpar a boca, escovou seus cabelos e lhe deu um banho de esponja umedecida. Só depois que a senhora terminou de vesti-la com uma camisola limpa e amarrou um laço de fita nos seus cabelos que Penélope conseguiu se recuperar do estado de estupor. Embora a noção de que uma viscondessa cuidara dela como se fosse sua criada ameaçasse chocá-la outra vez.

— Então faz cinco, digo, seis dias que levei um tiro? — finalmente conseguiu perguntar.

Lady Mary colocou uma bandeja com fatias de maçãs e pão com manteiga sobre o colo de Penélope.

— Coma um pouco. Bem devagar. Sei que Roger — ela ruborizou um pouco —, quer dizer, Doutor Pryne, prefere que seus pacientes tomem um caldinho, mas ele não proíbe alguns alimentos leves que não agridem o

estômago. Tenho certeza de que isto fará bem a você. — Ela se sentou ao lado da cama novamente. — Você ficou febril na mesma noite em que levou o tiro. Poucas horas depois de ter sido trazida para casa. O médico acha que a febre se agarrou e não passava porque você ficou muito tempo deitada no chão úmido, ferida e apanhando friagem. O terreno próximo àquele lago é sempre muito úmido. E é claro, não se pode esquecer de que você tinha acabado de se recuperar de outro ferimento sério. Você nem teve tempo de recuperar todas as forças direito.

Penélope assentiu lentamente, recordando-se da umidade fria que rapidamente penetrou por suas roupas. Estava desesperada para perguntar por Ashton. Suas lembranças desde que levara o tiro não passavam de flashes do seu rosto, de dor e calor. Lembranças que podiam muito bem ser apenas resultado de sonhos febris, mas ela desconfiava que não.

— Ro... Doutor Pryne disse que você é muito jovem e saudável e que conseguiria combater a febre. À medida que os dias passavam e a febre não baixava, acho que Ashton foi ficando um pouco bravo com o homem. Mas o médico mostrou que estava certo. Você precisou lutar contra a febre por conta própria e no seu tempo. O ferimento não inflamou em momento algum. Na verdade, está cicatrizando muito bem, e com uma rapidez impressionante. Não fosse pela febre, pareceria que você estava dormindo enquanto o pior passava.

Ashton tinha ficado ao seu lado, ela pensou, e ficou profundamente agradecida por isso. O modo como Lady Radmoor errava o nome do Doutor Pryne, quase o chamando pelo primeiro nome todas as vezes que se referia a ele, despertou a curiosidade de Penélope. Ela mordeu um pedaço de maçã e mastigou lentamente a fim de impedir a si mesma de fazer algumas perguntas inoportunas.

— Sem dúvida você deve estar se perguntando por que estou aqui — disse Lady Mary.

Com a boca cheia de maçã, Penélope apenas aquiesceu com um aceno de cabeça.

— Depois de Alexander e Ashton terem passado quase três dias desaparecidos, resolvi sair à procura dos dois. Sei que os dois já são adultos e, gostando ou não, sei que costumam, digamos, dar umas escapadinhas para se satisfazerem. Entretanto, eles nunca haviam simplesmente desaparecido. O único recado que recebi de Ashton foi que tinha acontecido uma emergência e ele não sabia quando voltaria para casa. Marston, nosso mordomo, contou-me que Alex havia ido com Ashton. Até que finalmente eu soube de toda a história sobre os dois garotos que vieram à nossa casa e que todos saíram correndo para o parque. E depois disso confrontei o nosso cocheiro.

Penélope só pôde admirar tamanha persistência.

— Sinto muito se eles a deixaram tão preocupada.

Lady Mary acenou no ar uma mão elegante e cheia de anéis.

— Os homens são assim mesmo. Desta vez Ashton teve um bom motivo, só por isso não atormentei os ouvidos dele. — Ela sorriu quando Penélope riu, mas rapidamente recuperou a seriedade. — Você estava com febre, minha criança, e ele ficou para cuidar de você. Alex ficou para ajudar com os meninos. Que mãe teria coragem de culpá-los por isso? No entanto, acabei assumindo a responsabilidade como de costume. Ashton colaborou muito, mas eu trouxe a ajuda feminina que faltava assim como Aurora, a tia de Ashton. Com nós três juntos, trabalhando noite e dia, as coisas correram bem melhor. Tivemos tempo até mesmo de ajudar Alex e aquele rapaz adorável, Septimus, a cuidar dos meninos.

— Espero que eles não tenham dado muito trabalho para vocês. — A ideia de ter tantas pessoas que não estavam acostumadas às muitas *diferenças* da sua família transitando pela Toca deixou Penélope muito nervosa.

— Não deram mais trabalho do que teria dado qualquer outro bando de meninos. Acho até que deram um pouquinho menos. Acredito que eles tenham

se comportado por sua causa. Eles a amam muito, minha querida — ela adicionou baixinho e sorriu quando Penélope corou. — Desconfio que por serem meninos eles não costumem dizer muito isso, mas, acredite, eles certamente a amam. Estavam sempre dando uma passadinha pelo quarto só para ver se você estava respirando. Mais os pequenos, mas seus irmãos e Darius também fizeram a mesma coisa uma ou duas vezes. Pois para os mais novos você é como uma mãe, apesar de a chamarem de Pen ou prima. Especialmente o Paulinho. — Ela franziu a testa. — Ashton me contou que o menininho dormiu nos pés da sua cama nos primeiros três dias e ficava grudado à porta do quarto, do lado de fora. Ele só perdeu o medo de que você pudesse morrer na tarde em que cheguei. Depois disso ele começou a falar de modo confiante que você não se juntaria a Sra. Pettibone. — Ela olhou ao redor. — A mulher ainda está por aqui?

Pelo jeito restavam poucos segredos, Penélope concluiu. Mas supôs que deveria estar grata por Lady Mary não ter saído correndo da casa e gritando que ali só moravam bruxos. Penélope olhou na direção da figura nebulosa da Sra. Pettibone, que estava sentada ao lado da lareira. As filhas da mulher já deviam ter retornado para casa a esta altura, portanto o motivo só podia ser outro para que o espírito da mulher continuasse rondando. Ela teria que resolver este mistério em outro momento, quando estivesse mais forte, depois que conseguisse resolver alguns dos seus próprios problemas.

— Temo que sim — Penélope disse, quase sorrindo pelo modo como Lady Mary olhava desconfiada na direção da lareira, obviamente tentando enxergar o que ela estava vendo. — Alguns espíritos sentem necessidade de continuar vagando pela Terra, para terminar algo. Logo resolverei este mistério e então o espírito da Sra. Pettibone poderá encontrar a paz. Ela é inofensiva.

— Então você realmente pode vê-los? — Lady Mary disse baixinho. — Por acaso há muitos deles as soltas por aí?

— Há bastante em Londres.

— Bem, o que não é uma surpresa, suponho. Mas sempre pensei que, quando morremos, nosso espírito subisse ou descesse imediatamente.

— A maioria sim. Como eu disse, alguns ficam rondando porque sentem que deixaram algo que precisa ser concluído. Alguns dos motivos que os levam a ficar vagando nem sempre são bons, tais como raiva ou sentimento de vingança. Alguns estão simplesmente confusos, não sabem direito o que aconteceu com eles. Outros ainda não estão prontos para desistir das coisas terrenas, apesar de não poderem tocar ou provar mais nada. — Ela encolheu os ombros e ficou surpresa ao perceber que não sentiu quase nada de dor com o movimento. — Mas acredito que o inferno não deixe muitos escaparem das suas garras, não permita que fiquem vagando ao bel-prazer.

Quando Lady Mary assentiu como se as palavras de Penélope fizessem todo sentido, a jovem respirou aliviada. A última coisa que desejava era assustar a mãe de Ashton.

— A senhora não ficou com medo, ficou?

— Claro que não. Não tenho certeza se acredito ou não em tais coisas, mas o assunto me fascina. Posso entender por que você se esforça tanto em esconder isso de todos. Alguns poderiam ficar com medo, e acho que isso pode ser perigoso. — Ela sorriu. — Confesso que fiquei um pouco assustada quando Jerome ficou bravo e as coisas começaram a se mover sozinhas ao redor.

— Oh! — Que péssimo momento para o dom de Jerome se manifestar. — Achei que este dom em especial tivesse escapado aos meninos.

Lady Mary levantou, apanhou a bandeja vazia e ajudou Penélope a beber mais um pouco do suco.

— Foi tudo muito intrigante. Acho que passei a acreditar mais nestas coisas depois que vi Jerome fazendo aquilo. O seu irmão, Estefan, agiu rápido para contê-lo. — Ela pousou a caneca vazia sobre o criado-mudo. — Posso imaginar quantas tragédias tais coisas devem ter causado aos seus, mesmo

assim deve ser fascinante viver em uma família abençoada por tantos dons miraculosos.

Penélope piscou lentamente. Nunca tinha visto as coisas por esse ângulo. Algum dia, quem sabe, conseguiria, se pensasse bastante sobre o assunto. Neste momento achava difícil esquecer as tragédias, especialmente em uma casa cheia de crianças abandonadas pelas próprias mães. Ela foi arrancada de seus pensamentos ao sentir o afago que Lady Mary fez na sua mão.

— Um dia, minha criança, quando o medo e a superstição deixarem de existir — disse a mulher —, todos estes dons passarão a ser vistos como a bênção que são.

A porta do quarto se abriu, pondo um fim à busca de Penélope por uma resposta educada. Ashton e Paulinho entraram, e o cachorro veio saltitando logo atrás. Penélope tentou manter o sorriso para Ashton como se fosse uma simples saudação. Estava desconfiada de que a mãe de Ashton já sabia sobre o que havia ou estava acontecendo entre eles, mas Penélope não via por que admitir isso abertamente por meio de palavras ou atos. Lady Mary era uma mulher muito gentil, pelo que Penélope tinha percebido, mas o futuro da família Radmoor dependia fortemente do casamento de Ashton com uma herdeira. Ela certamente não poderia contar à mãe de Ashton que ela havia aceitado aquela dura verdade e se deitado com o filho dela mesmo assim. Penélope notou então uma caixinha decorada que Paulinho trazia nas mãos. Era o porta-jóias da sua mãe.

— Paulinho, onde você pegou isso? — ela perguntou, pois imaginava que tivesse guardado bem escondido, na gaveta da sua escrivaninha, na pequena biblioteca da casa.

— Eu achei na biblioteca — ele respondeu enquanto colocava a caixinha sobre a cama. — Pensei que você pudesse querer usar algo bonito. Isto pode fazer com que se sinta melhor.

Ele abriu o pequeno baú de jóias da mãe e sorriu. Lady Mary ofegou discretamente. Penélope olhou para Ashton, que se limitara a erguer uma

sobrancelha, numa indagação silenciosa.

Penélope suspirou.

— Não roubei estas jóias. Elas eram da minha mãe e pertencem a mim. Posso não saber muito sobre o testamento e o que está escrito nele, mas desta parte eu me lembro. A casa e as jóias são minhas. Tudo que está dentro desta caixa foi comprado pelo meu pai. A maioria foi dada à minha mãe quando ela soube dos romances extraconjugais do meu pai. Clarissa tinha pegado tudo. Apenas tomei de volta. Estão faltando algumas peças, mas vou encontrá-las também quando chegar o momento certo. — Ela remexeu na caixa e tirou um colar de diamante com safiras. — Papai deu isto à mamãe no dia em que eles se casaram. Depois da segunda amante que ele teve, ela guardou o colar aí dentro e nunca mais usou.

Lady Mary se inclinou sobre a cama para tocar no colar.

— É lindo. Sempre adorei diamantes. Amo tanto que seria incapaz de deixar de usá-los só porque o homem que meu deu era um patife infiel. Um colar em particular sempre foi meu preferido.

— Mas a senhora nunca mais usou aquele colar, mãe — Ashton disse, tentando desesperadamente afastar da sua mente a idéia mercenária de que a caixinha de jóias estava cheia o bastante para dar à Penélope o dote de que ele precisava desesperadamente.

— A senhora vai voltar a usar o colar — disse Paulinho, sorrindo para Lady Mary. — A senhora vai ter o seu colar de volta e muito mais.

Ashton percebeu o modo como a sua mãe olhou para Paulinho surpresa e ao mesmo tempo com um leve rubor de culpa nas faces.

— Eu as terei de volta?

— Sim — respondeu Paulinho depois de Lady Mary ter balbuciado algumas palavras incompreensíveis. — O navio dela não afundou como todos imaginam. O navio passou por uma forte tempestade, mas ela só o empurrou para a direção errada.

— Mãe? A senhora vendeu os seus diamantes e investiu em algum empreendimento arriscado?

Antes que sua mãe pudesse responder, ouviu-se um forte barulho no andar de baixo. Com medo de que pudesse ser outro atentado contra Penélope, Ashton disse para as mulheres e para Paulinho permanecerem ali e saiu correndo do quarto. Não sabia se ficava bravo com a mãe por ter vendido seus diamantes sem lhe contar nada ou se ficava agradecido por ela ter tentado ajudá-lo como podia. Quando chegou aos pés da escada, o homem que os meninos tentavam impedir de entrar empurrou a porta, escancarando-a. A visão de Lorde Charles Hutton-Moore na porta da Toca Wherlocke foi o suficiente para banir da sua mente todos os pensamentos sobre a sua mãe, jóias de família sendo penhoradas e investimentos secretos.

— Então é aqui que você tem se escondido — disse Charles, abaixando a bengala que obviamente erguera para bater nos meninos. — Clarissa não vai gostar nada disso.

— Não estou me escondendo, estou simplesmente visitando os meninos. Existe algum motivo para a sua visita, senão me espionar, milorde? — Ashton perguntou.

Ashton analisou Charles. O homem provavelmente era considerado um tipo bonito pelas mulheres. Era alto e forte, tinha fartos cabelos loiros e olhos azuis muito claros. Ele era também corrupto, astuto e, Ashton agora sabia perigoso.

— Espionando você? — Charles sorriu. — De forma alguma. Só vim em busca de notícias da minha irmã, meia-irmã, para ser mais exato. Papai adotou a garota, mas isso não a torna minha irmã. Lady Penélope Wherlocke? Ela costuma passar muito tempo aqui. Permiti que ela se dedicasse a sua caridade, mas ela nunca se ausentou por quase uma semana. A princípio pensei que ela estivesse ficando aqui porque ela e Clarissa tiveram uma discussão, mas lembrei que isso já tinha acontecido antes, e várias vezes, mas Penélope nunca havia se

ausentado por tanto tempo.

— Talvez ela tenha se cansado de dormir no sótão. — Ashton soltou um meio sorriso quando Charles estreitou o olhar.

— Os problemas da nossa família não são da sua conta. Como eu disse, Penélope está desaparecida há muitos dias. Fiquei muito preocupado quando soube que uma mulher tinha sido atacada em um parque, próximo à minha casa. Só quero ver por mim mesmo se ela está bem.

Uma rápida troca de olhares com Hector foi tudo que Ashton precisou para confirmar o seu palpite de que Charles estava mentindo descaradamente. O homem queria confirmar se seu ataque contra Penélope falhara. Charles precisava de um corpo para se apossar abertamente de tudo que pertencia a Penélope por direito. Ashton queria chutar o homem para fora, mas resistiu ao impulso. Não apenas porque o homem tinha a posse das promissórias do seu pai. Charles era o guardião de Penélope. Até que ela se casasse, atingisse a maioridade, ou a sua família, por meio dos tribunais, conseguisse livrá-la da guarda dele, Charles tinha a lei do seu lado. Havia certo prazer em mostrar para o homem que ele falhara na tentativa de se livrar de Penélope, mas o prazer seria ofuscado pela noção de que ela continuaria correndo risco.

— Ela não tem passado muito bem — Ashton iniciou ciente de que era uma tentativa inútil para manter o homem afastado.

— Ah, sei. Uma vez que também tem andado sumido nos últimos tempos, devo entender então que você tem cuidado da minha tutelada?

— Não seja tolo, milorde — disse tia Aurora ao entrar na sala, com Alex logo atrás. — Que homem é capaz de cuidar de algum que está doente? Eu e Lady Radmoor que tivemos a honra. — Ela olhou para Ashton. — Talvez fosse melhor levá-lo para ver a tutelada dele, querido. Ela ainda não pode ser removida, mas mostre como ela tem sido bem cuidada. Isto deverá acalmá-lo.

Um tanto surpreso pela coragem com que a tímida tia Aurora enfrentava Charles, Ashton assentiu e começou subir a escadaria. Fez sinal displicente com

a mão para Charles segui-lo. O homem passou pelo corredor dos meninos, no vestíbulo, que o encaravam calados, e Ashton teve a nítida impressão de que Charles empalidecera um pouco. Assim como também notou que, apesar de sutilmente, Charles mancava um pouco, como um homem que tivesse sofrido um ferimento nas suas partes mais íntimas. Ele ficou morrendo de vontade de verificar por si mesmo se aquele ferimento era uma mordida de cachorro.

Ashton só esperava que a visita de Charles não causasse uma recaída na recente recuperação de Penélope. Ele não estava certo sobre tudo que tinha acontecido com ela sob o teto de Charles, mas tinha certeza de que ela não gostava muito dos seus meios-irmãos. Ele imaginou que o som de passos subindo os degraus rapidamente deveria bastar como um aviso a ela do confronto que se aproximava.

— É Charles — disse Paulinho ao entrar com um rompante no quarto. — Ele descobriu sobre nós.

Penélope desconfiou que o homem já soubesse sobre a casa há muito tempo, mas ela não poderia se preocupar com isso naquele momento.

— Aqui, Paulinho, esconda isto embaixo da cama — ela pediu enquanto guardava as jóias da sua mãe dentro da caixinha, fechava e entregava ao menino.

Em seguida, ela soltou o corpo sobre a pilha de travesseiros que Lady Mary ajeitara sob suas costas, exausta por causa do momento de pânico. Penélope se surpreendeu quando Lady Mary puxou a cadeira para mais perto da cama e tomou a sua mão. A mulher pretendia mostrar a Charles que havia um grupo contra ele. Ela queria dizer para Lady Mary que era uma posição perigosa a assumir, mas, antes que tais palavras pudessem sair, Ashton entrou no quarto, com Charles logo atrás.

Bastou uma rápida passada de olhos em seu meio irmão para que Penélope agradecesse ao apoio de Lady Mary. Ela se distraiu por uma fração de segundo ao ver o espírito da Sra. Pettibone se aproximar da cama para encarar

Charles. A pitada de humor morreu no mesmo instante em que ela fitou os olhos frios de Charles.

Num primeiro momento. Charles agiu com toda gentileza e cavalheirismo. Com um tom de profunda preocupação na voz, ele perguntou sobre o ferimento e a saúde dela. A sua declaração de que algo deveria ser feito para apanhar o miserável que a tinha atacado foi perfeito no tom e no modo. Ele chegou até a trocar algumas palavrinhas agradáveis com Lady Mary. Enquanto isso, o tempo todo de baixo da cama, vinha um rosnado baixinho.

Penélope ignorou a possível hostilidade do cão contra Charles e esperou que o pior acontecesse. Era o estilo de Charles acalmar as suas vítimas com uma conversinha fiada e galante para então atacar com uma pergunta mordaz ou uma ameaça. No momento em que ele estampou seu sorriso calculado, ela se preparou, determinada a não entregar nada em palavras ou na fisionomia.

— Você precisa agradecer aos Radmoor por toda a ajuda, querida — ele disse —, assim como eu. Depois que estiver vestida, podemos ir para casa.

— Não, Lorde Hutton-Moore — disse Lady Mary num tom firme de voz —, isso não será possível. De forma alguma. Penélope acabou de se recuperar de uma febre debilitante. Se ela for removida agora, a febre pode voltar. Enfraquecida como está da última contenda, a exposição poderá matá-la. Uma vez que tenho certeza de que não deseja carregar em seus ombros a culpa pela morte dela, seria melhor deixá-la aqui até que o médico diga se ela já pode sair da cama.

Penélope percebeu o leve rubor brotando nas faces de Charles que indicou que ele estava lutando para se controlar. Charles não estava acostumado a ser contrariado. Mas não havia nada que pudesse fazer. Lady Mary não apenas estava certa como seu título era superior ao dele, e discutir com a senhora seria o mesmo que cometer um suicídio social. Ele não poderia nem mesmo tentar ameaçar Lady Mary com as promissórias do seu falecido marido, pois já tinha usado esta mesma arma contra Ashton. Valer-se do mesmo artifício com a mãe

de Ashton, que certamente já sabia disso e mesmo assim lhe dava ordens, seria uma perda de tempo. Tentar cobrar a dívida de uma mulher sob tais circunstâncias, especialmente com o chefe da família vivo, seria uma gafe embaraçosa, e ele sabia que a história poderia acabar vazando. Penélope quase desmaiou com a força do alívio que varreu seu corpo quando, depois de uma despedida curta, Charles se foi.

— Aquele homem não veio aqui por estar preocupado com você — disse Lady Mary.

— Não — concordou Penélope. — Ele veio ver o corpo. Charles pode até não ter puxado o gatilho da pistola disparada contra mim, mas definitivamente foi ele quem a colocou nas mãos da pessoa que atirou. — Ela observou o modo como Matador olhava na direção da porta, o corpo inteiro do cãozinho ainda estava tenso, pronto para atacar. — Creio, no entanto, que foi *ele* que atirou em mim.

— Assim como eu — disse Ashton. — Ele estava mancando de um modo estranho, que pode muito bem ter sido resultado de uma mordida de cachorro, digamos, nas partes íntimas.

Lady Mary deu uma olhada para o filho.

— Acho que está na hora de você buscar ajuda de pessoas que estão acostumadas a lidar com criminosos diariamente. Um policial, ou caçador de ladrões, ou um daqueles agentes da Rua Bow. Eles ajudam a localizar criminosos, não é isso? No mínimo, eles poderiam ajudar a proteger Penélope e os meninos enquanto você estiver em busca da verdade.

Ashton assentiu.

—No momento em que o vi na porta, eu soube que precisava fazer algo mais.

— Você acha que ele seria capaz de tentar atingir os meninos? — Penélope perguntou.

— Acho que aquele homem é capaz de qualquer coisa para alcançar seus objetivos.

— Maldição.

Não havia mais nada a dizer, pois Ashton tinha toda razão. Penélope soube no dia em que se vira diante do túmulo da mãe que seus meios-irmãos não queriam compartilhar nada com ela, nem mesmo o que era seu de direito. À medida que o tempo passava, ela temia que eles nunca permitissem que ela chegasse aos vinte e cinco anos ou que se casasse, mas isso não era algo em que ela costumava pensar muito ou com muita frequência. Ela sempre imaginou que estivesse preparada para encarar a dura verdade de que seus meios-irmãos desejavam a sua morte, mas isso ainda era um pouco assustador. No entanto, ela não poderia se deixar afundar na autopiedade. Ela precisava sarar recuperar as forças o mais rapidamente possível, pois agora estava realmente enfrentando uma luta por sua vida.



CAPÍTULO XIII

PENÚLOPE OUVIU UMA BATIDA À PORTA E COMEÇAVA A SE LEVANTAR PARA atender quando um dos criados corpulentos que Ashton tinha colocado dentro da sua casa bloqueou a sua passagem. Ela achava que este era o que se chamava Ned, mas ainda não tinha certeza de qual era qual, pois os dois eram extremamente parecidos. Ela se sentou novamente enquanto o outro atendia a porta. Era estranho ter dois homens enormes transitando pela casa o dia todo e, às vezes, durante a noite também. Ashton sempre os mandava para casa quando ele vinha passar a noite, mas isto não acontecia muito ultimamente e quando acontecia eles não dormiam na mesma cama, para tristeza dela. Ela podia entender as reservas dele quando a mãe e a tia estavam lá, mas elas já tinham ido embora.

Já haviam se passado duas semanas desde que ela levara o tiro e, apesar de ainda sentir algumas pontadas no ombro de vez em quando, ela sabia que estava quase curada. Fazia três dias desde que a família de Ashton fora embora ela já começava a sentir saudade de todos quando de repente a porta se fechou atrás deles. Ela nunca tinha percebido o quanto sentia falta da companhia de outros adultos, especialmente mulheres, até ter a chance de desfrutá-la por duas semanas. Ou melhor, quase duas semanas, ela pensou com um sorriso ao se

lembrar que tinha passado quase a primeira semana inteira desacordada devido à febre alta.

Ashton entrou na sala e os pensamentos dela dispersaram. Ela retribuiu de coração o beijo que ele lhe deu, imaginando se naquela noite ele pararia de tratá-la como se ela ainda estivesse muito fragilizada para suportar muito mais que um beijo. O calor que seus olhos emanavam ao final do beijo e quando ele se sentou ao seu lado foi um sinal de esperança.

— Está muito quieto aqui — ele comentou.

— Os pequenos estão fazendo lição de casa. Artemis, Estefan e Darius saíram para espionar. Agora que você já sabe quando poderá entrar no bordel, pensei que isto fosse acabar. — Ela franziu a testa. — Preocupa-me saber que eles têm passado tanto tempo naquela parte perigosa da cidade.

— Não vai acontecer nada, e logo isso tudo terá um fim. — Ele pousou o braço sobre o ombro dela e deu-lhe um beijo no rosto.

Havia algo no tom de voz de Ashton que a deixou desconfiada. Ela se afastou um pouco e analisou a fisionomia dele. Penélope se esforçou para lembrar tudo que lhe disseram e tudo que ouvira nos últimos dias e subitamente ficou tensa.

— Será nesta noite — ela disse. — Ou amanhã à noite. Você vai entrar às escondidas no bordel da Sra. Cratchitt nesta noite ou na próxima.

— "Entrar às escondidas" é uma expressão muito pesada.

— Ashton. — Ela não ficou surpresa ao perceber que quase havia gritado.

Ele suspirou e levantou para servir um pouco de vinho para os dois. Ela estava com uma aparência saudável, ele pensou ao entregar a taça e sentar de volta ao lado dela. O que tornava muito difícil continuar agindo com cavalheirismo. Sua vontade era deitá-la ali mesmo no sofá e mergulhar no calor de seu corpo sedutor. Mas ainda era cedo para isso, não importava quanta segurança havia na voz do Doutor Pryne ao declarar que Penélope estava

curada. Pela expressão que ela tinha no rosto, no entanto, nem que fizessem amor ela se esqueceria da pergunta que tinha feito.

— Está tudo planejado para amanhã — ele respondeu. — E não vai ser à noite, mas no fim da tarde. Tucker costuma fazer a entrega do vinho à tarde.

— Oh! Bem, não importa. Os espíritos não se preocupam com as horas. Eu poderia ver ou ao menos sentir quais estão lá.

— O quê?! Você *não vai* conosco.

— Claro que vou. Como vocês saberão se alguma pessoa foi assassinada e enterrada naquele lugar se eu não for?

—Vamos descobrir com a ajuda de uma pá e dos nossos olhos.

—Você por acaso está me dizendo que não poderei fazer parte de algo que eu comecei?

Ashton sussurrou um palavrão. Ela de fato começara aquilo não havia o que questionar. Se ele acreditava ou não que ela tinha visto um fantasma lá era outra história, mas era isso que levaria à prisão e, sem dúvida, ao enforcamento uma mulher malvada. Quanto mais informações conseguiam reunir sobre a Sra. Cratchitt, mais certeza ele e seus amigos tinham de que pessoas haviam morrido naquele bordel, e a Sra. Cratchitt sabia disso. Isso se ela mesma não tinha cometido o assassinato. Ashton percebeu que a sua maior objeção para que Penélope se juntasse a eles era porque não queria que ela se aproximasse daquela podridão.

—Você ainda não está totalmente curada — ele disse, numa última tentativa de dissuadi-la.

— Estou sim. Além do mais, não vou ajudar a colocar as correntes na perversa. Estou curada o suficiente para ir junto e ver o que acontece, o que for descoberto lá. Para ver se a pobre Faith encontrou a paz. — O tempo todo, enquanto falava, Penélope puxava o vestido. Quando seu ombro ferido finalmente ficou exposto, ela apontou para a cicatriz. — Isso não lhe parece curado o bastante?

— Incrivelmente curado — Ashton murmurou e fitou o local onde a bala tinha transposto a pele macia. A cicatriz ainda estava feia e um pouco vermelha, mas tirando isso estava completamente curada. — Como cicatrizou tão rápido? Já vi vários ferimentos, desde pequenos cortes de espada a buracos de balas resultantes de um duelo, mas nenhum destes, nem mesmo o menor de todos, cicatrizou tão rapidamente quanto o seu. E isto surpreendeu até mesmo Doutor Pryne, não é mesmo?

Penélope se repreendeu no íntimo por ter se precipitado e exposto o ombro. Sua intenção era apenas provar a Ashton que estava curada o suficiente para ir junto com eles desmascarar a Sra. Cratchitt. Em vez disso, agora teria que explicar como o ferimento havia sido cicatrizado a uma velocidade tão rápida que deixara até mesmo ela um pouco surpresa.

— Você sabe que Septimus pode atenuar a dor de uma pessoa...

— Ele pode curar também?

— Não. Mas pode ajudar as pessoas a se recuperar de qualquer enfermidade e ferimentos um pouco mais rapidamente, nada, além disso. Foi Delmar. Não sei se apenas o seu toque ou se o poder dele somado ao de Septimus, mas às vezes eu podia sentir o meu ferimento cicatrizando. A verdade é que não estou certa se Delmar fez mesmo isto, pois ele apenas segurou minha mão. Não falei a respeito com ninguém. — Ela pousou a mão sobre a de Ashton. — Por favor, não conte nada para ninguém. Um dom da cura maravilhoso como este pode ser perigoso. Todos aqueles que têm alguma doença ou ferimento adoram sair à procura de pessoas com dons especiais. O dom enfraquece aquele que usa, pode até mesmo levar a morte se não for controlado e limitado.

Ele segurou a mão de Penélope e ergueu-a até os lábios.

— Não contarei a ninguém. Mas acho que Delmar deveria ser avisado. Do contrário, ele pode usar o dom sem perceber e se desgastar por isso.

Penélope se perguntou se Ashton havia notado que acabara de falar como alguém que acreditava em tudo que ela acabava de dizer.

— Concorde. Mas e então, posso ir com você? — Só pelo olhar de Ashton dava para perceber que ele sabia que ela daria um jeito de estar lá quando eles entrassem na adega da Sra. Cratchitt, não importava o que ele dissesse. Se concordasse, só iria facilitar um pouco mais as coisas. — Ficarei fora do caminho de todos.

— Só se você prometer que ficará escondida até que eu diga que pode se juntar a mim.

— Oh, obrigada, Ashton. Juro que não darei um passo sequer sem a sua permissão.

O murmúrio de incredulidade que ele deixou escapar foi silenciado por um beijo.

Ashton a envolveu em seus braços e beijou-a de volta. A paixão selvagem e desenfreada que ela sempre despertava em seu corpo começou a renascer, turvando sua mente e enrijecendo seu corpo. Ele estava apenas começando a provar o gosto da doçura da paixão que ela lhe oferecera quando o ferimento abruptamente o privara de tudo. Ashton estava faminto para provar daquela doçura, roçar a sua pele contra a pele feminina macia e quente. Todo seu corpo pulsava de desejo por ela. Quando Penélope o empurrou com as mãos sobre o peito, ele soltou um gemido em protesto.

— Ashton, tem alguém à porta — Penélope disse, tentando se levantar. Como o homem a deitou tão rápido?

Levou um momento para que Ashton compreendesse o que ela tinha dito. Quando as palavras finalmente assentaram em sua mente, ele sentou e começou a ajeitar apressadamente as roupas. De cantos de olhos, ele viu Penélope fazer a mesma coisa. Foi embaraçoso para ele saber que estava concentrado nela no sofá e que estivera bem perto, tão a ponto de satisfazer a necessidade que ainda o comprimia por dentro. Ele ficou um tanto surpreso ao se dar conta de que aquilo também havia lhe dado muito prazer.

Em seguida, ele ouviu uma voz áspera muito mais que familiar, e rapidamente seu sangue ferveu. Não era consigo mesmo que estava preocupado era com Penélope. A ira de Clarissa pelo seu desinteresse ostensivo por ela tinha aumentado significativamente ao longo das últimas duas semanas. Cada baile, peça de teatro ou sarau perdido só contribuía com isso. O fato de ele ter provado que estava certo ao afirmar que o irmão dela jamais permitiria que ela terminasse o noivado certamente não ajudou muito. Ashton estava com medo que a raiva que borbulhava dentro de Clarissa pudesse explodir sobre Penélope. A sensação de Penélope acariciando a sua mão como se para acalmá-lo o arrancou de seus pensamentos sombrios.

— Não se preocupe — ela disse baixinho, preparando-se para o que prometia ser um confronto desagradável. — Clarissa quer muito se tornar uma viscondessa, talvez até mesmo uma duquesa, por isso não vai abusar da sorte. Duvido que ela tenha coragem de terminar o noivado mesmo que o encontrasse na cama com três mulheres nuas.

Ashton riu baixinho apesar de ser ferido pelo modo como Penélope se mostrou tão indiferente com o pensamento de que em breve ele poderia se casar com Clarissa. Ele não queria que Penélope fosse magoada pelo que ele precisava fazer para salvar a sua família, mas certamente não queria que ela mostrasse indiferença. Era cruel da sua parte, mas ele queria que ela sentisse algo mais do que uma simples atração física por ele.

— Então é aqui que você está — disse Clarissa ao entrar pisando firme pela sala. — Saçaricando com a minha meia-irmã!

— Ele não está saçaricando, seja lá o que isso signifique — disse Penélope.

— Claro que não — disse Septimus num tom divertido ao entrar na sala carregando vários livros, entre eles o que parecia ser um contábil. — Ele veio discutir números comigo.

Clarissa olhou feio para Septimus.

— Números?

— São aqueles pequenos símbolos que são escritos em uma coluna e depois somados para que se possa verificar se ainda restou algum dinheiro, sabe?

— O que você quer Clarissa? — Ashton perguntou quando teve certeza de que conseguiria falar sem dar risada. — Na verdade, como descobriu que eu estava aqui?

— Eu o segui. Não ouse me olhar com este jeito tão irritado e insultado — ela crispou. — Tenho todo direito de fazer isso. *Você é o meu* noivo. Tem o dever de me dar atenção e de me acompanhar. Mas tenho recebido muito pouco disso tudo ultimamente. Por acaso, ainda não ouviu o que estão dizendo? Todas as vezes que apareço em algum lugar sem o meu noivo, sou motivo de riso e chacota, e muito mais do que da última vez que você me abandonou.

— Então, talvez, você devesse falar comigo sobre quais eventos desejava comparecer ao meu lado *antes* de aceitar o convite. — Ashton notou que Clarissa cerrava os punhos de tal modo que ele teve certeza de que ela queria mesmo era arrancar seus olhos. — Preciso muito colocar as minhas finanças em ordem, para decidir quais dívidas pagar e em quais propriedades farei melhorias sem acabar com o dote que você vai trazer com o casamento.

— O que você quer dizer isso? Charles está de posse da maior parte das suas dívidas. Quando nos casarmos, ele considerará todas pagas.

— Foi isso que ele disse a você? — Nem foi preciso muito esforço para que a sua risada soasse amarga. — Oh, não, minha querida. Mais uma vez você falhou por não ter lido o que assinou. Recebo seu dote e depois pago as dívidas do meu pai que estão em posse do seu irmão com parte do dinheiro. Ele encontrou um modo inteligente de arrumar um marido para você e ao mesmo tempo não perder muito dinheiro. Muito inteligente. Traíçoeiro, mas inteligente.

Clarissa encarou Ashton surpresa e então balançou a cabeça. Em seguida começou a andar pela sala, resmungando consigo mesma sobre a perfídia dos

homens. Penélope quase sentiu pena dela, mas sabia que Clarissa deveria imaginar que o irmão fosse capaz de tal traição. Por esse motivo, foi fácil ignorar a breve crise de solidariedade que a abatera. Clarissa tinha tornado sua vida infeliz desde o dia em que a mãe de Penélope se casara com o pai de Clarissa. Apesar de Penélope não ter nenhuma intenção de se vingar por todo o desprezo e por toda a dor, ela se reservou o direito de achar divertido o modo como o destino se encarregava sozinho de tudo. Seria ainda mais divertido, é claro, se não houvesse o risco de Clarissa terminar o noivado com Ashton.

— Tome cuidado, Clarissa — Penélope disse. — Você quase passou através da Sra. Pettibone.

Clarissa parou tão de repente que tropeçou e quase caiu. Ela olhou ao redor, recuando um passo, apesar de não ver ninguém. Em seguida, virou e encarou Penélope.

— Chega. Não vou ouvir mais nada sobre espíritos. Tome cuidado ou irá se juntar a eles. — Ela apontou para Ashton. — E quanto a você, é melhor parar de me fazer de boba também ou irá se arrepender. — E saiu da sala pisando duro, batendo a porta atrás de si.

— Ela acabou de ameaçá-la — disse Ashton, franzindo as sobrancelhas.

— E a você — disse Penélope. — Talvez porque você não se levantou quando ela entrou na sala.

— Eu não a convidei para vir aqui.

Penélope sorriu, mas rapidamente ficou séria outra vez.

— Acho bom tomarmos cuidado com as ameaças de Clarissa. A seu modo, ela pode ser tão perigosa quanto o irmão. — Penélope sorriu para Septimus. — Obrigada por ter vindo tão rápido. Como soube que ela estava aqui?

— Eu estava olhando pela janela quando a carruagem estacionou. — Septimus caminhou rumo à porta, mas parou de repente ao ouvir outra batida à porta. — Será que ela se esqueceu de fazer mais uma ameaça?

Um dos criados fortões apareceu na entrada da sala e Septimus recuou um

passo.

— Há uma mulher com uma criança na porta, milady. Ela quer falar com a pessoa que cuida, é... dos pirralhos. — ele corou. — Esta foi a palavra que ela usou, milady.

Penélope suspirou e assentiu, temendo o que estava prestes a acontecer, mas não por ela mesma, e sim pela criança.

— Mande-a entrar.

Um segundo depois, uma mulher alta e voluptuosa entrou, puxando pelo braço uma menininha de cabelos pretos como a noite. Em seguida, ela colocou uma mala no chão. Penélope olhou no fundo dos olhos azuis da menina, viu toda a dor que havia lá e teve de lutar contra o desejo de avançar e dar uma bofetada na cara da bela mulher que segurava a menina.

— Ela é filha de Quintin Vaughn. Meu nome é Leona Mugglesby e fui amante dele há mais ou menos sete anos. — Ela empurrou a menininha na direção de Penélope. — Procurei por ele primeiro.

— Acho que ele se encontra na índia — Penélope disse.

— Ah, é por lá que ele anda, então? Nenhum dos criados dele achou por bem me dizer. Mas conheço Maggie O'Hurley, que era amante de Orion, e ela me contou sobre este lugar. Portanto, aqui está ela. Pode ficar. Maggie disse que você não hesitaria em acolher um destes filhotes do diabo. Pois é isso que ela é. Um filhote do diabo.

Um trovão ecoou ao longe, e a mulher ficou pálida.

— Viu? Vê o que ela faz?

Penélope olhou através da janela. Havia uma nuvem agourenta e escura que não parecia cobrir muito mais do que a sua casa e um pouco da residência vizinha. Ela olhou para a menininha e viu a tormenta nos seus olhinhos arregalados. Penélope se aproximou, tomou a mão da criança e puxou-a o suficiente para passar um braço ao redor do corpinho. De canto de olhos, ela viu

Ashton se sentar, sem se preocupar em mostrar respeito, pois a mulher obviamente não merecia.

— Você acredita que é esta menina quem está fazendo aquilo? — Penélope perguntou à mulher com o que esperou ter sido um tom adequado de zombaria.

— Sim, ela está! Mas pensa que acreditei de imediato? Não. Mas então me lembrei de tudo que dizem sobre todos vocês e então acreditei. Bem, você pode ficar com ela. Pois não vou ficar mais com este filhote do diabo perto de mim. Opa! — A mulher virou e se deparou com sete meninos olhando feio para ela. — Estes também são da mesma laia?

Antes que Penélope pudesse pensar em uma resposta, os meninos entraram na sala passando pela mulher. Delmar era o líder e parecia disposto a expulsar a mulher. Eles se colocaram entre ela e a menininha. Penélope sentiu muito orgulho dos meninos, mas ficou com receio das tristes lembranças que o confronto pudesse despertar em cada um deles. Ela não notou, no entanto, que com a presença dos meninos a ameaça de tempestade tinha cessado.

— Qual é o nome da sua filha? — Penélope perguntou para a pálida Leona, desejando imensamente que a mulher fosse embora antes que descarregasse mais ofensas e crueldades.

— Juno. Foi o nome que Quintin falou para colocar na criança caso fosse menina. Ele costumava tocar na minha barriga o tempo todo e conversar com ela. Amaldiçoou a menina, isso sim tenho certeza disso. Bem, agora ele pode ficar com ela. Pode ficar com ela amaldiçoada como está ou quebrar a maldição, não me importo.

— A senhora já pode ir embora — disse Delmar ao se aproximar para pousar a mão sobre o ombro de Juno. — Ela é nossa agora. Vá embora.

Para surpresa de Penélope, a mulher obedeceu Delmar sem pestanejar.

— Juno — ela disse ao olhar diretamente nos olhos da criança —, você conhece seu pai?

— Sim — respondeu a menina. — Ele costumava nos visitar sempre, mas então um dia ele apareceu e mamãe estava com outro amigo. Ele se foi, mas antes disse que sempre iria me amar e que um dia iria voltar. Ele virá me buscar aqui? Será que ele vai saber onde eu estou?

— Ele saberá. — Apesar da fraqueza, a seu modo os homens da sua família amavam seus filhos. Penélope só esperava que não se tratasse de um solteiro que tinha encontrado uma mulher para cuidar da sua filha enquanto ele se divertia à vontade. — Estes meninos também moram aqui. — Ela apresentou a criança a todos. — Tem mais meninos, também, mas você irá conhecê-los mais tarde. Vou deixar que cada um se apresente para você. Agora precisamos arrumar um lugar para você dormir.

— Sinto muito pela tempestade — Juno sussurrou.

— Não se preocupe meu amor. Estamos acostumados a coisas do tipo por aqui. — Ela olhou para os meninos. — Vamos precisar fazer algumas mudanças para que ela possa ter um quarto só para ela.

Septimus se aproximou e apanhou a malinha de Juno.

— Vou cuidar disso, Pen.

Assim que todos se retiraram, Penélope largou-se sobre o sofá e fechou os olhos. Quando Ashton a abraçou, ela se acomodou no aconchego do seu calor e lutou contra a vontade de chorar. Fazia três anos desde que a última criança fora deixada sob seus cuidados. Ela já tinha se esquecido do quão difícil era a situação.

— É sempre daquele jeito? — Ashton perguntou.

— Quase sempre — respondeu Penélope.

— Você realmente acha que aquela menininha teve algo a ver com aquela nuvem de tempestade?

— É bem possível, já se foi agora, não foi? Desapareceu quando os meninos chegaram e se colocaram ao lado dela.

Ashton suspirou.

— Ah, Penélope, não sei mais em que acreditar.

— Você não precisa acreditar Ashton. Só precisa saber que eles não passam de crianças, de crianças boas, não *filhotes do diabo*.

Ele deu um beijo no alto da cabeça de Penélope.

— Sei disso, não tenho dúvida. Mas alguém precisa ensinar os homens da sua família a não serem tão descuidados. — Ele sorriu ao vê-la rir e ficou aliviado em perceber que a tristeza que a tinha envolvido diminuía.

— Dizem que somos como coelhos. Muito férteis. Talvez eles não sejam tão culpados.

De repente, a mente de Ashton foi invadida pela imagem de Penélope com as formas bem mais arredondadas. A alegria que correu pelas suas veias foi surpreendente. Ele tentou buscar algo para distraí-lo dos pensamentos perigosos.

— Acho que precisamos celebrar o momento — ele disse ao ficar em pé.

— Não acho que devemos celebrar a situação de uma menininha que foi abandonada pela mãe daquela maneira.

— Não, mas podemos dizer a ela que estamos celebrando a chegada dela à Toca Wherlocke, dar uma festa de boas-vindas à menina pela sua entrada na família. — Ele se inclinou e beijou os delicados lábios cerrados de Penélope. — Coloque a mesa com a melhor toalha e louça e mandem todos se vestirem com as melhores roupas. Voltarei com um banquete.

Penélope ficou observando Ashton ir embora e balançou a cabeça. Era uma ótima idéia, mas era impossível prever se uma criança encarava as coisas do mesmo modo que um adulto. Ela resolveu correr o risco. No mínimo, a festa ajudaria a pobre menininha a se sentir aceita pelo que ela era.

— Tudo correu muito melhor do que eu tinha imaginado — disse Penélope ao se sentar ao lado da poltrona onde Ashton se esparramava de frente para a lareira, no quarto dela. — Ela parecia tão feliz.

— Ótimo. Pelo menos não vai chover. — Ele sorriu quando ela riu. — Ainda acho difícil de acreditar, sabe?

— Eu também, mas já ouvi sobre um ancestral nosso que podia fazer a mesma coisa. Infelizmente, ele morreu queimado.

— Ai! — Ele se levantou, apanhou os travesseiros da cama, e colocou-os no chão. — Venha se sentar aqui comigo. — Em seguida, sentou-se e estendeu a mão para ela.

Penélope se sentou ao lado dele, acomodou-se confortavelmente entre os braços fortes e soltou um suspiro de contentamento.

— Estou completamente curada, sabia?

Ele a beijou na nuca.

— Eu sei. Mas ainda é difícil me livrar da sua imagem ardendo em febre.

Ela se virou entre os braços e beijou-o no queixo.

— Posso ajudá-lo a esquecer daquela imagem. Lentamente

Ashton foi soltando o corpo sobre os travesseiros. — Tem certeza? De que está mesmo forte?

Ele deslizou as mãos para cima e para baixo ao longo das costas de Penélope quando ela soltou o peso do corpo sobre o seu. O modo como ela sorriu aqueceu o seu sangue. Era uma mistura de deleite com sedução. E não havia dúvidas de que ele tinha sido totalmente seduzido. Ela o beijou enquanto ele se deliciava com a doçura do calor daqueles lábios e desabotoava o vestido. Não seria apenas um beijo carinhoso de boa-noite desta vez. Depois de ver a cicatriz e quão próximo ela estava da cura por completo, ele soube que não teria de esperar por mais tempo para provar a paixão dela novamente. Mas só depois de terminar de tirar e jogar para o lado o vestido de Penélope foi que ele se deu conta de que teria de saboreá-la mais tarde. Fazia muito tempo, e seu corpo estava muito faminto.

Penélope puxou com força e arrancou as roupas de Ashton até que ele ficasse gloriosamente nu da cintura para cima. Ela se sentou sobre ele e deslizou a mão ao longo do peito largo, liso e firme. Todo o seu corpo ardeu por ele. Seus sonhos tinham sido preenchidos com a lembrança do dia em que eles fizeram

amor, e agora ela estava quase desesperada a tornar tais sonhos realidade. Ela tocou na braguilha da calça dele, a firmeza que encontrou lá só aumentou ainda mais seu desejo.

Ashton gemeu e quase foi à loucura com a sensação dos dedos delicados roçando seu corpo enquanto ela desabotoava sua calça.

— Está com pressa, meu amor?— ele perguntou ao deslizar a mão sobre as pernas delgadas.

— Já faz muito tempo. — Ela o livrou da calça e segurou firme o membro, provando a rigidez do órgão quente. —Você quer ir devagar?

— Não. — Ele a deitou de costas. — Já faz muito tempo. — Em seguida ergueu a combinação até que ela ficasse nua da cintura para baixo e então se esfregou nela. Ambos gemeram, — Da próxima vez, vou devagar.

Penélope ofegou quando ele a penetrou profundamente. Ela se agarrou a ele, erguendo o corpo para tentar acompanhar os movimentos rápidos. Ele murmurou coisas contra a sua nuca enquanto ambos tentavam se agarrar com avidez ao prazer que poderiam proporcionar um ao outro. Penélope desejou ter entendido o que ele havia sussurrado, mas sua mente estava muito conturbada com o desejo ardente. E então o êxtase que ela tanto ansiava varreu seu corpo com a mesma força com que ela gritou o nome dele. Ela se agarrou a ele quando seu corpo estremeceu com a força daquilo, e ele penetrou com ainda mais afinco em busca do próprio prazer.

Ashton recuperou os sentidos com o rosto ainda pressionado sobre os seios redondos de Penélope. *E que seios maravilhosos*, ele pensou com um sorriso e beijou cada um dos mamilos. Ela se contorceu de prazer e ele enrijeceu outra vez.

Quando estava prestes a iniciar a dança outra vez, ele ouviu um barulho e ficou tenso. Sua vontade era dizer a si mesmo que tudo não passara de imaginação, mas ele tinha certeza de que o som que ouvira era de passadas pesadas, tentando subir em vão a escadaria. Uma vez que os criados tinham ido

passar a noite fora, assim como Septimus, ele era o único na casa com pés pesados. Quando Penélope abriu a boca, ele pressionou o dedo sobre os lábios rubros e inclinou a cabeça para ouvir. E ficou satisfeito quando um segundo depois ela já estava com os olhos arregalados, indicando que havia entendido o sinal.

Ashton tinha acabado de abotoar a calça quando Penélope lhe entregou o atiçador de ferro da lareira. Ele deu uma olhada para ela, que vestia apenas a combinação, parada ao seu lado e segurando a pá de cinzas em uma das mãos, e não pôde conter um sorriso. Justamente no momento em que a maçaneta da porta se mexeu, ele ouviu um barulho no andar de baixo. Não eram ladrões, ele concluiu e avançou sobre o homem que entrava no quarto.

Para sua surpresa, o homem imenso apenas se desviou, então ficou ereto e o encarou. Ashton recuou quando Penélope balançou a pequena pá de ferro e acertou a parte de trás da cabeça do homem. O homem caiu de joelhos e Penélope pulou com agilidade por cima dele, parando na porta somente para dar uma olhada para Ashton.

— As crianças — ela explicou quando ainda mais ruídos de coisas se quebrando ecoaram do andar de baixo.

— Vá.

Quando o homenzarrão começou a cambalear sobre os pés, Ashton o atingiu novamente e então passou correndo por ele para tentar ver o que acontecia lá embaixo. Parecia que alguém estava se empenhando em destruir a casa de Penélope. Isso enfureceu Ashton e ele desceu a escada correndo. Assim que pisou no último degrau, todos os meninos desceram correndo, armados com o que conseguiram encontrar. O último pensamento claro que Ashton teve foi que ficou grato pelos meninos mais velhos já terem voltado da espionagem deles, e então ele seguiu direto para o que rapidamente se transformou em uma luta corpo a corpo.

Penélope segurou Paulinho e Juno pela mão e com todo cuidado desceu a escadaria. As coisas pareciam calmas, e ela tinha certeza de que ouvira um homem sair correndo da casa. Ela sabia de fato que o homem que tinha tentado invadir seu quarto havia fugido. Quando chegou à porta da sala, ela não sabia se ria ou se chorava.

Ashton estava largado no chão, recostado contra um dos sofás virados com os irmãos de Penélope ao lado dele. Os outros meninos estavam sentados no chão de frente para ele. Era claro que eles conversavam sobre a batalha que tinha destruído a sala. Havia uma coleção de tacos, pedaços de pau e utensílios de lareira espalhada pelo chão.

— Assumo que vocês venceram — ela disse ao entrar na sala.

Ashton olhou ao redor da sala e sorriu.

— Pode deixar que vamos limpar tudo.

— Não é preciso fazer isso agora. Alguém se machucou? — Todos negaram com a cabeça apesar de ver alguns hematomas e arranhões em cada um deles. Ela olhou para Ashton. — Você sabe quem eles eram? Acho que não eram ladrões.

— Não eram. Foi apenas outro aviso da Sra. Cratchitt. — Ele ficou em pé e pousou o braço sobre os ombros de Penélope, ignorando os murmúrios de Paulinho, que estava sendo esmagado. — Depois de amanhã, não haverá mais avisos.

Penélope se concentrou em colocar todos de volta em suas camas, rezando o tempo todo para que Ashton estivesse certo. Da próxima vez, o inimigo poderia muito bem chegar armado com pistolas e facas para dar um aviso.



CAPÍTULO XIV

ERA FINAL DE TARDE E OS ÚLTIMOS RAIOS DE SOL PENETRAVAM NOS BECOS imundos que cercavam o bordel da Sra. Cratchitt. Penélope sentiu um calafrio. Parecia que uma nuvem negra do mal encobria todo o local com seu manto. As lembranças da sua curta passagem pelo lugar não a ajudavam a olhar para casa de outra maneira que não fosse pavor. Havia oito homens armados com ela à espreita nas sombras do beco, mas isto não colaborou em nada para atenuar o medo que ainda tinha do bordel e da sua dona.

— Está vendo alguma coisa? — sussurrou Whitney ao se aproximar de Penélope.

Penélope respondeu com um sorriso apagado. Ela sabia que ele estava se referindo a fantasmas. Chegava a ser engraçado o modo como Ashton e seus amigos adoravam falar sobre os vários dons dos Wherlocke e dos Vaughn quando ao mesmo tempo afirmavam que não acreditavam em nada daquilo. Ela se perguntou se eles já tinham percebido a frequência com que agiam como se de fato acreditassem. Apesar disso, ela supôs que a curiosidade fosse muito melhor do que o medo.

— Sim — ela disse enquanto observava Faith tentando tocar em Brant e o homem se arrepiando e olhando confuso ao redor em busca da fonte do repentino calafrio que sentira. — De acordo com a minha contagem, estou

vendo seis.

— Pare com isso. Está dizendo que tem seis corpos enterrados lá?

— Pode ser mais. Nem todos os espíritos ficam vagando, nem mesmo os de pessoas que foram assassinadas. Afinal, se a vida da pobre alma só se resumiu a desgraças, por que ficar?

— O fantasma que você viu o da moça chamada Faith. Ele está...

— Sim, ela está aqui, mas é tarde demais para tirar Brant daqui.

Whitney soltou uma maldição, murmurou um pedido de desculpas e então olhou para o amigo.

— Isto irá matá-lo. Ele pensou que ela fosse uma traidora.

— Eu sei. Ela me procurou porque queria que ele soubesse de toda a verdade. Sinceramente, quem não iria acreditar na história de um reverendo? — Ela fez um afago no braço de Whitney. — Vocês terão de ficar ao lado dele quando o pior acontecer. — A história é horrível.

— Ah, é o que mais temo, pelo menos no que diz respeito ao que aconteceu a Faith, a revelação será muito dura. — Quanto mais pensava sobre Faith, mais Penélope chegava à conclusão de que a meiga e inocente filha do reverendo não tinha fugido com um soldado. Alguém havia raptado, ou mandado, Faith para longe do seu lar e mentido para Brant. — Lá vão eles — ela disse, distraindo Whitney para que assim ele não fizesse mais perguntas sobre Faith.

Penélope podia sentir a tensão dos homens ao seu redor. Victor e Cornell estavam rijos e preparados lado a lado dos cinco agentes altos e fortões do gabinete da Rua Bow. Não foi muito difícil conseguir a ajuda dos tais agentes, uma vez que eles já andavam de olho na Sra. Cratchitt. Assim como também havia recompensas para quem encontrasse pessoas desaparecidas, e ela desconfiava que os agentes da Rua Bow esperassem encontrar algumas destas pessoas dentro do bordel. Ela sabia que a moça que fora namorada do filho de Tucker estava lá e havia ouvido falar que os comerciantes tinham juntado uma

recompensa para pagarem a quem a encontrasse. Os agentes da Rua Bow certamente não iriam para casa de mãos vazias.

Uma parte sua queria voltar correndo para casa, mergulhar na cama e se cobrir até a cabeça. Muito em breve, tudo iria trazer à tona muita tristeza e raiva ali. Penélope fortaleceu a sua determinação. Era para isso que tinha recebido tal dom. Era seu dever cuidar para que as almas perdidas que assombravam a casa da Sra. Cratchitt encontrassem um pouco de paz.

Pouco depois dos homens carregarem alguns barris de vinho para dentro, Artemis e Estefan saíram correndo e fizeram sinal para eles entrarem. Penélope pediu que os homens esperassem e entregou a cada um lenços fortemente perfumados para eles amarrarem ao redor do nariz e da boca, caso fosse necessário. O instinto lhe dizia que eles iriam precisar.

O grupo saiu marchando rumo ao bordel e Penélope seguiu logo atrás num ritmo bem mais lento. Ao passar por Artemis e Estefan, ela fez um sinal com o dedo em riste para que os dois fossem para as carroças. Ela não se surpreendeu quando os dois obedeceram sem discutir. O rosto pálido dos meninos indicaram que a cena que ela estava prestes a encarar era muito mais do que eles poderiam suportar, e ela agradeceu a Deus por ter insistido que Darius nem pisasse naquele lugar, naquele dia. Ela amarrou o lenço perfumado ao redor do rosto e seguiu Whitney, que gentilmente tinha diminuído o passo para que ela pudesse alcançá-lo.

Ashton manteve o gorro puxado para baixo enquanto seguia Tucker e o filho dentro do bordel. Os dois irmãos de Penélope fizeram o possível para manter a Sra. Cratchitt e seus dois seguranças distraídos. Tucker também manteve o fluxo da conversa numa tentativa de abafar as ordens da Sra. Cratchitt para que passassem à medida que eles avançavam pela cozinha e seguiam por uma despensa enorme. Eles tinham acabado de alcançar a porta que Tucker dissera que levaria à adega onde o vinho costumava ser guardado quando os homens da Sra. Cratchitt finalmente conseguiram tirar os meninos do

caminho. Antes que ela pudesse se colocar entre eles e a porta da adega, o filho de Tucker disparou à frente e conseguiu abrir a porta.

Bastou o odor para confirmar as suspeitas de todos. O agente da Rua Bow que estava disfarçado de ajudante do Tucker agiu com rapidez, segurando a Sra. Cratchitt e apontando uma pistola para a cabeça dela. Ashton colocou no chão o pequeno barril que carregava e tirou do bolso um saquinho que Penélope tinha enchido de lenços fortemente perfumados. Ele nem quis saber como ela sabia que eles iriam precisar dos lenços. Era muito difícil imaginá-la contemplando corpos em decomposição ou coisas do tipo. Ele disse aos meninos empalidecidos que fossem chamar os outros enquanto distribuía os lenços perfumados. Em seguida, ele amarrou um lenço sobre o nariz e a boca do homem que segurava a Sra. Cratchitt.

— O que vocês vão fazer? — Ela gritou. — Eu disse para deixarem os barris na cozinha. Tem algo podre na adega. O cheiro pode estragar o vinho.

— Sim, e nós sabemos exatamente o que está apodrecendo lá embaixo — berrou de volta o homem que a segurava. — Acabou de enterrar mais uma lá, não foi? Deveria ter enterrado mais fundo, velha tola. Para que o fedor não delatasse seus crimes.

— Não tenho nada a esconder! Se tiver alguma coisa lá embaixo, não fui eu, garanto que não tenho nada a ver com isso. Pensei que ratos de rua que tivessem entrado lá, só isso. Você poderia me dar um desses lenços? — ela praticamente implorou.

— Não. Respire fundo. Está sentindo o cheiro da forca, não está? — Ele olhou para Ashton e os outros. — Desçam até lá se tiverem estômago para isso. Assim que meus homens chegarem, já terei amarrado esta vadia e então me juntarei a vocês.

Bastou um olhar de relance para os homens da Sra. Cratchitt para que Ashton tivesse certeza de que eles não tentariam nada. Tucker, seu filho e Brant começaram a descer a escadinha estreita de madeira. Ashton estava prestes a

segui-los quando os outros chegaram. Rapidamente, eles ajudaram o agente da Rua Bow a amarrar a Sra. Cratchitt e seus seguranças, que se declararam inocentes até serem amordaçados. Em seguida, ele viu Penélope entrar logo atrás de Whitney. Ele meneou a cabeça para ela enquanto dois agentes da Rua Bow passaram correndo rumo aos degraus, deixando outros dois para cuidar dos prisioneiros e mais dois para vigiar as duas portas a fim de que ninguém pudesse fugir do lugar. Cornell e Victor hesitaram um momento e então desceram a escada. Ashton tentou deter Penélope quando ela começou a segui-los.

— Não, Ashton, preciso descer — ela disse.

— Não será uma cena bonita — ele disse, apesar de já saber de antemão que, pela determinação que vibrava nos olhos dela, ela não lhe daria ouvidos. — É pior do que eu jamais poderia imaginar.

— Eu sei e acho que vai ser ainda mais difícil para o seu amigo Brant. A Faith dele está lá embaixo,

— Não pode ser.

Whitney passou por ele e assentiu.

— Dane-se o que é verdade ou não agora, mas, se ela diz que é eu acredito. — Ele desceu a escada correndo.

— Penélope, você não precisa descer — Ashton insistiu, nem um pouco surpreso pelo tom de desespero que escapou da sua voz.

— Preciso. Meu dom pede que eu faça isso. Tem almas atormentadas lá embaixo, Ashton. Elas precisam que eu as ajude a encontrar a paz merecida. — Ela segurou a mão dele e o conduziu escada abaixo, parando apenas para sair do caminho de Cornell, que subia correndo de volta, murmurando algo sobre mais pás e cobertores. — Vá ajudá-lo, Ashton.

— Penélope...

— Não. Ninguém vai me dissuadir.

Ele pressionou a boca coberta com o lenço sobre a testa dela e em seguida saiu correndo atrás de Cornell. Lentamente, Penélope começou descer para o

que ela poderia chamar somente de inferno na terra. O cheiro vinha de uma jovem que estava acorrentada a uma das paredes. Provavelmente não fazia muitos dias que a moça tinha morrido, mas os vermes tão comuns nos becos escuros e em locais abafados haviam feito seu trabalho grotesco. O que mais horrorizou Penélope foi que as chaves para abrir os grilhões que prendiam a moça estavam dependuradas bem ao lado, mas fora do alcance da pobre. A crueldade do ato estava muito além da sua capacidade de compreensão. Próximo ao corpo que os agentes da Rua Bow soltavam, estava o espírito de uma mulher, mas o que inundou os olhos de Penélope de lágrimas foi a visão do espírito de um garotinho parado ao seu lado.

Ajude-o, Ele me encontrou.

Reconhecendo a voz de Faith, Penélope virou e viu Brant muito pálido olhando para a cova que ele tinha acabado de abrir. A pá escorregou de suas mãos quando ele caiu de joelhos. Rapidamente, Penélope se aproximou e pousou a mão sobre os cabelos de Brant. Enquanto ela se perguntava como ele poderia saber se aquela era Faith, ele removeu um anelzinho do dedo do corpo. Quando ele ergueu os olhos para Penélope, lágrimas desceram em cascata pelo seu rosto, cortando o coração de Penélope ao ver a dor profunda que os olhos de Brant emanavam.

— Como? — ele perguntou. — Será que o amante a abandonou? Penélope viu Faith balançar a cabeça.

— Não havia nenhum amante, Brant.

Meu pai mentiu. Meu pai me atirou neste inferno em troca de um saco de ouro.

— Oh, não. — Tudo só parecia piorar, Penélope pensou e se perguntou quanto mais eles ainda poderiam suportar. — Realmente, nunca houve outro.

— Ela está aqui? — Brant sussurrou e olhou ao redor.

— Ela disse que o pai mentiu para você, que ele a trocou por um saco de ouro.

— O próprio pai a vendeu para um bordel? Um reverendo?

Lady Mallam pagou. Conte a eles.

— Contar para quem?

Aos meus irmãos e minhas irmãs. Conte a eles.

— Pode deixar que cuidarei disso. Assim como Brant.

— O que ela quer? — Brant perguntou. — Faço qualquer coisa. Sou capaz de fazer qualquer coisa para compensar o meu erro. Eu falhei com ela. Deveria ter acreditado nela e em ninguém mais. Deveria ter procurado por ela.

— Brant, o homem é um reverendo com uma reputação impecável. É claro que você acreditou no que ele disse. Faith quer que contemos aos irmãos e às irmãs dela sobre o que o foi feito com ela. Acho que ela teme que eles estejam correndo perigo. Eles precisam ser avisados caso o pai resolva ganhar mais algumas moedas às custas de mais alguns dos seus filhos. — Ela observou enquanto Ashton e Cornell se aproximavam da beirada da cova de Faith e iniciavam a dura tarefa de remover o corpo e envolvê-lo em um cobertor.

Ele não tem culpa de nada.

— Ela não o culpa por nada — ela esfregava as costas de Brant enquanto Faith sussurrava na mente de Penélope toda a história horrível do seu destino.

Um grito chamou a atenção de Penélope, que ajudava Faith a confortar Brant. Ela olhou ao redor e viu o filho de Tucker apertar algo e soube que ele tinha acabado de encontrar a sua namorada.

— Preciso ajudar os outros — ela disse a Brant ao se levantar. — Eles precisam encontrar a paz.

Brant a segurou pela mão.

— Apesar de tudo que pensei, nunca deixei de amá-la, nunca perdi as esperanças de que ela pudesse voltar para mim e explicar tudo.

— Ela sabe. Mas você precisa permitir que ela vá embora, Brant. Ela precisa de paz.

Penélope começou a passar de espírito em espírito, em busca do mínimo de informação que conseguisse de cada um e ajudando-os a finalmente partir. Ela ignorou os olhares de soslaio dos homens que davam continuidade ao árduo trabalho de remover os corpos. Até que finalmente restava somente Faith. O espírito da moça ainda pairava ao redor de Brant, que já não chorava mais, mas segurava com força o anel e fitava paralisado o cobertor que envolvia os restos mortais da sua amada.

— Brant — disse Penélope, desviando o olhar do rapaz em sua direção. — Você precisa deixar que ela parta. Este lugar não é para ela, mas ela não pode partir a menos que você permita. Ela precisava seguir adiante.

Diga a ele para encontrar o amor novamente. Ele não pode permitir que a tristeza e a traição fechem seu coração.

— Eu direi — Penélope sussurrou. Ela analisou Brant se levantar. Dedo por dedo, ele foi soltando o anel.

— Adeus, meu amor — ele sussurrou, beijou o anel, guardou-o no bolso e em seguida virou para ajudar os outros.

Justamente quando Faith desaparecia sorrindo, um dos agentes da Rua Bow se aproximou de Penélope e disse:

— Você tem o dom da visão, não tem? Penélope assentiu na direção de Brant.

— Foi a noiva dele que deu origem a esta busca. — Ela olhou ao redor e contou dez covas. — Tantas assim! — E franziu a testa ao se dar conta de repente de que tinha visto mais de dez fantasmas.

— Esperamos encontrar mais. — Ele meneou a cabeça quando Penélope empalideceu. — Aquela mulher é dona deste bordel há mais de dez anos. Mande Tom buscar mais homens. Ainda têm muitos outros cômodos onde precisamos vasculhar. A adega tem saída para mais dois cômodos de cada lado. Engraçado eles terem deixado coisas como anéis e pulseiras com os mortos.

— Enterraram todas as provas de que estas pobres almas passaram por aqui.

Ele concordou com um aceno de cabeça.

— Acho que tem toda a razão. — Ele soltou um suspiro pesado. — O rapazinho foi o mais difícil.

— O nome dele era Tini.

— Isso mesmo — disse Tucker ao se aproximar dos dois. — Era o filho do açougueiro. Eu o reconheci pelo gorro. Foi a mãe do garoto que fez para ele, e ele estava orgulhoso do presente. Ele estava desaparecido havia três anos.

— A senhorita conseguiu mais nomes? — o agente da Rua Bow perguntou a Penélope, em seguida rapidamente sacou um bloquinho e começou anotar os nomes que ela ia dizendo, todos os dezessete.

— Acho que será difícil para o senhor explicar como conseguiu estes nomes — Penélope disse quando terminou.

— Vou pensar em algo, não se preocupe. Não há mais nenhum fantasma?

— Não.

— Gostaria de saber se a senhorita poderia nos ajudar a verificar se tem mais corpos enterrados aqui. De acordo com esta lista, ainda faltam mais sete corpos. Economizaríamos tempo e suor se soubéssemos onde estão todos.

— Posso ajudar nisso. Não são apenas os espíritos que posso ver. Posso sentir onde o corpo está enterrado. Arrume algo para que eu possa marcar os pontos e farei uma busca pelo restante deste inferno.

— Enquanto isso, vamos levar os corpos de Meggie e de Tini para os pais deles — disse Tucker. — Eles enviarão as recompensas diretamente para a Rua Bow. O açougueiro também tinha oferecido uma. — Tucker olhou para Ashton e seus amigos. — Homens bons. São poucos os da classe dele que teriam feito isto.

Penélope forçou um sorriso.

— Eles são mesmo homens muito bons. Nenhum tinha certeza se eu realmente tinha visto um fantasma, mas mesmo assim fizeram de tudo para descobrir a verdade. Sinto muito pela perda do seu filho.

Tucker assentiu.

— Ele tem sofrido muito, mas saber é sempre melhor do que ignorar. — Em seguida, ele se foi.

O agente da Rua Bow trouxe um saco cheio de gravetos de acender fogo que ele provavelmente tinha apanhado na cozinha, e Penélope começou a triste missão de encontrar as outras covas. Quando finalmente terminou, o número total de mortos tinha alcançado trinta e dois e ela estava exaurida de corpo e alma. Ela subiu os degraus que conduziam ao andar de cima e se deparou com o bordel em completo silêncio. Penélope se perguntou quantos não haviam sido levados para encarar a prisão, um julgamento e, sem dúvida, a forca. Depois de tudo que vira, descobriu que simplesmente não se importava com o que pudesse acontecer com nenhum deles.

Assim que pisou fora do bordel, ela se viu envolvida nos braços fortes de Ashton. Penélope removeu o lenço que usara sobre o rosto e se aconchegou a ele, em busca de forças e de um pouco de consolo.

— Brant quer levar Faith para casa, agora — ele disse. — Já mandei os meninos para casa.

— Obrigada.

— Permita que eu a leve para casa também.

— Não, nós iremos com Brant.

— Penélope, você parece muito cansada.

— O trajeto é muito longo?

— Não. O pai dela é reverendo em uma pequena vila, que fica ao sul da cidade.

— Então irei com vocês.

— Por quê?

— Porque fui eu quem viu Faith. Falei com ela. Brant pode querer fazer perguntas. — Ela suspirou. — Pode ser necessário que eu esteja lá para ajudar os irmãos e as irmãs de Faith a acreditar na verdade sobre o pai deles, e foi isso que Faith nos pediu.

Ashton franziu a testa.

— Brant pode até ter perguntas a fazer, mas tem certeza de que elas não podem esperar? Talvez isso seja algo que ele devesse fazer sozinho. Você pode falar com os irmãos dela outro dia.

— Não. Faith me disse algo que não contei ao Brant. Preciso dizer a ele. Só não sei ao certo como. Se o confronto com o reverendo não trouxer toda a verdade cruel à tona, então terei que me pronunciar.

— O que pode ser pior do que um homem vender a própria filha para um bordel?

— Ah, mas não foi o reverendo que fez isso. De certo modo, ele vendeu Faith ao aceitar as moedas e permitir que ela fosse levada. No entanto, desconfio que ele não soubesse qual destino a aguardava, mesmo assim não se importou. Foi outra pessoa que tratou da venda daquela pobre moça para aquele inferno. Ashton teve um péssimo pressentimento sobre o que ela diria, mas perguntou:

— E quem foi?

— Lady Mallam.

Ashton pressionou o rosto contra o pescoço de Penélope e soltou um longo palavrão antes de erguer a cabeça.

— Vamos acabar logo com isso.

Brant não permitiu que o corpo de Faith fosse colocado em outro lugar senão no assento da carruagem. Penélope compreendeu o receio do rapaz de que os restos mortais da sua amada fossem tratados como uma carga qualquer, mas isso significou que ele seguiu sozinho com a morta. Talvez tivesse sido melhor assim, ela concluiu ao se juntar aos outros na segunda carruagem. O homem

precisava de um tempo para sofrer sozinho — Isso poderia lhe dar forças para enfrentar o próximo golpe.

Ela recostou ao corpo de Ashton enquanto lutava para se esquecer de tudo que havia visto naquele porão. Os quatro homens permaneceram em silêncio e Penélope desconfiou que eles também estivessem tentando lutar contra as tristes lembranças daquele lugar. Era difícil conceber como alguém poderia ter tanto desrespeito pela vida. A Sra. Cratchitt era um monstro.

— Ele está se remoendo de culpa por não ter procurado por ela — disse Whitney, quebrando o silêncio abruptamente.

Ashton assentiu.

— Vai demorar até que ele compreenda que não teve culpa por ter acreditado na palavra de um reverendo, considerado por todos como um homem virtuoso.

— Como um reverendo de uma vilinha ao sul de Londres sabia onde poderia vender a filha?

Após uma rápida troca de olhares com Penélope, que concordou com um aceno de cabeça, Ashton contou a eles sobre a participação de Lady Mallam.

— Todos nós sabíamos que ela não tinha ficado feliz com a escolha dele, mas nunca imaginei que ela fosse capaz de cometer um crime como este contra uma mulher inocente.

Passado o choque, os amigos de Ashton começaram a discutir como poderiam ajudar Brant e o que deveria ser feito com relação à Lady Mallam. Penélope fechou os olhos e se entregou a um cochilo no conforto dos braços de Ashton. Não estava nem um pouco ansiosa pelo confronto com o reverendo, mas precisava garantir que as promessas que tinha feito a Faith fossem cumpridas.

Quando a carruagem parou, ela se endireitou e piscou os olhos. Levou um momento para que conseguisse ignorar as preocupações. Quando estava prestes a perguntar o que eles fariam em seguida, Cornell soltou um palavrão e saltou

da carruagem. Whitney e Victor seguiram logo atrás. Enquanto Ashton ajudava Penélope a descer, ela viu que Brant já havia encontrado o reverendo e o arrastava em direção à carruagem onde jazia o corpo de Faith.

— Isto não vai dar certo — murmurou Ashton.

— Não vejo nada de errado por ele estar bravo com o homem que enviou a própria filha para a morte — disse Penélope enquanto se apressava para acompanhar as longas passadas de Ashton.

— Não estou certo até onde a ira e a dor de Brant podem levá-lo nem acho que seja algo agradável de ver.

A princípio, Penélope viu apenas a casa. Era um belo chalé com telhado de colmo e cercado de canteiros de flores. Ela se perguntou como um lugar tão belo e que parecia inocente podia abrigar um homem como aquele. Em seguida, ela viu as crianças. Eram oito ao todo. Quatro meninos e quatro meninas. Todos estavam parados do lado de fora, junto à porta, assistindo com olhos assustados ao modo brusco com que Brant tratava o pai delas. Ela desconfiou que a visão dos cinco homens, que obviamente pertenciam à aristocracia, só serviria para aumentar ainda mais o medo das crianças.

Justamente quando ela avançou um passo na direção das crianças, o mais velho dos quatro meninos começou a se mover rumo à carruagem onde Brant abria a porta e empurrava o reverendo para dentro, seus irmãos o seguiam hesitantes.

— Ashton, não permita que as crianças vejam o corpo — ela disse quando conseguiu alcançá-lo. — Tente impedi-los. Eles não devem ver a irmã daquele jeito.

— Veja o que o senhor fez com sua própria filha — Brant disse ao entrar na carruagem e tirar o cobertor para mostrar o corpo de Faith. — O senhor mentiu. Ela nunca fugiu com um soldado. O senhor vendeu sua filha para um bordel e ela morreu lá.

— Não! Não! — O reverendo tentava recuar, impor alguma distância entre ele e o corpo da filha. — Nunca a enviei para um lugar de pecado.

— Mas o senhor a vendeu para alguém que o fez, não foi? Encheu os bolsos de ouro com a venda dela.

Penélope deu uma olhada nas crianças e percebeu pela expressão de cada um que eles sabiam sobre o dinheiro. Ela ficou satisfeita ao ver que Ashton contava com a ajuda de Victor para impedir que as crianças se aproximassem da carruagem, mas nada podia impedir que eles ouvissem toda a horrível verdade do que havia sido feito com Faith. Eles seriam alertados sobre o pai, como era o desejo de Faith, mas Penélope não pôde deixar de se preocupar com quão profundamente aquilo tudo poderia magoá-los.

— Eu precisava de dinheiro! — o homem gritava e chorava quando Brant o atirou no chão. — Tenho muitos filhos, e o meu salário como reverendo nunca foi muito. O que eu poderia fazer? Mal conseguia colocar comida na mesa.

— O senhor poderia ter dado permissão para que ela se casasse comigo, como era a minha intenção. Falei com senhor sobre isso, dei um anel a Faith. Poderíamos ter nos casado assim que corressem os proclamas. Isso teria ajudado.

O reverendo balançou a cabeça.

— Não, ela não permitiria. Ela ameaçou a minha posição. Tive de fazer o que fiz.

— Ela?

Era apenas uma palavra, mas Penélope sabia que não era a única para quem aquela única palavrinha havia significado algo muito alarmante. Fúria. Dor. Medo. Cornell e Whitney rapidamente se aproximaram de Brant. Ela começou a duvidar de sua opinião de que seria melhor para Brant ouvir toda a verdade sobre a sua mãe dos próprios lábios do reverendo. O que o homem acabava de dizer era praticamente o mesmo que apontar o dedo para Lady

Mallam. Somente aquela mulher poderia ser *ela*, e Brant rapidamente entendeu tudo. Ele parecia perigoso.

O reverendo obviamente sentiu o perigo que corria, pois começou a recuar no chão, como se fosse um estranho caranguejo. Brant acompanhou a desajeitada tentativa de escapar do homem. Era uma dança estranha que foi se tornando ainda mais sinistra à medida que Cornell e Whitney se aproximavam para acompanhar o passo de Brant. Penélope sentiu um aperto por dentro enquanto esperava que algo, qualquer coisa, acontecesse.

— Você disse *ela*, — A voz de Brant soou mais como o rosnado de um predador do que como qualquer outra voz que ela já tivesse ouvido. — *Ela* ameaçou a sua posição. Só há uma pessoa que poderia fazer tal ameaça. Exceto eu, é claro. O senhor por acaso está me dizendo que foi minha própria mãe que lhe pagou e então levou Faith daqui?

O reverendo abriu a boca, mas nada saiu. Para espanto de Penélope, o menino mais velho abruptamente empurrou Ashton e Victor e confrontou Brant. Ela viu um brilho de esperança pairar sobre a face do reverendo, mas o olhar furioso, desgostoso e profundo que seu filho lançou varreu todo e qualquer resquício.

— Meu nome é Peter Beeman, sou o filho mais velho dele — disse o menino. — Foi Lady Mallan quem veio aqui para ter uma conversa particular com meu pai, pouco antes do desaparecimento de Faith. Não tenho como contar ao senhor tudo que foi dito, mas de repente havia dinheiro novamente. — Peter suspirou, seus olhos brilhavam cheios de lágrimas que ele lutava para não derramar. — Eu preferia que ainda tivéssemos Faith. — Ele deu uma olhada em direção à carruagem. — Vamos enterrá-la. Não permitirei que meu pai conduza o funeral...

— Peter! — Beeman gritou, mas se encolheu quando Brant o encarou.

— Seria uma blasfêmia, considerando que foi ele quem a enviou para a morte.

— Não fiz isso!

Peter baixou os olhos para o pai, seus irmãos se colocaram ao seu lado, e todos tinham o mesmo olhar de desgosto e revolta.

— Sim, foi o senhor que fez isso. O senhor sabia que ela nunca iria conseguir voltar para nós. Foi por isso que mentiu, dizendo que ela havia fugido para a Espanha com um soldado. Não tenho dúvida de que foi o senhor mesmo que escreveu a carta, informando sobre a morte dela. E que só esperou pelo momento certo para nós entregar. Para onde o senhor imaginou que uma mulher que não queria de forma alguma que a nossa Faith se casasse com o filho dela pudesse enviar a garota? Acho até que ela deve ter dito ao senhor. Talvez não diretamente, mas insinuado o suficiente para que o senhor soubesse qual seria o destino da nossa irmã e mesmo assim não se importou.

— Não, filho, eu nunca teria feito isso.

— Pretendo enterrá-la no cemitério da minha propriedade — disse Brant, tanto ele quanto Peter ignoraram o rompante do reverendo. — Mandarei avisar o horário da cerimônia. Você e seus irmãos serão bem-vindos. O seu pai não. Acredite — ele baixou os olhos para Beeman —, não fosse por estas crianças eu seria capaz de expulsá-lo desta casa e desta vila. — Brant voltou os olhos para Peter. — De qualquer maneira, avise se ele tentar se livrar de um de vocês ou se os agredir. Posso até não conseguir fazer isto pelas vias legais, mas de agora em diante eu me nomeio guardião de vocês. Podem me tratar de acordo.

Brant se virou para entrar na carruagem, mas seus amigos o detiveram. E Victor perguntou:

— Você gostaria que fôssemos juntos confrontar a sua mãe?

Por um longo momento, Brant apenas fitou o corpo da jovem com quem ele queria se casar envolto no cobertor e então olhou para Victor.

— Eu não tenho mãe.



CAPÍTULO XV

ASHTON BAIXOU OS OLHOS PARA PENÉLOPE, QUE DORMIA COM O ROSTO ainda riscado de lágrimas. Ele estava preocupado com Brant, mas sabia que o amigo tinha sido sincero quando insistira que Ashton levasse Penélope para casa e ficasse com ela. Cornell, Victor e Whitney poderiam cuidar de Brant, ele assegurou a si mesmo. O homem não tinha pedido por ajuda, mas mesmo assim teve. Ashton desconfiava que seus amigos tivessem ficado para participar de uma situação muito desconfortável. No modo como Brant dissera que não tinha mãe, havia um profundo tom decidido.

Ele não podia acreditar no que a mulher tinha feito. Desde o dia que conhecera Brant, quando eles ainda eram crianças, Lady Mallam já controlava o filho com mão de ferro. À medida que Brant deixou de ser um garoto para se tornar um homem, ele se rebelou contra o controle da mãe, mas sem nunca deixar de ser um filho obediente. Desta vez ela tinha ido longe demais. Tinha matado a mulher que Brant amava simplesmente porque não aprovava a união do seu filho com a pobre filha de um reverendo. Eles não poderiam provar que Lady Mallam tivera a intenção de causar a morte de Faith, mas levar uma moça ingênua do interior, a filha de um reverendo, a um bordel só poderia causar a pior das consequências.

E como a mulher descobrira o bordel da Sra. Cratchitt? Como conseguira arrumar as pessoas certas para fazer o serviço sujo? Não custaria nada tentar

conseguir as respostas para todas essas perguntas. Lady Mallam não aceitaria muito facilmente o fato de ser rejeitada pelo filho. Considerando o que ela tinha feito da última vez que Brant se colocou com firmeza contra sua vontade, Ashton acreditava que seria melhor ficarem de olho nela.

O que Penélope tinha feito no bordel o surpreendera, mas de um modo positivo. Tinha sido assombroso, quase miraculoso. Ninguém que a viu falando com os mortos, ajudando-os a encontrar a paz e a verdade, seria capaz de duvidar. Era acreditar ou achar que ela estava louca. E Penélope não estava louca.

Há tempos que ele deixara de imaginar que ela fosse uma charlatã, do tipo que ganha dinheiro à custa da ingenuidade das pessoas, mas nunca chegou a acreditar totalmente que ela tivesse de fato dons especiais para se comunicar com os mortos. Tinha encarado a insistência dela de que era capaz de se comunicar com os mortos como uma adorável excentricidade, era até curioso com relação à família dela e tudo que eles alegavam fazer, mas nunca chegou a acreditar que ela realmente tivesse algum dom especial para se comunicar com os mortos. Esta dúvida, no entanto, tinha desaparecido por completo agora. E ele se sentia um tolo.

Uma vez que acreditava que Penélope fosse mesmo capaz de ver os mortos, podia até mesmo descobrir onde os corpos estavam enterrados, isso significava que a possibilidade de que as histórias que contavam sobre os Wherlocke e os Vaughn fossem todas verdadeiras era muito grande. E foi ainda mais alarmante quando ele se deu conta de que a casa aonde a levava de volta estava cheia de Wherlocke e Vaughn. Doze deles. Quantos mais deles teriam dons? Será que Penélope dizia a verdade quando contou que todas as crianças possuíam habilidades especiais?

Ele ainda não tinha visto isso, mas havia notado coisas estranhas sobre alguns deles. Não havia como negar que Hector fosse capaz de dizer que alguém estava mentindo, mas será que não seria apenas uma questão de olhar atento

para tiques e contrações musculares que entregam uma pessoa em vez de um dom de verdade? Septimus certamente tinha o poder de tocar e atenuar a dor de uma pessoa, até mesmo um médico respeitado acreditava neste dom. Paulinho afirmava ser capaz de prever coisas, mas reclamava que ainda não tinha aprendido a dar os avisos de um modo que pudesse ajudar as pessoas. O menino mostrara várias vezes que sabia que o perigo estava próximo.

Esse tipo de coisa não era tão difícil assim de aceitar, ele pensou e concordou consigo mesmo enquanto acariciava os cabelos de Penélope. No entanto, um menino que podia ajudar a curar pessoas com apenas um toque? Uma menininha que era capaz de causar uma tempestade quando ficava infeliz? Outro menino que podia atirar coisas sem erguer um só dedo?

Ashton franziu a testa. Tinha visto aquilo só não quis permitir que a lembrança se fixasse em sua mente. Agora que estava tentando aceitar o miraculoso, não podia deixar de se lembrar daquela noite quando os homens invadiram a casa dos Wherlocke. Jerome definitivamente havia atirado coisas contra os invasores sem erguer um dedo sequer.

Ele recostou a cabeça no assento. Aquilo era algo sobre o qual ele poderia pensar e repensar, mas mesmo assim não iria fazer diferença. Ele estava preso em um mundo que não conseguia compreender completamente e era obrigado a aceitar isso.

A carruagem parou em frente à Toca Wherlocke uma hora depois. Ashton cutucou Penélope para que ela acordasse, sorrindo do modo infantil com que ela esfregou os olhos. Depois de prometer que voltaria mais tarde, ele lhe deu um beijo à porta e a entregou aos cuidados dos irmãos. Desesperado para tomar um banho e trocar de roupa, ele voltou correndo para a carruagem e deu ordem ao cocheiro que o levasse para casa.

Penélope permaneceu parada na entrada um pouco mais, observando Ashton e a carruagem desaparecer antes de fechar a porta. Daria um bom trabalho, mas o que ela realmente precisava era de um bom banho quente. Ainda

podia sentir o cheiro de morte impregnado em seu corpo, e tudo que queria era que o odor funesto fosse embora para que assim pudesse se esquecer de vez de tudo que vira naquele dia.

Para seu alívio, um dos criados, Ned ou Ted como começou a chamar os dois homens que a protegiam, imediatamente se ofereceu para levar água quente até o quarto. Era bom poder contar com a ajuda de criados, ela refletiu enquanto subia a escadaria. Quando já estava na metade dos degraus, ela subitamente se deu conta de que havia algo diferente na casa. Ela parou e olhou para o vestíbulo abaixo. Seus irmãos estavam parados aos pés da escada, sorrindo para ela. A atitude era suspeita por si só. Então ela ofegou quando a sua mente finalmente percebeu o que havia de diferente.

Onde estava toda a destruição causada pelos homens que invadiram seu lar na noite anterior? Eles não haviam tido muito tempo para limpar antes de saírem para o bordel, mesmo assim tudo parecia mais arrumado do que antes da invasão. Ela desceu os degraus e seguiu para a sala, parando na porta para admirar o cômodo, que poucas horas antes estava de pernas para o ar. Os poucos móveis quebrados não estavam mais lá, tinham sido substituídos por peças muito melhores do que ela poderia comprar.

— Quem fez isto? — ela perguntou, sentindo a presença dos irmãos e de Ned ou Ted às suas costas.

— O lorde enviou alguns homens para ajudar a mim e ao Ned a limpar a bagunça — disse aquele que obviamente era Ted. — Eles trouxeram algumas coisas com eles que estava no sótão da Casa Radmoor, porque o lorde disse que alguns dos seus móveis tinham sido danificados. Ele enviou também algumas criadas, e elas deixaram tudo brilhando para a senhorita.

Penélope passou pelas outras portas, apesar do estrago não ter sido tão severo nos outros cômodos quanto na sala. Tudo estava limpo e ela encontrou outros móveis que não eram seus ou que não tinham sido comprados por ela. Ela não sabia se permitia que seu orgulho a guiasse e reclamava por Radmoor ter

cuidado de tudo sem o seu conhecimento ou se simplesmente aceitava a gentileza. Viu então Teci passar com dois baldes cheios de água quente e decidiu que poderia pensar melhor a respeito na banheira.

Ashton afundou na banheira quentinha com um suspiro de prazer. Mas o prazer desapareceu rapidamente quando sua mãe entrou no quarto. Ele apanhou uma toalhinha de esfregar e cobriu as partes íntimas. Ela podia até ser sua mãe, mas ele já tinha passado da idade de permitir, sem embaraço algum, que ela o visse totalmente nu.

— Quanto pudor — Lady Mary disse e riu enquanto se sentava na cama e olhava para ele. — Foi tão terrível, assim? Ouvi seu criado pessoal resmungar algo sobre queimar as suas roupas.

— O que foi tão terrível? — O olhar de Lady Mary disse a Ashton que ela não iria permitir que ele tentasse se esquivar e que de algum modo ela tinha descoberto aonde eles tinham ido naquele dia. Ele suspirou. — Sim, foi terrível. Como a senhora descobriu?

— A fofoca já está se espalhando por toda a Londres. — Ela assentiu quando ele murmurou um palavrão. — Parece que havia muitos cavalheiros distintos por lá, em plena luz do dia. Um deles chegou a ser levado ao gabinete da Rua Bow antes de ser identificado e solto. — Ela sorriu. — Fica difícil reconhecer um conde quando ele não está usando as suas indumentárias pomposas.

Ashton riu.

— Estou surpreso que eles tenham admitido por onde andaram.

— Pelo que ouvi, existem várias explicações falsas do que eles faziam naquela parte da cidade para ter certeza do que aconteceu. Foi uma situação complicada todos que estavam no local serem levados e interrogados. É uma história boa demais para ficar calado, mesmo que seja preciso inventar uma tremenda mentira para tentar justificar o que fazia próximo a um bordel. A história se espalhou como rastilho de pólvora entre os comerciantes, que

contaram para seus clientes, que depois contaram para seus patrões e assim por diante. É verdade que havia mais de cem corpos lá? — ela perguntou baixinho.

— Não. Havia trinta e dois, incluindo a mulher com quem Brant queria se casar. — Ele contou à mãe tudo sobre Faith e o que eles tinham descoberto na casa do reverendo. — Estão falando algo sobre Penélope?

— Um pouco — disse Lady Mary ao se levantar. — Ninguém a reconheceu ou chegou a vê-la. Alguns disseram que ela já devia ter estado lá, pois uma mulher na família dela ou uma amiga foi raptada e morta. Bem, desfrute do seu banho antes que a água esfrie. — Ela parou à porta e franziu a testa. — Sempre considere as donas de bordéis mais baixas do que vermes por ganharem a vida vendendo outras mulheres, mas esta tal de Sra. Cratchitt... bem, ela é um monstro, não é?

— Ela é. Eu gostaria imensamente que houvesse outra maneira de puni-la que não fosse a força, algum tipo de punição longa e dolorosa.

— Existe o inferno, meu querido, e certamente é para lá que aquele monstro irá — ela disse baixinho antes de fechar a porta atrás de si.

Ashton esperava que sua mãe estivesse certa. Aquela mulher tinha ceifado a vida de trinta e duas pessoas, e ele sabia que três eram totalmente inocentes. Não havia nenhuma dúvida em sua mente de que as outras também eram. Ele se perguntou quantos não seriam os homens que estavam apavorados com a idéia de terem pisado no bordel daquela mulher ou imaginavam se não tinham se deitado com uma das moças raptadas, e que depois acabara enterrada na adega. Uma vez que os mortos não falam, exceto com pessoas como Penélope, Ashton duvidava que muitos homens da sociedade se preocupassem com aquilo por muito tempo.

Já estava quase na hora do jantar quando Ashton finalmente terminou de se banhar, descansar um pouco e se vestir. Tivera tempo até de conversar rapidamente com Alex, que havia se mostrado extremamente desapontado por

não poder se juntar a eles naquele dia. Alex ainda estava muito ocupado, seguindo os passos do advogado de Penélope.

Justamente quando ele pisava no último degrau da escadaria. Clarissa chegou. Ashton buscou na mente se tinham algum compromisso ou um encontro marcado, mas não conseguiu se lembrar de nada. Certamente estava prestes a ouvir outro sermão sobre a sua negligência. Ele a convidou cordialmente para passarem para a pequena sala azul, tomando o cuidado de deixar a porta aberta.

Assim como sussurrou para o criado encontrar a sua mãe imediatamente, uma vez que ainda desconfiava que Clarissa pudesse tentar ser apanhada em alguma situação comprometedor com ele para que assim ele fosse obrigado a honrar o compromisso e levá-la para o altar. A mulher certamente estava certa de que conseguiria seduzi-lo se tivessem uma oportunidade de ficarem a sós. Ashton, por sua vez, estava com uma imensa vontade dizer que ela poderia dançar nua pelo seu quarto se quisesse que nem assim ele iria tocá-la, mas conteve o insulto.

Depois que serviram vinho e bolinhos, ele ocupou o assento de frente para ela.

— A que devo a honra da sua visita?

— Ashton, estamos noivos e ainda assim raramente nos vemos — ela disse. — Imaginei que deveríamos passar mais tempos juntos, conversando.

— Sobre o quê?

— Que tal discutirmos sobre quais convites você gostaria de aceitar?

— Presumo que tenha algo em mente.

— Na quinta-feira, haverá uma festa na casa dos Dunweldon e na sexta um jantar que promete ser adorável nos Burnage. Tenho certeza de que um dos eventos deve agradá-lo.

Uma vez que já fazia certo tempo desde a última vez que verificara seus investimentos, ele disse:

— O jantar na casa dos Burnage. — Deu para perceber pela vaga

expressão de aborrecimento que perpassou o rosto dela que aquela não era a opção que ele deveria ter escolhido.

— Como desejar. Só tem mais uma coisinha, um boato que ouvi, mas que imagino que você possa me esclarecer. Algumas das histórias que escutei são um tanto pesadas.

— Histórias sobre mim?

— Sobre você e seus amigos terem ido a um bordel hoje, acompanhados de alguns agentes da Rua Bow. Dizem que vocês foram até lá para tentar encontrar corpos e que descobriram mais de cem,

— Trinta e dois. Eram corpos de mulheres assassinadas, e de um menino, que foram enterrados na adega, que fica no porão. A Sra. Cratchitt certamente será enforcada assim como seus vários comparsas.

— Por que você se envolveu nisso? O que importa se ela matou algumas *daquelas* mulheres?

— Nem todas eram mulheres da vida. Clarissa. A mulher raptava jovens e as forçava a trabalhar para ela. Elas não merecem justiça? Ou você está tentando defender uma mulher que matou tantas pessoas?

Clarissa tomou um gole do vinho numa clara tentativa de se livrar da pergunta direta.

— Claro que não. Só é um pouco embaraçoso para mim ter de ouvir os comentários.

— Comentários sobre como meu filho se empenhou em fazer justiça para tantas pessoas e colocou um monstro na prisão? — Perguntou Lady Mary ao entrar na sala. Serviu-se de um pouco de vinho e se sentou ao lado de Ashton.

— Não, isso não. Tenho certeza de que ele foi muito corajoso — Clarissa disse. — E é um homem honrado. Só acho que existem determinados assuntos que devem ser deixados nas mãos de pessoas que lidam com criminosos.

Ashton se perguntou por que Clarissa estava tão preocupada. A história não tinha manchado a sua honra. Algumas pessoas podiam até indagar por que

ele se dera ao trabalho, mas não havia nada de errado em ser alvo de comentários por ter entregado à justiça uma assassina cruel. Ele contraiu o rosto, então, imaginando se Clarissa não estava com medo de que a Sra. Cratchitt pudesse acabar falando demais agora que estava diante do laço. Os homens que raptaram Penélope falaram sobre uma bela dama que a queria fora do caminho. Uma vez que ele tinha certeza de que o homem que supostamente viria no dia seguinte para se divertir com Penélope era Charles, era bem possível que Clarissa fosse cúmplice no plano.

Eles realmente precisavam seguir o rastro daquele advogado, ele pensou. Tudo que tinham naquele momento não passava de rumores e suspeitas. Eles precisavam ver o testamento, uma lista dos bens do falecido marquês e outras informações. Por uma fração de segundo, passou pela mente de Ashton entrar às escondidas na casa dos Hutton-Moore e procurar pelo testamento. Charles certamente tinha uma cópia guardada em algum lugar. Subitamente, ele se deu conta de que Clarissa o fitava como se esperasse pela resposta de uma pergunta, que ele não tinha ouvido.

— Tenho certeza de que não havia nenhuma dama lá, liderando os homens e falando com fantasmas, querida — Lady Mary respondeu, e Ashton agradeceu silenciosamente a ela pela gentileza de ter desviado o rumo do assunto.

— Por que você imaginaria tal coisa? — perguntou Ashton. — Não me diga que estão falando disso. — Ele balançou a cabeça. — Não entendo como alguém tem coragem de inventar algo do tipo e por que tantas pessoas ainda acreditam.

— Pensa que sou idiota? — Clarissa disse, finalmente perdendo o controle. — Tenho visto-o na companhia de Penélope, na casa dela. Sei que você está bem informado de que ela afirma ser capaz de ver e se comunicar com os espíritos de pessoas que morreram. Você nem pestanejou quando ela me disse para tomar cuidado porque eu tinha passado através da Sra. Pettibone. E não havia ninguém lá! O que realmente desejo saber é por que você está

mancomunado com minha meia-irmã?

— Creio que eu lhe disse que estava lá para discutir as minhas finanças com o jovem Septimus. O homem é um gênio no que diz respeito a isso.

— Você está devendo! O que mais tem para ser discutido?

— Como conseguir me livrar dos meus débitos.

— Casando com uma herdeira, exatamente como você está fazendo. É o modo tradicional de um lorde refazer sua fortuna. Ou falava outra vez sobre investimentos? Isso é tão vulgar. Acho que tem algo acontecendo entre você e Penélope. Ela estava no bordel. A tia de uma amiga minha contou para ela que tinha ouvido de uma prima, que ouviu do açougueiro.

— Quem sou eu para duvidar da veracidade do que sua amiga disse.

Clarissa o encarou, mas continuou obstinada.

— Penélope estava lá e eu sei. O nome dela já está tão manchado que não tem salvação, porque ela insiste em cuidar de todos aqueles filhos, filhos de uma égua. Agora ela vai afundar ainda mais quando todo mundo souber que ela andou pelos porões de um bordel em busca de corpos para aqueles homens da Rua Bow, homens que estão a um passo de serem criminosos. Nem o fato de ser filha de um marquês irá salvá-la quando todos souberem que ela estava lá enquanto os nobilíssimos cavalheiros desenterravam corpos de prostitutas.

Quando Ashton abriu a boca para dizer algo, sua mãe o silenciou, pousando a mão sobre seu braço e apertando suavemente. Ele não tinha certeza do que o enfurecera mais, se o modo como Clarissa se referiu aos meninos de Penélope ou se quando ela deixara claro que pretendia contar para todo mundo sobre o dom de Penélope e assim destruí-la do modo que estava ao seu alcance. O que ele mais temia é que haveria pessoas batendo à porta de Penélope para pedir que ela encontrasse seus entes queridos ou falasse com eles. Ela teria que se esconder.

— Minha querida mocinha — disse Lady Mary —, em primeiro lugar gostaria de dizer que o seu linguajar é vulgar. Uma verdadeira dama não diz

coisas como "filhos de uma égua" ou "prostitutas". Isso denota uma distinta falta de educação e poderia levar alguém a duvidar da sua moral. E você deveria pensar melhor sobre as coisas que diz sobre a sua meia-irmã. Ela faz parte da sua família, e qualquer punhado de lama que atirar contra ela pode muito bem espirrar em você.

Depois de uma repreensão dita num tom de voz tão suave e distinto, Clarissa ficou emudecida. Ela se levantou, fez uma cortesia para Lady Mary e se voltou para Ashton, que ficara em pé quando ela se levantara. Relutantemente, ele a acompanhou até a porta para que ela apanhasse suas luvas e seu casaco e pedisse a carruagem. Somente enquanto ele a ajudava a subir na carruagem ela falou. Ashton tinha certeza de que não fora a vergonha que a calara, mas a raiva.

—Você não deveria me pressionar tanto, Ashton — ela sibilou. — Meu irmão pode até querer este casamento por motivos pessoais, assim como pode estar me passando para trás com relação ao meu dote, mas uma coisa eu prometo, ele nunca permitirá que você fique com Penélope.

Ela bateu a porta da carruagem na cara dele e Ashton franziu a testa enquanto ela ia embora. Pelo jeito, Artemis tinha razão: Charles queria Penélope. Ashton precisou se conter para não pegar um cavalo, seguir até a casa dos Hutton-Moore e dar um soco na cara de Charles. Definitivamente o homem estava envolvido no rapto e tinha a intenção de se divertir um pouco com ela antes de se livrar de uma vez por todas da meia-irmã. Se, como eles suspeitavam Charles também estivesse por trás do tiro, então isso era sinal de que ele podia muito bem ter decidido que não esperaria mais para satisfazer o seu desejo.

Balançando a cabeça, Ashton caminhou de volta para casa. Ele estava louco para ir direto à casa de Penélope, mas já fazia muito tempo desde a última vez que jantara com a sua família. Enquanto se juntava à sua mãe, ele se perguntou se, quem sabe, entre os Wherlocke e os Vaughn alguém não tivesse um dom que pudesse ajudá-lo a descobrir a verdade, talvez até mesmo encontrar o testamento. Isso era algo para se pensar.

Ashton cumprimentou o criado que abriu a porta da Toca dos Wherlocke.

— Está tudo tranquilo? — ele perguntou enquanto entregava ao homem seu chapéu e o casaco.

— Sim. Ned costuma andar pelos jardins vez ou outra. Mas não tem visto nada.

Ah, Ashton pensou e não conseguiu conter um sorriso. Então este era Ted. Ele se perguntou onde a sua mãe estava com a cabeça quando resolveu contratar gêmeos idênticos como criados de libré. Talvez por capricho, supôs, ou por um senso de humor muito estranho.

— Ele toma o cuidado de não fazê-lo com muita regularidade, não é? — ele perguntou a Ted.

— Sim, milorde. Faço o mesmo na parte da frente da casa. Ninguém pode prever a que horas podemos voltar.

— Bom. Muito bom.

— A lady e os outros já se recolheram, milorde.

Ashton quase assentiu, mostrou seu arrependimento, recolheu seus pertences e se foi como qualquer cavalheiro teria feito. Então pensou em tudo que tinha acontecido naquele dia e decidiu que não estava a fim de bancar o cavalheiro. Ele precisava ficar com Penélope. Seus criados jamais iriam se envolver em mexericos assim como ninguém da família de Penélope o faria, portanto seria seguro quebrar algumas regras.

— Tudo bem, Ted — ele disse, subindo a escadaria. — A lady está esperando por mim.

O que não era inteiramente verdade. Ele disse que voltaria, mas isso tinha sido horas antes. Penélope poderia muito bem ter chegado à conclusão de que ele não viria mais e ido dormir. Afinal, ela também tivera um dia muito cansativo. Deste modo, quando entrou no quarto e a encontrou encolhida sob as cobertas, ele sorriu. Abraçado em torno dela era exatamente onde ele queria e precisava estar, por isso começou a tirar a roupa.

Foi o puxão da camisola sendo retirada que despertou Penélope do sono profundo, e ela achou que estivesse tendo um pesadelo. Mas quando um corpo masculino, forte e rijo, pressionou-se contra o seu corpo o momento de pânico se foi. Ela reconheceu o cheiro e o toque do homem que a envolvia e se aninhava na sua nuca. Mesmo assim, não doeria nada provocá-lo pela audácia.

— Oh, não, Ted — ela sussurrou num tom rouco. — Você precisa ir embora. — Ashton pode chegar a qualquer momento. — Ela engasgou de tanto rir quando Ashton começou a fazer cócegas sem piedade.

— Malvada — ele disse quando a prendeu sob o seu corpo.

— Isso foi pela arrogância de se deitar na minha cama sem ser convidado.

— Ah, então agora preciso de convite, é? — Ashton se levantou agilmente da cama e se colocou em pé ao lado. — Querida Lady Penélope, você teria a gentileza, a bondade e a generosidade de aceitar a minha humilde pessoa na sua cama?

Penélope olhou diretamente para a virilha dele, onde o seu membro estava firme e forte, destacando-se do corpo esbelto e musculoso. Ele era um homem muito belo, ela pensou e se perguntou como poderia fazer para que ele continuasse em pé ali para que assim ela se deleitasse um pouco mais com a visão. Mas a noite estava fria e úmida, e os dois haviam tido um dia muito duro.

— Humilde é a última coisa que você parece, mas venha logo para a cama. — Ela ergueu as cobertas. — É melhor se apressar. O quarto está frio e logo você não estará mais tão másculo.

Ashton riu e voltou para a cama.

— Como sabe o que o frio pode fazer com um homem?

— Não se lembra que passo a maior parte do tempo na companhia de dez meninos? Querendo ou não, acabado aprendendo tudo sobre as peculiaridades e as funções físicas.

— Ah, sim, meninos adoram fazer este tipo de coisas. — Ele a envolveu em seus braços e começou a se aconchegar no pescoço dela novamente. — Era

minha intenção vir mais cedo para que pudesse jantar com você e os meninos, mas a minha família estava toda em casa e ansiava pela minha companhia.

— Muito mais importante, é claro. Mas por acaso pensou em sentar em uma das nossas novas cadeiras?

— Ah, isso.

— Sim, isso. Mais arrogância, mas engoli o orgulho e me controlei, por isso obrigada.

— Não há de quê.

— Mas você não deveria tentar vender o que não estão usando?

— Duvido que o valor que conseguiria por aquelas peças seria o suficiente para compensar o tempo e o esforço despendido.

Ela assentiu enquanto deslizava as mãos ao longo das costas fortes.

— As pessoas que têm dinheiro só querem comprar o que é novo e está na moda. Quem não o tem provavelmente não possui espaço para tanto de qualquer maneira.

Penélope soltou um murmúrio de prazer quando ele começou brincar com os seus seios. O toque, os carinhos atearam um fogo intenso dentro dela que somente ele poderia apagar. Ela tinha certeza de que nunca se cansaria daquelas carícias e tentou nem pensar que logo ele estaria tocando outra do mesmo modo, uma que ele tomaria como esposa pelo dinheiro para salvar a sua família. Pousando as mãos sobre as faces dele, ela ergueu o rosto até que ficassem no mesmo nível e o beijou, usando seu desejo por ele para banir os pensamentos tristes.

A necessidade selvagem que ele despertou nela logo empurrou para o lado todos os pensamentos sobre o futuro. Penélope se ofereceu a todas as carícias audaciosamente e sem reservas. O modo como ele fez com que seu sangue corresse quente pelas veias, queimando todo seu bom-senso foi mais do que bem-vindo depois do dia sombrio que ela havia tido.

O forte desejo que somente ela conseguira despertar em Ashton ganhou vida quando ela o aqueceu sob as suas mãos. Ele traçou um rastro de beijos ao longo do ventre firme ao mesmo tempo em que deslizava as mãos sobre as coxas macias. Em seguida, ele se ajoelhou entre as pernas delgadas, entrelaçou-as sobre os ombros e a beijou ali. Todo o corpo de Penélope estremeceu surpreso, e ela tentou se esquivar, mas ele a segurou com firmeza enquanto lambia e beijava, fazendo amor com ela com a boca. Quando seu corpo arqueou na posição e ela começou gritar, ele pressionou a boca ainda mais perto e saboreou cada espasmo de tremor que ela teve ao atingir o clímax.

Enquanto abaixava as pernas ainda trêmulas de Penélope, ele fez o mesmo caminho de volta ao longo do corpo esguio, beijando e brincando com a língua. Ele sorriu ao ver os olhos dela ofuscados de paixão e então a beijou no exato momento em que seus corpos se juntaram com um movimento certo. Ela soltou um grito e ele hesitou, imaginando que a tivesse machucado, mas o modo como ela o abraçou atenuou o receio de que fora muito brusco. A partir deste ponto, ele não se segurou mais, deixou que a ferocidade do seu desejo o controlasse. Um assombro interrompeu por uma fração de segundo a sua onda de prazer quando Penélope o abraçou com mais afinho, envolvendo-o com seu calor úmido, ao mesmo tempo em que ela encontrava o prazer pela segunda vez.

Penélope só recuperou completamente os sentidos quando Ashton terminou de limpar os corpos dos dois e a puxou de volta para seus braços. Então o rubor que marcava seu rosto se espalhou por todo o corpo até os dedos dos pés. Ele riu e beijou as bochechas quentes, irritando-a. Ele não respeitava sua timidez, ela pensou. O que ele acabara de fazer a levava à loucura de tanto prazer, mas agora que o prazer se fora, ela mal tinha coragem de olhar para ele. Bastou um olhar de relance na direção daquela boca sorrindo e ela se lembrou por onde a boca acabava de passar, causando uma pontada embaraçosa no local como se seu corpo sem-vergonha pedisse por *mais*.

Virando-se para que pudesse pressionar o rosto contra o peitoral forte e ouvir as batidas do coração, ela se perguntou qual seria a reação dele se ela ignorasse todo e qualquer senso de pudor que ele pudesse ter. Então, ela se lembrou da visão dele, nu ao lado da cama e quase soltou um palavrão. Os homens não tinham muita vergonha. Mas ele provavelmente enlouqueceria tanto quanto ela caso o beijasse tão intimamente. Era uma idéia intrigante que logo a fez traçar um rastro de beijos, que desceu pelo peitoral até o abdome rijo. Quando ela beijou o manto de pelos logo abaixo do umbigo, o membro rijo tocou no seu queixo e ele gemeu. Ela sorriu sobre a pele quente. Se ele já gemia apenas com aquilo, então era muito provável que gritasse tanto quanto ela com o que viria a seguir.

— Ashton? Aquele é... beijo que você me deu. Trata-se de algum estranho truque estrangeiro?

— Não que eu saiba — ele respondeu, nada surpreso por sua voz ter soado tão rouca e dissonante que quase não passou de um sussurro, pois a boca dela estava tão próxima do local onde ele ansiava que ela beijasse. Ele enlouqueceria se não ganhasse ao menos um beijo. Ao menos uma lambidinha ou duas, ele imaginou, e quase deixou escapar outro gemido.

— Então uma mulher não estaria quebrando nenhuma regra ou tradição se retornasse um beijo tão íntimo?

— Ah, não. — O modo como ela deslizou as unhas para cima e para baixo sobre as suas coxas fez com que ele estremecesse como se fosse a primeira vez. — Na verdade, imagino que o homem ficaria muito grato.

— Oh, céus. — Ela deslizou a língua lentamente ao longo do membro enrijecido e o sentiu estremecer.

— Oh, céus.

Foi a última coisa coerente que Ashton disse por muito tempo.



CAPÍTULO XVI

— ESTA É UMA CENA QUE NUNCA IMAGINEI VER.

O primeiro pensamento claro de Ashton foi surpresa de que Penélope, quem ele imaginava estar dormindo profundamente, pudesse ficar rígida tão rapidamente. Parecia que cada pedaço do seu delicioso corpinho tinha enrijecido como uma gravata excessivamente engomada. Ele ficou com vontade de conferir se as pontas do cabelo dela estavam eriçadas. Ele sorriu e lhe deu um beijinho na nuca.

Em seguida, penetrou na sua mente sonolenta a impressão de que alguém dissera algo, que alguém estava vendo ele e Penélope juntos na cama. Nus. Abraçados um ao outro. No quarto, onde ainda pairava o forte odor de sexo ao qual eles haviam se entregado por horas a fio durante a noite. Esse alguém possuía uma voz feminina madura e um sotaque que denotava educação e boas maneiras. Seu coração gelou quando ele se deu conta de que todos os problemas e complicações contra os quais vinha lutando simplesmente aumentaram — dez vezes.

— É melhor segurar firme o lençol, Ashton — Penélope murmurou. — Você poderia nos dar um minuto de privacidade, tia?

— Não.

— Fique à vontade, então.

— Normalmente costumo ficar.

Não foi fácil, mas Penélope conseguiu se sentar, segurando firmemente o

lençol à frente do corpo. O fato de Ashton também ter se sentado, usando o lençol para cobrir com segurança a parte inferior do seu corpo, ajudou muito. Por um momento, ela se distraiu com a visão do peitoral firme e liso, mas a tossidela de sua tia para chamar atenção a afastou da idéia de beijar todos aqueles músculos à mostra. Penélope suspirou, pois na verdade não estava com vontade de falar o que queria mesmo era fazer Ashton estremecer e gritar como ela na noite anterior. Ela franziu a testa para a tia, que estava parada na entrada do quarto com os braços cruzados sob o admirável colo.

Lady Olímpia Wherlocke era uma mulher muito impressionante. Um pouco mais alta do que a maioria das mulheres, e de alguns homens, e com cabelos escuros como a noite e olhos azuis da cor do céu, ela atraía muitos olhares de admiração. Era forte, confiante e apenas três anos mais velha do que Penélope. Penélope sempre se impressionou com o modo imponente com que a sua jovem tia sempre conseguia se colocar. Neste momento, Olímpia estava mais imponente do que nunca, à frente de todos os meninos e do tutor deles, que estava com as mãos firmes sobre os olhos da pequena Juno.

— É um pouco cedo para visitas, tia — Penélope disse, rindo por dentro quando Olímpia simplesmente arqueou uma das perfeitas sobrancelhas. — Eu não sabia que você planejava vir para a cidade.

— Eu não tinha planejado, mas de repente fui forçada a vir. Arrastada, melhor dizendo. Chamada para ficar ao seu lado.

— Não de mais ninguém — murmurou Ashton.

Depois de encarar Ashton com um olhar frio, Olímpia voltou a atenção para Penélope.

— Quando eu estava vindo para cá, surgiu um novo elemento que veio se somar com sentimentos e presságios que me impulsionavam. Agora sei que novo elemento era esse. — Ela deu outra olhada para Ashton. — Só espero que você possa me explicar tudo de um modo satisfatório.

— Mais ou menos — respondeu Penélope —, mas não acha que talvez

fosse melhor darmos estas explicações na sala, daqui a pouco? Eu ficaria grata se tivéssemos alguns momentos de privacidade. Pensando melhor, vamos nos reunir na sala para o café da manhã. Estou faminta.

— Mal posso imaginar por quê. Ignorando o sarcasmo da tia, Penélope disse:

— Por favor, tia. Contarei tudo durante o café da manhã. É simplesmente muito complicado explicar tudo aqui e agora. — *E eu preferia explicar tudo vestida* — ela pensou atravessada.

— Me parece justo, mas sugiro que não demore.

Havia certo tom na voz de tia Olímpia que deixou Penélope preocupada.

— Devo me preparar para alguma surpresa?

— É possível. Tenho a forte sensação de que não sou o único membro da família que se sentiu forçado a vir correndo em seu socorro.

— Droga.

— Na verdade, acho que o seu tio Argus deve chegar dentro de uma hora. — Olímpia expulsou todos do quarto ao virar-se para descer e, assim que a passagem ficou livre, fechou a porta com firmeza atrás de si.

Por um momento, Penélope permaneceu parada olhando apenas para a porta e então gemeu. Rapidamente saiu da cama e vestiu a combinação antes de se voltar para Ashton. Ele ainda estava sentado na cama, segurando o lençol sobre as partes íntimas e olhando com uma clara mistura de confusão, vergonha e alarme. Se tio Argus realmente estava a caminho da Toca Wherlocke, só podia ser por um bom motivo. Tio Argus era um conquistador, mas esperava que as mulheres da sua família fossem meigas, inocentes e aprova de sedução. Ele era famoso por ficar muito bravo com qualquer homem que tentasse seduzir uma das mulheres Wherlocke ou Vaughn. Apesar de tais homens receberem o que mereciam, ela achava que o tio tinha uma postura muito hipócrita.

— É melhor nos apressarmos — ela disse. — Minha tia não é uma mulher paciente. Se ela achar que estamos demorando muito, é bem capaz de voltar

aqui.

— Mas se demorarmos para descer, isso daria a entender que resolvemos...

— Exatamente. — Penélope amaldiçoou o rubor das suas faces, pois detestava corar. — Aquilo não deteria minha tia.

— Então, ela realmente é sua tia? — Ashton perguntou ao se levantar da cama e começar a se vestir. — Ela não deve ser muito mais velha do que você.

— Ela é apenas três anos mais velha do que eu. E a caçula de oito filhos. Minha mãe era a mais velha. Entre elas, há seis irmãos. Tio Argus é o terceiro filho.

— Você realmente pretende contar tudo a ela? — Ele se aproximou para ajudá-la com o vestido.

— É sempre bom dizer somente a verdade para tia Olímpia.

— E se este tal de tio Argus chegar?

— Ah, sim, para ele também. — Ela decidiu que aquele não era um bom momento para contar a ele que o seu tio poderia simplesmente fazer Ashton contar tudo que ele quisesse saber apenas com a força dos seus olhos e da sua voz. — E se tia Olímpia sentiu que ele está chegando, então ele chegará. Sinto muito — ela disse enquanto prendia apressada os cabelos para trás com uma fita azul que combinava com o vestido. — Já compliquei a sua vida além da conta.

Ashton envolveu-a em seus braços.

— Complicou, assim como eu também compliquei a sua. Na verdade, mais do que você a minha. Assim como o destino. Assim como a minha família. — Ele se afastou um pouco e a beijou. — Quem sabe? Talvez seu tio e sua tia não possam nos ajudar a desfazer esta confusão, em grande parte causada por mim. No momento em que a conheci, eu deveria ter terminado tudo com Clarissa e avaliado melhor a situação. As respostas estavam lá. Percebi isso desde que fui forçado a noivar. Mas decidi pegar o caminho mais rápido para me livrar das minhas dificuldades, casando por dinheiro.

Ela soltou um sorriso triste e acariciou o rosto dele.

— Mas se tivesse analisado melhor a situação, tudo que teria visto era exatamente o que já estava lá todas as responsabilidades que um homem como você não pode ignorar. Ainda tem as promissórias que estão sob poder de Charles. — Penélope segurou a mão dele. — Venha. Olímpia não é uma completa puritana nem uma pessoa totalmente intratável. Ela vai fazer algumas caretas e ralhar, mas não irá nos condenar.

— Não *você* ao menos — ele murmurou enquanto a seguia para fora do quarto.

As preocupações de Ashton se provaram verdadeiras, Penélope refletiu ao engolir o último pedaço de pão do farto desjejum. Assim que as crianças se retiraram, até mesmo os mais velhos a pedido de Olímpia, sua tia encarou Ashton com um olhar de censura. O confronto não seria nada fácil, Penélope concluiu. E ficou um tanto surpresa ao perceber que Ashton não demonstrava nenhum sinal de perda de apetite sob os olhares penetrantes da sua tia.

— Presumo que o casamento de vocês será realizado em breve — disse Olímpia.

— Não — Penélope respondeu, omitindo a dor que sempre sentia ao admitir o fato. — Não haverá casamento.

— Você é filha de um marquês, sobrinha de um conde...

— Não precisa listar todos os meus nobres parentescos, tia. Ashton sabe sobre todos eles. Ele e seus amigos andaram vasculhando sobre um montão de coisas. Mas explicarei o motivo disso daqui a pouco — ela tratou de completar assim que viu o olhar contrariado da tia só de pensar que alguém andara investigando a sua família.

— Então haverá um casamento.

— Não. Ashton já está comprometido. — Ela sorriu quando a tia lançou um olhar assassino em direção a Ashton. — Mas eu já sabia disso desde o começo.

— Entendi. — Olímpia tomou um gole do seu chá antes de dizer: — Não,

eu *não* entendo. Você não. Você não é como tantos outros parentes nossos. Não é descuidada, indiferente e certamente não é dada a ignorar o bom-senso em nome de uma paixão. Você sabe muito melhor do que todos nós o preço pago por tais atitudes. Você cuida de um lar cheio dessas conseqüências.

— A culpa é toda minha — disse Ashton. — Eu errei em dois sentidos. Primeiro que eu deveria ter deixado Penélope em paz. O segundo quando percebi que seria impossível, deveria ter me afastado de Clarissa e evitado aquele encontro fatal com o irmão dela que culminou no meu noivado com aquela mulher.

— Ashton. — Penélope fez um afago na mão dele. — Você está nas mãos de Charles e sabe muito bem disso. Tia, antes de entrarmos nos detalhes daquela confusão, permita que eu lhe conte como Ashton e eu nos conhecemos — disse Penélope depois de respirar fundo para se acalmar, ela contou a Olímpia a história do rapto e todas as outras confusões que se sucederam desde aquela noite.

— Você deveria ter escrito para nós, pedido a nossa ajuda. É para isso que serve a família.

— Eu pretendia fazer isso assim que conseguisse entender o que estava acontecendo. Precisava ter certeza se tudo não passava de uma série de coincidências. Pois sei o quanto esta cidade pode ser desconfortável para muitos de nós. Não era minha intenção trazer todos vocês a Londres só porque eu atravessava uma maré de azar.

— Maré de azar? Você chama tudo que aconteceu simplesmente de maré de azar? — Olímpia chacoalhou a cabeça. — Alguém está tentando matá-la, Pen, e acho que você sabe tanto quanto eu quem seja.

— Sim, eu sei, mas será que é Clarissa, Charles ou os dois juntos? Tenho certeza de que Charles estava por trás do meu rapto, mas os capangas contratados pela dona do bordel mencionaram que havia mais uma mulher envolvida. Outro dia, Clarissa deu uma pista de que pode ser ela, mas é apenas a

palavra dela contra a minha. Achamos também que a Sra. Cratchitt foi a responsável por algumas das coisas que aconteceram comigo, pois ela desconfiou que eu soubesse de coisas que pudessem condená-la a força.

— Mais do que raptar jovens e forçá-las a se tornar prostitutas?

— Eu disse algo para os homens que me levaram à força para lá, algo sobre alguém ter morrido na cama do quarto em que me colocaram. Se eles contaram a ela o que eu disse, e sabemos que ela de fato matou muitas pessoas, ela poderia querer me impedir de falar sobre isso com outras pessoas, não poderia? Percebe o nosso dilema? O que foi feito por ela? O que foi feito por Charles ou Clarissa? Acho que todos eles tentaram me matar, mas não temos provas disso. Se vamos acusar o filho de um barão por tentar me matar, precisamos de provas. Charles pode até ser um barão novo, seu título pode ser desprezado por muitos da sociedade, mesmo assim ele ainda faz parte da pequena nobreza. E isso é algo incontestável. Ashton, seus amigos, meus irmãos e Darius estão investigando isso a fundo para desvendar toda a verdade.

— A verdade é que Charles não deseja que você atinja a maioridade ou que se case. Ele perderá tudo se isso acontecer. Mas podemos falar sobre isto depois. Tirando o fato de esse tolo ter sido apanhado na teia de Clarissa, por que você não quer se casar?

Penélope suspirou, percebendo que não conseguiria distrair a tia por muito mais tempo falando de assassinatos e mistério. Ela olhou para Ashton e arqueou uma sobrancelha, perguntando silenciosamente se ele queria contar tudo à tia Olímpia. Tudo que ele estava fazendo era para salvar a sua família da total ruína e talvez ele não desejasse compartilhar seus problemas com a sua tia carrancuda, uma mulher que ele não conhecia. Penélope respirou aliviada quando ele fez um afogo na sua mão e olhou diretamente para Olímpia.

— Minha família está falida — ele disse num rompante. — Meu pai foi um homem infiel, perdulário e irresponsável. Ele nos deixou tantas dívidas que minha única opção é me casar com uma herdeira ou então virar as costas para

tudo que os Radmoor construíram desde os tempos de Elisabeth.

— Isso ainda não explica por que você não pode se casar com a minha sobrinha, e não tente me dizer que não foi você quem roubou a inocência da moça — disse Olímpia.

— Sei que o que fiz é errado, mas nunca menti para Penélope sobre os meus planos e como eu não poderia mudá-los não importava quanto quisesse. Tenho dois irmãos, três irmãs, duas tias e uma mãe para sustentar. Pesa sobre mim o fato de que não sou nada além de um caça-dotes, mas as necessidades me obrigam, e isso é tudo. E, para completar, Charles tem a posse das promissórias do meu pai. Ele pode facilmente arruinar minha família com essas notas.

— Você por acaso tem alguma estranha aversão ao dinheiro de Penélope?

— Não tenho nenhum dinheiro, tia — Penélope disse. — Apenas uma pequena pensão, ou seja, lá como quiserem chamar, o pouco que meus pais deixaram para os meninos e aquela casa que Charles afirma ser dele. Isso não é suficiente para evitar que Radmoor e sua família sejam enviados para a prisão dos devedores. Charles nunca permitirá que Ashton pague tais notas aos poucos, pois ele deseja casar Clarissa com um homem que possua um título importante e uma família tradicional. Ashton precisa de muito dinheiro.

De repente, Olímpia ficou tensa e olhou em direção à porta. Um segundo depois, Penélope soube por quê. Todos os pelos do seu corpo arrepiaram. Ela deu uma olhada para Ashton e viu que ele erguia as mangas e olhava espantado para os pelos eriçados dos seus braços. Tio Argus havia chegado.

Um homem alto e de ombros largos entrou na sala de refeição, soltou-se de um sorridente Darius e do igualmente feliz Paulinho e afugentou os dois da sala. Paulinho não era filho de Argus, mas o menino adorava o homem, e o homem o adorava. O mesmo homem balançou os longos cabelos pretos e encarou Ashton com um olhar sombrio e profundo. Rapidamente, Penélope tampou os olhos vitrificados de Ashton e deu uma bronca no tio.

— O senhor não vai fazer isso com Ashton — ela chiou. — Não há necessidade. Não estamos escondendo nenhum segredo e responderemos a todas as perguntas.

Argus revirou os olhos e se sentou ao lado de Olímpia.

— Você está me negando um pouquinho de diversão. — Ele começou a se servir do que havia restado de comida.

Ashton empurrou as mãos de Penélope e a encarou confuso.

— O que ele fez? Num segundo, eu estava pronto para me levantar e cumprimentá-lo, ou aceitar um soco na cara, e em seguida? Bem, não sei ao certo o que aconteceu em seguida.

Penélope suspirou.

— Tio Argus, eu gostaria de lhe apresentar Ashton Pendellan Radmoor, o Visconde de Radmoor. Ashton, este é o meu tio, Argus Wherlocke, Sir Wherlocke, ele tem o dom de fazer as pessoas contarem tudo sem se lembrar depois do que fizeram.

— É mesmo? — Ashton encarou Sir Argus com interesse.

— Ashton, o homem acabou de tentar forçá-lo a contar-lhe todos os seus segredos! Por que você olha para ele como se fosse a solução de todos os seus problemas?

— Não precisamos arrancar respostas de algumas pessoas?

— Ah. — Ela olhou para o tio, que respondeu com um sorriso enganador. Ela não acreditou nele por um momento sequer. Tio Argus era ainda mais perigoso quando parecia tão meigo.

— Conte-me tudo enquanto abasteco meu estômago — Argus disse e começou a comer.

Mais uma vez, Penélope contou toda a sua história, seus problemas, os problemas de Ashton e todas as suspeitas deles. Esperava apenas que outros parentes seus não chegassem, pois ela já estava ficando cansada de contar a mesma história. E a parte que menos gostava era quando precisava dizer em voz

alta que ela e Ashton não poderiam se casar, pois se machucava mais cada vez que repetia.

— Então, livre-se daquela vadia da Clarissa e se case com a nossa Penélope — disse Argus.

— Não tenho o dinheiro de que ele precisa — protestou Penélope, tentando não perder a paciência por ter de repetir a mesma coisa. — Só tenho uma casa e um pequeno fundo. Charles está com todas as notas promissórias deixadas pelo pai de Ashton, se ele as protestar será a ruína completa da família Radmoor. Eles podem acabar na prisão dos devedores. — *Por favor, que esta tenha sido a última vez que eu precisei dizer isso*, ela completou em pensamento.

— Claro que você tem dinheiro. Maldição, garota, o seu pai era tão sovina que o dinheiro parecia grudar nas mãos dele. Ele possuía muitas propriedades que não estavam atreladas ao título e uma pequena fortuna em dinheiro. Deus sabe mais o que ele tinha. Se os Hutton-Moore lhe disseram que você está pobre, estão mentindo. Seu pai certamente cuidou para que tudo que era dele passasse para a sua mãe e para você sem deixar muitas aberturas para que um segundo marido conseguisse colocar as mãos em alguma coisa. Ele deve ter deixado algo para os filhos também. Você não leu o maldito testamento?

— Ele foi lido para mim por um advogado, o Sr. Horace Earnshaw — Penélope disse baixinho. — Mas acho que eu estava sofrendo tanto quando o testamento foi lido que nem prestei muita atenção. Minha mãe e eu discordávamos em tantas coisas e eu sabia que nunca mais teria a chance de pedir perdão pelas coisas que tinha dito em momentos de raiva ou de chegar a um acordo. Ela tinha partido e a distância que havia entre nós nunca mais poderia ser transposta. Isso partiu meu coração. Lembro que uma vez pedi para ver o testamento, mas Charles falou que estava com o advogado. Escrevi então uma carta para o homem, mas nunca obtive resposta e — ela encolheu os ombros — acho que acabei me esquecendo depois de um tempo. A vida é muito

movimentada por aqui. Mas...

— Ajudaria se você tivesse uma ou duas criadas — Ashton murmurou.

— O que você está resmungando? — indagou Argus. — Claro que ela tem criados. Quem era aquele sujeito que atendeu a porta?

— É um dos criados da minha mãe. Mandeí ele e o irmão virem para cá depois dos homens da Sra. Cratchitt invadirem a casa e quase destruírem tudo.

— Por que você não contrata alguns criados, menina? — Argus a fitou confuso, com uma expressão que fez com que sua feição dura quase parecesse com a de um garoto.

— Porque não tenho dinheiro. Tenho o suficiente para morarmos aqui, comprar roupas e comida, mas não resta muito. Com o dinheiro extra que eu tinha, paguei Septimus para ensinar aos meninos. E, para ser franca, é um salário de fome, se ele não fosse da família e não gostasse tanto dos meninos já teria arrumado outro emprego.

Argus recostou na cadeira e passou a mão entre os cabelos.

— Mas enviei dinheiro toda semana. Sei que os outros também enviam dinheiro quase todo mês. Não consigo me lembrar da quantia exata, mas certamente seria o suficiente para contratar uma ou duas criadas.

Penélope olhou para o tio e então, quando sentiu um friozinho no estômago, ela olhou para Ashton, que estava com a testa franzida.

— Eles sabem sobre esta casa desde o começo. Deram um jeito de desviar todo o dinheiro enviado para mim. — Ela olhou de volta para o tio. — O senhor costuma enviar para cá?

— Creio que a maioria de nós envia para cá. Você está dizendo que eles conseguiram colocar as mãos gananciosas no dinheiro que enviamos para os nossos filhos?

Os pelos dos braços de Penélope arrepiaram novamente e ela sabia que, apesar do tom de voz quase amável, o tio estava furioso.

— Creio que sim. Só não sei como... — Ela parou de falar quando viu o espírito da Sra. Pettibone parado ao lado da lareira cabisbaixo de vergonha. — Ah, Sra. Pettibone, foi a senhora que roubou?

Não. Ele roubou. Ele disse que era seu irmão. Disse que você estava tentando roubar dele e tudo mais. E cada vez que eu entregava o pacote ele me dava um pouquinho.

Penélope ficou surpresa. Aquela era a conversa mais clara que ela já tivera com um espírito. Obviamente a culpa pelo que tinha feito pesava sobre a Sra. Pettibone havia muito tempo.

— Está tudo bem, Sra. Pettibone, eu a perdoo.

As crianças?

Pelo jeito, a habilidade da Sra. Pettibone de fazer uso das palavras já tinha desaparecido.

— Eles também a perdoam. A senhora não tem culpa por ter acreditado em Charles. Ele é muito convincente, e a senhora foi ensinada a acreditar que os homens ditam as regras.

Sim. Eles ditam.

Penélope não estava disposta a iniciar uma discussão com um espírito sobre isso, apensar de uma parte sua estar cheia de vontade.

— Encontre a paz, Sra. Pettibone.

Inferno. Sou uma ladra.

— Não, a senhora foi enganada. É Charles quem deverá pagar. Agora vá, minha querida. Vá.

Quando a Sra. Pettibone subitamente sorriu em paz enquanto desaparecia lentamente, Penélope olhou para seus tios.

— Charles contou uma história para a Sra. Pettibone sobre eu estar roubando dele. Desconfiou que ele deva ter incluído algumas calúnias sobre a minha reputação e alguns bons motivos pelos quais simplesmente não me delatava para a polícia. Assim, ela entregou a ele todos os pacotes em que

conseguiu colocar as mãos. Ele sempre lhe dava um dinheirinho para mostrar a imensa gratidão. O motivo da mulher não parar e se perguntar por que, se eu o roubava, eu enviava o dinheiro para mim mesma em vez de simplesmente trazer para casa, eu não sei. — Penélope percebeu que sua voz soou ríspida e marcada pelo amargar, mas ela não pôde evitar. Charles roubara dos seus meninos, e por isso ela queria que ele pagasse. Ela franziu a testa.

— Foi estranho. A primeira coisa que ela disse foi clara e precisa. Sem jogo de rimas, sem palavras curtas que dão uma pista, mas não dizem tudo. Ela falou comigo como se estivesse aqui, viva. No entanto, da primeira vez que apareceu, ela agiu exatamente como os outros e, depois de ter feito a confissão, ela voltou a usar as sentenças curtas ou uma palavra apenas. Só usou palavras soltas, aqui e ali.

— Talvez ela estivesse poupando forças, ensaiando o que precisava dizer para que pudesse ser rápida e clara quando chegasse o momento de confessar tudo — disse Ashton e então encolheu os ombros. — E só uma hipótese.

— Uma muito boa. Posso ver fantasmas e falar com eles, mas creio que a única certeza que tenho é de que quase todos estão em busca de paz.

— O homem que roubou das nossas crianças vai devolver tudo — disse Argus. — E darei a Septimus uma boa quantia para compensar os salários que aquele miserável roubou.

— Obrigada, tio. É triste dizer, mas acho que não restou nenhum dinheiro para ser devolvido. Tenho certeza de que tudo foi gasto com roupas caras, bons vinhos, carruagens e cavalos. Toda a pompa que Charles tanto adora.

— Então poderemos recuperar nosso dinheiro no mercado de ações.

— Podemos planejar isso mais tarde, Argus — disse Olímpia. — Quero falar com este advogado.

— Assim que a minha curiosidade sobre o testamento despertou novamente, tentei marcar um horário com ele — disse Penélope. — Comecei

escrevendo uma carta dia sim dia não, depois todos os dias, por fim duas por dia. — Ela encolheu os ombros. — Ontem, enviei quatro cartas para ele.

— Talvez ele não tenha respondido por que está enterrado sob a montanha de cartas — resmungou Olímpia.

— Tenho algumas coisas para fazer hoje — disse Argus —, mas todos nós vamos sair à caça do homem amanhã. Alguém já tentou procurar o testamento na Residência Salterwood?

— Ela é chamada de Residência Hutton-Moore agora — disse Penélope e quase sorriu quando o tio começou a resmungar uma porção de palavras. Talvez ela tivesse errado por não enviar uma carta para seus parentes contando sobre os seus problemas.

— E eu preciso ter uma conversa com os meninos e a pequena Juno — disse Olímpia.

— Juno? — Argus franziu a testa. — Uma menina?

Penélope explicou quem era Juno.

— Ela ainda está se adaptando, mas os meninos já se sentem protetores dela.

— Maldição. Uma menina. É melhor eu escrever uma carta para Quintin. Ele ainda deve estar enviando dinheiro para aquela vadia para custear o sustento da menina, mas é melhor que o dinheiro passe a ser enviado para você agora.

— Claro. — Ela deu um leve sorriso. — Eu me pergunto se a querida mamãe não levou em consideração a possibilidade de perder a sua bela mesada quando se livrou sem pena da filha.

— Logo ela se dará conta disso, e eu não gostaria de estar na pele dela quando Quintin descobrir o que ela fez.

Penélope estremeceu. Seu primo era famoso pelo temperamento explosivo. Entretanto, se a mulher resolvesse mudar de idéia agora que seu bolso estava mais vazio, ela descobriria que perdera todas as chances de

recuperar a filha. Penélope nunca permitiria que aquela mulher se aproximasse de Juno novamente.

— Ficaremos hospedados aqui com você — disse Olímpia, olhando para Ashton.

Ashton quase fez uma careta. Quando finalmente conseguia ter Penélope em seus braços novamente, ela seria arrancada outra vez. Argus sorria para ele, e Ashton sentiu o forte ímpeto de dar um chute no homem.

— É o mesmo que fechar a porta do estábulo depois que a égua já escapou Olímpia — Argus falou de modo pachorrento enquanto se levantava e seguia em direção à porta. — Nunca imaginei que você fosse uma puritana.

— Alguém desta família precisa ser — ela respondeu, mas ele apenas riu quando a porta se fechou atrás de si. — Você já pode se retirar — ela disse para Ashton.

Penélope o reteve pelo braço quando ele começou a se levantar e o puxou de volta para o assento.

— Não. Esta casa é minha, tia. Tenho vinte e um anos e não sou uma criança. Como meu tio indelicadamente afirmou a égua já escapou. Sei que o que estou fazendo não seria visto com bons olhos pela sociedade caso fosse descoberto, mas quem iria cuidar destes filhos ilegítimos dos meus parentes? Quero aproveitar o tempo que me resta com Ashton — ela disse baixinho e ele segurou firme a mão dela. — Preciso disso e pela primeira vez na vida pretendo fazer o que quero.

— Muito bem. — Olímpia se levantou. Ela contornou a mesa e olhou fundo nos olhos de Ashton. — Fique. Mas se você partir o coração da minha sobrinha farei com que se arrependa de ter nascido. — Ela afagou a cabeça de Penélope e depois deixou a sala.

— A sua tia é uma mulher muito bonita — Ashton disse baixinho. Penélope sentiu uma pontada de ciúme.

— Sim, ela é.

Ele aquiesceu com um aceno de cabeça.

— E muito assustadora.

— É verdade, ela é.

— Minha mãe iria adorá-la.

Os dois se entreolharam e riram.



CAPÍTULO XVII

— QUE LUGAR HORRÍVEL PARA UM ADVOGADO SE ESTABELECEER — MURMUROU Olímpia. — Não posso acreditar que seu pai tenha confiado o dinheiro e documentos importantes dele a um homem que vive nesta miséria.

Penélope soltou a mão de Ashton e fitou o prédio miserável em uma vizinhança também miserável. Em seguida, ela franziu a testa. Havia alguém morto lá.

— É melhor entrarmos logo e falarmos com o idiota — disse Argus, já seguindo em direção à porta, com Darius no seu encalço.

— Não — Penélope disse. — Pelo menos não com Darius. Tem alguém morto lá. — Ela não se surpreendeu ao ouvir Argus e Ashton soltarem palavras parecia que para cada direção que viravam eles davam de encontro com um muro.

— É o advogado? — Ashton perguntou.

— Não tenho certeza.

Ela recuou e fitou as janelas sujas ao alto. Algumas estavam quebradas e os buracos tinham sido preenchidos com a primeira coisa encontrada. Somente quando seus olhos alcançaram o quarto andar, ela viu algo. A princípio pensou que fosse apenas uma janela surpreendentemente limpa, mas então ela viu algo se mover. Pelo pouco que podia se lembrar do dia da leitura do testamento, era o advogado que estava na janela, ou melhor, seu espírito. Seu estômago se contorceu um pouquinho. Não tinha sido uma morte rápida.

— O Sr. Horace Earnshaw está morto — ela afirmou.

— Era o que eu temia — murmurou Argus enquanto Olímpia apenas continuava olhando para a janela com uma expressão preocupada no rosto.

Ajude-me.

— Tarde demais — Penélope murmurou e então olhou para Darius. — Você se lembra do homem da Rua Bow que liderou os outros na casa da Sra. Cratchitt?

Darius assentiu.

— O Senhor Dobson.

— Você poderia buscá-lo? Diga a ele que encontrei outro corpo e traga-o para cá. — Vou com ele — disse Ashton. — Se vocês não se importarem, usaremos a carruagem. Argus concordou.

— Boa ideia. Esta área é muito perigosa.

— Vamos o mais rápido que pudermos — disse Darius enquanto entrava na carruagem com Ashton.

— Não acham que deveríamos subir? — Argus perguntou quando a carruagem começou a se afastar. — Poderíamos tentar encontrar alguns documentos de que precisamos.

Olímpia balançou a cabeça lentamente.

— Somente o testamento. Penélope deve tentar fazer com que o espírito do homem conte onde está. Todos os outros documentos foram levados. O pobre idiota demorou a morrer, mas fez uma coisa boa antes de partir. Ele não contou a eles onde estava o testamento.

Ajude-me.

— Não posso, meu senhor — Penélope disse, olhando para o fantasma infeliz e repulsivo. — O senhor precisa aceitar o que aconteceu.

— Quanto tempo você acha que levará até que Darius e Ashton consigam trazer aquele tal de Dobson? — perguntou Olímpia, olhando ao redor desconfiada e sacando lentamente uma pistola da bolsinha.

— Não deve demorar muito, eu acho. Com tudo aquilo que aconteceu no bordel, Dobson e seus homens ganharam uma bela quantia. Os comerciantes haviam juntado uma boa recompensa pelos dois desaparecidos deles. Dobson acha que pode ganhar mais se eles conseguirem identificar os corpos, ao menos alguns, a partir de uma lista de pessoas desaparecidas que eles possuem.

— Eu Não sabia que eles faziam este tipo de coisa. Eles fazem muitas coisas boas. Dobson — e estou envergonhada por não ter perguntado o primeiro nome dele —, contou-me muitas coisas sobre eles enquanto marcávamos onde havia mais corpos enterrados. Eu não fazia a menor idéia do quanto eles fazem, mas certamente me lembrarei deles se um dia tiver algum problema. Eu gostaria mesmo é que ele ganhasse alguma recompensa por encontrar alguém vivo — ela adicionou baixinho.

— Você chegou a perguntar para a Sra. Cratchitt quem pagou a ela para que você fosse raptada? — Perguntou Argus.

— Ashton disse que ele vai tentar fazer isso — Penélope respondeu —, mas já lhe avisaram que ela não tem cooperado muito. Pelos menos, ela não estava muito cooperativa quando eles a levaram. O fato de ela ajudar não vai salvá-la da força.

— Vou com Ashton quando ele for falar com aquela vadia — disse Argus. — Ela irá me contar o que precisamos saber.

— Penélope, minha querida — Olímpia disse —, você se deu conta da implicação que paira sobre o assassinato deste advogado, Não?

— Que alguém está com medo de chegarmos muito perto da verdade.

— Sim, e isto a coloca em grande perigo.

Penélope suspirou e assentiu.

— Eu sei, mas considerando tudo que aconteceu comigo até agora, acho que estou em perigo há um bom tempo. Eu estava analisando a situação e acho que Charles não pode esperar mais para colocar as mãos em tudo. Talvez ele

esteja endividado, ou seja, apenas ganância. Acredito que seja a última opção. Temos tomado muito cuidado desde que levei o tiro.

— Você tem. E o fato de Lorde Radmoor ter salvado a sua vida três vezes e a de Paulinho uma, além de fazer de tudo para protegê-la, foi a única coisa que me impediu de dar uma surra nele no momento em que descobri que ela seduziu você — Argus disse.

— Acho que a sedução foi mútua. — Penélope corou quando o tio sorriu.

— Você o ama.

— Muito.

— Bem, vamos torcer para que ainda tenha restado dinheiro o bastante para você resolver os problemas dele.

— Não sei o que restou da minha herança, mas sei que, se provarmos que Charles tentou me matar, que ele matou o Sr. Earnshaw e tem roubado de mim, ele ficará totalmente desonrado. Mais algumas provas e ele será condenado à força ou exilado. Então poderei ajudar Ashton de verdade.

— Como?

— Ficarei com aquelas malditas promissórias, com ou sem testamento, e poderei queimá-las.

Ashton desceu da carruagem logo atrás de Dobson e dois dos seus homens, então ajudou Darius a descer. O menino correu para o lado do seu pai. Argus pousou o braço sobre o ombro do menino enquanto Penélope falava com Dobson. Pelo pouco que tinha visto desde a chegada de Argus, o homem realmente amava o filho e parecia gostar muito das outras crianças também. Agora que ele sabia que Argus e os outros enviavam dinheiro, uma boa quantia pelos comentários, sua revolta pelo modo como as crianças tinham sido deixadas aos cuidados de Penélope desaparecera. Eles mandaram a ela mais do que o suficiente para contratar vários criados. No entanto, ele ainda achava que os homens das famílias Wherlocke e Vaughn deveriam ser um pouco mais

cuidadosos. Ashton não tinha certeza se acreditava na afirmação de Penélope de que eles eram, apesar de muito férteis.

Ele franziu a testa quando mais uma vez a imagem de Penélope grávida passou por sua mente. Não era nada bom ser acometido por tais sonhos, mas ele não conseguia se livrar deles. Ashton olhou para Penélope e correu para o seu lado, pois ela parecia pálida. Seja lá o que acontecera com Earnshaw, obviamente não era nada agradável. Ele tomou a mão dela justamente quando Dobson e seus homens entraram no prédio. Os Wherlocke o seguiram, mas Dobson se virou para fitá-los.

— Acho melhor vocês esperarem aqui — Dobson disse.

— Não — disse Argus. — Creio que você precisará de nós.

Ashton estremeceu. Os olhos de Argus pareciam duas piscinas sombrias impenetráveis, e sua voz era perturbadora. O homem era perigoso. Ele era capaz de tornar a mente de qualquer pessoa tão confusa que o sujeito acabava entregando todos os seus segredos. Para surpresa de Ashton, Dobson simplesmente franziu as sobrancelhas para o homem.

— Não sei ao certo o que você está fazendo, mas pare agora — Dobson resmungou e então encarou Argus quando o homem sorriu. — Ótimo. Vocês podem vir, pois acho que vou precisar da ajuda de Lady Penélope, mas creio que seja melhor o menino esperar aqui.

Darius começou a protestar, mas seu pai, com poucas palavras, o mandou esperar na carruagem. Quando o garoto ocupou o assento ao lado do cocheiro, ele não parecia nem um pouco desapontado.

— Você sabe quem é a sua família, Dobson? — Argus perguntou enquanto eles subiam a escadaria escura e estreita.

— Não. A lembrança mais nítida que tenho da minha tenra infância é de um pequeno orfanato administrado por uma mulher severa chamada Senhora Creed. Por quê?

— Porque são poucas as pessoas que conseguem perceber o que estou

fazendo e resistir a isso. A maioria dessas pertence a nossa família.

Dobson zombou ao abrir a porta que dava para o conjunto de salas do advogado. Mas parou abruptamente e em seguida soltou um palavrão.

— Pobre defunto. — Ele voltou o olhar para Olímpia e Penélope. — Não é uma cena nada bonita.

— Sabemos disso — disse Olímpia enquanto Dobson encolhia os ombros e permitia que todos entrassem.

Ashton deu uma olhada nos restos mortais de Horace Earnshaw e quase seguiu os dois homens de Dobson que tinham ido vomitar fora da sala. Ele pousou o braço ao redor de Penélope quando ela cambaleou um pouco. Olímpia ficou pálida, hesitou por um momento, mas então lentamente começou a caminhar pela sala. Argus permaneceu parado, com as mãos nos quadris, e olhando para a massa disforme que fora um homem um dia.

— Tem algum fantasma aqui, milady? — perguntou Dobson.

— Sim — Penélope respondeu ao se aproximar mais da escrivania, segurando firme a mão de Ashton. — Ele não está entendendo nada. Chora e pede para que eu o ajude.

— Nenhum tipo de ajuda poderia consertar esta bagunça. Veja se consegue pedir que ele conte o que aconteceu e quem fez isso. Não foram simples ladrões. — Dobson agachou ao lado do corpo. — Ladrões comuns teriam apenas dado uma facada, apanhado o que queriam e ido embora. Eles não perderiam tempo fazendo picadinho de um homem.

Argus agachou do outro lado do corpo.

— Começaram pelo rosto.

— Sr. Earnshaw — Penélope iniciou, na ânsia de calar a conversa grotesca que o seu tio e Dobson estavam tendo sobre o corpo do advogado.

Ajude-me.

— Não posso. Olhe para o que restou do seu corpo, Sr. Earnshaw. Não há nada que eu possa fazer além de ajudá-lo a encontrar a paz.

Maldito.

— Quem? Que fez isso ao senhor?

Ele mandou eles me ferirem.

— Sr. Earnshaw, o senhor quer que o homem pague por toda a dor que lhe causou?

Ele ficou assistindo. Apreciou a cena.

Penélope sentiu um calafrio só de pensar que alguém pudesse ter gostado de ver o que tinha sido feito ao Sr. Earnshaw. Ela esfregou a testa enquanto tentava pensar em um modo de conseguir arrancar do fantasma a informação de que precisava. Eles não costumavam ser muito cooperativos nem mesmo coerentes.

— Sr. Earnshaw, o senhor sabe quem sou eu?

A filha de Salterwood.

— E o senhor vem me passando para trás há anos, Não é mesmo?

Precisam de dinheiro.

— Mas o senhor não fez isso sozinho, não é mesmo. Quem o ajudou? Quem ficou com uma parcela de tudo que foi roubado?

Charles.

Penélope sufocou uma onda de excitação. Charles era um nome muito comum. Ela precisava de mais.

— Charles do quê?

Maldito. Queria ficar com tudo.

— Com tudo o quê?

Com toda afortuna de Salterwood.

— Charles conseguiu?

Maldito. Escondi um pouco.

— Escondeu o quê?

Documentos. No chão.

— Em que parte do chão?

Embaixo de uma tábua. A terceira da esquerda.

— E Charles queria esses documentos?

O espírito balançou a cabeça com veemência.

Maldito.

— Sr. Earnshaw, se desabafar o senhor encontrará a paz.

Já fiz. Embaixo do assoalho.

De repente, Penélope viu o fantasma se encolher assustado, e ela murmurou um palavrão enquanto ele desaparecia. Às vezes, ela concluiu sobriamente, tudo que seu dom lhe dava era dor de cabeça. Pela fisionomia assustada no rosto do espírito, Earnshaw havia cometido muitos outros pecados além de roubar seus clientes, pois não tinha aparência de quem estava prestes a encontrar a paz.

Ela olhou para Ashton e franziu a testa. Ele estava um pouco pálido. Então ela ouviu a conversa de Dobson com seu tio, agachados ao lado do corpo. Os dois ainda discutiam que partes do pobre Sr. Earnshaw foram cortadas primeiro. Seu estômago revirou e ela fixou a atenção na tia.

— Foi Charles, mas o Sr. Earnshaw não me deu o sobrenome, portanto a informação não tem muita serventia — ela contou a Olímpia.

— Não. Existem muitos homens chamados Charles. — Olímpia suspirou. — Eles estavam em três. Um se apoiou na escrivania enquanto os outros dois cortavam o pobre idiota de acordo com o que o primeiro mandava. Eles o amordaçaram para que os gritos não pudessem ser ouvidos. Não que isso teria criado muitos problemas para eles aqui neste lugar.

Dobson se levantou e olhou para Olímpia com interesse.

— A senhorita também tem o dom da visão?

— Não como Penélope. O que vejo são sombras do que aconteceu especialmente de atos de violência. Infelizmente, as sombras nem sempre são claras o suficiente para que eu possa ver os rostos. O Sr. Earnshaw suportou por muito tempo, mas então o coração dele falhou quando ameaçaram castrá-lo. —

Ela deu um meio sorriso quando os três homens contraíram os semblantes. — O testamento está aqui.

— Ah, sim, ele contou isso. — Penélope apontou para o chão. — Está debaixo da terceira tábua à esquerda da parede.

— A senhorita acha que o tal Charles queria o testamento? — perguntou Dobson.

— Ele é meu meio-irmão. Com a ajuda do Sr. Earnshaw acredito que ele vem me roubando há anos. Por isso viemos falar com o Sr. Earnshaw hoje. Para confrontá-lo.

— Então por que ele levou todos os outros documentos?

— Talvez porque pensou que os papéis que ele queria estavam juntos. Ou ele quisesse confundir as pessoas que encontrassem o corpo do Sr. Earnshaw. — Ela franziu a testa. — Ou Charles pode ter pensado que houvesse algo de interessante entre os papéis de Earnshaw. Conhecendo meu meio-irmão como conheço, sei que ele não hesitaria em chantagear alguém.

Dobson coçou o rosto e concordou.

— Chantagem é um meio de encher rapidamente o cofre de alguém. Pena que a senhorita não conseguiu o sobrenome. Poderia pôr um fim à história agora mesmo. — Ele franziu a testa ao olhar na direção de Argus e Ashton, que tentavam erguer a tábua do assoalho com o atizador de brasas da lareira. — Ei, dupla de mariquinhas — ele gritou para seus homens —, venham aqui e ajudem estes dois.

Penélope deixou a sala acompanhada de Olímpia quando os homens começaram o trabalho. Do lado de fora, ela respirou fundo. O ar de Londres não era puro, mas ela precisava limpar o odor de morte das narinas.

— Pelo menos agora temos certeza de que foi Charles — disse Olímpia.

— É verdade. Eu só queria que Earnshaw tivesse me dado o maldito sobrenome, ou que pelo menos mencionado a palavra "Barão". — Penélope suspirou. — Não que fosse me ajudar muito tentar acusar Charles de um crime.

Com certeza não poderia dizer ao juiz que um espírito me contou.

— Não. Assim como eu não poderia dizer para um juiz que vi as sombras de tudo que aconteceu. Penélope, sobre Radmoor...

— Eu o amo, tia. Mesmo quando ele se comporta com um jeito meio empolado, eu o amo. Ele ficou ao meu lado e me ajudou em tudo que estava ao seu alcance. Ele e seus amigos.

— Eu sei. O que eu ia dizer era que, caso você fique com algum dinheiro, o suficiente para ajudar a família dele, você não acha que acabará se perguntando se não é apenas por isso que ele se casará com você?

— Ainda não tinha pensado sobre isso — resmungou Penélope e lançou um olhar atravessado para a tia.

— Talvez fosse melhor pensar.

Penélope pensou a respeito por um momento e então balançou a cabeça.

— Se restar algum dinheiro para mim, se eu conseguir destruir aquelas promissórias e se Ashton me pedir em casamento, eu aceitarei. Isso se ele aceitar os meninos. Pois não posso abandoná-los. Muitos já fizeram isso com eles e eu amo todos eles. Nunca seria capaz de magoá-los. Há muitos ses, — Mas tenho certeza de que Ashton gosta de mim. Ele pode até não me amar como eu o amo, mas acho que ainda pode vir a amar, especialmente se as correntes que Charles colocou ao redor dele forem rompidas. Assim como também sei que ele seria um bom marido e um bom pai. Fiel. Simplesmente evito pensar muito nisso, pois ainda restam muitos problemas para serem resolvidos. E se ele não quiser se casar comigo mesmo que consigamos resolver todos os problemas, aceitarei isso também. É melhor perdê-lo do que tê-lo como um marido contrariado.

— Justo, mas acho que logo você ficará muito rica. Só precisamos mantê-la viva até que isso aconteça.

Os homens chegaram antes que Penélope pudesse dizer qualquer coisa. Os dois ajudantes de Dobson carregavam o cobertor que envolvia o corpo de Earnshaw. Ela contraiu o semblante quando eles soltaram o corpo no chão para

chamar uma carruagem de aluguel. Penélope supôs que eles viam tantos corpos que acabaram se tornando insensíveis à morte. *Mas não o bastante para não sentirem ânsia de vômito*, ela pensou.

Ashton se aproximou e lhe entregou um pacote.

— Dobson deu uma olhada e concluiu que isto era seu e que, portanto, poderíamos levar embora.

— Mas você terá de prometer que me deixará dar mais uma olhada caso seja necessário — adicionou Dobson.

— É claro — respondeu Penélope.

Dobson deu um tapinha no bolso do casaco.

— Peguei uma lista que estava junto ao pacote. Nela constam os nomes das pessoas para quem ele trabalhou. Todos os documentos dessas pessoas desapareceram e acho que elas vão querer saber disso.

— Certamente. — Ela sorriu para ele. — E eu não ficaria surpresa se essas pessoas não oferecessem uma recompensa para qualquer um que recuperasse tais documentos.

Ele deu uma piscadela.

— Era exatamente o que eu estava pensando. — Dobson olhou com uma expressão carrancuda na direção em que seus homens estavam colocando o corpo do Sr. Earnshaw dentro da carruagem e discutindo com o cocheiro, que se opunha aos berros, dizendo que não queria um corpo na sua carruagem. — Foi um assassinato horrível. Como aquele da mulher acorrentada no porão da Sr. Cratchitt. E a crueldade de como foram realizados que os torna piores do que outros assassinatos. Se descobrir qualquer coisa sobre quem fez isso, avise. Posso até não conseguir mandar o homem para a prisão, por causa do modo como você soube do assassinato, mas a sua pista poderia me conduzir na direção certa para eu encontrar o que preciso.

— Concordo.

— Ah, encontramos o homem com uma cicatriz próxima ao olho esquerdo.

— Um dos que trabalhavam para a Sra. Cratchitt? — perguntou Ashton.

Dobson concordou com um aceno de cabeça.

— Foi tirado do rio algumas noites atrás. Garganta cortada. Os idiotas o enrolaram em um fio encerado e isto facilitou que o corpo fosse reconhecido. Quem o matou foi um dos outros homens que trabalhavam para ela. Portanto, nem precisamos mais interrogar o velhaco para tentar saber quem atropelou a senhorita. A Sra. Cratchitt será enforcada em breve, se quiser perguntar mais alguma coisa para ela é melhor não esperar muito. — Ele bateu na aba do chapéu num sinal de cumprimento para Penélope e Ashton. — Mandem me chamar se precisarem. Vocês sabem onde me encontrar.

— Realmente espero não precisar dos serviços dele novamente — Penélope sussurrou enquanto Ashton a ajudava a subir na carruagem. — Mas acho que ainda vamos precisar. Isso ainda não acabou.

— Não. Ainda não — Ashton disse. — Você não vai dar uma olhada, nisso? — ele perguntou, tocando no pacote que ela segurava.

— Em breve.

Foi preciso muita força de vontade da parte de Penélope para não rasgar naquele instante o papel que envolvia o pacote. Ela o segurou firme o caminho todo, até a sua casa. Só depois de acomodados na sala de estar com algo para beber e comer, ela se sentou ao lado de Ashton e abriu o pacote. Dentro encontrou várias escrituras de propriedades que nem sabia que seu pai possuía folhas com números de contas bancárias deles e os testamentos originais do seu pai e da sua mãe, não as cópias que Charles tinha escondido em algum lugar.

— Me belisque — ela disse enquanto lia o testamento do seu pai. —Tenho direito a duas mil libras por ano. Nunca vi a cor deste dinheiro. Algumas centenas, mas nunca duas mil. Ah, é claro, Era para meu guardião ter me dado. O primeiro guardião foi o novo marquês, depois o falecido barão, depois de me

adotar, e por último Charles. Obviamente venho sendo roubada há anos. E está escrito aqui que era para Estefan e Artemis receberem mil por ano e uma pequena propriedade. Cada um.

— Tudo seria entregue pelo guardião — disse Ashton. — Pelo visto, todos os guardiões que você teve concluíram que você não precisava de tanto, mas é com Charles que temos de nos preocupar agora.

— Sim, Charles. Ele tem embolsado mais de quatro mil libras por ano. — Ela continuou a ler balançando a cabeça com desgosto. — Há uma lista de gratificações para todos os antigos criados e sei que nunca foram pagas. — Ela baixou o testamento do seu pai. — Acredito que minha mãe não tenha cumprido também. Não entendo isso.

— Talvez Earnshaw estivesse roubando dela também — disse Argus.

— Pode ser. Pois não foi como se meu pai a tivesse deixado sem nada. As propriedades que não estavam atreladas ao título passaram para ela, exceto as duas que ficaram para Estefan e Artemis, portanto nem precisaríamos ter ficado na casa da viúva como ficamos. Posso até entender a hesitação dela de entregar algo aos meninos. Ela ficou arrasada quando soube da infidelidade do meu pai. Mas não dar a Jones, o antigo mordomo da Casa Salterwood, a aposentadoria e o presente generoso que papai deixou para ele? Isso não me parece uma atitude da minha mãe. Ela gostava de Jones, mas ele só recebeu uma ninharia do novo marquês e teve que ir morar com a irmã quando se aposentou. Será que ela nem notou isso? Nós morávamos na casa da viúva nessa época.

— A sua mãe nunca questionaria um homem para verificar se ele estava fazendo o que deveria — disse Olímpia. — Ela provavelmente deixou o marquês agir como bem entendesse e nunca se importou.

Penélope analisou o modo como a sua mãe se comportava com os homens e teve de concordar. Apesar do comportamento do seu pai, sua mãe nunca deixou de agir como se os homens soubessem de tudo. À medida que Penélope crescia isso passou a incomodá-la. O modo como a sua mãe deu as costas para

os meninos, só porque o barão disse que ele não os queria dentro de casa, tinha esmagado a última esperança de que sua mãe pudesse algum dia se tornar uma mulher mais determinada.

— O que está escrito no testamento da sua mãe? — Perguntou Argus. — Ele pode responder algumas das suas perguntas.

— Em outras palavras, eu deveria, ao menos, ter prestado atenção quando ele foi lido.

— Você estava sofrendo. Duvido que qualquer um que realmente gostasse de uma pessoa que tinha acabado de morrer pudesse prestar atenção à leitura de um testamento.

Penélope deu um sorriso discreto, ainda não estava pronta para se perdoar por não ter prestado atenção no momento devido, e em seguida leu o testamento da sua mãe. Foi obrigada a respirar fundo, várias vezes, para não chorar. Só de segurar o testamento, ela dolorosamente tomou consciência de quantas coisas ficaram mal resolvidas entre elas. Ashton começou a acariciar as costas dela e ela agradeceu com um sorrisinho pela preocupação.

— Mamãe queria que todas as cláusulas do testamento do meu pai continuassem sendo honradas. O que é estranho e pode indicar que ela desconfiava de algo. Ela também deixou uma boa pensão para a aposentadoria da Sra. Potts, além de um presente considerável. Sei que nada disso nunca foi entregue. A Sra. Potts já está com 70 anos. Acho que ela gostaria de se aposentar depois de passar a vida trabalhando, mas vez ou outra ela reclama que não tem dinheiro para fazer isso nem promessa alguma da parte de Charles de que ele irá lhe dar uma pensão. Ah, e aqui, exatamente como eu me lembrava, eu tinha direito a ficar com todas as jóias e aquela casa.

Ashton buscou entre as escrituras que estavam sobre a mesa.

— A escritura da casa não está aqui.

— Desconfio que Charles tenha dado um jeito de pôr as mãos nela. Vai ser difícil provar o direito de propriedade sem a escritura. A minha palavra contra a

dele não será o suficiente.

— É bem possível que haja outras pessoas que possam dar fé da sua alegação. — Ele franziu a testa ao analisar outras escrituras. — Tem algumas belas propriedades aqui. Quem está cuidando delas?

— Não faço ideia. Eu nem sabia sobre a existência delas, apesar do testamento da mamãe ter deixado tudo para mim. Duas, na verdade, fazem parte do dote original dela e o restante são propriedades que meu pai comprou. Ela até deixou uma boa quantia em dinheiro para Charles e Clarissa, apesar do modo como eles a tratavam.

— Precisamos ter uma longa conversa com Charles — disse Argus. — E depois disso, quero falar com o novo marquês. Não podemos permitir que Jones seja impedido de gozar da sua aposentadoria. Ele e sua família trabalham para a nossa há gerações. Eles e os Pughs. Isso precisa ser resolvido.

— Sim — concordou Penélope. — George é um homenzinho orgulhoso, mas não podemos permitir que ele quebre a tradição dos Wherlocke. Contamos muito com a lealdade daquelas pessoas para ele romper assim com eles.

— E ele precisa entender que uma pessoa nunca pode passar para trás as mulheres ou os filhos da família que dependem dos seus cuidados. Isto também é inaceitável. Eu o conheço pouco e pelo que me lembro não me surpreenderia que ele fosse capaz de fazer de tudo para trapacear você, sua mãe, até mesmo os criados. Ele tem a habilidade de sentir as fraquezas de uma pessoa e sempre usou isso para encher seus bolsos. Foi a mãe dele que o ensinou. A mulher reconheceu a utilidade de um talento como esse quase de imediato. Ela é uma das que eu gostaria que tivesse *abandonado* o filho. Ele poderia ter se tornado um homem melhor. Mas vamos dar um jeito nisso.

Penélope sentiu pena de George, mas só um pouquinho. Sua família tinha algumas regras que costumava seguir, e ajudar as mulheres e as crianças da família e cuidar bem dos criados leais era uma das que nunca havia sido

quebrada ou distorcida. George em breve aprenderia com os próprios erros, e sempre seria vigiado de perto. Ela notou que Ashton parecia um pouco confuso.

— O que foi? — ela perguntou.

— Tirando o fato de que um de vocês recebeu um nome tão comum quanto George? — Ele perguntou e sorriu quando todos riram. — E o seu ultraje pelo modo como os criados foram passados para trás. Sinto o mesmo, mas sei que sou um entre poucos, e isso é triste.

— Lembre-se de quem somos Ashton. Muitas vezes nossas vidas dependeram da lealdade dos nossos criados. Encontramos poucas famílias cuja lealdade vem de berço. Estas famílias ficaram conosco por gerações e sempre foram bem tratadas e bem remuneradas. Eles sabem disso e ensinam seus filhos que eles só têm a ganhar por serem leais a nós. George está ameaçando algo que conseguimos instituir, e não podemos permitir isso. — Ela sorriu para o tio. — Mas o senhor vai colocá-lo no caminho certo, não vai, tio?

— Pode ter certeza.

— E vai receber uma boa ajuda para fazer isso — disse Olímpia, permitindo por um momento que a sua raiva por George transparecesse, mas ela rapidamente disfarçou. — Agora precisamos decidir o que vamos fazer a respeito de Charles.

— Acho que podemos abrir um processo contra ele — murmurou Penélope. — O primo Andrés Vaughn é advogado. Poderíamos ao menos pedir a ele para dar uma olhada nestes documentos e ver se algo pode ser feito. Acho que o maior problema é que Charles é meu guardião. Isso concede há ele muito mais poder do que eu tenho.

— Então precisamos mudar o seu guardião, usando a justificativa de que ele tem roubado a sua herança há anos.

— Você acha que isto pode ser feito?

— Não tenho certeza, mas não vejo por que não. Temos muitos mais membros na nossa família que possuem o poder de virar os tribunais a nosso

favor do que ele. Podemos começar?

— E vamos deixar que ele saiba disso?

— Certamente, minha querida. Isto faz parte do jogo,

Ashton sentiu um calafrio por dentro diante dos sorrisos frios trocados por Olímpia e Argus. Ele rezou para que nunca estivesse do lado oposto ao daquela família. Assim como também rezou para que o jogo que eles estavam planejando não colocasse Penélope ainda mais em perigo.



CAPÍTULO XVIII

PENÉLOPE SORRIU PARA ASHTON, QUE DORMIA. DESLIZOU OS DEDOS COM delicadeza ao longo das coxas fortes. Ele soltou um gemido suave de prazer e mudou levemente de posição. Ela o beijou entre o pescoço e o ombro.

— Ah Já amanheceu — ele disse e ergueu uma das mãos e acariciou as costas de Penélope.

— Que homem esperto é você. — Os primeiros raios do sol estavam apenas despontando, mas ela não viu necessidade de ser precisa.

Ele sorriu e então gemeu baixinho quando ela beliscou de leve seu abdome. Era surpreendente o modo como ela ainda era capaz de despertar um desejo tão ardente dentro dele. Era bem possível que ele já tivesse feito amor com Penélope muito mais vezes do que com todas as mulheres anteriores. Assim como tinha sido muito mais criativo, ficado muito mais excitado e satisfeito. Se fosse apenas uma mera atração maluca, provavelmente já teria passado, mas este não era o caso.

Ashton imaginou se talvez não fosse devido à impetuosidade de Penélope e o fato de ela se sentir tão à vontade com isso. As poucas mulheres que ele conheceu na intimidade da cama gostavam de ser acariciadas nos lugares mais inusitados, mas raramente retribuía as carícias na mesma proporção, e quando o faziam era de um modo que beirava a indiferença. Penélope retribuía com o mesmo entusiasmo com que recebia. Então ela deslizou a língua quente por toda a extensão do seu membro e ele nem se preocupou mais em tentar descobrir o motivo de tudo aquilo.

Ela o provocou e o atormentou com a língua muito hábil e com os dedos ágeis até Ashton pensar que estava prestes a enlouquecer. Quando ela finalmente lhe deu o que ele tanto ansiava e o acolheu lentamente na sua boca, ele sabia que não iria conseguir conter o desejo por muito tempo. No momento

que sentiu perder os últimos fios do seu controle, ele se sentou o suficiente para agarrá-la pelos braços e puxá-la para cima do seu corpo. Em seguida, ele se soltou sobre os travesseiros ao mesmo tempo em que a beijava.

—Monte em cima de mim, Penélope — ele sussurrou contra o pescoço dela.

Um pouco insegura Penélope fez o possível para unir seus corpos. À medida que ele a penetrava, ela estremecia de prazer. Ashton a segurou firmemente pelos quadris para controlar os movimentos e rapidamente ela pegou o ritmo. Mas o desejo foi veloz e se apossou rapidamente de Penélope, levando-a a buscar o próprio ritmo. Quando Ashton pressionou as mãos sobre os seios, ela segurou-as no lugar, acariciando-o das pontas dos dedos até os cotovelos. Em seguida uma onda de êxtase começou a varrer todo o corpo, pulsando naquela parte onde somente o prazer governa. Em uma parte remota da sua mente tomada pelo prazer, ela percebeu quando Ashton se juntou a ela no momento do clímax apenas um segundo depois.

Somente depois de se limparem e de recuperarem suas forças nos braços um do outro, Penélope começou a se sentir apreensiva com relação ao seu comportamento. Ela amava Ashton e acreditava que o que eles tinham acabado de compartilhar fosse um dos tantos meios de expressar aquele amor. Mesmo assim, ouvira falar que muitos homens não acreditavam que suas damas fossem capazes de sentir tal paixão. Será que ela havia se rebaixado aos olhos de Ashton ao se expor tanto quanto ele nos momentos mais íntimos de prazer?

— Ashton? — Ela acariciou os cabelos dele.

— Sim? — Ashton brincava com os seios fartos ao mesmo tempo em que beijava o pescoço dela, seu corpo satisfeito já enrijecia com interesse renovado.

Ela engoliu em seco nervosamente enquanto lutava para decidir qual seria o melhor jeito de perguntar.

— Ouvi dizer que uma verdadeira dama não, bem, ela não...

— Não gosta de fazer amor?

— Isso, minha querida e ardente Penélope, é o tipo de bobagem que tem estragado muitos casamentos promissores.

O alívio que ela sentiu foi quase irresistível.

— É verdade?

— Dou a minha palavra. São bobagens como estas que levam até mesmo homens bons a procurarem uma amante.

— Ah. — Penélope tinha certeza absoluta de que esse não era o único motivo. Alguns homens simplesmente se sentiam no direito de ter tantas mulheres quanto desejassem, não importava quão quentes fossem suas camas em casa.

Ashton se moveu de um modo que ela quase ficou presa sob o seu corpo.

— Adoro a minha Penélope ardente. — Bem devagar, ele foi se ajeitando sobre ela, reproduzindo o ato que pretendia fazer mais uma vez antes de ir embora. — Minha doce amante. — Ele quase sorriu do modo como à respiração dela se tornava agitada até ela abrir as pernas cegamente, um pouco mais, para que ele pudesse dar continuidade à brincadeira com mais facilidade.

— Não sou doce.

— Ah, é sim. — Ele beijou-a. — Muito doce. — Circulou cada um dos mamilos com a ponta da língua. — E aqui? Tem gosto de torta de amora. — Continuou a provocar os seios com beijos brincalhões e mordidelas. — No começo achei que isto fosse errado e que eu estava me deixando dominar pelo desejo como meu pai...

— Não, Ashton...

— Não é preciso tentar aplacar meus temores novamente, meu amor. — Ele sugou com vontade a ponta do mamilo enrijecido — Nunca me senti assim ou agi desta maneira e já estou com quase trinta anos. Sempre fui muito contido em todos os aspectos da minha vida e por isso nunca me deparei com nenhum desafio. Meu pai já agia como um bode no cio desde os dezoito anos. — Ele beijou ao redor dos seios e deu a eles o mesmo tratamento.

— Dezoito? — Penélope se esforçou para prestar atenção, pois ele nunca tinha falado muito sobre o pai e ela acreditava que houvesse algo que precisava ouvir. *Mas é melhor que ele fale logo*, ela pensou.

— Sim, e ele nunca parou, nem mesmo depois de se casar com a minha mãe. — Ele começou a descer lentamente ao longo do corpo, dando um beijinho de cada vez. — Agradeço a Deus que ela tenha fechado a porta do quarto para ele, nove anos atrás. — Passou do local exato onde ele pretendia se divertir um momento depois para continuar seu rastro de beijos ao longo da coxa e teve certeza de que tinha ouvido um murmúrio de desapontamento. — Desconfiamos que um ano depois disso ele pegou sífilis.

— Oh, Ashton. Graças a Deus, sua mãe foi poupada disso. — Penélope sabia que fora apenas o choque das frias palavras dele que lhe dera a habilidade para verbalizar uma sentença tão completa e coerente. Enquanto ele traçava um rastro de beijos, subindo pela outra perna, o desejo selvagem que somente ele era capaz de despertar nela já retornava.

— Ele só parou de dar as suas escapadas poucos antes de morrer, portanto só Deus sabe quantas ele não infectou com a doença. — Ele traçou as linhas dos quadris com a língua. — E no fim, ele trouxe seu corpo devastado para casa para que a família a quem tanto envergonhara e ignorara ainda tivesse de sofrer com a sua crescente insanidade. Então, numa noite, ele saiu correndo de casa nu, gritando que havia sereias no lago e que ele queria uma. Não conseguimos alcançá-lo a tempo. Ele afundou na água. Quando Marston e eu conseguimos alcançá-lo, ele já tinha se afogado.

— Oh, sinto muito.

Ele se apoiou sobre os cotovelos e fitou-a.

— Não é preciso. Ele nunca foi um pai para nenhum de nós. Nunca. Houve um tempo em que eu ainda sentia certa tristeza por todos os momentos perdidos, algo que, acredito toda a nossa família sofreu, mas nem isso existe mais. O que estou tentando dizer é que finalmente assentou no meu pobre

cérebro masculino e atormentado — ele sorriu quando ela riu — a ideia de que eu estava deixando aquele medo me controlar, e só então consegui me livrar disso. E descobrir que o que estamos fazendo não é errado. Que o que temos está além das palavras.

— Sim, está.

— E pretendo usufruir disso, inclusive me deixando engolir por esta sua doçura envolvente. — Ele inclinou a cabeça e lentamente lambeu-a.

Por duas vezes ele a levou ao clímax. Para espanto de Penélope, ela ainda ansiava por tê-lo dentro do seu corpo e murmurou uma reclamação quando ele a colocou de quatro, imaginando que ele não tivesse mais forças ou paciência para mais joguinhos de sedução.

— Segure na cabeceira da cama — Ashton disse sem se surpreender ao notar quão grossa e áspera sua voz tinha soado, pois ele estava tremendo de desejo por ela.

Penélope seguiu exatamente a instrução e arfou quando ele uniu seus corpos por trás. Mas o choque pela posição incomum logo desapareceu, chamuscada pelo desejo. No último pensamento claro que teve, ela se perguntou em quantas posições mais poderiam fazer aquilo.

Os dois estavam vestidos e prontos para descer a escadaria quando Penélope finalmente encontrou coragem para perguntar:

— Ashton, você me disse que não tinha imaginação e que era contido, então como sabe tanto sobre, bem, *aquilo*? — Ela corou e acenou com a mão na direção da cama.

Ele sorriu e então a beijou.

— Livros. — Beijou-a mais uma vez. — E uma bela inspiração.

— Livros? Existem livros sobre tais assuntos?

— Sim, e eles são os verdadeiros mapas do tesouro de todos os meninos quando atingem a idade em que começam a pensar em mulheres. — Ele notou a expressão de espanto no rosto dela e riu.

— Os meninos nunca mudam — ela murmurou e seguiu-o escada abaixo.

— Compras? — Penélope olhou para a tia, depois para o tio e de novo para a tia. Argus assentiu e puxou Darius para perto.

— Resolvi levar os meninos mais velhos a um alfaiate que conheço. Ele faz um belo trabalho e não é ladrão, nunca cobra um absurdo por suas roupas. Por isso vamos levar Darius e seus irmãos para tirar as medidas para umas roupas novas. Septimus também vem conosco para ajudar.

Penélope olhou para cada um dos meninos e Septimus, que não passava de um garoto. Ela pôde perceber o entusiasmo deles. Argus sem dúvida tinha insistido que Septimus fosse junto para que ele também pudesse ganhar algumas roupas novas. O que certamente recompensaria os salários miseráveis do rapaz. Ela não teve coragem de negar isto a nenhum deles, simplesmente porque estava com o orgulho ferido por nunca ter tido condições de lhes oferecer tais prazeres. Isso, ela sabia, não era sua culpa. Ela olhou para tia Olímpia, que estava parada de mãos dadas com Juno e Paulinho.

— Pretendo levar Juno e Paulinho para um passeio. — Olímpia falou baixinho para as crianças ficarem onde estavam e, puxando Penélope pelo braço, arrastou-a para o outro extremo da sala. — Se a mãezinha querida gastou um centavo do dinheiro de Quintin em roupas para aquela criança, então comerei meus sapatos. Dei uma olhada nas roupas de Juno e elas não passam de trapos. Desconfio que a mulher comprou aquele vestido bonito só para trazê-la para cá.

— Eu sei — Penélope murmurou —, mas a mãe estava muito bem-vestida e aquecida. Mas, tia...

— Não discuta. Você tem sido roubada de forma constante e monstruosa. Argus e eu concordamos que todos nós deveríamos ter mantido este lugar e você sob rigorosa vigilância. Já é ruim o bastante que os malandros da nossa família sintam-se livres para deixar com você o fardo de criar os filhos que eles colocaram no mundo, especialmente porque quando você iniciou isso não

passava de uma criança. Considere isto como um pedido de desculpas por toda a imperdoável negligência. E estas crianças também fazem parte da nossa família. Já combinamos com os outros meninos que vamos levá-los para passear amanhã — ela disse enquanto conduzia Penélope de volta para o local onde os outros esperavam próximos à porta.

Antes que Penélope pudesse ao menos pensar em um protesto razoável, eles já tinham partido. Isso a deixou sozinha com seis meninos pequenos. Nem mesmo a Sra. Stark estava por perto, pois havia deixado a casa uma hora atrás. A filha da mulher ainda estava muito doente e acamada para ser deixada sozinha o dia todo. Penélope desejava ter aproveitado a oportunidade para conversar de mulher para mulher com a tia, mas isso teria que ficar para outro momento.

Ela suspirou e apanhou sua caixa de costura. Quando entrou de volta na sala, encontrou os meninos menores já reunidos e brincando, lendo ou desenhando. Eles estavam para lá de comportados e ela não pôde deixar de se indagar que promessas sua tia e seu tio não teriam feito para obterem tal resultado. Por um momento, ela quis reclamar, seu orgulho estava ferido por causa da irritante invasão ao seu lar, mas o bom-senso interveio. Ela determinava as regras no que dizia respeito aos meninos e tinha consciência disso. Ela havia formado uma família para eles. Se, de vez em quando, tias, tios, primos ou pais ausentes aparecessem distribuindo suas generosidades, ela não iria permitir que isto a incomodasse, e sim compartilharia a alegria dos meninos por quaisquer que fossem os presentes que eles ganhassem. O que poderia fazer, no entanto, era garantir que os meninos entendessem que nem todos os parentes que os visitassem seriam tão generosos e que nem todo pai daria a mesma atenção a todas as crianças. A maioria dos seus familiares era gentil, amava seus filhos não importava de que cama eles tivessem nascido e era generosa, mas podia também ser involuntariamente distraída. Ela não iria permitir que magoassem seus meninos.

Penélope só terminou seu trabalho pouco antes da hora de começar a preparar o jantar. Ela levantou se espreguiçando e ficou surpresa pelo tanto de trabalho que tinha conseguido fazer em poucas horas. Restavam apenas duas peças no cesto de roupas para consertar. Penélope sorriu em seguida, ciente de que em breve ele estaria cheio novamente. Ela voltou-se para os meninos e estava prestes a pedir para Conrad e Delmar a ajudarem na cozinha quando o cachorro rosnou.

— Cão infeliz — ralhou uma voz conhecida, que rapidamente formou um nó no estômago dela.

Lentamente Penélope se virou para encarar Charles, e foi preciso lutar para ocultar seu espanto. Ele estava medonho. Ao ver as roupas amassadas, ela subitamente temeu por Ted ou Ned qualquer um dos dois gêmeos que tivesse ficado com ela enquanto seus irmãos tinham saído com Argus. O criado nunca permitiria que Charles entrasse na casa sem lutar. O fato de que Charles obviamente tinha vencido a luta foi assustador. Além disso, Charles parecia doente, seu rosto estava ruborizado e os olhos tinham um estranho brilho intenso. Penélope rezou para que o rubor fosse resultado da luta difícil contra um dos criados.

— O que você está fazendo aqui? — ela perguntou. — Onde está o meu criado?

— Sangrando nos degraus da frente.

— Maldito. O que você quer?

— Tudo que você tem, sua vadia inútil. Meu erro foi pensar que eu poderia aproveitar algo mais do que suas terras e seu dinheiro, experimentar um pouquinho do que você tem oferecido tão livremente para Radmoor. Aquele joguinho falhou e de repente descobri por quê. Aquela vadia da Cratchitt ofereceu você a Radmoor, achando que ia me enganar, dizendo que eu seria o primeiro. Desde então tudo deu errado. Eu deveria tê-la matado na primeira chance que tive anos atrás.

Ele avançou e a segurou pelo braço. Todos os meninos e o cachorro se aproximaram para protegê-la, e Penélope viu a ponta do cano da pistola de Charles pressionar sua têmpora. Comprimida contra o corpo dele como estava, ela pôde sentir a rigidez de outra pistola dentro do colete. Pelo visto ele tinha vindo bem armado.

— Seus pirralhos, fiquem onde estão ou atiro nesta vadia. — Charles encarou o cão que rosnava. — E naquele vira-lata, também. Senhor, como estou morrendo de vontade de atirar nesse cãozinho de rua. Agora, afastem-se. Rápido, rápido. Vocês não querem que eu os ameace, querem?

Penélope subitamente notou algo mais no homem que segurava uma arma contra a sua cabeça. Ele cheirava mal. Charles nunca cheirava mal. Talvez a única coisa que pudesse dizer de bom sobre Charles, caso alguém lhe perguntasse, era que ele sempre foi limpo. Isso era quase uma obsessão para o homem. Mas agora havia um odor de torcer o nariz. Até mesmo seu hálito estava ruim. Um segundo depois ela soube o que era. Charles estava de fato doente. Muito, muito doente.

— Charles — ela disse no tom de voz mais calmo que conseguiu —, você não está bem.

— Sei que não estou nada bem — ele gritou. — Estou doente. Por Deus, acho que estou morrendo. E isso tudo é culpa sua! — Ele apontou a pistola para Matador. — E daquele vira-lata três vezes maldito!

O grito de susto que ela soltou foi abafado pelos dos meninos. O tiro passou tão próximo à sua cabeça que seus ouvidos zumbiram. Penélope percebeu que tinha fechado os olhos e lentamente abriu-os outra vez. Não havia o corpo sangrando de um cachorro, e a fúria no rosto dos meninos indicava que nenhum deles tinha sido ferido. Os meninos avançaram um passo, todos juntos, na direção de Charles, e Penélope amaldiçoou consigo mesma quando seu apreensor pressionou o cano da outra pistola contra a sua cabeça.

Um movimento próximo da lareira revelou a cara feia do cachorro espiando debaixo de uma cadeira. Penélope desconfiou que o animal tivesse parado ali quando Jerome o arremessara para longe do perigo. Pelo jeito ele havia aperfeiçoado sua habilidade de mover objetos sem os tocar. Ela estava justamente se perguntando se a criança tinha habilidade o suficiente para remover a arma da mão de Charles quando esse soltou um palavrão. O cano da pistola começou a tremer contra a sua têmpora. O coração de Penélope pulsou tão forte que quase saltou pela garganta.

— Não sei qual de vocês, seus pequenos malditos, está fazendo isso, mas é melhor que pare agora mesmo — Charles disse sua voz não passou de um grito áspero. — Pare agora com este truque senão vou atirar nela, ou você mesmo pode fazer com que eu acabe atirando por acidente enquanto tento firmar a pistola. — A pistola ficou parada. — Agora, afastem-se criaturinhas abomináveis da natureza. Por Deus, alguém deveria ter acabado com a raça de vocês no nascimento antes que pudessem se espalhar e se tornar uma praga para o restante da humanidade.

— Podemos até ser aberrações, senhor — disse Delmar, sem tirar os olhos de Charles por um segundo sequer enquanto recuava —, mas nunca atacamos mulheres e crianças nem vivemos no bem-bom à custa do que não é nosso.

Delmar era muito mais esperto do que Penélope imaginava, ela se deu conta ao ouvir as palavras muito adultas do menino. Infelizmente, a esperteza poderia fazer com que ele fosse morto naquele exato momento. Era perigoso cutucar um cão furioso, e Charles estava o mais perto que um homem poderia estar de um, naquele momento.

— Delmar — ela sussurrou em tom de alerta.

— Aquele pirralho está implorando para ser morto, Penélope — disse Charles enquanto a arrastava em direção à porta. — Você precisa ensiná-lo como tratar seus superiores. A ter respeito pelos mais velhos e coisas do tipo, hum? Eu teria tido um pouco mais de respeito pelo meu pai se o porco não tivesse sido

tão tolo. Mas mostrei para ele, hum? Quem é o tolo agora, papai? — Ele murmurou.

Ela estremeceu diante do que Charles acabava de dizer. O relacionamento entre o falecido barão e seu herdeiro sempre foi marcado por discussões, mas ela nunca imaginou que Charles fosse capaz de matar seu próprio pai. O fato de sua mãe estar junto do falecido barão no momento da sua morte ou fora uma demonstração de total descaso pela vida de um inocente, ou de fato fora intenção de Charles agir daquela maneira.

— Ele se afogou — ela disse. — O barco afundou. Não se pode planejar o naufrágio de um barco. É impossível planejar uma tempestade.

— Pode-se pagar uma boa quantia para mandarem furar o casco de um barco de um modo que o estrago só possa ser percebido quando já é tarde demais. Aquela tempestade que os atingiu foi só uma questão de sorte. Significou que ninguém verificou antes de partirem.

Charles tinha matado a sua mãe, assim como os três homens que trabalhavam no barco com o pai dele. Penélope estava atordoada com a confissão que tinha sido feita com tanta naturalidade, como se ele estivesse falando do tempo. Charles tinha planejado que aquele barco naufragasse, sem se importar com todos os inocentes que afundaram com seu bruto e ganancioso pai. A doença que ela podia sentir nele agora não era a causa da sua loucura a doença apenas aguçara a loucura que obviamente já vinha espreitando em suas veias o tempo todo.

— Parricida — ela sussurrou.

— Ah! Como se isso já não tivesse sido feito tantas vezes. Às vezes, um homem se cansa de esperar pelo que é seu de direito. — Ele fechou a porta da sala com um chute e olhou para trás.

Penélope amaldiçoou consigo mesma seu hábito de deixar as chaves do lado de fora, no buraco das fechaduras. Ela contraiu o rosto ao ouvir os meninos começando a chutar e socar a porta. Abruptamente, Charles atirou contra a

porta, e mesmo com o zumbindo em seus ouvidos ela ouviu o berro.

— Jerome! — ela gritou ao mesmo tempo em que tentava se desvencilhar de Charles.

— Nenhum de nós está ferido!

Segurando-a com mais força. Charles começou a arrastá-la escada acima. Ele manteve um braço ao redor do corpo dela e com o outro apontava a arma para a cabeça da moça, olhando para trás a cada passo do caminho. Ou ele estava com medo de que o criado pudesse despertar e vir atrás dele, ou não acreditava que a porta fosse espessa o bastante para conseguir mantê-lo seguro dos seis garotinhos. Ela começou a desconfiar então que todo o armamento que ele trazia não servia apenas para se defender do criado grandalhão.

Penélope tentou arrastar os pés, mas ele simplesmente a ergueu ainda mais alto enquanto continuava andando.

— Você não vai conseguir se livrar dessa.

Charles escarneceu.

— Você não é capaz de pensar em nada mais inteligente para dizer, bruxa?

— Não sou uma bruxa.

— Claro que é. Todos na sua família são. Todo mundo sabe disso. Não demorou muito para que eu desenterrasse a verdade sobre você e toda a sua família. Cometeram um erro quando não queimaram todos vocês anos atrás.

Ele a empurrou para dentro do quarto dela com tanta força que ela cambaleou por vários passos e caiu contra a lateral da cama. Quando ela conseguiu recuperar o equilíbrio e se manter firme sobre os pés, ele bateu a porta do quarto, trancou e guardou a chave no bolso. Não importava quão desesperadamente quisesse aquela chave, ela não tinha a menor intenção de se aproximar do maluco. Quando ele cambaleou até a mesinha, onde ela guardava as bebidas, para se servir do conhaque de Ashton, Penélope olhou na direção da

janela a distancia. A queda seria grande, mas ela tinha mais chances de sobreviver do que se ficasse ao alcance de Charles.

— Pode parar de tramar, bruxa.

— Eu já falei que não sou uma bruxa — ela disse e se perguntou por que se dava ao trabalho de discutir com o homem. Tudo que a discussão fez foi impedir que ele atirasse nela, naquele exato instante.

— E eu digo que você é. Os Wherlocke e os Vaughn são todos bruxos. Eu já lhe disse. Pesquisei tudo sobre vocês. Meu pai queria o dinheiro da sua mãe, não havia dúvida quanto a isso, mas ele também esperava que ela conhecesse alguns truques úteis de bruxa. Bem, o velho porco falhou nessa também. — Ele tomou um bom gole do conhaque. — Ela era inútil. Só encheu o maldito jardim de pássaros barulhentos.

Penélope sentiu os olhos arderem em lágrimas, mas lutou para contê-las. Não poderia permitir que a antiga dor que nutria com relação a sua mãe a impedisse de pensar com clareza naquele momento. Embora a afinidade que a sua mãe tinha com os pássaros não merecesse tamanho desdém. Uma mulher com um dom tão delicado merecia uma vida mais feliz do que a que ela tivera. Penélope decidiu que era um péssimo momento para perdoar a mãe pelas fraquezas dela.

— E você? Vê fantasmas? Que utilidade tem isso?

— Eles podem contar quem os matou. Ele a encarou.

— Bem, tal informação não adianta nada para você, adianta? Quem iria lhe dar ouvidos? O seu amante? O homem que supostamente irá se casar com a minha irmã? Ela não está nada feliz com você por causa disso, posso lhe dizer. — Ele riu e tomou outro gole. — Ela colocou na cabeça que quer ser uma viscondessa e eu gostaria de garantir que ela não tivesse de esperar muito para se tornar uma duquesa.

— O que você vai ganhar me matando. Charles? Haverá várias testemunhas do seu crime e nenhuma delas será um fantasma.

— E por que eu deveria me importar? Estou morrendo, como já disse, e tudo por sua culpa.

— Por quê? Porque o nosso cachorro o mordeu quando você tentou me matar no parque?

— Ele quase arrancou as minhas bolas! Estou apodrecendo! Eu não poderia ter procurado um médico, poderia? Não um bom médico, Não poderia confiar que aqueles mexeriqueiros não contariam para ninguém! — Ele começou a arrancar os botões da calça. — Quer ver o que aquele vira-lata fez comigo?

Aquela era a última coisa que ela queria ver e começou a se mover lentamente na direção da janela. Então uma batida à porta chamou a atenção de Charles. De algum modo os meninos tinham conseguido sair da sala. Ela abria a boca para dizer para eles correrem quando Charles atirou na porta, murmurando um palavrão. Houve um grito de dor e uma súbita movimentação do outro lado.

— Meninos? Algum de vocês está ferido? — Ela perguntou arregalando os olhos ao ver Charles sacar uma faca enorme.

— Foi apenas um arranhão — Jerome gritou de volta.

— Saiam daí!

Eles eram todos muitos valentes e ela ficou muito orgulhosa deles. Assim como também ficou apavorada. Charles estava louco. Seus meninos estavam se arriscando demais na tentativa de socorrê-la.

— Sim, saiam daí, seus bastardinhos — disse Charles, — Vou cuidar de vocês mais tarde.

— Você não irá ganhar nada se ferir um deles. — Ela ficou satisfeita ao ouvir os meninos descerem a escadaria correndo. — Eles não têm nada que você quer.

— Não? Aposto que eles ficarão com todo o dinheiro se você morrer. Bem, estou cansado de roubar migalhas do seu dinheiro. Quero tudo e você vai escrever um testamento, dando tudo para mim.

— E você espera que eu lhe dê tudo que tenho para que fique rico depois de me matar? Você está louco.

— Trabalhei duro por isto para desistir agora. Quem sabe? Depois que você estiver morta e eu puder procurar livremente por um médico, quem sabe ainda não possa ser salvo por um milagre. — Ele encolheu os ombros e começou a avançar. — Realmente não me importo. Só não quero ver tudo pelo que lutei com tanto afinco, e posso muito bem estar morrendo por isso, ir parar nas mãos de um bando de bastardinhos.

Ele deu uma coronhada da qual ela quase não conseguiu se esquivar a tempo. Penélope deu um pulo na direção da janela e tentou abri-la quando ele a agarrou. Ela começou a lutar contra ele. Lembrando-se do que ele tinha dito sobre o seu ferimento, ela tentou acertá-lo entre as pernas, mas Charles mostrou uma verdadeira habilidade para se esquivar de tais ataques. Pelo jeito ele já tinha se metido em muitas brigas.

A facilidade com que ele a dominou apavorou e enfureceu Penélope enquanto ele a arrastava na direção da sua escrivaninha. A situação não lhe dava muitas esperanças de que conseguiria escapar. Para um homem que dissera estar apodrecendo e morrendo, Charles ainda tinha uma força imensa contra a qual ela não conseguia lutar. Sua única esperança era que os meninos tivessem fugido e que alguém os mantivesse em segurança até que Charles fosse obrigado a pagar pelos seus muitos crimes.

— Escreva o testamento — ele exigiu, pressionando a faca contra o pescoço dela. — Tudo vem para mim.

— E quanto a Clarissa? — ela perguntou enquanto apanhava a pena.

— Ela terá quem cuide dela. Será um castigo dos infernos, mas depois que você se for, ela irá se casar com aquele tolo do Radmoor, não é mesmo? Você pode pensar sobre isso enquanto queima no inferno com o resto da sua laia.

Escrever um testamento poderia lhe dar algum tempo, Penélope pensou quando começou a escrever. Ela não tinha certeza de qual milagre poderia tirá-la

desta confusão, mas ela se recusava a perder a esperança. Estava em perigo e pelo menos um dos meninos tinha sido ferido pelo tiro que Charles disparara contra a porta. Isso poderia alertar seus parentes que estavam na cidade. Penélope só rezou para que um deles conseguisse decifrar com facilidade quaisquer sonhos, visões ou avisos que tivesse. Os dons que muitas vezes acabaram por condenar a sua família poderiam ser suas únicas esperanças de salvação agora.



CAPÍTULO XIX

ASHTON PASSEAVA PELO JARDIM DE INVERNO À PROCURA DA SUA MÃE quando parou tão abruptamente que cambaleou. Sentados na companhia da sua mãe estavam Lady Olímpia Wherlocke, Paulinho e Juno. Ele estava indo perguntar à sua mãe o que eram todos aqueles pacotes que tinha visto no vestíbulo. Doía-lhe ser obrigado a não permitir que ela fosse às compras quando desejasse, mas eles não podiam se dar ao luxo naquele momento. Mas este não era, entretanto, um assunto que ele poderia abordar naquele exato momento.

— Ashton, querido, veja quem encontrei enquanto fazia compras — sua mãe o chamou, acenando para que ele ocupasse o assento ao seu lado.

Havia algo diferente em sua mãe, Ashton pensou à medida que se aproximava. Ela estava radiante. Ele não se lembrava de vê-la tão feliz havia anos. Seria difícil estragar aquela alegria, mas ele era obrigado a dizer que ela precisaria devolver algumas coisas, senão a maioria, de tudo que tinha comprado. Por enquanto, ele permitiria que ela aproveitasse o momento de prazer.

Ele inclinou a cabeça em reverência para Lady Olímpia, piscou para Paulinho e sorriu para Juno. Depois de se servir de um pouco de chá, ocupou o assento ao lado da mãe. A visão de Olímpia fez com que Ashton se lembrasse do número exato de horas que já tinham se passado desde que se separara de

Penélope. Ele estava mais que embriagado de amor, pensou, sorrindo por dentro enquanto tomava um gole do seu chá.

— Ashton, querido. — Lady Mary o segurou pela mão, quase fazendo com que ele derrubasse o chá. — Tenho ótimas novidades. Paulinho estava certo. Meu navio não se perdeu. Bem, ele não estava perdido no sentido de ter naufragado, mas perdido mesmo. E ele retornou ontem!

Sua mãe estava praticamente saltando do assento.

— O seu investimento lhe rendeu lucros? — Ele esperava que ela ainda não tivesse gastado todo o lucro, mas não teve coragem de criticá-la.

Lady Mary apanhou um pedaço de papel que tinha sido colocado de modo quase descuidado sob a bandeja de chá. Com um sorriso largo, ela o entregou ao filho. Ashton arregalou os olhos enquanto lia o montante do lucro. Não era o suficiente para salvá-los, mas já era um bom começo.

— Isto é maravilhoso — ele disse e a beijou no rosto.

— Consegui até recuperar o meu colar. Ele deu uma olhada para o colar que ela exibia ao redor do pescoço e se apanhou imaginando o tamanho da mordida no montante para recuperar a jóia que estava diante dos seus olhos. Em seguida, ele se amaldiçoou por ser um filho tão ingrato. Sua mãe merecia usufruir do prazer da sua conquista e definitivamente merecia ter coisas bonitas. Mesmo assim, os lucros do investimento dela ainda eram uma sorte inesperada para eles. O dinheiro não era suficiente para resolver todos os seus problemas com os Hutton-Moore, mas poderia solucionar a maioria dos outros.

— Isto é bom, senhor — disse Paulinho, suas palavras saíram um pouco enroladas enquanto ele tentava falar com a boca cheia de bolo.

— Paulinho, querido, termine de comer antes de tentar falar — disse Olímpia.

Mesmo do lugar onde estava sentado, Ashton pôde ouvir o som de Paulinho engolindo o que estava em sua boca. Sua mãe e Olímpia ocultaram seus sorrisinhos atrás das xícaras de chás, mas os olhos reluzentes denunciaram

as risadas mudas. Paulinho, ele concluiu, ainda ia dar muito trabalho antes que pudesse ser solto no mundo.

Foi então que Ashton se deu conta de que queria ajudar com isso. Não era apenas Penélope que tinha conseguido abrir o caminho até o seu coração, mas também os meninos. E a menina, ele refletiu ao dar uma olhada para o rostinho meigo de Juno. De alguma maneira, ele precisava encontrar um meio de se livrar dos Hutton-Moore para que assim pudesse assumir esta missão. Fosse arrumando o dinheiro para saudar as suas dívidas ou provando que eles eram assassinos, ladrões e raptos, não importava naquele momento. O trabalho prometia ser grande, uma vez que oito das crianças dela ainda eram muito pequenas, mas ele não sentiu nenhum receio por isso.

— Vai dar tudo certo, sir — Paulinho disse novamente. — Tudo vai se resolver muito em breve.

Ashton estava prestes a perguntar como as coisas iriam se resolver quando Olímpia e Paulinho empalideceram como defuntos.

— O que foi? Aconteceu algo errado?

— Penélope — eles disseram ao mesmo tempo.

— Ela está ferida?

— Precisamos ajudá-la — disse Olímpia ao se levantar. — Milady, posso deixar as crianças aqui por um momento?

— Claro — respondeu Lady Mary, não demonstrando nenhum espanto com o estranho comportamento dos visitantes.

— Mas... — Paulinho começou protestar. — Ela está ferida! Preciso vê-la! Olímpia se inclinou para beijar o alto da cabeça do menino.

— Você vai precisar agir como o menino corajoso e inteligente que sempre foi, mas não se esqueça de que não passa de um menino de cinco anos. Portanto, fique aqui. Virei buscá-lo assim que ela estiver em segurança novamente.

Ashton estava de pé, o coração palpitava de medo por Penélope. Ele percebeu que, em algum momento durante o período que estivera ao lado dela, ele tinha passado a acreditar. E não apenas em Penélope, mas nos outros também. Ele desconfiava que houvesse outras coisas com as quais ainda acabaria cruzando e vendo na enorme e um tanto excêntrica família de Penélope e que teria de lutar para crer, mas a maioria das dúvidas que ele tinha já não existia mais. Não havia nenhuma dúvida em sua mente de que tanto Paulinho quanto Olímpia tinham sentido que Penélope estava em perigo, e baseado nisso ele correu para apanhar a pistola que estava guardada no seu escritório.

Ele encontrou Olímpia vestindo o casaco apressada, no vestíbulo.

— Por acaso sabe qual é o problema? — Ele perguntou ao mesmo tempo em que apanhava seu casaco.

— Não — ela respondeu enquanto os dois saíam apressados para a carruagem dela que aguardava à porta. — Só senti o medo que ela sentia. E — Olímpia respirou fundo — pelo menos um dos meninos foi ferido.

Somente depois que eles já estavam acomodados e seguiam para a Toca Wherlocke, Ashton perguntou:

— Pode dizer quão grave ou de onde vem o perigo?

Olímpia fechou os olhos por um momento.

— Charles. Foi Charles. E acho que dois dos meninos foram feridos, mas nada muito grave. — Ela olhou para Ashton. — Isso vai terminar hoje.

Ele espantou um calafrio de superstição intuitiva pelo modo como os olhos azuis da cor do céu da mulher reluziam. Ashton acreditou na palavra dela. Só desejava saber de onde vinha tudo aquilo. Deste modo ele poderia aplicar a sua tão querida razão.

— Veja! — Olímpia gritou ao inclinar o corpo para fora da janela. — Aquele que está seguindo rumo à casa de Penélope é o primo Leo. E acho que aquele que o acompanha é o primo Andrés.

Enquanto puxava a mulher de volta, Ashton deu uma olhada e viu dois homens a cavalo contornando em alta velocidade o tropel que sempre lotava as ruas de Londres.

— Eles também têm o dom da visão?

— Não. Quando um dos nossos é ferido, todos nós podemos sentir. Desconfio que a jovem Chloe deva ter contado a Leo o que ele precisava saber, pois ela sim tem o dom da visão. Foi a mesma sensação que trouxe Argus e eu para Londres. Uma conexão, se preferir. Acredito que esta conexão tenha se formado há muitos anos, quando o que somos era muito, muito perigoso de ser.

Aquilo tudo fazia sentido, mas de uma maneira muito estranha. Eles eram ameaçados como um todo, todos os que tinham o mesmo sangue viviam em constante ameaça de serem apontados como bruxos, o que significava sentença de morte até bem pouco tempo. Com suas habilidades, o desenvolvimento de um tipo de alerta de que um deles estava sob perigo tinha sido um modo simples de garantir que pelos menos um conseguisse sobreviver àqueles tempos sombrios.

Os pensamentos de Ashton rapidamente se voltaram para Penélope. Ela estava em perigo e ele não conseguia se aproximar dela rápido o bastante. Ele sabia agora que ela estava sendo protegida por apenas um de seus criados, uma vez que vira Ned próximo à carruagem. Isso certamente havia dado uma boa chance a Charles de chegar até ela.

Nada poderia acontecer a ela, ele disse para si mesmo. O destino não podia ser tão cruel em deixá-lo provar o que ele tinha provado e depois arrancar isso das suas mãos desta maneira. Ele estava muito próximo de se livrar dos Hutton-Moore, ou ganhando o dinheiro para pagá-los, ou provando que eles eram culpados de crimes sérios. Ashton queria uma chance de se colocar diante de Penélope, como um homem livre de dívidas e com os bolsos cheios de dinheiro. Esse sonho estava ao seu alcance e ele não poderia permitir que Charles ou o destino o privassem disso.

Os dois homens que tinham passado por eles a cavalo já estavam lá quando a carruagem parou diante da casa. Ashton cumprimentou com um aceno de cabeça os dois homens, que atendiam os meninos enquanto Olímpia cuidava das apresentações. Ele notou que ambos carregavam a marca da família, aquela beleza quase irritante e aquele ar confiante de poder. Ashton supôs que fosse normal alguém possuir tal confiança se nascesse em uma família que sobreviveu a séculos de perseguição.

Ele queria sair correndo pela casa à procura de Penélope, mas conteve o instinto cego e primitivo. Ao avistar Ned atendendo o irmão, ele se aproximou para falar com eles. E ficou surpreso ao ver quão ferido estava o homem enorme. Ashton tinha escolhido os gêmeos para proteger Penélope e os meninos porque eles eram grandes, fortes e muito bons de briga. Mas, pelo jeito, alguém havia conseguido derrubar Ted. Era difícil acreditar que o elegante Charles fosse capaz disso.

— Ele não está bem da cabeça, milorde — disse Ted. — Dava para ver nos olhos dele.

— Foi apenas um homem que fez isso, então? Lorde Charles Hutton-Moore? Ted assentiu e franziu a testa.

— Só um. Ele pode parecer um homem fino, mas certamente já se meteu em muitas brigas, milorde. Pensei que estivesse diante de um cavalheiro quando fiquei atordoado ao levar um golpe nas partes baixas, uma mordida na orelha e por último quando ele tentou arrancar meu olho, enfiando o polegar. Aquilo tudo me deixou confuso e foi o suficiente para que ele vencesse. — Ele balançou a cabeça e novamente franziu a testa por causa do movimento. — Certamente havia algo de errado com o homem. Algo muito errado.

— Ele está doente — disse Olímpia ao se aproximar de Ashton. — Os meninos disseram que ele falou que está morrendo, que está apodrecendo. Eles acham que Charles era o sujeito que foi mordido pelo Matador. Ele se trancou com Penélope dentro do quarto dela. — Ela apontou quando uma carruagem que

parou em frente a casa. — Ah, é Argus. — Em seguida, ela correu para impedir que os recém-chegados entrassem fazendo muito barulho na casa, os outros dois homens rapidamente se juntaram a ela para ajudar.

— Você fez o que pôde, Ted — Ashton disse. — Estou começando a achar que Charles ganhou forças extras da insanidade.

— Milorde, se o homem realmente acredita que está morrendo, ele também tem forças para isso. O homem com certeza está morrendo, então ele não se importa mais com o que possa acontecer a ele, como a maioria faria, não restou mais nada a temer, restou?

— Não, ele não tem mais nada a temer, e isso o torna muito perigoso. — Ashton se aproximou do local onde os Wherlocke discutiam o que fazer. — Precisamos de um plano rapidamente — ele disse. — De acordo com o que meu criado acabou de me contar, temos um homem, lá em cima, que acredita estar morrendo, por isso ele não tem mais medo, acha que não tem mais nada a perder.

— Isso é ruim. Muito ruim, mesmo — disse Argus. — Eu poderia tentar convencê-lo a nos deixar entrar.

— Você não precisa estabelecer contato visual para isso?

— Preciso, mas nem sempre e mesmo assim isso pode causar muito mais danos do que ajudar. Delmar é o curandeiro. Ele disse que Charles tem razão em acreditar que está morrendo, que está pútrido devido à infecção. Os meninos disseram que o veneno se espalhou pela mente do homem. Neste caso, bem, não dá para prever o que pode acontecer ao tentar convencer um homem insano a fazer o que você deseja.

— Posso entrar, lá — disse Jerome ao abrir caminho entre o círculo formado pelos adultos e os meninos mais velhos.

Ashton olhou para o menino e então para o bracinho enfaixado. — Você está ferido.

— Não passou de um arranhão, e Septimus já tirou toda a dor. Charles

atirou contra nós através da porta. Uma vez na sala e outra depois que conseguimos escapar e fomos atrás de Penélope. A primeira bala passou raspando pelo braço de Delmar, a segunda por mim. Isto não fará nenhuma diferença no que sou capaz de fazer.

— E o que exatamente você é capaz de fazer?

— Posso destrancar aquela porta. Tenho praticado. Eu nos tirei da sala onde estávamos trancados. Se fizermos isso desse modo, ele nem irá adivinhar que estamos nos aproximando.

— Andrés e eu veremos se podemos nos aproximar pela janela, caso você precise de algum ajuda — disse Leo.

Ao ver os dois homens saírem correndo, Ashton se perguntou como eles pensavam que conseguiriam entrar pela janela sem que Charles percebesse, mas reprimiu essa preocupação.

— Tem certeza de que consegue destrancar aquela porta sem uma chave, Jerome?

— Tenho senhor — respondeu Jerome —, apesar de não poder dizer quanto tempo vou demorar.

— Do que você precisa?

— Tenho tudo de que preciso aqui mesmo. — Jerome bateu na própria cabeça.

— Vá — disse Argus. — Mandeí Septimus buscar Dobson e vou esperar aqui enquanto isso. Se você falhar e se Leo e Andrés falharem, então tentarei usar a minha habilidade com o homem.

Um grito de dor vindo de dentro da casa foi o suficiente para convencer Ashton. Ele não poderia esperar mais. Com Jerome ao seu lado, ele entrou na casa e começou a subir a escada. Ocorreu-lhe que, apesar dos dons, os Wherlocke podiam ficar tão sem ação quanto à maioria das pessoas em determinadas situações. De um modo estranho, isso lhe deu conforto ao mesmo tempo em que o irritou o fato de nenhum deles ter a habilidade útil para aquele

momento. A menos que, ele refletiu, olhando de canto de olho para Jerome, o menino pudesse fazer o que ele tinha dito que podia.

Uma vez do lado de fora do quarto de Penélope, Ashton teve de lutar contra o imenso desejo de tentar arrombar a porta. Ele podia ouvir a luta que estava acontecendo lá dentro e os gemidos de dor. Era possível, também, ouvir uma voz ao longe que ele desconfiou ser de Charles. O que o homem estava fazendo revelava a sua insanidade. Não havia como ele matar Penélope agora e conseguir se livrar disso. Havia sete testemunhas do seu ataque.

Jerome se aproximou da porta ao lado de Ashton e fixou o olhar na fechadura. Ashton desejou ver algo que indicasse se o menino estava conseguindo ou não. A única coisa que o levava a concluir que o menino fazia algo era a fisionomia concentrada e os olhos fixos de Jerome na fechadura. Ouvir os abusos que a sua Penélope estava sofrendo do outro lado só serviu para tornar ainda mais difícil para ele ficar ali agachado, esperando ao lado do menino imóvel e silencioso.

Ele enrijeceu ao ouvir um clique baixinho. Jerome vergou um pouco e balançou a cabeça, sinalizando que tinha conseguido. Ashton estava com receio de tocar na maçaneta. Com medo de que o menino tivesse falhado e ao mesmo tempo de que ele tivesse conseguido. Imaginar que uma criança pudesse ter uma habilidade como aquela era um tanto assustador. Com todo cuidado, ele abaixou a maçaneta e seu coração começou a palpitar de esperança e de preocupação pela batalha que o esperava. Estava destrancada.

Penélope assinou o testamento que havia acabado de escrever e então se virou e feriu Charles com a ponta afiada da pena. Ele soltou um palavrão tolo e desferiu o punho cerrado contra ela. Ela conseguiu escapar de um soco diretamente no rosto, mas o punho pesado acertou dolorosamente a lateral da sua cabeça, fazendo com que ela caísse da cadeira. Ela se esquivou quando ele avançou. O brilho da faca foi o ímpeto necessário para se esquecer da cabeça latejando e lutar por sua vida.

Ela correu para a janela novamente. Justamente quando começava a arremessar o corpo para fora, Charles a segurou pela saia e a puxou de volta pelos calcanhares. Mas durante os segundos em que estivera dependurada para fora, ela pôde ver algo que lhe deu esperança. O rosto de dois dos seus primos olhando para ela. Sua família estava reunida, e se ela conseguisse se manter viva por tempo suficiente, poderia ser salva.

Sua vida com os meninos tinha lhe ensinado a lutar e lutar pesado por causa das numerosas brigas que fora obrigada a apartar. Seus irmãos até lhe ensinaram alguns truques para que ela pudesse se defender caso precisasse. O pouco que tinha aprendido não a ajudaria a salvar sua vida de um maluco se ela estivesse sozinha, mas esse não era mais o caso. Tudo que precisava era ganhar um pouco mais de tempo.

Penélope começou a usar tudo que estava ao seu alcance para atirar contra Charles. Ela arranhou, mordeu, chutou e socou quando ele a segurou e atirou coisas quando conseguiu escapar. Apesar dos esforços, ele finalmente a imobilizou no chão.

— O que foi? Não conhece nenhuma bruxaria para se livrar disso? — Charles escarneceu, sua boca estava tão suja de sangue por causa dos socos acertados por ela que sua fisionomia se tornara algo arrepiante e horrível.

— Não sou uma bruxa — ela disse. — Já você é um maldito assassino e ladrão.

— Tome cuidado com o que diz vadia. — Ele acariciou levemente o pescoço dela com a lateral da lâmina. — Eu sou o homem com a faca que agora só tem a ganhar com sua morte.

— E o que o levou a tentar me matar antes? Raiva? — *Mantenha-o falando*, Penélope pensou, olhando na direção da porta e certa de que tinha visto ela se mover.

— Engraçado. — Ele riu. — Fiquei irritado por você ter conseguido escapar de mim no bordel da Sra. Cratchitt, mas eu precisava também pôr um

fim a toda bisbilhotice de seus cavalheiros de armadura branca.

— Você não pode estar tão louco a ponto de pensar que não será enforcado por isso. Desta vez há testemunhas. Charles. Um bando de testemunhas.

— Isso não importa. Eu sou um barão. Um bando de bastardinhos e um criado não podem colocar o laço ao redor do meu pescoço. No que diz respeito às autoridades, eu estava na Espanha no momento do assassinato.

— Pagar mentirosos não irá ajudar a se livrar da acusação de assassinato.

— Vamos testar o que acha? — Ele ergueu a faca.

Penélope se encolheu para o golpe, rezando para que conseguisse prever o momento certo de se esquivar para que o ferimento não fosse mortal. Charles se inclinou para trás o suficiente para tomar impulso quando ela se viu com as mãos livres. Ela estendeu os braços para segurá-lo pelos pulsos e lutou para impedir o mergulho da faca.

Justamente quando achou que não seria socorrida a tempo, dois tiros foram disparados. O corpo de Charles tombou sobre o seu. Penélope rapidamente saiu do caminho apesar de seus instintos dizerem que o homem já estava morto antes mesmo de cair no chão. Então, de repente, ela se viu nos braços de Ashton e se agarrou a ele.

— Os meninos — ela disse. — Ele atirou nos meninos.

— Jerome e Delmar levaram um tiro de raspão no braço — Ashton disse enquanto acariciava os cabelos dela e observava os primos de Penélope examinar Charles. — Morreu?

— Morreu na hora — respondeu Leo Vaughn.

Um momento depois Dobson e alguns homens apareceram. Rapidamente ele tomou nota de algumas coisas de que precisava para relatar o crime e encerrar o caso. Mas Ashton o deteve quando ele ia embora.

— Creio que precisamos ir até a Casa Hutton-Moore agora — ele disse.

Esse era o último lugar aonde Penélope queria ir, mas ela concordou.

— Charles disse que as autoridades pensariam que ele estava na Espanha. Há uma chance de que ele e Clarissa pretendessem fugir do país assim que ele conseguisse se livrar de mim.

— E lá pode haver mais provas dos crimes que eles cometeram — disse Dobson, que já tinha cruzado a porta.

Penélope agradeceu rapidamente aos seus parentes enquanto ela e Ashton seguiam apressados atrás de Dobson. Ela não se surpreendeu quando olhou através da janela da carruagem e vislumbrou todos os adultos da sua família, que vieram salvá-la com seus irmãos, seguindo-os. No momento em que eles pararam diante do local que em breve voltaria a ser a Casa Wherlocke, ela ficou feliz pela companhia deles.

Tudo estava muito quieto dentro da casa e havia baús esperando no vestíbulo para serem colocados em uma carruagem. Penélope desconfiou que nos baús houvesse muito mais do que roupas. Era a cara de Charles e Clarissa tentarem levar tudo que conseguissem caso não pudessem retornar e tomar posse da fortuna dela. Uma fortuna que ela não tinha certeza se ainda existia, ela se lembrou enquanto subia os degraus da escadaria, logo atrás de Ashton, ambos acompanhando os passos leves de Dobson.

Antes mesmo de Dobson abrir a porta do quarto de Clarissa, Penélope já sabia o que eles iriam encontrar. Mas ele não lhe deu tempo para falar, e o sorriso selvagem no rosto dele dizia a ela que fora de propósito. Clarissa estava montada sobre um homem, ambos nus e, por um momento, completamente absortos ao fato de não estarem mais sozinhos.

— E eu que tinha ouvido falar que ela era fria — murmurou Leo ao espiar por cima dos ombros deles. — Isso me parece bem quente. — Ele pousou uma mão sobre os olhos de Penélope justamente quando Clarissa notou as pessoas paradas junto à porta e gritou.

As coisas começaram a acontecer muito rapidamente. Clarissa e seu amante, Sir Gerald Taplow, foram forçados a se vestir sob os olhos atentos de

Dobson. Enquanto isso, os primos, o tio e a tia de Penélope procuravam os papéis no escritório. Ashton ajudava na busca ao mesmo tempo em que ficava de olho em Penélope, que, com a ajuda dos seus irmãos, verificava se dentro dos baús só havia roupas. Ela assegurou que deixaria Clarissa ir embora, mas com a condição de que a mulher não partisse com nada que não lhe pertencesse.

— Tem certeza de quer mesmo que ela vá embora? — Dobson perguntou enquanto vigiava Clarissa dar ordens para que seus baús fossem levados para a carruagem, seu amante já tinha sumido de vista.

— Realmente não temos nada que possa incriminá-la, temos? — Penélope notou que Clarissa não demonstrou nenhuma dor pelo fato de seu irmão estar morto. Ela ficara mais chateada pelas coisas que Penélope tinha tirado de dentro dos baús.

— Não temos nada. Pelo que o pessoal do gabinete disse, ela nunca assinou nada exceto o contrato de noivado. — Dobson piscou para ela. — Lorde Radmoor já queimou os papéis.

A conversa sobre documentos queimados fez com que Penélope se lembrasse do que ela queria fazer no momento em que recuperasse o controle da sua vida, da sua casa e do que restara de sua herança. Quando Olímpia saiu do escritório para entregar a Dobson alguns documentos que Charles tinha roubado de Earnshaw, Penélope escapuliu para se juntar aos outros que ainda estavam no escritório. Quando se aproximou de Ashton, ela soube que ele tinha em mãos as promissórias que Charles usara para chantageá-lo.

— Acredito que isto seja meu — ela disse ao arrancar os papéis das mãos de Ashton.

— Sim, elas são. — Ele não estava certo do que ela faria, e seus pensamentos não estavam claros o suficiente para adivinhar. Apenas uma rápida olhada nos papéis encontrados e Penélope Wherlocke era uma mulher muito rica.

— Ótimo. — Ela deu uma passada de olhos para se certificar de que eram

de fato as promissórias que ela buscava e então atirou todas dentro da lareira.

— Penélope! — Ashton correu para a lareira, mas não havia mais como salvar as notas. — Isto não liquida as dívidas.

— Não?

— Não. Tudo isto agora é seu e aquilo significa que as minhas dívidas também lhe pertencem. Tenho certeza de que Charles as comprou com o seu dinheiro, como você muito bem sabe.

Isto não parecia bom.

— Você realmente imaginou que eu fosse importuná-lo pelas dívidas do seu pai? Depois de tudo que você fez por mim?

— Fiz o que tinha de ser feito. Assim como continuarei fazendo. — Ele a beijou e caminhou rumo à porta. — Tem certeza de que não está ferida?

— Não estou ferida. — *Mas creio que estou prestes a ser*, ela pensou.

— Ótimo, uma vez que tudo está em ordem e você tem muita gente para ajudá-la, acho melhor seguir o meu caminho. — Ele começou a sair pela porta.

— Quando você voltará?

Penélope se amaldiçoou por dentro por ter feito a pergunta. Aquilo soou como uma fraqueza, como se estivesse implorando para que ele voltasse. Ela imploraria se fosse preciso, mas com tantas pessoas ao seu redor, ouvindo tudo que eles conversavam, ela não poderia, não deveria, se humilhar.

— Assim que tiver acertado algumas coisas.

— Droga — ela murmurou enquanto o observava partir.

— Um homem tem o seu orgulho, milady — disse Dobson ao se aproximar dela.

— Para o inferno o orgulho dele — ela resmungou e Dobson riu.

— Achei um belo gesto — disse Argus. — Quando chegar o momento, ele achará o mesmo.

— Tio, por meses o homem procurou por uma herdeira ou pelo menos uma mulher que tivesse um bom dote para se casar. Foi isso que o prendeu aos

meus meios-irmãos. E o que eu sou agora?

— Uma mulher muito rica. Ouso dizer que depois disso tudo, você será uma herdeira.

— E onde está o homem que estava exatamente à procura disso?

— Pen, ele só disse que tinha algumas coisas que precisava acertar.

— Que coisas?

— Suas dívidas, suponho.

— O que nos traz de volta à noiva rica — O que nos traz de volta a mim. Eu sou rica agora, e ele poderia se casar comigo e assim liquidar suas últimas dívidas.

Olímpia se aproximou e pousou a mão sobre os ombros de Penélope.

— Um homem pode agir como um completo idiota — ela disse, ignorando os murmúrios de reclamações que se ergueram entre os homens presentes, — Uma herdeira como noiva, um dote arrebatador, era tudo que ele procurava. Ele não esperava nada mais do que um casamento satisfatoriamente morno, estava disposto a se sacrificar por sua família. Então, ele a conheceu, e de repente aquilo já não era bom o bastante. Pelo que Lady Mary me contou, Radmoor tem andado muito ocupado tentando se livrar das dívidas antes de se casar, assim como esperava conseguir se livrar daquele noivado com Clarissa. Agora, Penélope, ele está determinado a não permitir que o dinheiro se coloque entre ele e a esposa. Eu diria que ele quer se colocar diante de você de igual para igual ou pelo menos como um homem sem dívidas e com algum dinheiro no bolso.

Penélope refletiu sobre tudo aquilo por um momento. Fazia sentido, e a tia era famosa pela habilidade de ler a mente das pessoas. Mas isso não aplacou a dor causada pelo modo abrupto com que ele partira. E ainda parecia orgulho. E se Ashton nutria alguma esperança de se colocar diante dela de igual para igual em termos de dinheiro, pelo que a sua família estava descobrindo, isso poderia demorar anos.

— Ainda acho que seja somente uma questão de orgulho — ela

murmurou. — Ou sou eu? — Ela esperou que não tivesse soado tão patética aos outros quanto a si mesma.

— Não é você — Olímpia disse com firmeza. — É o orgulho que pode fazer os homens agir desse modo. O orgulho de um homem é muito facilmente ferido.

— Não precisa zombar do orgulho de um homem — disse Dobson, fazendo uma pausa na coleta de mais papéis que Charles tinha roubado de Earnshaw. — Às vezes, isso é tudo que resta a um homem.

— Teria ajudado se ele tivesse me contado que *coisas* são estas que ele precisa acertar e quanto tempo imagina que pode demorar — disse Penélope.

— Ele voltará quando estiver pronto — disse Olímpia.

— Será? Tudo bem. Vamos ver se estarei disposta a aceitá-lo de volta quando ele estiver pronto, certo? — Ela aceitaria e todos sabiam disso, mas silenciosamente ela agradeceu a todos por não dizerem nada. Uma mulher também tinha o seu orgulho.



CAPÍTULO XX

DUAS SEMANAS JÁ TINHAM SIDO TEMPO SUFICIENTE, PENÉLOPE CONCLUIU enquanto devorava distraída seu substancioso desjejum, mal sentindo o sabor da comida que levava à boca. Não percebeu nem mesmo o modo como os meninos a observavam atentos. Penélope sabia que seu humor andava imprevisível ultimamente, mas havia um bom motivo para isso. O homem que ela amava tinha ajudado ela e os meninos a se mudarem para a casa maior, muito bem servida de criados, e depois a deixara para que pudesse continuar *acertando algumas coisas*. Seja lá o que significasse isso. Duas semanas era tempo suficiente para *acertar* as coisas. Onde ele estava?

Sua confiança nos sentimentos dele por ela tinha vacilado muito depois da primeira semana sem receber uma palavra ou sinal do homem. E teria desmoronado completamente ao longo da segunda semana não fosse pelas visitas da família dele, quando a mãe e as irmãs asseguraram que ele estava trabalhando muito. *Trabalhando muito em quê?* Ela ficou louca para perguntar, mas os bons modos a calaram.

Ela tinha contratado o primo Andrés como seu advogado e eles passaram horas lendo os confusos registros feitos pelo falecido e pelo novo barão assim como todos os outros papéis que seus pais haviam deixado. Clarissa ficou totalmente sem recursos, enquanto Penélope se via um pouco mais rica a cada dia. Clarissa se encontrava na distante Yorkshire agora, depois de se casar, com uma pressa embaraçosa, com um conde em idade avançada. A mulher deveria ter hesitado um pouco ao menos, Penélope pensou e quase sorriu.

Clarissa sem dúvida pensou que estava se casando com um velho que ela poderia manipular facilmente. Mas em vez disso, ela estava agora presa numa propriedade distante onde diziam que o velho conde trabalhava com afincos para produzir o herdeiro de que ele tão desesperadamente precisava. Dobson assegurou a Penélope que Clarissa estava bem atada às mãos do astuto conde, que era forte como um touro e que provavelmente ainda duraria mais uns vinte anos. Dobson contara a ela que ele e o conde tiveram uma longa e boa conversa

e que o homem não mostrava nenhuma intenção de permitir que a sua jovem esposa fosse para onde ela quisesse, ou quando quisesse, ou que tivesse qualquer controle do dinheiro, especialmente do que seria deixado para os filhos que ele tanto queria. A mulher passaria seus anos férteis em Yorkshire dando ao conde quantos filhos ele conseguisse gerar nela.

A Toca Wherlocke já não era mais problema seu também. Os meninos estavam com ela, e tio Argus se ocupava com a reforma do local para que a antiga, ou ao menos alguma glória fosse recuperada. A família tinha comprado à casa das Pettibone e já negociavam mais duas na área. Penélope estava decidida a devolver à região a antiga respeitabilidade e transformá-la em território da família. Isso poderia facilitar a vinda para Londres de muitos outros parentes para que pudessem viver despreocupados com os vizinhos curiosos, que poderiam alimentar velhos rumores sobre eles.

Tudo estava dando tão certo, exceto seu relacionamento com Ashton. No momento, ela não tinha nada, não estava nem mesmo desfrutando de um romance com o homem. Ela passava noites a fio sozinha na sua cama fria, sentindo saudades dele. Seus temores, suas dores, devido à situação se transformavam rapidamente em raiva. Ele devia ao menos uma explicação de por que a abandonara.

— Vai dar tudo certo, Pen.

Penélope ergueu os olhos da tigela em que batia ovos, para encontrar Paulinho parado ao lado de sua cadeira.

— Vai? Você viu algo ou apenas espera?

— Eu sei. — Ele fez um afago no ombro dela. — Sei disso, assim como Olwen.

Ela encontrou o menino parado do outro lado, segurando um dos seus desenhos.

— Você teve uma visão? — Ela lutou para não permitir que as suas esperanças se fortificassem.

— Sim. — Ele entregou o desenho a ela. — Vê?

Sua primeira impressão foi que os talentos para o desenho de Olwen tinham melhorado muito. A casa do desenho era um imenso solar inglês, imponente e maciço com uma ala de cada lado da construção principal. *Só o imposto de janelas já deve ser uma exorbitância*, ela pensou e se perguntou se essa taxa ainda estava em vigor. No vasto jardim em frente ao solar, estavam os meninos e a pequena Juno. Cavalos podiam ser vistos a distância. Então ela olhou entre um par de janelas que subia do chão até o telhado para o casal em pé que observava as crianças no jardim. O homem com certeza era Ashton. Ele estava atrás com as mãos elegantes curvadas sobre a barriga dela. Sobre a enorme barriga.

— Foi isto mesmo que você viu? — Ela perguntou a Olwen a esperança se renovava em seu coração com tal velocidade e força que era quase atordoante. Desde que Ashton tinha ido embora, duas semanas atrás, esta foi a primeira vez que ela sentiu um sopro de esperança verdadeira.

— Foi sim. Havia outras coisas que acho que vou adicionar depois, pois o desenho é muito bom. Belinda estava lá com um homem, usando um uniforme muito bonito. Quase todos os Radmoor estavam lá. E está vendo aquele homem, logo ali?

Um homem alto estava parado sob as sombras de algumas árvores.

— Brant. Oh, Senhor. Ele está sozinho, muito sozinho. Posso até sentir isso. Olwen concordou com um aceno de cabeça.

— Ele ainda ficará sozinho por uns tempos. Ele está triste e precisa se recuperar. Portanto, está vendo? Tudo vai dar certo.

— Espero que sim. — Ela teve um sobressalto quando uma mãozinha deslizou sobre o seu ventre. — Delmar? — Olhou para o menino que tinha empurrado Paulinho para o lado e respondeu um sorriso reluzente.

— Pode esperar que Ashton voltará, mas antes você vai acabar indo atrás dele para lhe dar um empurrãozinho — Delmar disse ao retirar a mão. — Bebês

precisam dos pais.

— Be... — Ela limpou a garganta. — Bebês? Não bebê?

— Não. Bebês. Dois. Uma menina e um menino. Ashton voltará para você, mas acho que é melhor você apressá-lo.

Penélope permaneceu ali sentada durante alguns minutos com as mãos pressionadas sobre o ventre. Já desconfiava que estivesse grávida, por todos os sinais que estavam lá, mas ela tinha se esforçado para não dar importância. Mas, agora, não havia mais como ignorar o fato. Sua confiança no poder de Paulinho e Olwen de prever o futuro tinha vacilado por um segundo apenas. Se eles haviam dito que ela e Ashton ficariam juntos, então eles ficariam. E se fosse preciso dar um empurrãozinho para que a previsão se concretizasse, então ela o faria.

Ela olhou para seus irmãos, ambos curvaram apenas uma sobrancelha na sua direção, mostrando que eles também acreditavam no que Paulinho e Olwen haviam dito, mas que deixavam a decisão em suas mãos. Ela se levantou e pegou a última rosquinha. Enquanto seguia apressada rumo ao seu quarto a fim de se vestir adequadamente e dar um empurrãozinho no homem para que ele tomasse o caminho que o destino tinha escolhido para eles, ela ignorou os gritos de viva da sua família.

Ashton estava tremendo, mas não tinha certeza se era de alegria ou surpresa ou um pouco de cada. Ele estava rico. Podre de rico, pelos menos comparado ao seu estado anterior. Sem o seu conhecimento, seus amigos conseguiram acumular dinheiro suficiente para quase dobrar seus investimentos e pediram a ele que pagasse apenas a sua cota inicial do investimento. O orgulho quase o fez recusar, mas ele teve engolir a seco. Eles lhe davam um presente ao ajudá-lo do único modo que podiam, e ele não poderia magoá-los ou insultá-los ao recusar a oferta. Ele agradeceu aos amigos várias vezes, pagou a cota com sua parte dos lucros, mas ainda lutava para aceitar a imensa reviravolta.

— Agora posso pagar aquelas promissórias a Penélope — ele murmurou e franziu a testa quando Cornell o acertou em cheio na nuca.

— Ela queimou todas como um presente para você — Cornell disse. — Considere isso como um agradecimento por tudo que você fez, apesar de eu acreditar que a atitude tenha sido inspirada por algo muito maior do que gratidão.

— Sim. — De repente, ele sorriu, e seu futuro parecia tão brilhante que quase o cegara. — Sim, foi.

— E ela não precisa do dinheiro. A mulher é uma herdeira. A notícia já está se espalhando.

Ashton rapidamente pousou sobre a mesa os papéis que segurava ao perceber que começava a amassá-los entre as mãos. Em breve, Penélope começaria a ser assediada por homens ávidos em usufruírem de toda aquela riqueza. Os homens fariam de tudo para ter a *sua* Penélope em seus braços. Isso não poderia ser permitido. Ele espantou a fúria crescente por todos aqueles homens desconhecidos quando um conhaque foi colocado em sua mão.

— Beba — disse Victor. — Vamos brindar ao nosso sucesso!

Os cinco brindaram e beberam o conhaque. Ashton se sentiu mais calmo depois da dose, sua mente já não estava mais tão confusa pela surpresa da sua sorte grande e pelo ciúme dos pretendentes que Penélope nem tinha ainda. Então, ele sorriu. Já fazia duas semanas que não enviava nem mesmo um bilhete para ela. Atraí-la de volta para seus braços não seria uma tarefa fácil.

— Então, quando você se casará com a moça? — perguntou Brant.

— Assim que for possível — respondeu Ashton sem hesitar. — Depois que ela voltar a falar comigo. Acabei de me dar conta de que não enviei um bilhete sequer para ela, há duas semanas, desde que ela e os meninos se mudaram para a Casa Wherlocke. Fiquei imaginando que logo nos veríamos e então eu poderia falar com ela pessoalmente. Algo muito melhor do que um bilhete.

— Exceto quando já se passaram duas semanas desde a última vez que você falou com ela.

— Tem razão.

— Você deveria ao menos ter feito um agradinho — disse Cornell. — Mandado flores, talvez alguns bombons, se bem que desconfio que as crianças acabariam comendo tudo. Ah, e quanto às crianças? Você não ficará com ela sem eles.

— Eu sei. Não me importo. A ala oeste de Radmoor já está sendo reformada para eles.

— Maldito confiante.

— Era como eu me sentia minutos atrás. Preciso explicar tudo e implorar pelo perdão dela. Penélope gosta de mim. Ela não é do tipo que aceita um amante sem ao menos gostar dele.

— Tolo, ela o ama. Qualquer idiota pode ver isso.

— Alguns idiotas gostam de ouvir as palavras antes de ficarem cheios de si e convencidos.

— Mesmo assim você mandou reformar a ala oeste da sua casa para as crianças dela.

— Foi uma atitude baseada mais na esperança do que em qualquer outra coisa. — Ele franziu a testa ao ouvir alguém se aproximar da porta, a voz baixa e um tanto insistente de Marston e passos medidos em seguida. — O que será isso?

A porta do escritório se abriu e Ashton arregalou os olhos. Lá estava a sua Penélope, um Marston apologético espreitando sobre o ombro dela. Ela estava elegantemente vestida de um modo que ele nunca tinha visto, obviamente havia comprado algumas roupas novas. O verde do vestido realçou seus olhos e enfatizou o tom suavemente rosado da sua pele. O decote era um tanto generoso para a opinião dele, mostrava muito mais do que deveria dos belos seios aos olhos alheios. Um chute na sua cadeira o fez recuperar os sentidos e então ele se

levantou.

— Penélope, em que posso ajudá-la? — ele perguntou e não ficou surpreso ao ver Cornell revirar os olhos.

— Preciso falar com você — ela disse, deixando escapar um pouco da coragem ao olhar para os amigos dele.

Antes que ela pudesse sucumbir à pura covardia, dar meia-volta e sair correndo para casa, os amigos de Ashton começaram a se desculpar. Cada homem parou para fazer uma reverência para ela, desejou tudo de bom e beijou-lhe a mão antes de sair. Ela reteve a mão de Brant e olhou no fundo dos seus olhos vagos. Olwen tinha razão. O homem estava triste e precisava se curar.

— Olwen disse que tudo dará certo — ela sussurrou e então corou diante da tentativa vã de ofertar o conforto que ele não tinha pedido.

— Ele disse?

— Sim, só pensei que poderia ajudá-lo se soubesse disso.

— Estranho, mas mesmo sem saber ao certo o motivo eu acredito em todas estas coisas. — Ele se inclinou para lhe dar um beijo no rosto. — Não brigue muito com ele, minha querida.

Penélope sabia que estava ruborizando quando Ashton passou por ela para fechar a porta atrás dos seus amigos. Ela o ouviu murmurar algo para Marston antes de fechar a porta e então franziu a testa. Que som era aquele de uma chave virando na fechadura?

Ela se virou para encará-lo e todas as suas palavras tão bem ensaiadas ficaram presas no fundo da garganta. Ele estava tão lindo e sorria para ela como se ela fosse a melhor coisa que ele vira em anos. Então ela franziu a testa mais uma vez. Se ele queria tanto vê-la, poderia ter ido até a Casa Wherlorke. Não era ela quem andava se escondendo.

Ashton notou quando a expressão suave e receptiva que ela estampava no rosto se transformou subitamente em uma carranca. E raiva tornou os olhos dela mais verdes do que azuis. Ele deveria tê-la beijado quando ela ainda estava com

a fisionomia suave e receptiva, concluiu, e então balançou a cabeça. Eles precisavam conversar. Sorriu consigo mesmo. Depois eles poderiam se beijar. Ele guardou no bolso a chave com que acabara de trancar a porta, pois pretendia mantê-la presa no escritório até que ela o perdoasse pela sua idiotice e depois fazer muito mais do que beijá-la.

— Já faz tempo — ele disse.

— Você sabia onde eu estava — ela respondeu, lutando para manter a raiva e não se atirar nos braços dele como tanto desejava.

— Penélope, um homem tem o seu orgulho — ele iniciou e então a fitou surpreso. — Você acabou de rosnar para mim?

Ela o fizera, mas seria capaz de arrancar todos os fios de cabelo antes de admitir.

— Não seja ridículo. Damas não rosnam. Você ia me dizer algo sobre o orgulho de um homem?

— Orgulho pode fazer com que um homem aja como um idiota. De repente, me dei conta de quão rica você tinha se tornado, tanto em termos de propriedades quanto em dinheiro. Eu queria, ao menos, quitar as minhas dívidas quando voltasse para você.

— Você não se importou com tais coisas quando saiu à procura de uma herdeira. Quando fez a corte à Clarissa. Por que meu dinheiro é diferente do dinheiro das outras?

— Não é exceto pelo fato de que é seu e me importo com o que você pensa de mim. — Ele passou a mão na cabeça. — Não, eu me importo com o modo como você me vê. Eu não queria mais ser aquele caçador de dote. Para dizer a verdade, nunca quis. Isso sempre me incomodou. Mas, com você, isso me deixou mais do que incomodado. Quando você queimou aquelas promissórias, senti como se um peso imenso tivesse sido tirado dos meus ombros, e nós nem tínhamos falado sobre casamento ainda. Foi naquele momento então que eu soube que precisava fazer algo.

— Acertar algumas coisas?

— Sim, acertar as dívidas do meu pai que ainda restavam e arrumar dinheiro suficiente para pagar a você por aquelas promissórias.

— Não quero que você me pague por aquelas promissórias. Aquilo foi um presente. Elas eram o motivo de você ter sido apanhado na armadilha de Clarissa e Charles, e eu desejava libertá-lo completamente daquilo. Certamente não queria que você continuasse preso por causa das dívidas que seu pai fez.

Ele avançou um passo e pousou as mãos sobre os ombros dela.

— Sei disso agora. Até alguns minutos atrás, eu ainda planejava pagar tudo a você, mas meus amigos me fizeram enxergar que não fazia sentido. Às vezes, precisamos aprender a aceitar um presente. — Ele roçou um beijo sobre os lábios macios, fazendo um esforço tremendo para não avançar mais. — Obrigado.

— Não há de quê. E então foi só isso? As promissórias?

— Não foi só isso. Fiz um investimento, sabe, e esperava que desse algum retorno. E deu. — Ele sorriu.

— Agora sou um homem rico.

— Então, agora você não precisa mais de uma noiva rica.

— Não, mas preciso de você. Quero que você seja a minha esposa. Sei que você não compreende, mas eu precisava me libertar das dívidas e colocar algum dinheiro no bolso antes de lhe pedir para juntar a sua vida à minha.

— Foi o que tia Olímpia disse. Mas o que me intrigou é por que você se sentiu assim com relação a mim e não com as outras.

— Porque eu não gostava das outras. Para mim elas significavam mais um dote do que uma mulher. Eu sabia que poderia ser um bom marido, fiel e gentil, mas eu realmente não sentia quase nada por nenhuma delas. Fiz a corte como devia e nada mais com Clarissa. Não fosse por aquelas promissórias, eu teria dado as costas para ela desde começo. Mas com você, não tive coragem de agir como um caça-dotes. Eu queria chegar à mulher que amo com os bolsos

cheios e sem precisar do dinheiro dela. Queria que o mundo soubesse que eu a escolhi não pelo peso da sua bolsa, mas porque ela era a única mulher que eu queria. — Ele recuou um pouco, sem saber o que fazer quando percebeu lágrimas brilharem nos olhos dela. — Isso a faz chorar?

— Você me ama. — Ela finalmente se rendeu ao desejo que vinha se apossando dela desde o começo e se atirou nos braços dele.

— Sim, eu a amo. — Ele se deliciou com a sensação de tê-la em seus braços novamente, perguntando-se como conseguira aguentar as últimas duas semanas sem senti-la ali. — Eu estava indo falar com você, implorar pelo seu perdão e tentar convencê-la.

— Oh, não há necessidade. Eu o perdôo. Posso até não entender muito bem tudo isso, este modo de pensar de um homem, mas eu o perdôo. Assim como também o amo. Mais do que consigo dizer.

— Então me mostre Penélope Wherlocke — ele sussurrou contra o pescoço dela.

— A porta — ela iniciou quando os dedos dele agilmente começaram a desabotoar o vestido.

— Está trancada.

— Convencido.

— Esperançoso. Muito, muito esperançoso.

Penélope se deixou afogar no calor e na paixão dos beijos dele. Eles cambalearam até o sofá, deixando suas roupas como testemunha. Ela estava trêmula de desejo por ele e os tremores que percorreram o corpo dele indicaram que ele sofria do mesmo desejo. Quando finalmente caíram juntos sobre o sofá, ela não tinha nada no corpo além das meias.

Ashton vislumbrou por completo a mulher encantadora e de lábios sedutores tomada em seus braços e todo seu corpo enrijeceu de desejo por ela. Ele ofegava como se tivesse acabado de correr quilômetros e ficou feliz ao perceber que ela

estava na mesma situação. O desejo selvagem ainda estava ali e ele regozijou por isso.

Ela soltou um gemido acolhedor quando seus corpos se uniram com uma lentidão que fez com que ela cerrasse os dentes de vontade. Ele se moveu para dentro e para fora do corpo acolhedor em um ritmo cadenciado e lento, e ela pensou que fosse enlouquecer. Cada nervo e cada músculo do seu corpo enrijeciam de ânsia, e o desejo reverberou por suas veias. Ela queria ser possuída com fogo, ferocidade e desejo cego.

— Ashton, pare de brincar comigo — ela disse ao esfregar os pés ao longo da panturrilha dele.

— Gosto de brincar com você. — Ele não sabia, entretanto, por quanto tempo mais ainda poderia aguentar, pois a sua mente estava obscurecida com o calor da paixão e seu corpo gritava pelo clímax total.

— Quer brincar agora?

Penélope deslizou as mãos ao longo das costas fortes e lentamente passou as unhas sobre as nádegas firmes. O modo como ele estremeceu ao toque e as gotas de suor que brotaram na sua testa indicaram que ela não estava no caminho certo. Com um leve sorriso, ela enfiou a mão entre seus corpos e fez o mesmo um pouco acima do ponto onde seus corpos se uniam. Ele gemeu. Ela contraiu o períneo e quase se desmanchou pelo modo com que aquilo fez com que o seu desejo se elevasse. Ele ofegou e estremeceu. Ela fez novamente. Até que ele finalmente deu a ferocidade que ela tanto amava, penetrando-a até ambos gritarem de prazer.

— Penélope — Ashton disse quando finalmente recuperou a fala —, você andou lendo alguns daqueles livros? — Ele sorriu quando ela riu.

— Na verdade, havia alguns na biblioteca da Casa Wherlocke. Naturalmente tive de escondê-los para que os meninos não pudessem encontrar aquele, digamos, tesouro pirata.

— É mesmo? Havia livros impróprios na biblioteca da Casa Wherlocke?

— Ele sorriu para ela. — E você leu? Sua criança pecadora.

— Escolhi alguns. — Ela corou. — Acho que seja lá quem os escreveu e fez as ilustrações tinha uma boa noção das proporções do corpo de um homem e de tudo que uma pessoa é capaz de fazer. Sinto muito, Ashton, mas algumas das coisas que vi naqueles livros são impossíveis, pois doem só de olhar.

— Concordo, exceto com a proporção do corpo de um homem. — Ele riu quando ela lhe deu um tapa no ombro. — Ah, minha Penélope, eu te amo.

Ela roçou os lábios sobre os dele.

— Eu também te amo. Ashton?

Ele pousou um dedo sobre os lábios fartos.

— E eu amo os meninos. Já mandei reformar a ala oeste do Solar Radmoor para que eles possam ocupar os quartos. — Ele franziu a testa diante do brilho de lágrimas que mais uma vez brotou dos olhos dela. — Você está chorando outra vez?

— Eu não chorei antes. Só estava com um cisco no olho. Você precisa mandar a criada limpar melhor esta sala.

— Ainda tenho algumas dúvidas quanto ao que você e sua família podem fazer, confesso que algumas destas coisas me deixam inquieto, como do que o seu tio Argus é capaz, mas não me importo. Mas estes dons não me causam repulsa nem medo. Essa era a sua maior preocupação, não era?

— Exatamente. — Ela o acariciou no rosto. — Obrigada, Ashton, e não se preocupe se as suas dúvidas magoarem um de nós. Compreendemos que aqueles que não conviveram com tais situações nem sempre conseguem aceitá-las da mesma maneira que nós. Sempre foi o medo, os rumores de bruxaria e coisas do tipo que nunca suportamos.

— Isso não me surpreende. — Ele começou a acariciar distraidamente os seios dela. — Odeio ter de interromper esse momento, mas minha mãe deve estar ansiosa para que você se junte a ela nos preparativos do casamento.

— Quanto tempo demora para providenciar um casamento?

— Espero que ela consiga preparar tudo durante as três semanas necessárias para correrem os proclamas.

— Pode demorar mais do que isso?

— Facilmente. — Ele analisou o rosto meigo e sorriu. — Está com pressa?

Não era assim que desejava contar a novidade, Penélope pensou. Mas se hesitasse ela poderia se colocar em uma situação difícil. Três semanas não era de todo ruim, apesar de que, por esperar gêmeos, era de se imaginar que o nascimento fosse prematuro. Mais do que isso e eles iriam acabar erguendo sobranceiras por todos os lados por causa do nascimento das crianças.

— Três semanas. Nada mais.

Ele piscou surpreso.

— Você soou muito determinada. Vou falar com a minha mãe então, se é isso que deseja.

— Ashton, eu adoraria ter uma grande festa de casamento, adoraria deixar a sua mãe feliz com os planejamentos, as compras e tudo mais. No entanto, se passar mais do que três semanas não vou caber em nenhum vestido de noiva que seja feito agora.

Ashton se sentou sobre os calcanhares e fitou-a por um momento. Em seguida, seus olhos baixaram para o belo ventre lisinho. Então seus olhos subiram novamente.

— Estou certo em pensar que você está esperando um filho meu?

— Sim, está. — Ela soltou um gritinho quando ele mergulhou sobre ela e a abraçou apertado. — Acho que nem preciso dizer como me sinto por estragar a vontade da sua mãe de realizar uma grande festa de casamento, não é?

— Você não precisa pedir desculpas por nada. — Ele a beijou com todo o amor e alegria que preenchia seu coração. — Acredito que tive uma participação nisso. — Acariciou a barriga dela. — Como você está se sentindo?

— Faminta o tempo todo. Na noite passada, briguei com Artemis pela última fatia de torta de maçã. Ele perdeu. — Ela sorriu quando ele riu, pois pôde

perceber a alegria na voz dele.

— Mas não está enjoada?

— Não. Ah, um pouquinho pelas manhãs, mas, se comer uma bolachinha ou um pedaço de torrada e me deitar um pouco, logo passa. Só tive certeza nesta tarde. Eu estava desconfiada, mas ignorei as minhas suspeitas, devido a todo o trabalho que precisava ser feito.

— E por que você estava insegura com relação a mim? E por isso que veio até aqui, nesta noite. Você precisava fazer com que eu tomasse uma posição.

— Um pouco. Todos me asseguravam que você iria voltar. Foi Delmar que me contou que eu deveria vir e lhe dar um empurrãozinho para que você encontrasse o caminho de volta mais rapidamente. Ele confirmou o que eu vinha tentando ignorar, que estava esperando nossos filhos.

Ele beijava a barriga dela outra vez quando ela disse aquilo, por isso Penélope concluiu que ainda levaria um minuto ou dois para que ele compreendesse a implicação das suas palavras. Ela acariciou os cabelos dele enquanto esperava e percebeu o momento exato em que as suas palavras assentaram. Os lábios paralisaram sobre o seu ventre e o corpo alto e forte que tanto prazer lhe proporcionava ficou tenso, mas não do modo que lhe daria qualquer tipo de deleite. Lentamente ele ergueu a cabeça e fitou-a.

— Você disse filhos? Não filho, mas filhos?

Ela se inclinou para beijá-lo no rosto.

— Temo que sim. Pelo menos você conseguiu falar mais do que eu quando Delmar me contou.

— Gêmeos?

— Sim, papai, gêmeos. Um menino e uma menina.

Ele tomou-a em seus braços e a segurou até que a pior parte da supressa passasse.

— Tem certeza de que está se sentindo bem?

— Toda certeza. Somos boas parideiras, Ashton. Nossos partos são bons e

raramente, muito raramente, perdemos uma mulher no parto. Ficarei bem.

Ashton se virou até ficar deitado de costas e com o corpo dela sobre o seu.

— Não consigo me lembrar se alguém da minha família já teve gêmeos — ele disse enquanto suas mãos subiam e desciam ao longo das costas macias. — E na sua?

— Não que eu saiba, mas isto não é tão incomum entre os Wherlocke e os Vaughn. Ficarei bem, Ashton. Ficarei. Pode confiar que isto nós sabemos.

Não havia um sinal sequer de preocupação em nenhum dos meninos. Nenhum. A preocupação deles era que as crianças não nascessem ilegítimas.

— Fico feliz que eles a tenham incitado a vir me procurar.

— Se vamos mesmo nos envolver nos preparativos de um casamento às pressas, então chega de conversa. — Ela sorriu quando ele se esfregou contra seu corpo e ficou excitado novamente.

— Sim, chega. Amo você, Penélope, minha pequena ninfa fecunda.

— Posso chamá-lo de meu belo sátiro?

— Somente se houver tal ser que seja fiel até que a morte o leve.

— Acho que agora existe.

Ele riu e a beijou, ávido por fazer amor novamente. Ashton acreditava que ainda continuaria com desejo de fazer amor com Penélope não importava por quantos anos e quantos filhos tivessem juntos. Ele havia sido um caça-dotes, mas terminou com uma riqueza que nenhum homem poderia encontrar em seus bolsos. *Amor*, ele pensou, enquanto se entregava ao desejo selvagem que ele e Penélope compartilhavam tão bem. E que era a verdadeira riqueza.